

VICTHOR FABIANO

**IGREJA
DA VILA**

BARN
editorial

© 2019, *Victhor Fabiano*

Coordenador Editorial
Daniel Rodrigues Aurélio

Capa, projeto gráfico e diagramação
Isabella Sarkis de Carvalho





Revisão
Equipe Barn Editorial

Ilustração de capa
Isabella Sarkis de Carvalho

BARN
e d i t o r i a l
WWW.BARNEDITORIAL.COM

Avenida Santa Marina, 1588/ 164 - Torre 1
Água Branca – São Paulo – SP
CEP: 05036-001

Telefone: (11) 3969-4475
www.barneditorial.com

  @BarnEditorial  barneditorial  BARN Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benítez CRB-1/3129

F117i Fabiano, Victhor

1.ed. Igreja da vila / Victhor Fabiano. – 1.ed. – São Paulo:

Barn Editorial, 2019.

288 p.; il.; 15,5 x 22,5 cm.

ISBN: 978-85-54002-02-2

1. Literatura brasileira. 2. Romance. 3. Política. 4.
Religião. I. Título.

CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira: romance
2. Política: religião



AGRADECIMENTOS

Redigir agradecimentos não é tarefa simples, é dar com a cara no mundo a revelar por onde estamos caminhando, quem está ao nosso lado dando as mãos e indicando os pedregulhos. Passamos por eles a todo instante; ninguém pisará contra suas forças em nosso lugar. Somos nós, adicionalmente apertando as mãos estendidas. Isto é a vida.

Às mãos estendidas, direciono os agradecimentos deste livro, tarefa árdua de criação, pesquisa e escrita, preenchendo o coração de amor e o peito de ânimo.

À mão estendida do meu companheiro Gabriel, agradeço diariamente.

À mão estendida da amiga e professora Ana Claudia, meu muito obrigado pelos caminhos iluminados.

À mão estendida da amiga Sabrina Guimarães, com quem compartilhei as observações sobre o mercado religioso, meu muito obrigado.

À mão estendida do atencioso e carinhoso Sandro, responsável pela Biblioteca Brito Broca, meu muito obrigado.

À mão estendida dos amigos Vinícius Belizário e Carla Borges, agradecimentos contínuos pela dedicação à publicação do meu livro anterior a este.

À mão estendida da escritora Bruna Meneguetti, responsável por orientar-me aos ditames do Edital da Prefeitura de São Paulo.

À mão estendida do Daniel, da Barn Editorial, os agradecimentos por ter acolhido o livro.

À mão estendida da amiga Anne Pena, meu obrigado carinhoso.

Certamente, às outras mãos estendidas direciono um carinhoso abraço de agradecimento. Redigir agradecimentos não é tarefa simples, afinal: não cabe todo mundo que está no coração.

**“EU NÃO
SOU SANTO,
SE EU FOSSE
SANTO ESTAVA
NO ALTAR.”**

- BEZERRA DA SILVA

RUA PADRE RAIMUNDO CORRÊA
SORTES ASSUNÇÃO RONEM, 21

Dona Beata estendia a toalha quadriculada sobre a mesa desgastada, enquanto seu filho limpava o único sapato que acha em seu armário ultrapassado, resmungando algumas palavras de azar que conhecemos bem, mas evitamos o potencial de aceitação de seus infortúnios infelizmente reais. Vez ou outra, Dona Beata comprava pães frescos para servir no café da manhã – seja com pães frescos ou apenas com os pães velhos doutras refeições – às seis e meia da manhã, quando o sol surgia timidamente pelas frestas da janela protegida por dois pedaços de pano rasgados em suas linhas encardidas. A casinha era lar para um bocado de estômagos famintos: Dona Beata, seu velho companheiro Jozimas e seu filho Jairo; este último amanhecia cedo, pulando da cama assim que o despertador doado pela falecida avó materna alertasse para o horário; a rotina do primogênito seguia as regras construídas pela tradição familiar da Vila: homem trabalha, coloca dinheiro na mesa e instrui os outros membros a seguir o caminho de Deus e de Nossa Senhora. Justo, pensava ele, que nunca chegou a imaginar um questionamento sobre a concepção familiar, instrutora de sua formação. Aos trinta e oito anos anos desempenhava o papel de empacotador no mercado local, um grande comércio local responsável pela distribuição dos alimentos, em suas mais variadas formas e seguimentos – onde parte dos moradores da Vila fazia emprego, retirava renda para ali mesmo comprar o que comer. Jairo sustentava a si e aos pais em cordiais apertos financeiros sem saída, sem possibilidades de remendos, sem outras possibilidades. Na Vila estendia-se o sobreviver das pessoas sem que a carência pudesse tomar real lugar nas falas cotidianas, nos discursos prontos oferecidos pelas lideranças locais, ou pelo borbulhar das necessidades das tais próprias carências. Jairo ressentia um lugar ao sol, ainda que esse estivesse enjaulado pelo que creditava “destino”.

Chamava-se Vila São José de Assunção, lugar de homens santos e beatas, erros e acertos, reuniões e desentendimentos, pecados e virtudes, contrastes e semelhanças. E nesse pequeno vilarejo da cidade o único mercado funciona para manter a distribuição constante da alimentação das famílias, certamente mediante o contrato comercial, o acordo entre as partes, a troca financeira moderna. Perceptível, então, por meio deste

pequeno mas grandioso detalhe: o mercado local respondia por todas as ofertas e possibilidades de alimentação dos moradores de sua região. Talvez por tal razão Jairo demonstrava tamanho apreço por sua fonte de renda, a única fixa na família e, certamente, a única possível naqueles tempos. Situação perigosa para quem pouco sabe sobre o dia de amanhã e precisa sustentar a casa, a saber: a penúria do aluguel e contas para manutenção da simples sobrevivência – e saberá alguém o desespero de depender dos favores do salário para não cair à sorte.

– Filho, toma o café. – ofereceu-lhe carinhosamente a xícara machucada e evaporante, refletindo em sua superfície lustrosa os rastros de luz do sol pelo amanhecer.

– Obrigado, mãe. – sorriu desanimado. – Estou atrasado já, vou tomar rápido e sair.

– Preserva seu emprego, filho. Você está agindo certo... – aconselhou.

– Não me fala... A cada dia fico mais desanimado com toda essa situação; perigosa até... – mordeu um pedaço de pão. Dona Beata virou-se para ele ao interromper uma caça na geladeira entreaberta.

– Aconteceu alguma coisa, meu filho? – respirou. – Além daquilo que você me disse?

– Não, mãe, nada demais... Só o medo de sempre. – aquietou-se, tomando o último gole do café ralo. – Vou indo.

– Deus te abençoe, não se esqueça do leite. – sorriu, beijando-lhe a testa.

Jairo abriu a porta e tornou-se num tchau breve à mãe na cozinha, enquanto a porta fechava e dava espaço apenas para o semblante cansado da senhora. Se não fosse a história – essa coisa que não acontece por acaso e forma a todos enquanto todos a formam – Jairo não estaria à beira de um precipício particular e profundamente perigoso. Às sete horas da manhã batia religiosamente o seu ponto, e era dispensado pelo seu supervisor somente às seis horas da tarde, quando este decidia por tal bem – eis aí a liberdade do trabalho. Levou alguns minutos para alcançar o objetivo mais árduo do dia: finalmente chegar ao local de trabalho sem ao menos tentar desistir da chamada obrigação. Tão cansado e desgastado sentia-se ali. Mas ao costume de Dona Beata, homem deve e precisa levar a casa como Deus leva seus filhos diariamente em sua Graça; bastava à mãe, à imagem da Virgem Santíssima, interceder por ele, a fim de que não desista do árduo caminho da cruz. E se pensássemos que esse caminho da cruz é o caminho tortuoso da sobrevivência moderna, teríamos um essencial elemento para entender a alegoria.

Quando chegou, observou ao redor o rotineiro cotidiano cansativo e exaustivo, desculpe-me as repetições. É de se pensar que um ser humano, humano mesmo, como Jairo, sinta as cansativas amarguras do dia a dia, da sobreposição de sua vontade à vontade do relógio, à vontade dos sentimentos, à vontade de si mesmo. Ali estava mais uma vez, sem saber exatamente o que lhe reservava: um agrado, um desgosto, um recado, alguma coisa que viesse dos céus das obrigações e lhe determinasse uma penitência. Para se acomodar, arrumou sua bolsa no armário disposto à sala dos empregados, uma despensa visitada por uma mesa e o filtro d'água para evitar a sede dos empregados, por ora o calor queimava ardiloso. Louvável. O trabalho lhe exigia intenso borbulhar pelo sentimento de paciência, pois o encarregado responsável pela coordenação do trabalho

IGREJA DA VILA

de Jairo, junto a outros três colegas também incumbidos da mesma função, esbanjava o gosto da arrogância e jamais abria mão de um belo sarcasmo grosseiro, alijado. Recordou por segundos a lista de afazeres afixada logo na entrada da despensa, apanhando o relógio em sua tarefa de calcular minuto a minuto o trabalho em andamento, a evitar o atraso. Seu horário de trabalho, aliás, tornou-se o mais longo entre os empregos de todo o mercado durante dois anos, embora tenha recebido pouco por esse esforço cristão. Considerava-se sortudo por, agora, estar trabalhando duas horas a menos. E outras pessoas são sortudas por cada vez menos estarem ao trabalho.

Imaginava que, outrora, melhor teria sido aceitar a proposta de sua mãe e de sua família e, ainda adolescente, insistir na carreira de padre. Logo de seu batismo, Beata havia prometido a São José a vida de seu filho para a obra de Deus. Uma sorte que Beata não recebeu de Deus. Jairo ingressou no seminário ainda pré-adolescente, recebendo as bênçãos e as honras da paróquia local, cujo padre, à época – que Deus o tenha – assinou a carta de indicação para o pequeno viajar à cidade vizinha, donde jaziam os seminaristas de ofício, os sérios e prendados à religião, e para onde iam dezenas de adolescentes pobres – certamente não de espírito, afinal pelos territórios do seminário local não podia ficar. Beata cria, e falava aos cinco ventos sem parar, numa fé que apenas ela continha no mundo, e que devemos reforçar aqui, fortemente na obra divina e na palavra do padre, se não fosse pelo ímpeto de Jairo e a adolescência cruel que lhe retirou do seminário, para onde nunca mais voltou ou desejou voltar. Naquela época, Beata residia com seu filho, criança, e Jozimas num casebre próximo – ainda mais – à Paróquia São José. Pela vergonha que sentiu de seu filho rebelde, optou pela mudança à rua na qual encontra-se hoje, sobrevivendo sem a bênção de um homem de Deus na família. Essa vergonha talvez não terá medida similar nunca mais em sua vida.

Sem um homem de Deus, frisava, pois Beata considerava-se mulher de fé, genuína, exceto pelo matrimônio e os desejos da carne aos quais cedeu, nada seríamos. Uma mulher de Deus, filha de um casamento arranjado e doloroso. Uma mulher de Deus, sofrida e amargurada, mas cuja fé move montanhas. Beata, talvez, pois ao nosso juízo não chegou nada sobre tal assunto, recordava em seu filho a chance que não fora oferecida a ela quando, de um pecado sujo, recebeu o convite para retirar-se do convento. O cheiro de café lhe recordava a maldita tarde da chegada da responsável pelas meninas do convento à cozinha onde coava a bebida, a fim de garantir o gosto amargo do dia. Ríspida e frenética, Irmã Madalena lhe sugeriu um profundo pesar e nojo ao estender o braço fino e entregar-lhe uma correspondência, do conteúdo mais inoportuno e moral. Beata evitava trazer tal cena aos olhos da lembrança, embora tenha lhe batido como um soco profundo na cabeça, ou uma martelada desesperada. Preferia deixar morrer consigo o desejo de viver e permanecer sobrevivendo em penitência. Por ter errado, por ter amado. Por ter errado, hoje paga, pela misericórdia, o custo do tropeço.

Não se surpreendia. Talvez por tal história e pelas experiências de sua vida, não surpreendia o sofrimento familiar e a penúria econômica. Jairo passava o caminho

VICTHOR FABIANO

tortuoso do trabalho, das dívidas e dos desgostos por puro juízo à negação do ofício sacramental. Seja pelo trabalho, seja pelo drama de ter perdido a esposa, não há acontecimento na vida que não ocorra por consequência ou causa do desejo divino.

Chegamos acá à rua de São José, número acima indicado, a contragosto do desejo da professora Ana Claudia, moça jovem formada há dois anos nas artes das ciências biológicas, uma arte do mundo natural sem a qual teríamos depositado fé em nossos medos e receios primitivos. Ana percorre o curto caminho, curto aos nossos olhos urbanos de metrópole, entre a escola de ensino geral da Vila e sua residência alugada, onde alonga-se e ocupa um espaço no quarto com sua irmã. Dia cansativo de trabalho, regado às lamentações do ofício e ao discurso impiedoso da diretoria. Obtivera nos últimos dois meses dificuldades consideráveis no processo de ensino aos estudantes da disciplina à qual dedicou-se integralmente na graduação e hoje propõe-se diariamente a ensinar, percorrendo os duros caminhos do ensino e desejando empenhar-se à pesquisa futuramente. A prática do ensino requer carinho, dissera qualquer dia desses um estudioso das pedagogias, e Ana ouvia uma voz similar ecoando à consciência ao encarar uma nota vermelha dos vários estudantes, uma carta materna ou paterna implorando ajuda ao baixo desempenho estudantil, uma professora enjaulada nas impossibilidades. Ao gosto do destino, ocorreu ao longo desse dia um episódio engenhoso o suficiente para uma breve explicação de pronto. Ademais voltaremos umas horas no relógio, fazendo ele girar e girar ao nosso gosto.

Ana atendia dois estudantes preocupados com a prova posterior, ainda um pouco distante, embora objeto de uma matéria conflituosa para ambos: a constituição das células. Ali estava Ana, com a paciência do atendimento exemplificado, pautado no livro didático oferecido às escolas do município; faltavam cinco minutos para o horário acabar quando uma inspetora, senhora idosa e agitada, batia à porta e pede licença, avisando à professora o desejo da senhora diretora de lhe falar por alguns minutos após o expediente. Ana agradeceu o gesto do aviso e retomou a atenção aos últimos detalhes da matéria, dando o assunto por vencido ao sinal de compreensão, ainda que tardia, dos estudantes. Dispensou-os e não perdeu tempo, afinal é o advento do fim do expediente, e ela é a única professora de ciências biológicas do ensino fundamental, coisa bastante para que sua presença no corredor provoque uma avalanche de estudantes, pais e colegas querendo ocupar os seus minutos para o tratamento das questões referentes às evoluções

das espécies. Deu um rápido giro para apanhar suas coisas, bolsa e livros, encostou a porta da sala e percorreu os degraus da escada ao andar superior, antes ensinava pelo térreo, em direção à sala da diretora. Chegou ao andar superior, contornou à direita, logo ali estava a sala da diretora, a porta entreaberta. Ana apareceu no vão e solicitou a licença, Olá, boa tarde, diretora, Boa tarde, professora, sorriu a diretora, Pode entrar, fique à vontade, Obrigada, sei que me chamou aqui, fui avisada, Claro, chamei sim, quero conversar rapidamente contigo, sente-se, Obrigado, estou à disposição, Professora, chegou um ofício aqui na minha sala e eu não posso ignorá-lo, Sim, entendo, Chegou aos ouvidos, não sei por qual via, da Paróquia de que a senhora estaria abordando em sala de aula alguns conteúdos sobre educação sexual, Sim, estou, Deixe-me terminar, Ana, Me desculpe, diretora, Então, como estou dizendo, chegou aos ouvidos da Paróquia e aqui está o ofício do padre relatando o caso, Sim, mas não entendo qual o problema, senhora diretora, Junto ao relato, o Padre determina que o assunto não seja mais tratado em sala de aula. Professora Ana sentiu a cabeça esquentar e o pescoço coçar como formigas na correria em sua pele. Mas... essa é uma questão humana, diretora, Mas não é apropriada, professora, Desculpe, mas... eu não concordo, Pois então, eu também não concordo com a sua prática docente, Ana, então como ficamos nesta questão?, questionou a diretora. Um silêncio de entreolhares atentos. Não posso ignorar esse fato, além do mais a questão relatada pela Paróquia pode trazer problemas à escola. Ana permaneceu em silêncio. Fico eu tranquila, fique suas aulas sem esse conteúdo que, ao que vale lembrar, não está no conteúdo do programa. Nasceu uma latente dor de cabeça à professora Ana, suas mãos geladas teimavam em tremer, embora uma palavra de resposta fosse necessária, conquanto fosse, Sim, diretora, sem problemas, fique tranquila, Bem, então tiramos do caminho um problema, professora Ana, muito obrigada pela conversa. A diretora simplesmente lhe acenou o caminho da porta, Ana a cumprimentou aos modos de um tímido e pacato sorriso, passou pela porta e contou os segundos para perceber-se longe do prédio da escola.

E cá estamos com Ana em seu retorno para casa, após um dia regado de lamentações do ofício e ao discurso impiedoso da diretoria, a cabeça ainda lhe doía e as jovens pernas custavam a ultrapassar as pedrinhas do chão dos paralelepípedos gastos. As dores ataçavam nascer às costas, atacando uma sensação irritante de enjoo contínuo, sem remédio à bolsa àquele momento. Ana enfim abriu o portão, passou pela porta da sala e foi recebida por sua irmã concentrada na atividade de leitura de um livro chamado *Os segredos da vida próspera com Cristo*.

– Olha quem chegou...

– Oi, Jaci... – fechou a porta.

– Murcha como uma flor abandonada!

– Nem fala, nem fala... – jogou a chave no sofá e sentou-se ao lado da irmã.

– O que aconteceu dessa vez?

– Nada demais... – quase sussurrou, tirando os sapatos apertados.

– Claro que aconteceu alguma coisa. – largou o livro ao sofá, desprendendo mais atenção à irmã.

IGREJA DA VILA

- Você não vai querer saber.
 - Se eu não quisesse, não teria perguntado.
- Ana sorriu, irônica.
- Fale logo!
 - Uma coisa desagradável, só isso.
 - Qual das coisas desagradáveis?
 - Você já vai começar a medir e me criticar, Jaci. Sei bem como você é.
 - Olha lá, Ana... Então deixa pra lá, sabe. Não precisa falar nada.
 - Melhor assim.
- Jacileide encarou Ana, descrente.
- Por favor, me conta. Não quero te ver assim...
 - Tudo bem - Ana irritou-se por milésimos de segundos - A diretora me chamou na sala dela.
- Ah, meu pai, aí tem problema... - comentou Jaci.
 - Pois é, você já vem me medindo.
 - Me fala o que ela disse.
 - Era sobre umas aulas sobre educação sexual.
 - Sabia!
- Ana torceu o nariz para a irmã, cruzando os braços.
- Posso parar por aqui então.
 - Ela te repreendeu?
- Ana encarou a irmã por cinco segundos.
- Sim, ela e a Paróquia.
- Jaci vomitou um riso alto e bateu com o livro no sofá umas três vezes.
- Eu te avisei! - repetiu duas vezes - Sabia que daria problema, isso não se ensina na escola.
 - Dá licença! - Ana levantou-se e ameaçou sair da sala.
 - Ainda por cima o padre se envolveu na história. Que história chata, Ana! - Jaci ergueu o tom da fala para ecoar a voz pela cozinha, colada à sala.
- Ana permaneceu quieta, ouvindo os deboches da irmã.
- Nessa questão, eu acho, eles estão certos.
- Ana permaneceu quieta.
- Você exagerou. Eu te avisei...
 - Chega, Jaci, eu só estava fazendo o meu trabalho.
 - Mas pra quê...
- Ana apareceu novamente na sala, incompreendida.
- Não quero mais conversar com você sobre isso.
- Jacileide encerrou o ensaio para o final da frase, findando-se incompleta. Observou pelo canto do olho Ana retornar à cozinha.
- Falta de respeito isso, como pode...
 - Você precisa me ouvir mais.

VICTHOR FABIANO

– Se eu ouvisse você, nem esse emprego teria conseguido.
– Mas estaria sem passar por essas histórias ruins.
– Você que acha isso ruim. Não eu.
– Se você está sofrendo, é porque elas são ruins... – murmurou o suficiente para Ana escutar.

– Tá certo, tá certo. Chega.

Jaci reabriu o livro para retornar a sua leitura, resolvendo deixar a irmã ao silêncio. Ana retornou à sala segurando um prato com algumas frutas cortadas.

– Você foi fazer as unhas?

– Sim, Ana. Por quê?

– Estou vendo que suas unhas estão bonitas...

– Você me manda calar a boca e agora quer conversar? – fechou de súbito o livro.

– Eu só não concordo com você.

Jacileide bufou.

– Fiz sim. Tá caro e eu não gostei. Desde que Beata deixou de atender, nunca mais achei alguém que faça bem.

– Verdade, mas faz tempo já...

– Sim, mas eu não esqueço. – riu.

– Você tem notícias dela?

– Não, só sei que o filho trabalha no mercado e ela deixou de atender por conta da idade.

– É, a idade chega pra todo mundo... – cutucou a irmã.

– É, espera só você chegar na minha idade – sarcástica, cutucou a irmã de volta.

– Se não for com essa unha feia, já fico feliz!

Jacileide bateu o livro na cabeça de Ana e levantou-se, arrumando a roupa do pijama.

– Vou escrever algumas coisas e terminar de ler o livro.

– Tudo bem, daqui a pouco vou tomar banho.

O sorriso de Jacileide veio e foi rapidamente, bem como seus passos sumiram para além da cozinha. Caminhava nas ruelas do pensamento de Ana a memória da diretora lhe recomendando avidamente o programa de sua aula, dizendo a ela o quê falar e o quê deixar para trás durante suas aulas aos estudantes com quem firmara o compromisso docente. Agora, ela terá de reformular o planejamento desenhado para o bimestre, excluindo o apontado pela Paróquia e incluindo talvez os tratos sobre reciclagem. Mastigava os pequenos pedaços das frutas com o movimento sereno da compensação emocional; mastigava a fruta, porém gostaria de mastigar qualquer outro elemento capaz de fazer passar sua raiva guardada em algumas caixinhas, rentes ao fundo do mar, similar aos seres conhecidos todavia imersos na escuridão que guardamos cuidadosamente, para ninguém sabê-los ou ouvi-los. Decidiu preparar algo sólido para comer, afinal as frutas não segurariam seu apetite durante a noite. Talvez uma macarrão com atum, um arroz com frango, não sabia ao certo. Foi estudar a despesa.

PRAÇA DOM JOSÉ DE
ASSUNÇÃO RONEM, S/N

Reascendia na praça central a exposição dos santinhos e toda sorte – ou azar – das imagens sorridentes e esperançosas rumo à eleição municipal; em época de pleito todos são sorridentes e estes todos também estão em pleno serviço ao negócio público, ou à nação, a chamada nação; isso quando não querem vendê-la ao mais interessado. Pois então. Num banco vago pairava o sorriso estrondoso e estonteante de um candidato qualquer, de quem não há sabedoria sobre a vitória ou a derrota; para sentar-se, o transeunte precisa sumariamente afastar a parafernália eleitoral em direção ao chão. Um processo cotidiano àquele dia – véspera de eleição. Ali instaurou-se a verdadeira campanha política atual.

Numa véspera de eleição tudo se faz, as sortes se atraem e podem ocupar os mais variados espaços ou conflitos. Não à toa, para fazer justiça ao que chamamos de sorte, o candidato avulso à família local ofereceu-se às vésperas da eleição para ocupar um espaço importante no cenário da luta política: descer às águas religiosas e firmar um acordo espiritual com líderes evangélicos por meio de uma conversão sutilmente questionável. Um convite que poderíamos classificar medonho, a um movimento que poderíamos considerar estratégico – ao chamado que classificou como santo, como diria o candidato às vésperas das eleições. À imprensa da cidade, pois os meios de comunicação da Vila resumiam-se aos ditames da Paróquia, o candidato deduziu que se tratava de um concerto importante em sua vida pessoal, pois passou anos e anos renegando a ideia de um Deus em nome da razão mundana, dos costumes da mesma ordem, mas agora está em certos acordos com o divino cristão. Sequer buscou imaginar à imprensa uma explicação política porque, afinal, não parecia ser isso o que fazia da vida, política. Não vale a pena também tentar remendar agora até que ponto sua ação religiosa reverbera na prática da vida e da disputa, mas em certo momento cairemos nesse buraco.

Imaginamos que encarar uma campanha política não deve fazer descanso, deve ser matéria difícil, daquelas cansativas, tanto que ninguém se atreve a dizer às crianças na escola sobre tal disciplina, não tem nos currículos; é um mistério que a ninguém se diz, certamente porque de tão cansativo, quer-se poupar as pessoas. Alguns já possuem o dom, como se deus tivesse abençoado suas mentes para tanto, mas

curiosamente costuma vir de família. É o caso da Família Ronem, em seus negócios de décadas dedicadas ao fazer político, muita paixão pelo ofício, a ponto de ninguém desconfiar. Mas é bom lembrar que política não se faz apenas as famílias, os partidos, mas todos aqueles que não querem ver a água bater sem que possam decidir antes onde. Ou, mais raro, aqueles que não querem mais servir a quem lucra com seu suor ou sangue. A esses a política é apresentada como mistério, custe o que custar.

Não à toa quase que cortejavam os moradores rumo à Paróquia àquela manhã de domingo. Reuniam-se todos em conversas e costuras verbais às portas da Igreja. Àquela praça tanta história e demasiado contento, do qual não se via conflito ou qualquer maneira de contestação, ao longo de tantos anos. Como a Igreja é o centro da Vila, e torna-se também liderança nas manhãs de domingo, tomou para si também a posição de árbitro das convenções – que se esperam – e conflitos. Recebiam aos cantos angélicos o coro religioso a entoar o início da missa, tradição musical das últimas décadas – os mais velhos diziam que entrar na missa depois do canto é desejar que Deus não desça sobre seus adoradores. Talvez a tradição explique, então, a razão para tamanho alvoroço humano na entrada da Paróquia. Talvez uma pregação sobre perdão, sobre sonhos, vitórias, ou sobre a tão sonhada Bondade. Eis aí uma boa oportunidade para se fazer um tratado sobre ela:

A Bondade regride a patamares bárbaros em situações de desavença, revelando um profundo pesar das relações humanas pela condição de si mesmo. A Bondade, representada pelos senhores destes tempos e pelas senhoras perfumadas, representa a não agressão, um discurso de mérito, o desejo pela súplica em silêncio. Eis que lhes apresento o cerne de toda a Bondade do mundo cristão: morrer na Cruz pelo idealismo de um povo regrado e amado.

*Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros,
perdoando-se mutuamente, assim como Deus os perdoou em Cristo.*

Eféios 4:32

É o idealismo dos santos um dos combustíveis mais fósseis para o reconhecimento de sua própria condição. Conceber-se bom, amável e responsável pelo perdão a qualquer custo formou o ser difuso e aliado das coisas mais terrenas que se pode imaginar. Quando se tem amor ao senhor nobre, ao líder que tudo arrecada friamente, A Bondade recria a multidão como o partido dos inconclusos, seres para os outros – os outros que a domina. Quer A Bondade ser a senhora de tudo, de todos os tempos e de todos os corações. Deseja levantar os sofredores ao patamar de entendedores – conformados – do sofrimento. Uma liga de bondosos que pregam a simplicidade e puramente o bem-estar de ser privado e apenas sobreviver. Clama pelo amor e quer dizer aos homens e mulheres o ritmo da missa na Paróquia. Assina acordos de paz e une abraços rasos em torno de causas efêmeras. Mas não sabe que tem sido a dona da falsidade, a criadora dos clubes dos servos, o combate das ideias concretas. Ela tem sido a arma contra a qual não

IGREJA DA VILA

há bala; apenas mortes. Tem, na bondade, a razão pela qual tantos seres amanhecem em busca da palavra de fé que, por muitos anos, tem sido a escassez para o povo. Prossegue regendo, então, o caminhar das famílias em torno de sua salvação contra a condição terrena de miséria e arbítrio. Isso sabemos, ou buscaremos saber, mas cabe ao tal narrador entender como continuamente tem moldado a vida social em torno e contra as contradições da existência.

RUA IRMÃ MARIA LÚCIA DE JESUS E DO CORAÇÃO IMACULADO, 41

Nada de folga para os empregados... – delineou o descontentamento.
– Pois é, meu amigo... – estendeu os pés sobre as cadeiras defronte à mesa. – Imagine o cansaço que será...
– Jairo, você ficou sabendo algo sobre essa tal demissão? – achegou-se à mesa. Existem perguntas que são boas para um caso, uma confusão ou uma dor de cabeça. É bom chegar perto da mesa mesmo.

– Nada em relação aos empacotadores, Justino. – sorriu, numa piada desgostosa.
– Aqui é todo mundo um pouco de tudo – resmungou, igualmente desgostoso. – Me disseram sobre a demissão forçada da moça do caixa quatro, ela estava grávida e tudo. Agora vai precisar recorrer à igreja pra se salvar.

Justino caçou um pouco de café, percorrendo a pequena sala dos empregados como um pião. Jairo o observava atentamente, pois percebera-se abismado com o relato proferido por Justino, mas também atado como as caixas que chegavam no depósito do mercado. O medo sobreveio numa tacada violenta.

– Sem nenhuma justificativa? – retorquiu, ao fio de esperança legalmente sóbrio.
– Nenhuma. – afirmou, retorcendo o semblante após bebericar o café.
– Mas no que vai ajudar a igreja? – mediu-lhe a situação.
– Não sei... Luiza disse que Deus vai ajudar a moça, mas algumas pessoas até dizem que foi divino tudo isso. Não vou mentir, até eu às vezes penso desse jeito. – Justino não desconversou a tentação de negar a miséria para fazê-la algum dia justificável, algo que tantas pessoas fazem... “Às vezes faz a dor de cabeça passar; sem confusão...”, podíamos sugerir que veio ao seu pensamento. Observou o relógio ardendo nos ponteiros, o tempo afinal passava, embora lá fora tudo certamente estivesse parado sem situação alguma; saiu, acenando para Jairo um gesto de despedida.

Jairo assentiu, enquanto folheava pacientemente um jornal amassado que encontrara largado à sorte durante seu horário de almoço. Podia ouvir fortemente o badalar seco e estridente que partira da Praça Dom José coroando o término da missa, ao meio-dia, na Igreja. Da janela entreaberta da sala dos empregados não havia a mesma esperança que habitava o coração dos fiéis àquele momento; dessa certeza, achava

muito curioso todo aquele palavrear informativo sobre as obras que a família Ronem levava a cabo pelos cantos da Vila e também pela cidade – que pouco conhecia. Afinal, os ditos em cada frase não correspondiam às experiências reais e à situação de penúria de cada família trabalhadora naqueles tempos; todavia, pouco importaria ao jornal regional e, muito menos, à gestão política da família Ronem, embora a eleição fosse no dia que sucederia e os votos estivessem, aparentemente, divididos num cálculo extremamente acirrado – e o poder não resiste às suas tentações – que não se via tão resolvido rapidamente, nem as mais experientes vozes da política ou da Igreja arriscavam sugerir quem de fato levaria a vaga entre os três que disputavam o posto no campo eleitoral da Vila. Jairo, entretanto, apenas conseguia pensar nas questões que mais incomodam o vazio que ocupa o coração numa sala cheia de armários e respiração fajuta; são tantas as questões, mas podemos começar pela ociosidade: sair dali, dar as costas ao emprego, ir ao mundo viver uma vida mais proveitosa, menos sofrida, vendo sua mãe e seu pai afastados das dificuldades, mas isso é algo impossível longe do salário; liderar ali uma espécie de reclamação ao senhor proprietário, que há tanto tempo não dá as caras, dizendo-lhe Certamente você não sabe o que é ter uma família, ou se sabe não cuida dela, pois a minha está em ruínas, como a parede dessa sala. Mas era melhor esperar o relógio dar a hora, aí as questões evaporariam ao compasso do horário de trabalho. E amanhã tinha que votar...

– Vê isso que chegou aqui... – apontou Beata para uma folha posta à mesa. Vale dizer que Jairo já havia visto o relógio passar e compartilhavam um jantar em meio ao silêncio do cansaço, enquanto garfavam a sopa quente, sua mãe e seu pai, em sua mente um fardo estéril de pesar.

– É uma conta? – lamentou Jozimas, temendo as surpresas que a vida traz.

– Não, pai. É um informativo da Vila.

– Ah, entendo. – resmungou. – Não sei o que pesa mais...

– Diz que... – revirou o papel. – a Vila está em campo de decidir a eleição municipal para vereador...

– Só o que faltava! – debochou Dona Beata, terminando de servir-se aos passos à mesa.

– A mesma família faz dois séculos... Imagina! Se eu fosse um Ronem, entregaria dinheiro junto com esses folhetos... – Jozimas, a voz arrastada, desprezava as publicações que chegavam pelas mãos da Igreja. Era um mero observador: acreditava no sortilégio de cada frase escrita ao longo daqueles impressos; a confluência entre a influência política e econômica ao longo dos anos, por um mesmo grupo familiar, alijava qualquer semente de confiança que poderia brotar no discurso verbalizado.

– Para que a gente deixe de trabalhar? – ironizou Jairo – Pois é. Eu que não quero essa responsabilidade de decidir pela cidade... – e não é esse o exercício eleitoral? Podemos nos perguntar.

– O Padre tinha dito, Jairo, que não podemos abrir mão da chance de votar. – repreendeu a mãe, sem querer dar grandes ensinamentos, serena.

IGREJA DA VILA

– Sei bem... – abaixou a cabeça.

– O Padre também falou que não era para cobrar o salário atrasado, Beata. – rebateu Jozimas, de olho em seu prato e voz calma. Mas sem querer ouvir falar sobre padres e seus ensinamentos.

– Esse era outro padre. – teimou.

– Não vamos entrar nesse assunto.

– Jairo, só peço que respeite sua mãe. – determinou, sucinta. – E respeite Deus.

– Sim. – absteve.

– Leve para mim, filho... o prato pra pia... – resmungou Jozimas, calçando o chinelo. – Irei deitar.

Beata entreolhou o passo pesado e cansado do velho companheiro em sua caminhada ao quarto, tão colado à cozinha por razão da pequenez de sua casa. Olhou para Jairo, num gesto rápido, e sussurrou:

– Seu pai não era assim...

– Assim como? – perguntou-se, em voz alta.

– Incrédulo. – lamentou consigo algo como uma dor para a qual não há remédio, se não a fé.

– As coisas mudam, eu acho... – opinou Jairo, observando a feição caída e moribunda da velha mãe. – Amanhã é eleição. Vou deitar cedo porque não posso faltar no trabalho e preciso votar.

Assinalou à mãe a intenção de abandoná-la em sua refeição, oferecendo-lhe um beijo à testa e consolando-a ao tocar-lhe a mão fria e calejada. Beata usufruiu do silêncio de alguns minutos, quando a cama de Jairo rangeu ao deitar-se bruscamente rumo à noite de sono.

Não podemos nos esquecer do assunto principal da noite. Abandonado à mesa, o informativo semanal da Vila traduzia a voz oficial ou algo da espécie; o único meio de disseminação de notícias e informações – nenhuma delas capaz de abalar a paz monitorada na Vila – existente entre aquele conjunto de moradores. Nele se falava sobre o clima, a política, as datas das missas semanais, como também lembretes sobre as comemorações mensais, feitos da família Ronem, palavras do Pároco e, segundo dito, informações consideradas relevantes para a convivência estável e harmoniosa entre os moradores. Para evitar desacordos e desencontros, a Igreja havia determinado uma data específica para que o serviço de coleta de lixo passasse para apanhar os resíduos de cada família, por exemplo – para ficar no terreno da utilidade pública; ou as datas específicas para as matrículas escolares das crianças e jovens, ou até mesmo a semana correta para as mulheres grávidas comparecerem à unidade de saúde para iniciar ou dar prosseguimento ao tratamento pré-natal. Tais informações estavam soltas e simplesmente causavam um clima de desordem burocrática entre os moradores. A feitura do informativo, embora cultive desinteresse para o leitor moderno, fora inovadora do ponto de vista interativo. Muitas famílias não poderiam arcar com as despesas da tecnologia, como você pode presumir; um aparelho eletrônico, o computador, ou mensalidades de serviço

VICTHOR FABIANO

de internet, existiam, mas não reconheciam os bolsos de muitos moradores – o mesmo podemos dizer sobre as televisões; os aparelhos eram em sua maioria antigos. Beata e os seus simplesmente não podiam: comida ou outros quereres. Veja, Beata não estava aposentada, direito que pode parecer uma regalia para tantos sorridentes glosadores, sequer Jozimas. O plano de previdência do Estado havia sofrido uma dissolução sem que os cidadãos tivessem um conhecimento prévio – claro, para que não desse tempo de tirarem as amarras dos pés e as vendas dos olhos. Então bastava ali o serviço amplamente gratuito da Paróquia. O informativo, ao chegar nas residências das famílias, tornava-se matéria das conversas coletivas, suas informações eram fixadas nas geladeiras ou armários, suas notícias pautavam não apenas o conhecimento dos moradores, mas sua visão e opinião. Para título de veracidade – para que não pense que estou alimentando ilusões – à faixa superior da publicação podíamos ler: “Publicação da Paróquia São José de Assunção. Responsável: Jornalista Gabriel Ramos”, letras acompanhadas pela tiragem e pelo número da edição. Há três anos a comunicação centralizava-se no papel do informativo e do jornal mensal, matéria para outro capítulo adiante.

PRAÇA DOM JOSÉ DE
ASSUNÇÃO RONEM, S/N

A imagem dramática reluzia à força reticente da luz capaz de penetrar às frestas do templo. Aos seus pés, um homem calvo, abastecido de certa corpulência, esbanjando um traje vistoso, cuja batina muito bem cuidada revelava a atenção destinada à sua função. As palavras proferidas demonstravam profundo amor e confiança à devoção de seu coração, ao Santo da qual emana luz e esperança nos mais profundos dias; à escassez, sua fé predispunha fartura, e à turbulência, paz. Deste olhar sereno e imaculado, o choro contido reascendia o sentimento responsável por sua escolha vivaz; noutra aspecto, sinalizava ali um temor próximo ao seu próprio momento, solicitando a São José força nos caminhos, conforme nos revela a prece que lhos digo:

*Amado São José, a quem Deus confiou a Santa Família na qual
nosso Senhor Jesus Cristo nascera e fora bendito, pela sua intercessão e amor,
Direciono a teu coração a mais profunda gratidão; coloco em teus caminhos os propósitos
impossíveis, rogo por tua graça. Assim como acolheu em seus braços o filho de Deus, acolha
meu coração em súplica pela graça e misericórdia. Recorro a vós, São José, pela bondade de
sua paternidade e pela força de seu trabalho, que não descansa ou sequer cansa. Se a mim
olhai com bondade, a minha devoção lhe entrego de joelhos e jamais descerei
de seu altar, onde venero teus santos méritos. Oraí por nós, santo dos
que lutam pelas causas da santa família, regando a paz com o suor do trabalho.
Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo,
Amém...*

A vela consumia-se pouco a pouco, formando um contraste de luz perceptível ao semblante de São José, o divino daquele amontoado. Padre Joaquim erguera-se pouco a pouco, reverenciando-o num gesto suave e cauteloso, beijando os pés de São José e retirando-se ao sinalizar-se com a Cruz, a cada gesto cuidadoso um pouco de seu próprio sentir-se metódico. Caminhou avesso à pressa entre os bancos lustrosos da Paróquia, erguendo o olhar em estudos milimétricos sobre as gravuras do templo; ali está há

muitos anos, quando direcionado ao cargo pela diocese, sem saber exatamente quais desafios lhe esperavam: vai para um lugar de muita fé, cuja força é essencial para a vida das pessoas. Talvez tenha se assustado, talvez tenha abraçado o desafio; ser pároco não era novidade, contudo afastava-se da cidade agitada para a Vila. Nesses caminhos entre um lugar e outro, seja no movimento geográfico que o padre caminhou há anos duma cidade à outra, seja daquele templo rodeado de pacientes velas, os pensamentos sobressaltam à visão da realidade e tomam o lugar das visões.

Padre Joaquim Belisário, este que limpava agora a roupa religiosa para prosseguir caminho, fora submetido ao seminário logo cedo, não podendo pestanejar ou simplesmente recusar-se a ir. Dessas histórias sabemos um pouco sobre – é besteira demorar muito. Mas sobre a história de Padre Joaquim sabemos pouco, considerando sua precoce ida ao Seminário, é perceptível que dos adventos de sua vida, talvez o primário religioso tenha sido o mais fatal. Resguardava verbalmente capítulo por capítulo de sua história num caderno velho, pela tinta da caneta que lhe acompanhara por esses momentos, à gaveta do quarto. Sentia-se, a cada reza, exímio devoto de São José, benfeitor da fé.

Ordenado aos vinte e cinco anos, aludiu a ser pároco logo depois, querendo adquirir uma certa autonomia que não lhe estivera disponível na adolescência. Percebeu apenas depois o desafio que era ocupar tal posição paroquial, principalmente nas entranhas de uma Vila profundamente religiosa e cercada dos valores históricos de um grupo político. Tentou voltar atrás, então, mas sobreveio a angústia do pecado; então, decidiu ficar. Hoje, passados longos anos e contando sessenta e quatro de sua vida, toma conta de si e dos outros, tarefa capciosa a um homem ensimesmado.

Quando menos esperava, estivera desafiado. Quanto a isso, devo me abster ou me dedicar?, apanhou no ar a questão, a mesma questão que há anos efetuou em carta à Diocese, a mesma questão que tem feito a si continuamente, ainda que por decisão atemporal já tenha sua resposta resolvida, porém a cada novo melindre ou impasse – os dois na mesma vertigem – tem-se retornado ao dilema inicial. Se sua intenção fosse sempre intervir, devia adquirir o mesmo tom de atuação, pois pensou; e assim o fez. Era hora de encontrar-se, em sua sala, com os irmãos Ronem, citados pela tal opinião pública como os preferidos para a conquista de uma das cadeiras à Câmara dos Vereadores. Era coisa assim: entre tantos candidatos, apenas alguns entravam na Vila e faziam por lá sua campanha. Majoritariamente a história ironicamente reservou à família Ronem tal privilégio. Mas, veja só você, se não se trata de uma outra ironia da história: agora a coisa estava para ser diferente. Embora os dois estivessem disputando os votos da Vila, apenas um potencialmente seria eleito; ocorre deste fato o caos medonho residente na súplica de Padre Joaquim.

Começou a preocupar-se com o horário, pois não havia percebido a demora durante sua devoção; ao aproximar-se de sua sala, avistara dois homens à sua espera. Presumiu, de pronto, que fosse sua visita marcada. Torceu com suas palavras internas para que não lhe cobrassem o atraso. Rogou a Deus uma conversa firme e assertiva. Se fosse

IGREJA DA VILA

Deus, diria a ele: esta é matéria de ser humano, em negócios terrenos Eu não sujo minhas mangas. Astuto!

– Muito grato pela visita. – apressou-se a cumprimentar os dois postos ali à porta de sua sala. – Presumo que tenham vindo juntos...

– Prazer é todo nosso, Padre Joaquim. – apertou-lhe a mão Armando, logo após Benedito, repetindo o dito e o feito. – Não, viemos separados. – retornou Armando.

Padre Joaquim pouco possuía de boca, esta que mesmo pequena impressionou-se muito pela vinda apartada dos dois irmãos, cada um em seu carro, mesmo que tenham vindo do mesmo sangue, mas muito de sobrançelha lhe constava acima dos olhos moribundos e profundos. Apertou a maçaneta calmamente, sorrindo à resposta do convidado, arriscando:

– Política é mesmo coisa de corajosos. Jamais imaginaria que viriam de caminhos opostos. – respirou. – Entrem, podem sentar.

Direcionou-se sem pausas ao altar acima de sua mesa, acendendo uma vela e reverenciando a imagem de São José, ritual sem o qual o destino não lhe deixaria se acalmar. O que me espera nessa conversa pré-eleitoral?, resistiu ser o mais sincero possível, contudo soubesse decerto o que lhe estaria na estrada. Enfim, decidiu sentar-se defronte aos visitantes, soltando-lhes a seguinte explicação:

– Espero que estejam animados para a eleição, desejo aos dois, de pronto, muita sabedoria. – movimentou o rosto, sinalizando cordialidade – Mas sabemos que apenas um, provavelmente, conseguirá a cadeira para a Assembleia Estadual. É o que dizem – ironizou – Precisamos discutir estratégias.

– Temos ciência disto. – concordou Armando Ronem.

Prole de aparência próxima, nada de muito dissonante. Traços conjuntos, apenas a diferença gritante do cabelo: faltava algum fio ao mais velho, Benedito, ao que sobrava cabelo em processo de branqueamento, coisas das gerações. A voz não era de todo idêntica, mas sem atenção era possível confundir-se. Nariz pontiagudo, generoso ao rosto, olhos claros avessos contra as grandes medidas, sobrançelhas falhas e semblantes astutos. Era um semblante da política.

– Não tenho receio de dizer que o objeto principal de nossa conversa deve ser o seguinte cenário: vitória do outro candidato. – pontuou Armando, para a surpresa do irmão, pois tal cenário era deveras – queremos dizer: muito – descartado pelos estudiosos e entendidos àquele momento. Mas eles podem errar, e erram!, diria o pároco.

– Bom, de fato é preocupante. Não diria o contrário, meu caro. O outro candidato, não sei se chegou a vocês, possui ligações outras, além das ligações com a Santa Igreja. E isso é inaceitável. – bufou, cumprindo o papel de agitador – No cenário apontado por Armando, teremos dificuldades, enquanto Paróquia e Vila, para emplacar nossas pautas, interesses e afins, começando pela situação de decadência que entraríamos: nós e a família Ronem.

– Sim, sinceridade é meu maior interesse. – Armando sorriu de canto.

– Padre, sinceramente tendo a acreditar noutra hipótese. Porém, se isso acontecer,

teríamos de buscar uma política de aproximação. – adotando um tom polido, Benedito sinalizou o contrário ali.

– Acredito, neste caso, no erro. Veja bem: não é possível buscar amizade com um candidato contrário à Igreja. – demonstrando certa irritação, Padre Joaquim buscou recuperar certo equilíbrio, entreolhando a imagem de São José a reluzir ao lado da vela.

– Tendo a chamar essa minha ideia de estratégia. Ou poderemos morrer na praia. – impôs-se Benedito, observando a inquietude do irmão.

– Sim, faz sentido, não teremos chance de pensar com calma caso este fato se consolide. – conformou-se Padre Joaquim. – As bocas por aí dizem que Benedito vencerá, tanto por votos da Vila quanto por votos de outras regiões da cidade. Sabemos que a história atribui à Vila uma certa... homogeneidade nos votos. Por isso que temos, muitas vezes, a chance do voto de Minerva.

O pároco pausou a fala, num acesso repentino de pensamento, retornando aos irmãos numa aproximação tática, como quem deseja contar um segredo aos ouvintes.

– Não posso fazê-lo – formalmente, queria dizer – mas faria certo esforço para influenciar votos a favor de vocês.

– O senhor realizou essa sondagem? – questionou Armando, deixando escapar uma certa preocupação à resposta.

– Não. – admitiu – Mas farei um sermão de tal natureza.

– O senhor chegou a procurar o outro candidato? – insistiu Benedito. Houve pausa para a resposta.

– Não, presumo que não precise. – retorquiu – Mas, se precisar – enfatizou – o farei...

– Fizemos um certo esforço, ambos os comitês, para realizar uma campanha exaustiva aqui e nas redondezas. Percebemos certa adesão, acredito que conseguiremos os votos da Vila. As pessoas gostam de nossa presença aqui...

– Sim, dos três candidatos que decidiram fazer campanha aqui, vocês dois se sobressaíram. Presumo que não relatei, contudo outro candidato queria entrar aqui. – revelou – Mas não permiti. À época, reuni-me com o vigário, devem conhecê-lo caso não o conheçam – recomendou – e fechamos a recusa. Não poderíamos introduzir mais uma situação de incerteza.

– Além da entrada daquele empresário... – recordou Armando, não tendo grande graça pelo dito cujo, fazendo referência ao proprietário da empresa responsável pela gerência do mercado local, como também pela distribuição dos alimentos.

– Sim, mas ele já tem sido nosso companheiro de negócios, nosso aliado, estamos com ele nas rédeas. – firmou-se Padre Joaquim.

– E quanto àquela ideia de inauguração dos protestantes? – questionara Benedito.

– Bom – riu Padre Joaquim, como quem ri de cansaço – é ideia aliada do adversário, por isso temo, além das demais coisas. Mas com a derrota dele, não haverá razão. Eles ficarão para trás.

– Não acredito que há risco nisso. – retorquiu Benedito, assustando Padre Joaquim, ao que o olhar torceu.

IGREJA DA VILA

– Você está sendo ingênuo, Benedito... – tremeu a voz, ascendendo a calma do espírito.
– Esta situação estará tão pior quando mais populares tomarem parte nela. – presumiu.
– Mas tal é o nosso esforço, caro Benedito. – insistiu – Não podemos deixar que a fé estranha tome a história de nossa Vila... – retornou ligeiro o olhar a São José. O Padre poderia, e pensou, falar sobre as várias vezes que ouviu pelas redondezas pregações protestantes, evangélicas, pentecostais, use o termo que melhor precisar para designar a fé estranha ao desejado pela Paróquia. Mas falar sobre isso era falar mais sobre desesperos.

– Não devo concordar, Padre Joaquim. Respeito minha fé e devo respeito ao senhor, mas certamente o risco tende a aumentar. – finalizou, provocando no irmão certo desconforto por razão do embate contra o Padre.

Padre Joaquim reascendeu no peito o desejo de calma, revirando o olhar em profundo acesso de inquietude; embora seu semblante preservasse o dilema pacífico, àquela conversa trataria de cessar rapidamente. Armando resistia exprimir gotas de descontentamento embora a grossura da realidade considerada por Benedito é encargo difícil de engolir.

– Mas devo ter a certeza de que posso contar com sua companhia caso vença esta eleição, certo? – sobrou ao Padre firmar-se no contraponto de Benedito, caso ideológico poucas vezes seguro.

– Sim, Padre. Não tentarei contra nossos acordos. Não esqueça que sou devoto de São José, tenho a Assunção em meu nome. – aquietou-se e tentou acalmar o Padre.

– Será a miséria desta Vila se eles vencerem. E este ano, fiquei sabendo, a Paróquia está preparando uma grande festa para a Assunção de Maria... – Armando finalmente proferiu algo, buscando uma conduta que agradasse ao Padre após o silêncio incômodo.

– Estamos, de fato. – afinou-se com ele. – Mas se Deus está conosco, ninguém será contra nós.

Aturdiu a tensão como um espectro, dando espaço para que o Padre desse uma olhada no relógio e alegasse alguma pressa qualquer.

– Já são seis horas da tarde, o dever me chama, senhores vereadores. – agradou o gosto dos candidatos, chamando-os já pelo título que almejam, e sorriu, estendendo a mão enquanto direcionava-se à porta, convidando-os a acompanhá-lo. – Muito grato pela conversa, estejam com Deus pela intercessão de nosso São José.

Não podemos presumir, ao lermos tudo o que nos fora dito, que o Padre não aprendeu a natureza das coisas, que se sua intenção fosse sempre, ou nunca intervir, devia adquirir o mesmo tom de atuação do desafio. Despedira-se gentilmente dos irmãos, fechando a porta e cobrando a si algum caderno que não achava em sua mesa, perturbando-se violentamente por algo cujo peso pairava em sua mente - provavelmente o conflito político imposto em relação à eleição do dia que sucederia àquela reunião. Após procurar, encontrou o caderno embaixo da Bíblia e iniciou uma escrita rápida e agitada, tomando nota ponto a ponto dos trechos de sua reunião; logo em seguida direcionaria tal relatório ao seu assessor pessoal a fim de encaminhá-lo à Diocese.

VICTHOR FABIANO

Antes de terminarmos esse relato espaçado e limitado, para adentrarmos a outro, os ânimos se acirram para sabermos o que de fato acontecerá, mas é válido anotar aqui que o mesmo ânimo se acirrou na anterior eleição, quando os irmãos, os dois, concorriam à reeleição ao posto de deputados estaduais. Os dois eram deputados, os dois não se reelegeram. Vinham animados numa escalada de crescimento político, uma carreira que tantos outros almejam, e caíram nas graças da derrota. Agora era hora de começar a pisar na escada novamente, para a Assunção terrena.

RUA SÃO DANIEL COMBONI, 10

Apareceu Gabriel da parte de Deus e me falou: dentro de setenta semanas aparecerá o Santo dos Santos.

Daniel 9:24-26

Um menino, jovem homem, batucava na tecla de um pequeno computador iluminado a sua frente, refletindo em todo seu rosto; andava a sentir apertos no peito, umas queimações exageradas no estômago, e por isso ali estava, à mesa, um comprimido e um copo de água. Esse menino residia num casarão sofisticado para os padrões comuns da vila, ou melhor dizendo: para a realidade da população trabalhadora ali comportada. À rua destacava-se pela fachada mais ou menos cuidada, janelas vistosas e uma lâmpada inteira – sim, a lâmpada fora sinal de certa conservação e capricho para os padrões aqui já tratados. Era uma das únicas residências com diferenças significativas de projeção e aparência.

Ensaçando algumas frases de efeito num caderninho usado, retornava ao computador velho para copiar algumas passagens do que havia escrito anteriormente, ou simplesmente recolher trechos de jornais soltos à mesa. Resenhava uma ou outra linha, bebericando um café, à luz da madrugada, entre momentos frios de angústia ou repletos do calor inquietante. Alguns passos de luz adentravam pela janela retangular, à moda do balançar da cortina clara, oferecendo à sala onde estava o tom mais ameno de toda a residência. Um tom religioso reluzia no centro da mesa com uma vela quase consumida, e entre tantos papéis alguns ganhavam destaque por razão dos rabiscos e marcações típicas de leitor fiel. Corria contra o tempo, reagindo às horas da noite como reage um alimento perigoso à alergia; sabia-se de sua pressa, mas era necessário aquietar-se e, então, aproximar-se pouco a pouco de sua mesa a fim de descascar o fruto e saber seu conteúdo.

Reuniam-se informações das mais variadas, advindas dos cadernos de letras indecifráveis ou incomparáveis, recortes de jornais envelhecidos, cartas amassadas – fora assim possível perceber, por razão de alguma anedota ou anotações de destinatário – fotos de baixa qualidade, bilhetes informais – estes de pouco selo ou quase nada de

correspondência, mídias cujo conteúdo não se sabe – mas podemos presumir a natureza delas: ou seriam outras fotos gravadas nos discos ou vídeos, ou os dois. Não é possível saber agora.

Chamava-se Gabriel. Não era santo, nem manso, sequer velho; era arcanjo terreno, dos mais arteiros, um mensageiro perspicaz. Fora admitido na faculdade logo cedo, assim que terminou o ensino médio, conseguiu a tal bolsa para graduar-se e assim fora. Formado, atentou-se às oportunidades e tratou de não desperdiçar nenhuma. Vejamos a fluidez com que escreve, nobre arcanjo...

Parecia que se esforçava numa atividade contínua, desses trabalhos que nos levam meses e meses de dedicação; num objetivo importante para si. Provavelmente uma matéria jornalística sobre as eleições da Vila, mas daquelas matérias do jornalismo que quer se jogar logo para o ar. Um esforço contido, talvez para um bom portfólio. Não sabia exatamente se ali o dono da residência sentiria nalgum momento os rastros da fumaça de cigarro, que acendia, consumia e apagava; o mesmo movimento incontável vezes até que abrisse outro conjunto de cigarros e os fizesse sumir no ar. Era um anjo de fumaças acesas, lhe disse alguém noutro dia desses do calendário, com carinho, mas preocupação da parte de quem lhe dirigiu tão doces palavras de cuidado. Era um homem de vestes comportadas, cabelo ondulado, cor preta; às vezes olhos do castanho mais claro, às vezes vermelhos odiosos. Rosto singelo, magro e barba rarefeita. Era o que chamavam atraente. Ele chamava oportuno. Gabriel possuía uma certa história para contar, pela qual não passaremos agora; contudo, viajava em função do trabalho à Vila há dois anos, cujo cargo era o de jornalista da Paróquia, responsável pelas publicações informativas da Igreja, qualquer fosse a periodicidade; para acrescentar a experiência, exercia também o cargo de assessor do pároco. Um mensageiro: arcanjo.

Estivera apenas uma vez na Vila antes de assumir o cargo proposto pelo pároco, na ocasião de sua entrevista; entre tantas outras expectativas, não esperava ser bem recebido de pronto, mas o fora: recebeu a palavra do Padre, uma promessa bastante vantajosa, garantindo a aprovação por parte de qualquer Paróquia no estado caso cumprisse tal ofício observando a “pontualidade, alinhamento e cordialidade” junto à Paróquia. Dito e feio, pois bem, aceitara o emprego cujo pagamento garantia, outrora, uma viagem à Itália, Roma – o Papa franciscano que o aguarde. Aos vinte e três anos possuía o sonho dos quarenta e as tarefas de um nobre mensageiro cuja confiança não pode ser testada no fogo – ou como Abraão fora testado por Deus às custas do filho.

Em paralelo à papelada organizada e empacotada num envelope rígido do qual nada escapa, uma fina folha percorrida pela caneta do Padre, provavelmente reunindo os excertos necessários da reunião com os irmãos Ronem, dizeres redigidos para prestação de contas. Tal objeto devia ser digitado, timbrado e enviado à Diocese aos cuidados do Bispo. Mesmo que ambos os documentos estivessem sob um cuidado imenso, a papelada inicial fora tratada junto aos mais carinhosos zelos – similar ao zelo de uma moça cujo semblante apaixonado fora registrado numa fotografia jogada à mesa, em meio aos bagunçados documentos. Reuniu um calhamaço, guardando-o numa gaveta

IGREJA DA VILA

empoeirada, e meteu-se a digitar rapidamente em seu computador alguns registros baseados nas anotações paroquiais, remexendo-se na cadeira, revolvendo algumas palavras, correndo para não amanhecer com as galinhas da Vila e jogar o seu dia de trabalho gratuitamente para o cansaço, regra contínua para a qual devemos nos atentar no modo de viver e trabalhar dos dias de hoje. Resmungava duas ou três palavras, enquanto bebericava um pouco da água que ali estava para lhe acompanhar, pensando no melhor momento para comemorar o fim de todo aquele trabalho cansativo e tedioso.

Embora não lhe fosse objeto concreto de tratativas ou preocupação pessoal, seu trabalho jornalístico ali encontrava-se muito empenhado por ordens paroquiais: a eleição abria as portas das discussões entre as pessoas durante o dia. Uma ou outra negava o querido candidato doutro, e outro dizia que o candidato escolhido pelo colégio tinha negócios contra Deus. Numa ida talvez sem grandes pretensões que realizou aos pés da Paróquia, na praça central onde está a igreja, viu com seus próprios olhos a disputa acirrada entre os ânimos. Uma senhora estendeu um pano sobre um banco, colocou ali alguns livrinhos desconhecidos à primeira vista e começou a falar, falar... sem querer parar. Era hora de se revelar, afinal. Gabriel entreolhou a cena mais com olhos de soberba que olhos de puro fazer da notícia, mas ficou ali, quieto. A moça, retornemos a ela, não queria dizer nada além de convincentes palavras, ou ofensivos dizeres, e por isso outras senhoras olhavam para sua boca falante com certo desdém – você deve saber o que este estranho e negado sentimento provoca quando advém ao percalço da realidade. Para a tristeza das moças de terço na mão, algumas outras somavam-se a mulher, seja ouvindo-a, seja unindo as vozes ao coro. Não gostaria de repetir nenhuma de suas palavras, pensaria a senhora mais entristecida com tudo aquilo, mas como, cá entre nós, não fazemos julgamento de crença ou instituição, diremos que ela falava coisas como “o império do mal está para acabar”, e aí não sabemos se ela quis dizer mal como substantivo de letra maiúscula; “temos a chance de uma nova época na Vila, sem idolatria ou blasfêmias contra o Espírito Santo”, ao ouvir isso, retorceu uma das senhoras que logo saiu, acompanhada de outra com o neto segurando-o na mão, querendo que ele não ouvisse mais qualquer termo que entra pelos ouvidos e sai por sabe-se lá onde. Ali era o momento perfeito para o falatório, praça cheia e muitas conversas construídas. O número de ouvintes e espectadores aumentava, até o momento que uma jovem transeunte decidiu manifestar-se livremente, já que a outra dizia o que queria. Gabriel riu – não livremente, e o problema é quando sai algo decidido pelo tom do livremente: “tenho a certeza de que a senhora é quem está blefando contra o Espírito Santo!”, e alguns ali aturdiram como numa plateia de competições acirradas – novamente essa palavra!, e podíamos ouvir um “nossa!” conjuntamente; resta-nos saber quando se tratou de um “nossa, você não sabe o que fala”, ou “nossa, toma aqui meu chapéu porque eu quero ver essa briga”, ou ainda “nossa, você está redondamente certa”. Sabe-se que a menina nova enfrentou a mais velha, querendo dizer para que seus livrinhos ouvissem também: você não sabe o que fala. A mais velha, cujo nome saberemos adiante, misturou o ceticismo de quem é confrontado com a certeza do engodo, e lhe disse: “quando

parar de adorar imagens, terá meu respeito e a certeza de que é fiel a Deus!”. Bastou para um susto que acometeu a maioria das gentes. Não houve até então incêndio maior na Vila – por isso digo a você aqui o que ocorreu, quando as mulheres se somaram aos homens e aos outros senhores e até crianças. E todos precisaram de uma força externa, na figura de um dos seguranças voluntários da Paróquia, para que a conversa exaltada se dissipasse, caminhando ao esvaziamento parcial da praça, pois a moça das palavras iniciais continuava ali, com seus livrinhos, e Gabriel viu um deles caído no chão, “provavelmente porque um dos ouvintes não quis ler o que estava escrito”. E Gabriel pegou para ler. Passou os olhos pelo escrito ali; era um conjunto de palavras religiosas, numas duas folhinhas coloridas com imagens bucólicas e de sensação serena, sem fazer diferença que ali mesmo abaixo constava uma imagem de teor eleitoral, anunciando o candidato tão presente nas conversas do padre com os irmãos Ronem, oferecendo-lhe: “vote, ele fará a diferença que você precisa!”. Gabriel revirou por poucos minutos o livreto, pois fora muito bem feito, e logo guardou-o em um dos bolsos de sua calça, intrigado.

Digressão que provavelmente está de acordo com o que lhe passou na mente quando estava finalmente terminando de passar a limpo o relatório do padre. Podemos sugerir que alguma das palavras escritas pelo pároco o levou a pensar naquele momento único na vida de um jornalista a observar uma praça. Uma palavra importante, decerto, mas que ficará no ar aí para alguém pegá-la como borboleta.

Voltaremos ao que interessa ao trato da narrativa, para que as digressões não tomem o tempo das ambições pelo futuro. Ao amanhecer, viria a eleição e o jornalista necessariamente teria de bater ponto à Paróquia às sete da manhã e acompanhar o padre, após a missa, nos deveres eleitorais. Testemunhar aquele momento e estar atento para fazer valer – e comunicar – os decretos verbais do padre era função a priori àquele momento.

PRAÇA DOM JOSÉ DE
ASSUNÇÃO RONEM, S/N

Acordar cedo. Se a eternidade fosse fato assim como é a finitude, não gostaria de passá-la trabalhando, confabulava Gabriel. Injúrias de uma vida terrena – embora percebesse em certos sermões do padre o desejo de inculcar nos fiéis a ideia da eternidade do trabalho. Anunciavam pelas ruas a abertura da urna, disposta defronte à Paróquia, esta localizada à Praça Dom José de Assunção Ronem, cuidando para que não houvesse esquecimento, embora Joaquim houvesse introduzido em seu sermão matinal – durante a Celebração do fim de semana – a importância de exercer o título eleitoral, como também a importância de defender o legado católico para a história da Vila, cumprindo o acordado com os irmãos Ronem e provavelmente alguma deliberação da Diocese. “Observem o nome desta praça na qual nos encontramos”, teria dito o cujo.

Como é de costume, mesmo em praça com nome de beato, os santinhos abandonaram o barco eleitoral, movendo-se massivamente aos sacos de lixo; era lei a neutralidade das vias públicas durante as eleições, obrigando uma malta a organizar-se durante a madrugada a fim de limpar rua por rua. Sorte, nesse caso, pela escassez de diversidade dos candidatos àquele momento, que mesmo assim recorreram aos santinhos de toda sorte, feitos de papel ou feitos pela divindade um venerável. Cabe a nós, que estamos a analisar com mais cautela a história da Vila São José de Assunção, avaliarmos por qual razão os santinhos de papel chamam-se santinhos, em vez de algo como pequenos papéis publicitários, ou melhor: votinhos, correndo o risco que fossem confundidos com devotinhos, o que não soaria bem para ninguém; mas chamá-los santinhos, estes papéis oriundos do nome que leva os, aí sim, importantes mensageiros religiosos com as imagens dos verdadeiros santos, seria uma afronta contra as naturezas dos santinhos de verdade. Algo como chamar de democracia qualquer Estado que prenda um candidato que esteja às margens de ganhar uma eleição, mas não é do desejo dos que perderão e, mesmo que não estejam autorizados pela história por alguma Constituição, prendam o tal candidato. Algo como isso, mas ainda mais grave, pois mexe com o sagrado. E a democracia burguesa, hoje, tende a ser algo profano. Não sabemos exatamente se estes santinhos conseguem algum efeito de religar o eleitor ao voto, ou se o eleitor o pega aí pela estrada só para admirar um sorriso qualquer do candidato que quer vencer a eleição.

Ali estava a urna, havia chegado a eleição. Atrás da urna, a Paróquia. E na frente da urna, uma fila. Não parecia mais uma eleição, decerto, pois não havia mais um sinal do período: ruas limpas, nada de cartazes ou antigas faixas: vote em fulano. Os três candidatos que ali entraram estiveram empenhados frontalmente. E para cada um deles, alguns cabos eleitorais. Não foram poucas vezes as vezes que estivera a tal moça falante na praça, muitas vezes acompanhada, e a cada vez o grupo aumentava, nem que fosse um cabo eleitoral a mais. Aos irmãos Ronem, o costumeiro apoio já anunciado do pároco. Saberemos quem vencerá em breve.

Uma senhora aproximava-se da urna, sinalizando-se com a cruz em respeito à Paróquia e pedindo a Deus a sabedoria da cidadania, e outra senhora, e outra, e outra moça... Coube à razão selecionar o candidato no qual votaria, entregando a célula à urna. Seria assim durante todo o dia, de modo a exigir da igreja cautela para evitar qualquer distúrbio na chamada ordem social.

E bem àquele dia insistia uma garoa inquieta e grosseira, dominando a Vila envolvida por matas preservadas e relevo montanhoso, além de seu parque considerado patrimônio do município de Torre da Boa Viagem. A chuva ultrapassava a forma física e tornava-se companheira no descontentamento ou esperança pelo voto. Judite, senhora de cabelos pretos e olhos rígidos, brigava com o guarda-chuva que tendia a ceder à ventania. Era uma simpatia única. Aproximava-se como tantos outros homens e mulheres para responder ao chamado eleitoral – pela qual tanto observamos. Carregava em seu peito algo próximo a um adesivo – realmente era um desses adesivos de campanha – cujo lema diferenciava-se de todos os outros já vistos ou defendidos: “liberdade religiosa já!”. Curioso, pois para o pároco tal tensão estava fora de cogitação real. O conceito escrito em seu adesivo, podemos chamar assim “conceito”, é exatamente igual ao que já teríamos visto pelo chão em alguns dos santinhos, antes que eles fossem todos recolhidos. Estamos falando sobre a moça que pregava o que queria na praça, aquela cuja cena veio à mente de Gabriel e ao nosso conhecimento. Era ela, a caminho do voto. Àquele dia não havia mais o que fazer, a não ser votar, mas muito fora feito por Judite, além do já sabido por todos nós. Fora um conjunto de esforços por todas as partes. Tal tensão sobre o futuro religioso da Vila jazia morto, queria acreditar, por sua vez, o Padre, mas sobreveio especialmente com a eleição por razão do domínio contínuo dos irmãos Ronem. Mendonça de Menezes fora convidado por seu partido – oposição ao Partido da República, braço eleitoral daqueles – para estabelecer campo eleitoral na Vila, de modo a enfrentar a família e a Paróquia; claramente com o objetivo de conquistar eleitores e projetar uma candidatura forte à Assembleia do Estado no ano seguinte. A campanha de Mendonça não assumia o discurso claro em relação ao apoio à abertura de uma igreja evangélica, sequer era capaz de estampar sua defesa por tal na Vila São José de Assunção; todavia, o lema “pela liberdade já” cheirava convidativo a qualquer eufemismo e jamais explicitava qualquer intenção real por parte do candidato a vereador, deixando aos cabos eleitorais o trabalho de falar sobre as promessas do candidato, quando ele se negava a participar de discussões, responder perguntas e apenas falava às portas fechadas sem a participação, que ele soubesse, de desconhecidos.

Judite retornava à sua casa desvencilhando-se das poças formadas sobre os tijolos quebrados da rua, perturbando-se a remoer os comentários ouvidos por alto enquanto aguardava na fila para depositar sua cédula; exatamente à sua frente uma senhora católica respondia à vizinha de espera – aparentemente conhecida de sua família há muitos anos – sobre as “loucuras” praticadas por não católicos ao redor do mundo, encorajadas principalmente por seus líderes religiosos “que não são padres, casados e ligados ao mundo material”. Durante a fala que ouvira, Judite percebeu menção ao padre local e em sua mente memórias alongaram-se como discos arranhados: a calmaria da missa, o semblante emocionado de sua falecida mãe, devota de Nossa Senhora de Fátima – a quem realizava anualmente pelos logradouros da Vila uma romaria em direção à Paróquia São José de Assunção todos os dias 13 de maio. A descrença era uma das forças motoras dos últimos anos de sua vida, levando-a não apenas a desligar-se da fé católica, mas a locomover-se à Vila vizinha – trinta quilômetros a bordo de um carro – para frequentar os primeiros cultos de origem protestante, levando-se a uma igreja pentecostal local, cujo nome passaremos direto neste parágrafo. Cabe recordar a paixão com que tomou a fé evangélica enquanto prática e a rotina de viagens à Vila vizinha. Rememorava o pacote de recordações buscando confiança e certeza em seus atos de fé; em sua mente, destruía santo por santo às prateleiras da mesma casa onde reside, incluindo nesse pacote de liquidações a imagem de Nossa Senhora de Fátima, herança de sua avó para sua mãe, e de sua mãe para ela. Não havia dúvida. O próximo esforço passou a ser a conversão do filho, único, Francisco – nome escolhido por sua falecida avó materna em homenagem ao avô, cujo nome fora inspirado em homenagem a São Francisco de Assis. Uma rede de signos católicos.

Uma das últimas visitas que havia realizado à sua igreja (esta de culto pentecostal) não fora para manter a rotina de orações, mas sim para uma reunião de caráter excepcional, convocado pelo pastor e por ninguém menos que Mendonça de Menezes; essas reuniões com as portas fechadas como já havia citado. Bastou o anúncio ser feito e naquele dia a reunião ficou lotada, quase não cabendo no salão de trezentas cadeiras e outras pessoas sentadas ao chão. O assunto não era outro: a eleição aproxima-se, precisamos dobrar

nossos esforços para a vitória, alertou o candidato, enquanto atenciosamente o pastor o entreolhava, e emendou: quero agradecer o apoio dos vários irmãos e, especialmente, à irmã Judite, por ter cedido sua casa como comitê eleitoral ali na Vila José. Alguns aplaudiram, outros quiseram parar tudo aquilo e cobrar os agradecimentos que lhes cabiam também, mas apenas ouviram. Judite foi uma que aplaudiu, mas também chorou, também sorriu, também disse “amém”, muito forte. Outros, ademais, falavam: “Vila José”, repetidas vezes, fato proposital a retirada de “São” do nome da Vila por parte destes. A hora exigia, segundo o pastor Adelmo, oração, fé e propósito, além de muita concentração para conseguir cada voto ao candidato. Ali no meio da alegria de ter assumido o papel de cabo eleitoral, entre as várias possibilidades de ficar em casa, aceitar a proibição da abertura de um templo evangélico na Vila, ou apenas ter distribuído votinhos pela rua, Judite sentia a ausência de quem por muito tempo tentou levar à igreja, além de seu filho.

Sobre seu marido, algumas desilusões, memórias e decepções – afinal o amor não reserva apenas as certezas iluminadas. O homem fora sua paixão de adolescência, acompanhando-a ao longo dos últimos vinte e três anos, embora continuamente negasse a religiosidade da esposa – sobretudo após sua conversão à fé evangélica. Nilton, cujo porte alto e magricelo rememorava à Judite a imagem de seu sogro, batia o ponto às oito horas da manhã numa casa lotérica na vila vizinha, percorrendo os trinta quilômetros diários para chegar à labuta, tarefa que se encerrava às cinco da tarde, fazendo o homem chegar em sua casa uma hora e meia depois – o transporte oferecido pelo patrão saía minutos depois do fim do expediente. Essa conversão, vale dizer, Judite também não conseguiu, sequer deixou de pregar. Enquanto suas palavras de prece percorriam a casa, a porta rangeu e Nilton adentrou à sala pequena e escurificada.

- Ninguém avisou que ia chover... – reclamou, pouco paciente.
- Você votou? – questionou Judite, preocupada.
- Sim, o ônibus deixou a gente lá na Paróquia para votar. – queixou-se, torcendo o olhar.
- Até agora não entendi o porquê de ter trabalho no dia da eleição...
- Eles não trabalham, mas a gente sim... Complicado. – aproximou-se da esposa, beijando-lhe o rosto e partindo para a cozinha.
- Não tem janta? – moveu a tampa da panela, num gesto faminto. – Ah, achei.
- Não era o que você queria, mas é o que tem pra comer. – retorquiu, meio pesarosa, meio ofensiva.
- Quando é o que eu quero, não é... – resmungou.
- Já começa a reclamar... – Judite sentara-se no sofá machucado na sala, ouvindo os rumores dos talheres no prato.
- E Francisco, onde está? – questionou.
- Não sei, deve estar na casa do... amigo... – torceu a última palavra.
- Já não te disse para proibi-lo de ir lá? – enfureceu-se, abandonando o garfo e tornando o rosto à sala, fazendo girar-se na cadeira, encarando a esposa desgostosa, enquanto mordida o pedaço da carne dura.

IGREJA DA VILA

– Saí para votar e ele não estava mais aqui. – defendeu-se.
– Você não faz nada pra evitar isso, Judite? – elevou a irritação, abandonando a cadeira, enquanto rumava à geladeira em busca de algo para beber.
– Já entreguei nas mãos de Deus. – evitando olhar ao marido e ligando a televisão.
– Entregou nas mãos de Deus... – removeu a resposta da esposa. – Eu não quero um filho bicha.

– Ele irá pra a igreja e vai deixar dessas coisas. – tremeu o lábio, enquanto ensaiava uma resistência ao choro, ouvindo os murmúrios grosseiros do marido. – Se você fosse comigo, seria mais fácil. Isso tudo é obra do demônio, eu te falo...

Nilton pausou a bebedeira de algo amarelado posto à mesa, abaixando a cabeça e mantendo o silêncio das palavras fortes.

– Ir com você... Eu só sei que esse menino não vai mais entrar em casa. Eu trabalho todo o dia, até em dia de eleição, e não vou aguentar uma coisa dessa aqui comigo.

Judite só fazia era chorar, estendendo as mãos aos olhos quando queria secar alguma lágrima.

– Você não honra sua família – reclamou – Um homem sério precisa estar na igreja com sua mulher, Francisco precisa ter um referencial... – entregou-se à amargura.

Nilton forçava a mão contra o prato sempre que cortava um pedaço da carne, evitando abrir a boca para proferir julgamentos. Viu em sua mente, muito rápido, um bilhete de loteria.

– Você não fale mais nada, Judite. Nada. Quero você quieta.

– Eu achei mais um bilhete da loteria na sua camisa, Nilton. – gritou, levantando-se do sofá. A luz da cozinha piscava, ameaçando queimar.

– Já te disse para não mexer nas minhas coisas! – retorquiu, sentindo-se em risco, ligeiramente a movimentar os olhos.

– Você disse que iria parar... – resmungou soluçando, ofegante. – Já não dá pra pagar a conta de água...

Judite jogou ao chão o bilhete amassado, datado do dia anterior e responsável por um gasto de cem reais, cravados, provavelmente um bolão da Loteria da Reforma, concurso especial destinado aos custos da reforma do Museu Municipal, promovido pela Prefeitura de Torre da Boa Viagem, cuja promessa do prêmio fora aclamada publicamente – alguém ficará rico naquele mar de necessidades. Judite bateu a porta do quarto e ao relance só era possível ouvir os resquícios de choro e o ranger de dentes misturado ao mastigar de Nilton. O menino Francisco mexeu a porta da sala, rompendo o limite dela, a surpreender seu pai, recebendo de boas vindas deste um grito enfurecido com palavras facilmente descartáveis. O ocorrido posterior a isso não nos cabe nesse momento, pois torna a narração lamuriante, lamentável.

RUA SÃO JOÃO PAULO II, 06
- FORA DA VILA

*Vocês não sabem que haveremos de julgar os anjos?
Quanto mais as coisas desta vida!*
1 Coríntios 6:3

Estendia-se pelo céu um rarefeito conglomerado nebuloso como um macio lençol enrolado numa cama escurecida, onde a lua descansava os brilhos opacos de sua superfície rochosa. Predominava a penumbra da madrugada. Antes de levantar-se, um ríspido barulho oco de atrito despertou Eduardo para a realidade do consciente, um acordar quase nunca desejado por quem está finalmente dormindo – acende a luz da mesa de descanso ao lado de seu dormidouro, revira o olhar para tentar acordar e saber o que está acontecendo. Desejou que não fosse nenhuma notícia sobre a eleição, ou algum telefonema enfadonho e preferiu caminhar para onde desconfiou vir o som inesperado. Colocou-se sentado, calçou os chinelos macios, abandonando o quarto e apertando descuidado os pés contra as escadas, chegando à sala. Observou, agora sim cauteloso, o quintal através da janela e revelou-se curioso a respeito de um objeto – aparentemente um envelope grosso – jogado no pouco gramado que precedia a porta principal da residência. Ressentiu certo medo mas cedeu à sensação de tentação causada pela curiosidade pelo corpo estranho ali em seu quintal. Reverteu o olhar, de pronto, pela janela, apalpando a chave à parede e torcendo calmamente a maçaneta, evitando ruído ou qualquer movimento brusco. Era uma maçaneta de casa de rico. Meteu-se para além da porta, sentindo o frio tomar parte de seu corpo, como um bafo emitido pelos deuses, à luz da lua em seu lençol lácteo. É um envelope, confirmou enquanto apertava os olhinhos escuros. Passo a passo avançou em direção ao envelope, tocando-o com o pé para atestar que sua vida estaria salva; tomando ciência da natureza inofensiva de tal, agachou-se e apanhou o calhamaço. Comprimiu os lábios e percorreu o envelope, sem encontrar qualquer registro de remetente ou assunto. Mistério, pensou, demonstrando certo tom de surpresa risível. Tornou à porta, adentrando ao morno cômodo da sala e selando a porta com a chave da propriedade.

Pode ser algo sobre o mercado, uma coleção de cartas de sugestões cujo dono preferiu não se mostrar, para não pegar mal, ou simplesmente contas a pagar para quem esqueceu de identificar-se pela pressa da vida moderna, ou qualquer outra coisa, passou por sua ligeira mente de negócios. Proprietário do mercado local e de uma distribuidora responsável pelos trâmites mercadológicos predominantes na Vila São José e vilas vizinhas, residia na casa de maior distinção entre as ruas da pacata e simplória vizinhança - era da citada rua a quarta e última casa; ali passava algumas noites da semana, quando necessário, enquanto necessário; embora fosse residente doutra Vila distante uns setenta quilômetros, assumia tal itinerário para melhor gerenciar seus negócios locais - evitar ficar de um lado para o outro facilitava a vida de cansado empresário, que dá duro para ter sua grande riqueza, cobrando e ligando a todo momento ao fornecedor, com perguntas do tipo “quando sairá a entrega daquele iogurte que lançou agora?”, ou outras perguntas que queira inserir aqui. Além do mais, era ali na Vila São José a mais calma das noites para o descanso. De barba rente, era magro, nada do tipo fraco, cabelos quietos e semblante carismático, branquelo como um banho de lua; para muitos seres, da espécie de homem que se chama atraente quando se vê na rua ou nas capas de revistas.

Embora a euforia geral em torno do advento eleitoral predominasse e formasse a ansiedade da Vila, Eduardo esnobava a situação; coçava a cabeça ao violar o lacre do envelope amassado, após retornar aos lençóis aquecidos, já ali na cama de casal, na prática uma cama de solteiro por força magistral. Rasgou o envelope por inteiro, preservando unicamente o pedaço onde a letra cursiva registra o destinatário - seu nome ali posto. O que faz necessário esse nome aqui se na verdade já meteram no meu quintal o que queriam?, murmurou. Retirou o calhamaço dos domínios ocultos: orou a Deus assim que se deu com os registros fotográficos oferecidos pelo remetente noturno. Deus só dá a revelação daquilo que é libertador, pois a própria Verdade liberta, pensaria. Um trovão anunciou a chuva.

Uma sujeira no espelho impedia o reflexo de alguns fios do seu cabelo, provavelmente desarrumados porque, jogado no sofá, não havia se atentado ao devido procedimento legal para manter o penteado firme e forte. Cobrava, então, ao espelho um toque final capaz de render suspiros angélicos. A vaidade lhe estendia os braços, enquanto o sono lhe estendia todo o corpo. O dia foi dos mais cansativos, mas não o primeiro do arsenal dos enfadonhos. Todos os dias anteriores exigiram aquilo que um político sabe bem administrar: carisma, disposição, sorrisos e, claro, uma pitada de bons sentimentos. O sofá, então, não seria um destino inesperado, passadas as exaustivas eleições pelo município, num sossegado adentrar da mais tarde noite enquanto o livro que estava lendo estivera mais largado do que visitado. Era aquele o projeto da noite: ler e aguardar alguma boa notícia sobre a eleição, se é que era possível ter alguma boa notícia àquela hora da noite. Mas parece que ela viria em alguns segundos.

Toque, toque, toque. Alguém chama pelo telefone. Atender ou não? É melhor atender, decidiu.

- Alô?
- Oi, Armando.
- Oi, Benedito. Você não esqueceu minha voz pelo telefone...
- Não adianta rir. Não tem como esquecer.
- Sei bem.
- Liguei para lhe desejar boa sorte nessas eleições.
- Obrigado.
- Sei que trabalhamos muito. Qualquer que seja o resultado, estamos juntos.
- Estaremos. Muito obrigado, Benedito.
- Imagina.
- Tem alguma notícia?
- Não.
- Te ligarei se tiver alguma.
- Está bem. Imagino que chegará rápido. Estou aqui em casa, aqui tenho acesso a tudo.
- Entendi. Eu ainda estou na Vila, não saí.

- Tome cuidado, os ânimos estão acirrados.
- Estou bem protegido.
- Sim. Fico feliz.
- Mas sairei daqui algumas horas, senão pego trânsito.
- Verdade. Esses dias fiquei muito tempo no trânsito.
- Pior coisa, Benedito. Você, por algum acaso, recebeu telefonema de Menezes?
- Ainda não. E agradeço a Deus por isso. Por quê? Ele te ligou?
- Não. Mas fiquei curioso. Quero ver esse homem bem longe, ou melhor: não quero vê-lo.
- Mas por que diz isso?
- Recebi dele um grande desaforo.
- Qual?
- Alguns dos seus partidários arrumaram jeito de atacar o meu comitê.
- E por que não me contou isso antes?
- Porque só hoje tivemos acesso às câmeras. Enfim. Coisa de moleques.
- Ele que não tentasse contra mim.
- Não foi bem algo que chamamos atentado, mas simplesmente um desaforo.
- Ainda mais porque você foi apontado como o preferido. Deve estar em nervos.
- Pois é. – respirou – Mas não vou tomar seu tempo.
- Vou desligar, então. Mande notícias, Benedito.
- Você também. Nos vemos amanhã. – e apitou o sinalizador para o término da ligação.

Eis aí uma das maiores importâncias dentro da classificação de importância para o candidato Armando, entre sua carteira, as propriedades que acumulou, os contatos com a imprensa e os grandes empresários que financiam as caras campanhas eleitorais e, finalmente, o resultado da eleição. Receber a ligação de seu irmão, àquele momento, despontava no quesito importância, mas não sabemos exatamente o porquê. Algumas mensagens chegavam em seu celular, algumas também de grande importância, mas não a mensagem que lhe renderá comemorações atuais e, certamente, futuras no que se refere ao proveito político que tirará da vida. Válido destacar, entre as coisas que lhe despertam o espaço na lista de importâncias, seu velho e espelho sujo, que certamente seria substituído por uma máscara qualquer; muito menos por sua existência reflexiva, muito mais pelo produto que oferece ao espectador: um retrato dos sorrisos e choros, ou das rugas e do passar do tempo, sendo o espelho um relógio sem ponteiros. Ouviu dois latidos em resposta ao seu pensamento de ansiedade; era seu cão chamando a atenção da noite lá fora, enquanto Armando não decidia se deixava-o entrar ou optaria pela distância do animal.

Inquietudes das mais variadas assolavam sua mente, todas direcionadas ao propósito da eleição, ou melhor: de seu resultado. Não tardava para que um remédio aparecesse à sua frente, pois ele poderia dar fim a uma ansiedade e torná-lo consciente depois de um longo sono, talvez com as manchetes alegando sua vitória para a surpresa de todos. Mas não havia ali qualquer comprimido para cumprir a função de acalmar os

IGREJA DA VILA

ânimos, apenas um lenço que retirava do bolso e passava pela testa, de onde o suor descia ao encontro da gravidade, sempre molhando mais do que devia os cabelos. Nessas horas, não se espera outra ligação. Quiçá pegar o celular, digitar alguns números e esperar que doutro lado alguém responda.

– Alô, quem fala? – balbuciou.

– Sou eu, o Armando.

– Oi, Armando. Muito ansioso?

– Muito, por isso achei prudente telefonar.

– Fez bem, só não posso demorar. – o homem sequer podia completar uma palavra sem ofegar exasperadamente.

– Está na Vila?

– Sim...

– Tem alguma notícia?

– Sobre o quê? – pareceu assustador receber uma pergunta, assim, na lata.

– Sobre o resultado.

– Pois bem, não. Mas acho que logo deve sair. – pausou um, dois segundos. – E você, está fora?

– Sim.

Silêncio.

– Bom, vou desligar.

– Sim, Armando. Tente descansar.

– Tentarei. Abraços.

E não durou muito o telefonema que pretendia, segundo as mãos inquietas de Armando, acalmar o coração que pulsava em todo seu corpo, ou pelo menos refletia assim pelas mãos, braços, nuca e um pouco na boca, como quem quer sair e dizer adeus aos destinos. Armando procurou sentar-se com as mãos paradas, fez de conta que estava a contar carneirinhos, como uma criança, mas sem precisar que a mãe ou o pai lhe diga alguma história de fadas ou contos de horror – a vida já lhe encarregava de assumir essa posição de tutela. Fechou os olhos serenamente e, súbito, decidiu sair.

RUA PADRE RAIMUNDO CORRÊA
SORTES ASSUNÇÃO RONEM, 21

Beata ressentiu um calafrio dolorido ao peito, esquentando a nuca e anunciando algum porvir incômodo. Como testemunhava a madrugada quase para amanhecer, reascendeu a vela antes apagada – era época de economizar a luz – e partiu a examinar o estado de seu marido e seu filho Jairo, cansado, pois o trabalho não lhe fugiu no dia anterior. A preocupação não a deixava. Perambulou como uma alma penada e assustada e silenciosa a visitar seus entes terrenos. Estava sem muita comida, tanto pelo bolso quanto pelas promessas que estava fazendo para São José. Sentiu uma forte dor e o aperto no peito aumentou. Decidiu que era hora de pôr-se a rezar, pois algo havia de novo no correio divino. Constatou a estabilidade de Jairo e Jozimas, preocupou-se ainda mais com sua estadia nervosa. Via-se perturbada como nos anos que fora questionada pelo Padre se via mortos. Saudades do Padre Afonso, suspirou. A vela do Sétimo Dia ao altar sublime fora reascendida. A imagem de São José, santo trabalhador, São Jorge e Nossa Senhora de Fátima sentiram o calor toma-los para um novo ligar-se ao céu. Beata fechou os olhos e, enquanto percebia o calafrio predominar, rogou a Deus uma paz de espírito rara, dessas que ela não sente há anos, mas que fora fortemente atormentada àquela noite, a ponto de tirar-lhe o sono calejado. “Crê em Deus Pai, Todo Poderoso, criador dos céus de da Terra...” e ali ficou durante todo o amanhecer, quando o Sol evitou a força da luz produzida pela vela, ofuscando-a e despertando Beata após cair num breve sono. Passou um tempo, vale aqui dizer.

– Mãe? – Jairo tocou seu ombro, Beata virou-lhe o rosto para observa-lo, tomando o despertar como um desafio; seus olhos lacrimejavam e amoleciam o peito. O calafrio parou de perturbar a alma, percebeu. – Me deixa ajudar a senhora a levantar...

Encostada à parede após cansar os joelhos, Jairo deu-lhe apoio para tomar força e levantar-se.

– Tá frio aqui, mãe. – resmungou, advertindo a senhora para a gripe.

– Deus só dá o frio que a roupa aguenta, filho. – retorquiu, num tom arrastado. – Obrigado.

– Deixa que eu arrumo o café. – Jairo rumou-se à cozinha, auxiliando Beata a segui-lo, indicando-lhe a cadeira.

VICTHOR FABIANO

- Não precisa, deixa que eu faço... - tentou evitar o tal do desconforto.
- Nada disso, eu faço. A senhora descansa aí enquanto o café não fica pronto. - determinou.
- Mas só tem pão envelhecido - lamentou, lutando contra o fechar dos olhos.
- Não tem problema. Deus só dá o pão que é necessário. - consentiu Jairo, meio erguendo a cobiça incrédula para ironizar a razão dos santos. Beata não esboçou efeito.
- Ontem uma senhora evangélica estava falando mal do Padre lá no mercado.
- Beata esboçou efeito. Atentou-se e vidrou os olhos estarecidos e moribundos ao filho.
- Deus tenha piedade. - sussurrou.
- Disse que o Padre está com tanto dinheiro que comprou uma mansão na vila vizinha. - revelou Jairo. O fogo oscilava enquanto a água tomava a temperatura de fervura.
- Se bem conheço o Padre, filho, ele é um homem direito. - pensou. - À imagem de Deus.
- Não acho que o que ela falou seja verdade, também. - Jairo entornava a água quente no coador de café, aproveitando o tempo de espera para encostar as cortinas e evitar a invasão de luz na cozinha. - Quem não trabalha tem muito tempo pra falar mal dos outros.
- Deus perdoa quem fala sem saber, filho. Isso eu tenho certeza. - confortou-se ao entreolhar o altar de luz assaltante. - Apague a vela ali, filho, e desperta seu pai, por favor. - Dona Beata, arrisco o palpite certo, cederia ao sono novamente.

- Você vai pro posto? - Jozimas tocava com toda calma do mundo o rosto de Beata quando seus olhos tremiam para acordar - Já tá dando a hora de acordar, menina...
- Não percebi...
- Você está bem?
- Não como queria - a voz rouca realmente não indicava a melhor saúde - mas o médico vai me ajudar.
- Jozimas pensou muito bem na situação e no que poderia dizer à Beata ali deitada, mas não lhe ocorreu nada além da notícia que teria de dar.
- Bem, eu vou hoje visitar meu primo Alberto, lá na Vila vizinha.
- Sim, verdade. Você tinha falado. Conseguiu a passagem?
- Sim.
- Então vai pra não se atrasar.
- Menina, não fica triste assim.
- Não estou triste, Jozimas. - sorriu, fazendo muito esforço para expressar-se assim.
- Está.
- Silêncio.
- E quem irá com você? Dona Maria?
- Sim... ela irá comigo.
- Então tá certo. Vou lá, antes que aconteça alguma coisa e eu acabe me atrasando...
- beijou a testa da amada e saiu pela porta sem fazer muito barulho.

IGREJA DA VILA

Dona Beata apoiou as mãos na cama para elevar-se um pouco, encarando sem muita harmonia o relógio, exatamente por tudo aquilo que ele representava: tempo, tempo, correria, vida que passa, vida que não fica. Finalmente sentada na cama, não tinha dor que lhe fugia e poderíamos jurar a falta de paciência da senhora com as peripécias do tempo. Andou um pouco para passar do seu quarto à cozinha, onde encontrou um bilhete na mesa. Era a letra de Jairo, A letra mais linda que eu conheço, pensou quando tocou o papelzinho. Com alguma dificuldade, tanto dos olhos quanto de sua vida, leu ali uma mensagem que dizia: “Mãe, deixei aqui meu celular porque a tia Rute tinha falado que ia ligar para a senhora. Ela me ligou, mas a senhora estava dormindo”. Não era certeza que a tia Rute não tivesse já ligado, enquanto Beata ainda dormia o sonho que havia fugido, mas era questão de esperar. Beata recebeu uma aula paciente de Jairo, cujo objetivo e programa escolar fora “As Lições Necessárias de Tecnologia”, Módulo I, nas quais um celular era objeto de explicações. Fantasias à parte, Beata aprendera a atender o simples celular do filho, que pouco o usava, mas por onde recebia ligações às vezes importantes, às vezes da ordem de cobranças.

Beata pegou o celular e colocou ali no bolso da camisola, para evitar que não ouvisse ou algum pensamento estranho que estivesse ocupando sua mente e a distração fosse a verdadeira atendente no momento que o celular tocasse. Era melhor ter um telefone fixo, Beata achava demasiado melhor, porque ele sempre está ali parado, não tem como se enganar na hora de atender. Tem coisas que desaparecem de vista e nunca mais voltam.

Passou um tempo, coisa de duas horas, e ninguém havia ligado. Então Beata se aprontou, vestindo rapidamente uma dessas blusas longas e confortáveis, procurando em uma das gavetas da cômoda de seu quarto os documentos necessários para o atendimento no posto de saúde. Documento de identificação, o cartão de agendamento e o protocolo para retirar o resultado do exame de sangue coletado há quinze dias. Terminou de reunir seu dossiê médico e ouviu uma voz muito familiar chamar-lhe ao portão. Era Maria, sua amiga e companheira atemporal. Pisou o passo que formigava até a porta do quarto, passou pra sala, fez para desligar a luz, meteu-se para fora da sala e estava no pequeno quintal descuidado, quando viu Maria a lhe dizer:

– Beata, vamos, mulher!

– Já estou aqui! – sorriu de volta, quando chegou no portão, abriu-o e também abriu o abraço contido, contudo carinhoso, a receber a amiga.

– Saudades de quando a gente saía por aí... – disse ainda presa no abraço, claro: por vontade própria e carinho também.

– Saudades, sim, mas cansaço também...

– Era cansativo, tinha que ter paciência, mas não era difícil como é hoje – elas já caminhavam pela rua, iluminada pelo sol pouco piedoso.

– Maria, as coisas mudam, né, menina...

– Ô se mudam, tudo passa e muda.

– Estava esperando uma ligação, mas até agora nada. Nem isso mais!

– De quem?

VICTHOR FABIANO

- De uma irmã, sumida. Mas sempre liga. Dessa vez não deu retorno.
 - Deve ter esquecido, acontece...
 - Deve ser.
 - E o menino Jairo, como está?
 - Também mudou muito, mesmo que pouco desde o dia que nos encontramos, Maria. Tá mais amargo, mais triste, mais cansado.
 - Coisa do coração, de novo?
 - Se eu falar que sim, posso mentir. Não sei, ele anda mais quieto que o normal.
 - Nem me fale...
 - E tem o emprego, o pessoal lá tá demitindo tanta gente. Imagina como fica a cabeça dele, é o único que tem dinheiro em casa.
 - Mas disso ele fala?
 - Não, só deixou a entender uma paixão que foi mal resolvida.
 - Mas então deve ser coisa assim, de amor...
 - Também acho, da última vez foi bem forte. E ele não deve ter esquecido.
 - Imagina, tem coisa que até hoje eu não esqueci...
 - Fale por mim. - Beata lamentou, mesclando o sorriso à experiência.
 - Esses dias achei uma carta do falecido.
 - Nossa Senhora! De quando, mulher?
 - De trinta anos atrás, quando ele me pediu desculpas.
 - Se eu te conheço, era melhor não ter achado isso...
 - Pois é. Fiquei triste, até pensei em te visitar, mas tem tristeza que é contagiosa. Não queria te deixar triste também.
 - Não se preocupe com isso, somos irmãs, amigas... Nossa Senhora cuida da gente.
 - Eu sei, Beata. Nos conhecemos bem.
 - Até demais - riu, forçando os olhos. - Até que o posto está vazio...
- Enfim aproximavam-se do posto. Era uma construção antiga, dotada de um portão bem cuidado e apenas o piso terrestre. A placa identificava: Posto de Saúde da Vila São José. Mas o portão estava fechado.
- O portão está fechado. - alertou Maria.
 - Ah, é? - Beata não conseguiria enxergar como Maria enxergou.
- Deram de cara com o portão de fato fechado, aí estava a explicação para a estranha ausência dos pacientes que, todos os dias, ocupam muito espaço ali. Fixado no portão, Beata aproximou-se de um outro bilhete - hoje é o dos bilhetes, teria pensado - colado num dos ferros verticais do impedimento, cuja função era evitar que Beata fosse atendida.
- Maria, aqui diz que o posto está fechado por recomendação da Paróquia, por luto...
 - franziu a testa - porque um dos candidatos... morreu.
- Beata em toda a vida nunca havia recebido uma notícia de tamanha estranheza por uma mensagem exposta num portão de posto de saúde. Era como perceber que o novo jornal local era o portão por onde entrava para ser atendida pelo médico, um

IGREJA DA VILA

senhor idoso cuja formação já se fez nos consultórios pela cidade. Maria a encarou com certo olhar de incredulidade, você imagina, mas também de assombro – o que revela um sentimento mais próximo ao horror, não ao gênero de cinema, mas aos horrores da condição humana, do viver. Uma ramificação mais terrível da incredulidade. Beata engoliu em seco, sem saber o que dizer. Não se tratava de um parente próximo, muito menos de uma figura pública querida pelos seus, porém a sensação do malfeito parecia rondar os espectadores da Vila – no caso, seus moradores. Talvez por isso a rua estivesse vazia, assim como o posto não esboçava gente, sugeriram durante a conversa que decidiu o retorno das amigas à casa de Beata. E, vale dizer, o telefone de Jairo não havia tocado.

PRAÇA DOM JOSÉ DE
ASSUNÇÃO RONEM, S/N

O telefone de Jairo não emitiu nenhum barulho, mas outros vários tocavam sem parar, principalmente nas redações dos grandes jornais ou até mesmo dos pequenos, com a notícia que custou aos corações pulsarem por todo o corpo, às mentes obterem um real significado de tamanho inesperado, aos ouvidos... bem, os ouvidos têm ouvido o que lhes der na telha. Quando a manhã caminhava para o horário do almoço, na transição para a tarde, um giro temporal e climático que acende a luz da fome nos estômagos, Padre Joaquim não conseguia sair da cadeira onde sempre se sentava, seja para uma reunião positiva ou negativa, seja para receber um convidado. Não poderia, claro, receber mais o convidado que ali estivera alguns tempos antes, quando conversavam sobre as possibilidades eleitorais. Benedito Ronem não ocupava mais o espaço em sua casa, sua cama, poltrona, ou não mais visitava a sede de seu partido para reuniões e nunca mais iria à Paróquia traçar os caminhos políticos da Vila, colado ao seu irmão Armando, com quem dividia o prestígio do sobrenome Ronem após seu nome primordial. Padre Joaquim sentia muita dificuldade em olhar ao Santo ou olhar para sua sala, estava engessado apenas olhando para a sua mente, funcionando como redes em circuito rápido cujo resultado futuro, se por ali ficar em alta velocidade, pode causar um incêndio arrasador.

Benedito foi encontrado morto em sua casa, é isso que nos assombra nesse momento. O assessor responsável lhe telefonava incessantemente, evitando soltar o telefone da mão, incrédulo pela ausência que se ouvia doutro lado da linha. Onde pode estar esse homem que foi um dos mais votados do partido?, lutava com o silêncio. Convenhamos, tenha você assumido uma candidatura eleitoral ou não, que um candidato nunca some às notícias do mundo após a eleição. O mais comum é que ele fique preso em algum canal que possa lhe transmitir a notícia. Alguns evitam a televisão, porque durante um ou outro falatório essencial, os comerciais torram a paciência até das crianças que querem assistir ao desenho animado. Mas pelo menos ao lado do telefone se tem a salvação. Contudo, não para Benedito. O assessor do falecido estranhou a ausência e telefonou, por sua vez, ao irmão. O irmão não atendeu, “então, agora, são os dois!”, irritou-se por sofrer mais uma ausência. Na sequência, telefonou

ao Padre – pela madrugada os santos não dormem, considerando o desespero de algum devoto noite adentro, sugerimos aqui o que pensou o assessor no ato desesperado – e atendeu Gabriel, o anjo no auscultador, esclarecendo ao nobre assessor que nem um nem outro candidato estivera ali pela Paróquia, não pelo que saiba o, por sua vez, assessor do pároco.

Pegou o desespero, colocou as chaves no bolso, entrou dentro de seu carro e saiu para encontrar Benedito. No caminho, muito vento pela janela e escuridão na alma. Quando chegou, a casa estava vazia, imerso em silêncio absoluto, silêncio mais agudo que o recebido pelo telefone. Uma batida à porta, as mãos tremulavam. Nenhum retorno. Lembrou, enquanto o desespero permitia, que havia uma chave daquela casa no molho de tantas outras. Apanhou, meteu-a no segredo da maçaneta, girou-a, abriu a porta, deu dois passos. Ali mesmo na sala, não noutro lugar, sem mistérios. Benedito estava morto. Um maço de cigarro o acompanhava, lançado ao chão frio como o corpo sobre ele, uma seringa oca, as outras luzes da sala inexistentes, apenas a central. A luz da lua apagou-se e tudo o mais não existiu. O assessor, o nome não nos cabe agora, pois a narrativa já se ocupa muito do desespero, ouviu o barulho das chaves caírem ao chão e não escutou mais nada.

Quando sentiu o ar entrar pelas narinas novamente, o chão lhe parecia gelatinoso e a cena ali, disposta à sua frente, reaviva a possível memória de um pesadelo. Mas não o era. Não passou muito tempo desde que o desmaio lhe visitara, e antes de sair deixara uma dor de cabeça vigarista, e a porta aberta. A última memória permitida ao desespero, dessas que lembramos vagamente antes do súbito, mandava-o telefonar à polícia, sendo este o caminho sem dúvida mais provável. Percebeu na recepção da atendente policial certa incredulidade com a informação proferida por aquele moço que se denominava assessor de Benedito Ronem, “ (...) aqui na rua Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado, na casa de Benedito, o encontrei morto”. A atendente, unidas as provas possíveis e disponíveis, devia reconhecer aquele nome político, que provavelmente escutou na televisão, ou viu o rosto associado ao nome em algum votinho pelo chão à rua perto de sua casa; todavia, o mais estranho àquela altura do telefonema era ouvir um assessor reclamar a morte de seu chefe na madrugada posterior à eleição. Registrou a ocorrência como de costume, desligou a chamada e alguns minutos depois a polícia chegou ao local, e o que vem depois sabemos bem.

O assessor evitou atender aos chamados da imprensa, dizendo-lhes que a polícia já diria o suficiente ao público interessado, por se tratar da figura de um conhecido político, principalmente ex-vereador, secretário de Finanças do município e presidente da Comissão de Combate à Corrupção. Era uma memória que ficava, “um legado para nossos filhos”, relatou a repórter em transmissão ao vivo defronte à casa do falecido. Retornando ao império dos telefonemas, o único chamado ao qual atendeu o assessor viera do já conhecido número paroquial; do outro lado da linha, a voz de Padre Joaquim:

– Sinto muito pelo ocorrido.

– Eu também.

IGREJA DA VILA

– Estou à disposição, talvez possa ajudar.
– Deve oferecer ajudas à polícia, eu nada posso fazer.
– Assim será, conversarei com eles. Embora a Paróquia não possa ajudar em nada no processo de investigação da morte.

– Isso será decidido pela polícia.

Padre Joaquim assentiu.

– Bem, você tem alguma sugestão para o ocorrido?

– Me ligou para bisbilhotar o caso?

– De forma alguma. Apenas estou preocupado.

Percebemos que o referido assessor, embora ciente da necessidade de atender às chamadas paroquiais, não aprendeu quando criança a importância de se respeitar a autoridade dos padres.

– Não posso imaginar o que aconteceu. – revelou sua visão.

– Muito menos eu. Trágico...

– Terei de desligar, estão me chamando. Abraços.

– Abraços...

E o silêncio retornou à mente de Padre Joaquim. Revirou nos pensamentos alguma possibilidade remota capaz de explicar a morte do candidato, importando a si a dura tarefa de investigador ou perito criminal, com a diferença de fazê-lo ali sentado, apenas imprimindo as fixações que lhe cabiam. Havia alguém à porta.

– Entre...

– Com licença, Padre.

– Diga, Gabriel.

– O resultado final foi divulgado.

– Confirma as preliminares?

– Sim. Mendonça foi eleito.

Padre Joaquim não podia negar o efeito da pancada moral que o atingiu frontalmente a cabeça, causou-lhe náuseas, fortes queimações da ordem das gastrites e fê-lo elevar as mãos ao rosto e esfregar os olhos.

– Benedito? – resta saber o êxito, ou não, do falecido.

– Ficou por pouco. Mas, para alguns uma boa notícia, foi o mais votado do seu partido.

– Pois bem, Gabriel. – respirou, respirou.

Aguardava uma permissão para sair dali, não queria ficar sequer mais um minuto à deriva das péssimas notícias guiadas ao saber paroquial. Gabriel recordou o papel que chegara da Diocese, antes perdido no mar de códigos e resultados eleitorais, preso ali em sua mão. Trouxera para entregar ao padre. Deu dois passos e pousou-o na mesa, chamando a atenção do olhar fulminante, porém quieto e centrado, de Joaquim.

– Pode ir. – sinalizou com o mais rente dos sorrisinhos. Gabriel deu as despedidas com um aceno e saiu dali, finalmente.

Resta-nos a digitação de uma carta, na qual colocaremos todas nossas dúvidas sobre qual será a atuação do Padre Joaquim frente ao acontecimento. Acontecimento, não.

Definitivamente, acontecimento não. Aquela peripécia do destino, seja de onde lá viera, obrigou o pároco a sacar um calmante jogado junto às tralhas na gaveta inferior à mesa, colocá-lo firmemente na boca enquanto suas mãos tremiam a engolir o calmante, acompanhado com o riacho de água fresca, das chegadas mais contrastantes ao estômago, ao confluir-se com a flamejante queimação provocada pela temperatura rival.

Mendonça de Menezes enfim venceu a tão chamada corrida eleitoral, claro, dentre outros felizardos que acordaram eleitos para compor a câmara do município. Outros tantos candidatos, e eleitores que são chamados cidadãos, era ele um dos escolhidos. Não pela Paróquia, vale lembrar, mas não viria ao caso nossa sórdida constatação. Presumimos o despertar do vereador eleito: colocou as pantufas, recebeu o abraço da esposa, antes ela liberou um grito de comemoração, ele desceu para a cozinha, ali estavam suas filhas e seu filho, em alguns instantes ele recebeu uma ligação, mas antes eles comemoraram em conjunto. Família unida vence a eleição unida, e jamais será vencida, diria o ditado. Pois Mendonça de Menezes não tinha filhas, apenas um filho mais velho cujo cargo não fora garantido na tal eleição, mas a tentativa nunca será jogada fora no grupo de ações pelas quais precisamos prezar. E sua esposa estava viajando. Cabe, então, falar-mos sobre sua real manhã vistosa de candidato vencedor: acordou sozinho, desceu sozinho e pegou alguns pães e um copo de leite para acompanhar o fazer estomacal. Viu o celular ali parado e o visitou. No item chamadas perdidas, muitas e muitas chamadas, mas atentou-se de pronto para algumas: a chamada do filho, a chamada da prefeita reeleita e outra informação que não é uma chamada, entretanto retirou-lhe a calma por dois segundos, embora não possamos dizer que lhe causou a maior surpresa para o espírito. Dizia, em alta e boa letra, sobre a morte de Benedito, o azar sobre o qual todos sabemos até esta altura da narração. Nos admira, ironicamente, que o sono tenha visitado Mendonça de Menezes; é de todo os fatos, o mais surpreendente. Não imagináramos que um candidato, assim como o que ignoraria o telefonema de seu assessor, para então ficarmos sabendo que está impossibilitado por todas as eleições de atender qualquer telefonema, dormiria na madrugada de sua apuração. Uma paz de espírito admirável, ou um desdém bastante praticado. E teríamos como outra possibilidade para explicar o memorável descanso, ao qual foi permitido, a efetiva bênção advinda da oração de Pastor Adelmo e tantos outros religiosos da linha protestante que depositaram em sua candidatura força física, eleitoral, religiosa e política, principalmente a força política. Se o leitor for de natureza religiosa, ademais de linha protestante, entenderá a eficácia destas preces a qualquer espírito assombrado por eleições.

A morte de Benedito, é o que podemos ver, não lhe causou comoção, no mínimo um susto inicial. A vitória provavelmente ocupou todos os outros espaços. Agora o pão recheado com queijo descia a faringe rumo ao estômago para ocupar também este espaço; o satisfatório gosto da refeição provocava o salivar mais fértil e o preparava para os telefonemas e comemorações do dia a correr.

RUA PADRE RAIMUNDO CORRÊA
SORTES ASSUNÇÃO RONEM, 21

A notícia se expressava em todas as bocas e casas, sem restrição de credo, classe social ou qualquer outra preferência ou posição. Para alguns, principalmente, claro, aos partidários da família Ronem, o ocorrido configurava um crime sem precedentes, pois um candidato prestes a ter uma ampla votação jamais daria sopa para o azar; outros, como se sabe a tendência dos primeiros julgamentos de clamor popular, abriam as mãos para declarar a fraqueza de Benedito, cujo fim dramático delegou-o a política.

Invejamos Jairo, é necessário admitir nestas linhas; o homem, enquanto saía do trabalho, estivera alheio às preocupações de tal ordem, embora assustado com a notícia que chegara no mercado e ficara. Aliás, a notícia provocou sérias reverberações de ordem comercial, o movimento àquele dia beirou o nulo, as pessoas evitaram sair das casas para fazer compras e satisfazer seus apetites. Era melhor, classificavam, ficar com o apetite da justiça – “este nunca falha”.

– Mãe? – o ainda menino Jairo colocava a cabeça e o corpo para dentro de casa. A mãe lhe saiu do quarto; os passos pesados.

– Filho, já chegou...

– Sim, fecharam o mercado mais cedo.

– Fecharam tudo, até o posto de saúde.

– Então não consegui ser atendida?

– Não – a mãe sentia dor e podemos perceber pelos movimentos contínuos que faz com a mão sobre as pernas.

– Essa dor não passou, pelo jeito...

– Nem vai, filho. É a idade... – quis sorrir.

– Depois precisa voltar para remarcar a consulta.

– Sim, mais pra frente faça isso. Não sei quando abrirá de novo...

– O mercado recebeu o comunicado da Paróquia declarando luto oficial na Vila. Por isso tudo fechou.

– Quem diria que isso aconteceria... – comprimiu os lábios, surpresa. – É como tirar a pessoa do jogo...

– Mesmo depois que o jogo aconteceu?

Beata parou para pensar um pouco, movendo os olhos de um extremo ao outro.

– Não sei. – respirou. – Como vamos saber de tudo, não é?

Jairo assentiu as indeterminações do destino humano, de sua história, como também as angústias que lhe cercavam os nervos.

– Não sei nem sobre você qualquer que seja a história...

A provocação caridosa da mãe lhe determinou mover timidamente as maçãs do rosto, em direção ao risonho sinalizador de indisposição ao diálogo.

– Não é nada...

– Eu sei que é, filho. Falei sobre isso hoje com Maria. – e pausou um pouco a olhar a criança ali parada – Guardar tudo pra você não vai ajudar.

– Eu sei... – quis bancar o sabichão.

– Sua mãe conhece a vida, até as coisas ruins.

Jairo acariciou a enrugada mão que descansava sobre a mesa, olhou os olhos que lhe fitavam como investigação criminal e abriu a boca para justificar seu silêncio, numa espécie de ventania passageira.

– Eu confio na senhora.

– Não parece. Tá sempre mantendo o sofrimento guardado...

– É porque é algo desagradável.

Para Beata, aquela informação já retirava um tesouro submerso há milhares de anos no imenso vazio do mar, quando só se pode ver alguns peixes fora de catalogação, ou outros seres conhecidos pelo saber marítimo, como o peixe-dragão. Quiçá os escondidos sentimentos de Jairo sejam um peixe-dragão apenas esperando o momento certo para produzir sua luz e dizer ao mundo: cá estou, eu existo! Ou simplesmente, decerto arriscaremos a fortuna, subir à superfície e mostrar ao mundo sua face aterrorizante. Terá Beata de dizer: vamos, Jairo, mostre-nos o seu peixe-dragão?, quando apenas preservou o silêncio e não expressou qualquer palavra.

– É sentimental.

Beata agradeceu aos céus por iluminar a mente do seu menino, estender as graças aos humanos, ouvir suas preces, atender seu pedido, cujo único fim sempre fora desvendar o ocorrente pesaroso que corroía, além dos sabidos, o coração de seu único filho. Não era ali apenas a pobreza, o medo do desemprego, as tristezas cotidianas, a falta de garantias ao futuro laboral, o medo do escuro, a solidão adulta. Era sentimental. Deu-lhe a cordialidade sonora de um “sim, entendo”, o astuto gesto de concordância com a cabeça, a tímida resposta ao carinho em sua mão, deixando clara a dita compreensão materna que busca sempre ouvir e entender mais.

– Eu estava apaixonado...

– Estava ou está?

– Estou... – continuou, assustado pela clarividência que um verbo pode provocar nas mais simples espiritualidades – por uma menina que foi embora.

Um tiro no peito foi tal revelação. Claro, não apenas por ganhar a forma de frase e

IGREJA DA VILA

tornar-se um discurso com enunciador e enunciatário, contudo pela dor que carregou em cada sílaba, profundo pesar e descontentamento com o destino, angústia por ter um coração ou senti-lo bater num ritmo apaixonado. Beata tocou o rosto suado de Jairo, transpirando ora por nervosismo, ora pelo resultado da caminhada anterior à casa. Sabia algo a ser dito para o filho, mas avaliava se a carga do conselho não demonstraria uma ineficácia capaz de desanimar a conversa.

– Todo mundo já passou por isso. Só que ninguém fala.

– Sim.

– Ela foi pra longe?

– Não me disse, ninguém sabe. Só foi.

– Então ela não queria manter contato, filho.

Jairo novamente assentiu.

– Sim...

– Dê tempo ao tempo, ele pode te ajudar mais do que qualquer outra coisa. É como um curativo. Quando você vê, ele já foi colocado.

– Obrigado. – limitou-se a dizer.

– E não se esqueça que eu estou aqui pra te ajudar. A gente não tem muita coisa, mas tem Deus e nossa consideração.

O sorriso de Jairo subiu além da expectativa para o dia, embora o tempo de duração tenha sido pífio. Não se trata de paixão, mas de abandono, e isso dói três vezes mais – sabemos bem, diga você. Quanto ao abandono, resta ao tempo deduzir o momento de cura. Sábias palavras foram a de Beata, para nós e para Jairo.

– A tia ligou de volta? – Jairo certamente quis sair logo daquela que era uma das mór-bidas conversas na caixa de conversas que não teremos com ninguém.

– Não, filho. – Beata tocou o bolso e apanhou o celular para devolvê-lo.

– Obrigado, qualquer coisa me fala.

– E o pai?

– Logo volta, ele saiu.

– Entendi... Agora não sei como será amanhã no trabalho, se vai ter expediente.

– Verdade, depois precisa procurar saber.

– Quando eu estava voltando, vi um palco ser construído perto da Paróquia.

Beata ficou em silêncio, um tanto quanto assustada pela notícia inesperada tanto quanto potencialmente insignificante.

– Alguém vai se apresentar?

– Não sei. Acho, pelo visto, que é por causa da eleição.

– Acho que o vencedor vai comemorar com o pessoal dele.

Desdém? Não sabemos, todavia, Beata preferiu dizer apenas aquilo.

– Provavelmente.

Jairo remexia o celular pela mão, tornando o aparelho de ponta cabeça, depois voltando à posição inicial, apertando uns botões, observando a mãe que já se levantou e remexia na vaga despensa. Anunciou que iria tomar um banho, estava suado e cansado

VICTHOR FABIANO

do clima hostil a pairar pelas existências. Tal clima fora anunciado em todos os jornais disponíveis à venda, ou nos noticiários veiculados na televisão, este aparelho pouco usado na casa de Beata, porque provavelmente o gasto de energia seria muito alto ou à Beata não apetece os louváveis produtos do entretenimento chegados às redes de TV da Vila; o único momento de tevê ligada coincide com as transmissões de missas e apresentações musicais religiosas, imprescindíveis para abençoar a casa, quando Beata decide pausar as atividades da casa, ou levantar-se da cama, para fitar a televisão de olhos cerrados e mãos no coração – ela diria que é um refúgio para a alma.

PRAÇA DOM JOSÉ DE
ASSUNÇÃO RONEM, S/N

O comitê de organização da campanha de Mendonça de Menezes trabalhava por puro suor; aprontava um palco no qual a vitória do agora eleito vereador teria comemoração pública aos seus partidários. Exatamente ali na Vila, tão próximo da Paróquia quanto alguns fiéis católicos. Não basta dizer a consequência do ocorrido, o quanto reverberou, na mente do nosso conhecido padre, de palavras de maldizer e escárnio – não as palavras literárias – aos desejos de findar a pretensão da comemoração; e não deu outra. Padre Joaquim classificou a atitude do comitê como provocação na mensagem dirigida à Diocese por telefone, determinando por escrito aos responsáveis pela construção do palco a imediata paralisação dos trabalhos.

– Disseram que ele já estava a caminho... – murmurou o Padre a Gabriel, aos pés da imagem de São José, postos ali em pé à conversa.

– O seu recado já foi dado.

Padre Joaquim vinha de uma longa conversa com Gabriel, da qual o trecho anterior é o começo do fim. O pároco evitou dar as caras à rua, à luz ou a qualquer público capaz de enxergar suas olheiras profundas e a inexistência dos circuitos do seu pensamento. Se a nós nos é permitida a visão do cansaço, aos outros seres também. Àquela altura, o peixe-dragão estava prestes a, ele sim, dar as caras ao mundo e dizer ao que veio. O desejo de seu âmagô...

– Cancelaram tudo?

– Sim. – acalmou-o. – Em breve a própria prefeitura dará um ultimato, porque alegamos que aquela área não comporta o público pretendido pela organização.

Santo Gabriel!, exclamou o padre ao seu peixe-dragão, antes que das águas ele vomitasse o fogo raivoso; mantenha-o aí, Padre, rogamos apenas isto.

– Não vai ter jeito, Padre.

– O quê, meu filho? – assustou-se repentinamente.

– Vai ter de conversar com o vencedor.

– Ora... – sorriu à ironia, batendo uma mão contra a outra – e você acha que eu já não sei disso?

Gabriel devolveu o sorriso irônico, desvendando assim as artimanhas do pároco com os negócios políticos da Vila apenas por meio de um inocente comentário, ora inoportuno. Havia uma palavra presa em sua boca, engasgada, querendo sair ao questionamento.

– Alguma notícia sobre Benedito?

Padre Joaquim fixou o olhar em Gabriel, querendo evitar qualquer resposta à cortante pergunta. Contudo, como é virtude dos mais avançados e santos, retornou igualmente cortante:

– Me diga tu, caro. Você é quem traz as informações.

– Eu busco. – alegou firmemente, mas sem faltar à educação ou ao conteúdo das aulas de etiqueta – Ao senhor elas chegam.

Padre Joaquim deu-se por vencido na luta retórica. Suspirou uma vez e lascou:

– Não, nada revelador. Apenas a notícia de que a polícia já cercou o lugar e estão fazendo as primeiras buscas.

– Suspeitas? – eis aí a outra palavra que urgia ser livre da boca de Gabriel.

– Muito cedo, mas se foi assassinato, foi dos organizados.

– Não tem vestígios?

– Pra saber, eu teria de estar lá acompanhando. E eles não divulgam essas informações. Que fome de jornalista você tem!... – o padre tocava no peito de Gabriel com a ponta do dedo, como quem faz pequenos movimentos direcionados de “tome cuidado, o próximo passo é o abismo”. O próximo passo de Joaquim foi tomar o assento da cadeira para si.

– Verdade. – Gabriel preferiu não forçar mais a barra, vamos à sinceridade dos fatos.

– Resta esperar...

– Mas como ficou sabendo disso?

– A famosa imprensa, que tem acesso a tudo. Essa parcela que sabe de tudo, entende?

– Eles divulgaram... – repetiu para si, lentamente, como se a contagem dos segundos tivesse assumido a lentidão dos minutos. Mantivera-se absorto ao tempo e ao espaço, similar à tomada de uma anestesia que vai aos poucos adormecendo os sentidos.

– Ave Maria, Gabriel! Não fique assim, assustado.

– Não esperava que ocorresse...

– Vamos aguardar o que tem a dizer a polícia. Conversarei hoje com Armando, o irmão de Benedito.

– Pode vir alguma notícia dessa conversa?

– Sim, mais fácil do que esperar a polícia.

– Entendi.

– Conversei também com Eduardo. Telefonemas que ocupam tempo... – riu – Ele estava estranho ao telefone, enfim... disse que não foi sondado por Menezes sobre o igreja evangélica, essa coisa de aluguel ou venda de terreno.

– Sei o que quanto isso tem ocupado um tempo de preocupação.

– ... tempo é pouco! – soltou numa só tacada ar pelos lábios de forma repentina, vibrando-os – Tem muita coisa em jogo.

IGREJA DA VILA

- Por que ele estava... “estranho”?
- Não sei, o tom de voz, uma certa forma econômica de dizer... Não sei. Pode ser coisa da minha mente atribulada.
- Pode sim, isso também pode ser.
- Faça-me um favor, Gabriel. - o padre moveu-se na cadeira em direção à gaveta. - Toma este papel, preciso que passe a limpo e me diga o que achou.
- Certo. Farei. - Gabriel não queria que qualquer outra palavra saísse de sua garganta.
- Agora descansarei. Andiamo!
- Sutilmente, Gabriel recebera o convite para deixar a sala. Padre Joaquim se meteria a fazer qualquer coisa que exigisse total cautela e falta de comprometimento aos ouvidos de terceiros. Iria descansar, certamente, mas não antes de ligar para Armando - havia acabado o tempo à espera. Das ironias oferecidas pela vida, se é que este estar conflituoso possa resumir-se numa simples palavra de quatro letras e acúmulos, a espera é a principal e, dessa espera, outra ironia é digitar número por número para efetuar um telefonema que busque abordar o contexto da misteriosa morte de Benedito, cujo irmão doutro lado da linha atende energicamente, num susto.
- Padre Joaquim?
- Meu filho, sou eu!
- Obrigado pela ligação, Padre.
- Imagino que esteja num momento difícil.
- Estamos todos...
- Está na Vila?
- Não, estou no diretório municipal do partido... - fora interrompido de novo.
- Não diga muito, apenas te liguei para calcular qual o melhor momento para uma conversa presencial.
- Pois então, tive de cá vir, e além do mais vamos tratar do velório de Benedito.
- Me fale um dia.
- Nos veremos amanhã, certo? Não preciso dizer que o velório será aí na Vila.
- Não havia imaginado... - gaguejou o padre - Mas será uma honra, embora uma honra das mais tristes...
- Será, sim. Assim faremos jus ao trabalho de Benedito.
- E no partido?
- Nenhuma comemoração. Apenas balanços. - ressaltou.
- Tem meu apoio para o que precisar. Te aguardo, Armando.
- Certo. Já sinalizamos nosso interesse de aí fazer o velório, provavelmente será feito o contato.
- Certamente. Estou esperto aqui aos sinais.
- Obrigado, Padre. - pigarreou, e poderíamos presumir uma anterior choradeira - Preciso desligar.
- Deus abençoe, Armando.

VICTHOR FABIANO

– Amém. – a última palavra, no caso o “assim seja”, acompanhou-se do sinalizar de término de chamadas a apitar.

A luz do sol começava a invadir o espaço da sala, para depois esconder-se finalmente na escuridão dos escombros do dia. Padre Joaquim pousou o telefone em seu receptor/ finalizador de chamadas, pousando também o rosto sobre a mesa; a cabeça acima dos braços e a alma doendo.

Era o momento para as comemorações. Não havia um minuto passado àquele dia sem um sorriso no rosto de Judite, sem que os problemas lhe tivessem desaparecido pelo ralo, abaixo e para sempre. Pelo menos eis aí o que sentia, o que dizia nas mensagens que escrevia aos colegas, ou melhor: irmãos de fé, é o conteúdo sentimental que está a ocupar seu coração. Durante a madrugada, dormiu pouco se comparado ao sono de Mendonça de Menezes; na prática, pregou os olhos umas duas vezes durante períodos curtos de tempo, e o tempo pela madrugada corre como maratonista. Salve-se quem puder, ou durma quem puder! E Judite sentia-se na obrigação de fazer vigília constantemente, quem sabe sua forçada estadia ali, querendo fazer da noite um grande dia ansioso, colaborasse no sucesso dos resultados eleitorais. Não dormir lhe serviu de guia, foi a chave para sua emoção. Quando menos esperava, recebeu uma mensagem lhe avisando: o vereador acabou de ser anunciando um dos eleitos. Tapou a própria boca e saiu gritando, em silêncio, os melhores dizeres de comemoração para alguém que não dormiu. Não havia música cujo potencial chegasse aos pés do potencial do canto da vitória, essa tal música que nem sempre ouvimos, outrora recordamos com saudades. Saltou pela sala, saltou pela cozinha, evitando chegar perto dos cômodos onde seu marido e seu filho adormeciam o sono dos descomprometidos. A primeira ligação recebida discou-se da cidade vizinha, partindo de um “vencemos!” em direção ao “até amanhã, irmã!”. O conteúdo da conversa pouco nos esclarece o que virá adiante à nossa narrativa, mas vale documentar o brado de vitória contínuo a cada segundo do telefonema, ou algo como “valeu a pena ter esperança!”, ou ainda “o Senhor é em nossas vidas”. No mesmo telefonema, de conteúdo totalmente informal e de baluartes enfeitados, avisou-se a convocação: o pastor marcou um culto de comemoração para amanhã às seis da noite. Meu caro leitor, não se esqueça de que este parágrafo tem se preocupado com, novamente, a documentação dos fatos e, para tanto, está recuperando o já ocorrido.

Nesse exato momento, Judite se prepara de sorriso no rosto para o citado culto de comemoração, às seis da noite, embora ainda sejam quatro horas. Adentrando ao império do tempo justamente marcado e concretizado, na figura dos segundos, das horas,

dos minutos e doutros enigmas, no presente entraremos à matéria que por ora foi ignorada neste compêndio: é dia seis de março de dois mil e seis, uma segunda-feira, dia de cansaço e lamúrias, mas não aos vencedores: os vencedores sempre comemoram! Ontem, portanto, dia cinco, os vencedores eram apenas ansiosos espectadores da eleição que ocorrera. Durante a madrugada, efeito próprio do império do tempo justamente marcado e concretizado, os ansiosos tornaram-se ansiosos e comprovaram por seis mais seis que o tempo realmente nos conduz sempre ao seu poder, sem saídas. Ele pode testificar a vitória a uns e a derrota de outros. Criou-se em passado, presente e futuro e de futuro nada entendemos. Valha-me, Deus, que então a morte é parceria do tempo tal qual são as nuvens da chuva!

Passara a eleição sem pestanejar e ali Judite se contentava nas arrumações para a comemoração na igreja, noutra cidade. Vez ou outra, mas nada suficiente ao cansaço da sanidade, a imagem aterrorizante de Benedito lhe estendia a mão. Dessas coisas humanas, o medo do desconhecido nos assombra antes mesmo de termos o medo propriamente dito; agora, um defunto quase eleito não causa tanto assombro se o coração da senhora não se entregou fatalmente à eleição, não açoitou as relações, não deixou de lado a razão; se o coração da senhora não tivesse entendido a natureza da briga pelo poder: ou vencemos nós, ou morrem os outros. Ou morremos nós também; no mínimo trágico, comentou Maquiavel séculos antes de Judite vestir-se no advento da vitória de Menezes. O suposto caso descomprometido linhas atrás citado, efetivamente, não é o caso particular de Judite. Ela foi a senhora que se entregou aos votinhos e a toda sorte de esperanças. É uma bagunça tremenda. Exatamente essa bagunça ronda a mente de Judite no compartimento das sabotagens desregradas. Quem fora o autor da morte?, pois em nenhum momento lhe desceu goela abaixo o espinho do peixe. Não se tratava, e o tempo nos dirá sem delongas, de um suicídio, arriscava Judite. Ou seja: de um crime contra o seu próprio império do tempo, contra o próprio coração. Sentindo na pele a natureza das brigas eleitorais, a figura de Benedito percorria as terríveis fantasias coletivas, portanto aterrorizantes, de sua mente, mas acalmava-se: nada tem a ver consigo, nada tem a ver com sua família, ou sequer é um caso isolado; envolve a coletividade da Vila, envolve o município. Então acalme-se, Judite, afirmou o pé no chão. O que teremos a dizer à moça, leitor? Devemos ajudá-la enviando vibrações de calma, como o vento envia brisa à beira-mar? Confiaremos em Judite, confiaremos que seus sistemas de pressão farão a atmosfera circular de seus nervos retornar à calma, eliminando a ventania.

Judite apanhou uma bolsa jogada na cama, na qual encontram-se sua Bíblia e pertences pessoais, deu os passos necessários para sair do quarto e foi. Em poucos segundos estava na porta da sala, abriu-a, deu adeus aos cômodos, esqueceu de dar um beijo no filho, com o marido está sem falar, e saiu. O trajeto a percorrer consistia em caminhar ao ponto de ônibus perto da Paróquia, aguardar o ônibus dar as caras, parar a correria, dar embarque aos seus expectadores e decidir se enfrentará o dilema pessoal entre fumar o cigarro que estava escondido dentro de um blazer de aparências agradá-

IGREJA DA VILA

veis à etiqueta ou jogá-lo ali mesmo na rua, para queimar com o sol e depois carregar-se para o esgoto quando o tempo decidir derramar chuva. Não devia fumar, pensava Judite, configurava crime contra sua fé e contra sua saúde, mas benefício aos nervos. Esses, de acordo com o antes suscitado por este observador narrador, não andava nos melhores trilhos. Introduziremos, aqui, portanto, a trilha sonora do drama pelo qual passa agora Judite, um aperto no peito e o angustiante precisar saber logo, rápido, pois se o ônibus chega, adeus, à porta da Igreja é que não dará de acender um cigarro e oferecer ao pastor: toma, é o que temos para hoje. O isqueiro na mão, duas derrotas no bolso, acendeu o cigarro e tragou na velocidade do raio. Ou quase assim, rápido na medida de tempo para perceber o ônibus chegando, dentro do horário previsto. Parou ali, exatamente no ponto. A porta fez-se abrir, o motorista não sorria como nos outros dias, “boa noite”, saudou Judite, “boa noite”, cumprimentou o motorista, cumprindo o protocolo de algum Código de Ética dos Condutores de Ônibus, que não dispõe em nenhuma cláusula sobre os parcos salários e possibilidades de dignas condições, e limita-se aos sorrisos que volta e meia deve retribuir os integrantes da categoria aos usuários. Judite entregou-lhe o passe, a passagem, para a aprovação imediata do motorista, cujo crachá “Jeferson” anunciava. Percorreu o pequeno corredor escurecido e acomodou-se de pronto num banco vazio com vistas à janela também escurecida. Era aguardar o tempo para topar-se na Igreja.

Já cá estamos noutra Vila, que mais parece outra cidade, desconfiança que teremos reforçada ao observarmos a placa indicativa informando que a cidade vizinha está ali pertinho, basta dar um pulo e transporta-se intermunicipalmente. O ônibus fez uma curva, parou agora e Judite está na porta aguardando-a dar passagem, saltar à rua e, agora sim, dar um pulo e encontrar-se com seus compatriotas de vitórias eleitorais e religiosas.

O ônibus nunca lhe demorou tanto para fazer o trajeto semanal, tão religioso quanto a própria alma ali disposta; de sua alma, aliás, os pelos do coração eriçavam-se, lançando a moda do nervosismo dali predominante, o sentimento de porvir jamais fora tão profundo. O comprometimento com o caminho custou um pouco de dor nos dedos, mas nada capaz de colocar em risco o sucesso dos passos rumo à chegada da comemoração enfim presente; ao advento da aproximação não há visão que o recuse, sequer a senhora-colega, mas que se autodenominará “irmã” na próxima vez que ouvirmos sua voz projetar-se ao universo, como adiantado pela narração: “irmã!”, provocando o abrir dos braços e um encontrar-se afetuoso, recheado das sintonias e do orgulho, digamos, coletivo, ou de comunidade, seja pela licença sociológica que aqui teremos para lançar mão do conceito comunidade, seja pela sua melhor concepção geral de senso comum. Quando uma comunidade comemora, prepare-se o líder doutra comunidade absorta, aí, pelo mundo, pois sua hora de comemorar chegará.

Sentem-se satisfeitas pelo efeito que o abraço provocou no orgulho de cada uma, na sensação abstrata do sentimento humano, no parecer objetivo oferecido à então comunidade formada por tantas outras sensações abstratas e unidas no entorno do fazer religioso,

além doutras pulsões objetivas que deixaremos de analisar: afastam-se, mas não do carinho, os braços de Judite são esticados e os efeitos anteriores se repetem. É, estamos já na condição de compreensão do caso: é hora dos cumprimentos. Sorte de Judite, pois o relógio não lhe cobraria o atraso nem sequer qualquer engraçadinho ali apontaria o dedo indicar ao braço roliço como quem observa a inexistência material de um objeto circular de ponteiros, mas exige por meio dos expedientes de uma brincadeira singela os efeitos das convenções de toda parte sobre horários e deveres. Contudo, faremos juízo sobre o caso, também não há tanto tempo a correr no relógio. Então, em alguns minutos, um sinal vocal percorre o salão para alertar os presentes: é hora de concentração. Vejamos, temos ainda alguns segundos para a feitura dos efeitos espaciais desta narração: o salão configura retangular, as paredes são brancas, algumas partes prejudicadas pelo passar dos ponteiros dos relógios, as cadeiras igualmente brancas estão dispostas em duas parcelas separadas por um corredor ao meio, o palco é marrom, do carpete mais novo, o púlpito é algo fino, sem adornos, e o apoio superior é de plástico, onde estão alguns papéis rabiscados, panfletos, uma Bíblia e outro microfone, provavelmente do qual fez-se o aviso geral, pois marcas de alguns toques de manuseio permanecem ao longo do cilíndrico. Chega perto do púlpito um homem cujo nome citamos nalgum momento, provavelmente quando da campanha de Mendonça de Menezes. Pastor Adelmo finalmente liga o microfone num botão capaz de acender uma pequena luz vermelha, aproxima-o dos lábios e conclama “a igreja para que se assente, vamos começar nosso culto de comemoração... Hoje é um dia especial, igreja” e os presentes, arrisco dizê-los fiéis, seguem a recomendação do homem ao microfone. O sorriso estampado também convida cautelosamente Judite e outros fiéis ao púlpito. “Nosso trabalho não foi à toa, não plantamos as sementes que não colheríamos, veja bem o que diz Malaquias no capítulo três, versículo seis” e nos colocamos a imaginar que o Pastor abrirá sua Bíblia para procurar o referido endereço bíblico, mas ali em sua certeza permanece, a saber bem o que dirá “porque eu, o Senhor, não mudo, por isso vós, filhos de Jacó, não sois consumidos, e olharemos para o livro de Gálatas, que pode servir bem para o que eu disse” enquanto alguns fiéis reagem ao proferido com as palavras de exaltação ao poder de Deus, “em Gálatas capítulo seis, versículo sete a Bíblia diz: não erreis, Deus não se deixa escarnecer; porque tudo que o homem semear, isso também ele ceifará”. Houve uma pausa, e outrora apenas sabemos por qual razão porque o pastor fechou os olhos, apoiou o braço direito no púlpito, abaixou a cabeça e balançou-a repetidas vezes, indicando um sinal de profunda emoção, da espécie dos avisos “olha só isso, é inacreditável”, comprimindo os lábios de sorriso apertado. O preletor ali ficou segundos e segundos aos sons crescentes de emoção religiosa aos pequenos trechos relatados por pastor Adelmo, do qual o tiro verbal fora certo no coração inflamável das ovelhas. Não há palavra de Deus que seja insuportável aos ouvidos humanos, diria em algum lugar de algum livro sagrado as sabedorias populares dos experientes religiosos que aguentam a queda e prosseguem em vida. Mas a palavra dirigida aos ouvidos parecia ser quase insuportável, de mérito positivo, é claro, mas ensurdecedora. E quando não queremos ou não podemos ouvir, apenas gritamos.

IGREJA DA VILA

A mensagem pretendia levar o seguinte à igreja: “Deus!, bradou o pastor, jamais deixa seus filhos em vão! Plantamos nosso trabalho e ele permitiu que a gente colhesse todos os frutos”. O quase um minuto de pausas verbais do pastor confluiu energicamente, entregando-se ao real objetivo, ao vértice da pregação, sobretudo ao vértice da razão de uma reunião extraordinária de todos e todas, estes aumentando a intensidade de suas emoções comemorativas, perpassadas pela batida violenta da mão pastoril contra o púlpito, como de um anúncio para que os visitantes do palco começassem a execução de uma música, produzida por instrumentos, inaugurando-os o som da bateria, e por voz cantada. Espanto, para nossas avaliações às pretensões artísticas e culturais: Judite canta num dos três firmes microfones sobre pedestais. Ao serviço da segunda etapa de nossas avaliações às pretensões artísticas e culturais, indicamos o conceito “bom” ao seu timbre. Judite sentia extrema felicidade ao cantar, a verdadeira sensação de readaptação à vida em constante busca por cada ser humano, ao nascer mistério, ao crescer tarefa, à idade adulta uma certa readaptação de sentidos para evitar que as condições violentas da realidade produzam uma loucura.

Eram vozes e forças reunidas a entoar o “cântico do agradecimento”, pelas palavras de Adelmo, que interrompia a cada dez segundos a cantoria para dirigir alguma palavra de contextualização à igreja, envolvidos pela melodia e pela letra, a seguir:

*“Eis o meu louvor, Senhor Deus
De toda minha alma,
Quero agradecer pela minha vitória
Para sua honra e glória,*

*Esperei na sua promessa,
Confiei na tua providência,
Recebi a sua bênção, meu Pai
Sua bênção mudou minha vida,
Me tirando do abismo e
Mostrando o melhor caminho a seguir
Contra a escuridão do mundo*

*E eu aprendi que a vida,
Meus sonhos e esperanças,
Que tudo isso só faz sentido em Ti, Jesus!”*

Pastor Adelmo indica com a mão, em um gesto, a intenção de parar a música e o líder do grupo de louvor avisa aos demais sobre o recado. Reaproximou o microfone perto dos lábios a fim de proferir algum pronunciamento importante, até porque parou a música que tão bem tocava, passou o desabafo pela mente de um dos fiéis tocados pela sensibilidade da declaração religiosa, que repousou a mente antes elevada aos céus no

VICTHOR FABIANO

peito, reabrindo os olhos e pondo-se a ouvir cada palavra que viria adiante. “Temos hoje um recado do nosso amigo, e agora vereador, Mendonça de Menezes, que vai falar com a gente por uma mensagem que gravou hoje especialmente para a igreja”, Os sorrisos estamparam-se com grande virtude, reavivando a emoção antes proporcionada pelo louvor, e estavam acompanhados pela curiosidade altiva de quem queria saber por onde as doces palavras de vitória ressoarão; por isso mesmo um menino mexeu rapidamente em direção a uma mesa, mexeu no velho computador ali parado, certamente sentindo a pressão da expectativa pela mensagem, e nesses momentos não existe acaso que venha para o bem, para o auxílio, ao contrário: tudo passa a dar exatamente errado, seja pelo desespero, seja pelo deus tempo que quer reassumir o posto de comando, ordenar quando as tarefas serão, de fato, executadas, contra o homem que quis tomar para si tal responsabilidade no momento que levantou-se e se pôs a correr em direção ao computador, provocando preocupação no pastor; se alguém não determina o destino, não lho diga que coincidência é do destino coisa demasiado diferente. Mas deu certo, enfim a mensagem veiculava-se num telão. Um entusiasmo gritante.

RUA JERÔNIMO MADURO DA
SILVA, 171 – FORA DA VILA

Depois de tomar banho, arrumar algumas bagunças jogadas pela casa vazia, como papéis, embalagens de comida, material de campanha agora desnecessário e já ultrapassado, estendeu as roupas pela cama e ajustou as peças a vestir, combinando da melhor forma de acordo com o humor e o momento. Vestiu peça por peça, sentindo certa dificuldade pois uma das peças apertava onde não devia. Olhou o reflexo no espelho, está bem vestido, afinal, concluiu, tendo em vista a entrevista que daria e a gravação pendente a alguns apoiadores. O relógio lhe gritava o tempo correndo, sem delongas era hora de descer a atender ao chamado da campainha, que também é uma forma de gritar o tempo. Desceu as escadas tomando cuidado para manter-se firme, arriscou que não poderia acabar falecido em casa como o outro candidato de quem muito se fala; à porta, uma equipe provavelmente encarregada pela gravação de suas mensagens aos apoiadores, uma espécie do agradecimento mais singelo e cuidadoso, ainda que os textos do roteiro fossem os mesmos a todos os endereços de todos os apoiadores em questão. Carregavam câmeras, tripés, instrumentos de iluminação e uma maquiadora logo solicitou ao vereador tomar um lugar de preferência para que ela fizesse todo o aparato da beleza.

Mendonça de Menezes observava vez ou outra por um espelho pequeno agarrado em uma de suas mãos o resultado do trabalho de maquiagem, querendo liberar à profissional algum desabafo sobre o quanto a correria das visitas pela sala causava uma certa confusão aniquiladora de paciência e produtora de inquietude, sobretudo à mente afetada pelos riscos e pressões de um recente processo eleitoral e de recebimento das notícias resultantes desse arsenal da democracia. Logo a correria parou, os equipamentos assumiam suas posições respectivas e os anteriores apressados agora encaravam Mendonça de Menezes sentado à cadeira ao fim do processo de maquiagem. Em alguns casos não existem produtos humanos possíveis na contraposição à determinação do tempo, nem sequer o estado de espírito. Joana, eis o nome da profissional, indica ao vereador o término do processo, liberando-o para as devidas gravações.

– Agradeço a vocês pela presença tão pontual... – sorriu.

VICTHOR FABIANO

– Nós que agradecemos pela confiança – retornou aquele que parecia ser o diretor dos presentes.

– O trabalho de vocês é muito bom. Fiquei aliviado pela disponibilidade, assim... tão pronta...

– Obrigado, de verdade, estamos felizes. O senhor chamou, é uma ordem. – parecia um tanto quanto perdido.

– Seu nome, qual é mesmo? – espremeu os olhos.

– André, vereador.

– Maravilha, André. É que esqueço às vezes.

– Imagina...

– Confesso que fiquei um pouco atrapalhado com a agitação de vocês. – Mendonça de Menezes remexeu a cabeça, coçando-a.

– Desculpe...

– Não, não se preocupe, faz parte do trabalho...

– Sim, mas não queríamos perturbar... – veja, André respondeu, tentando esconder no bolso a timidez do comentário amistoso de Menezes.

– Sem problemas. – buscou desanuviar o clima rarefeito da situação. – Vamos lá, vocês já prepararam tudo. Imagino que desse jeito já está tudo certo...

– Sim, sim, senhor. Arrumamos de acordo com o que experimentamos da outra vez que fizemos um trabalho parecido e arrumamos algumas posições erradas.

– Certo. – pausou. – E passaram pra vocês o texto, certo?

– Sim, claro... O senhor já sabe?

– Sim... – balançou a resposta – Farei do meu jeito, isso que tá aí pronto é só um exemplo.

– Ah, faz sentido. O senhor fala sem decorar o discurso, isso é uma boa.

– Sim, sempre fui assim.

– Então basta avisar a gente sobre quando quer parar, retomar, fazer de novo. Coisas assim... tudo bem?

– Certo.

Menezes arrumou a calça, rumou-se à cadeira posicionada pela equipe de filmagens, acertou-se com o espaço de assento e rapidamente deu o sinal de permissão ao início, provocando em André um movimento positivo aos outros colegas que pareciam não existir aos olhos do vereador. Não precisou de um “ação!”, tão somente a mão de André liberando o operador de câmara para ligá-la e tomar nota do que ali estava para acontecer. Mendonça de Menezes começou um discurso e logo, bem logo, parou. Abaixou a cabeça em sinal de autorreprovação, esboçando um torcer de lábios cujo peixe-dragão jamais aprovaria a um homem público, muito menos àquele momento de gravações essenciais à carreira. Levantou a cabeça, moveu-a de um lado para o outro como quem quer recolocar-se no eixo e tentou de novo gravar após o pigarro da garganta ser violentamente enviado goela abaixo. Não deu certo, afinal, Menezes tentava enxugar os calafrios à testa que saíam a transpirar algumas gotículas de suor. Os visitantes

IGREJA DA VILA

entreolhavam-se, demonstrando certa preocupação de método, sobre como proceder numa situação demasiado inesperada; doutro lado, esperavam do líder uma resposta certa ao impasse. Podemos tentar novamente.

– Vereador, na última vez que gravou, experimentou usar o texto?

Mendonça hesitou...

– Acho que não vem ao caso usar esse aparelho...

– Mas talvez ajude.

André não sabia se era uma boa ideia recolocar a proposta, mas arriscou, ao que retorquiu um engolir em seco repentino de Menezes. André apanhou uma bolsa escura e retirou de seu interior uma parafernália de cor preta, cuja tela verga à diagonal e parece querer fechar-se de súbito. Lento e gradual, abriu o aparelho e apresentou-o ao vereador sem parecer que estivera caçando um recém-nascido sobre o qual todos devem os detalhes do rosto e do semblante recém-anunciado ao mundo.

– Esse é o aparelho que passa o texto. Podemos instalar?

– Sim. – sem demora Mendonça de Menezes resolveu aceitar a presença do estranho, ensaiando um sorriso amarelado.

Virou-se parar arrumar o aparelho como exige o protocolo técnico, aproximando-se um dos colegas de trabalho para solicitar algumas necessidades, provavelmente seria aquele o operador do novo instrumento em cena. O rosto de Menezes caía abatido combinado ao olhar que não queria demonstrar-se decepcionado com a situação, deixando passar pela mente conflitos e memórias obsoletas ao momento, desnecessárias, inviáveis, sórdidas ou nostálgicas, seja qual tenha sido o julgamento do vereador, fora um desses que aí estão; o turbilhão aprofundou-se num exagero tremendo e o ritmo de percalços à mente fora apenas interrompido quando o jovem diretor anunciou a possibilidade de retomada da gravação. Gravação, qual gravação?, geriu a mente de Menezes no susto, sendo forçada a restabelecer a presença no ambiente, vidrando e esforçando os olhos espremidos à leitura de letrinhas paradas. Está tudo certo?, questionou André. Mendonça de Menezes assentiu. Deram o sinal. Agora vai!, arriscou o otimismo de André. As letrinhas desciam a tela e o vereador, seja com astúcia, seja com real habilidade jornalística, encenava a leitura do texto na tentativa de equilibrar as olhadelas ao aparelho e ao objetivo principal, mais conhecido como câmera. O que vem a seguir é o fatídico texto encenado por Menezes:

“Meus queridos apoiadores, povo que me elegeu e trabalhou pela vitória da luz contra o obscuro, contra valores que tentam atacar nossa família e nosso bens, nossos valores. Falo com vocês que estiveram sempre na luta contra a subversão. Hoje sou declarado vereador eleito e tudo isso é graças a você, que trabalhou pela eleição de nossas ideias e contra toda essa corrupção que se alastra na política. Sou, hoje, apenas um vereador, mas que tem no coração todas as intenções para lutar contra o avanço de gente subversiva e, principalmente, de parasitas familiares que em nada contribuem para o desenvolvimento de nossa cidade. Além de tudo, tenho as armas também: vocês. Estarei ao lado das famílias pela defesa de seus

VICTHOR FABIANO

valores, contra a invasão de irresponsáveis ideologias nas escolas e pela liberdade de todos. Ganhamos hoje e precisamos continuar ganhando. Vocês são meus aliados nessa luta que não se venceu sozinha e que não será mantida sem vocês, já que os outros são forças perigosas e nada inocentes. Unidos fazemos mais, somos mais fortes. Muito obrigado!"

O acima detalhado foi enviado, já, tão logo, bem rápido!, aos vários apoiadores da candidatura de Menezes – indispensável recordar o sempre necessário processo de edição dos materiais gravados, especialmente deste. Recebiam o recado pelos endereços eletrônicos, mídias sociais e os responsáveis por suas respectivas instituições, munidos do material audiovisual, tratavam de caçar um jeito para fazer o agradecimento de Menezes chegar aos ouvidos dos associados. Foi, então, o caso da igreja de pastor Adelmo, da qual o impacto esteve já impresso nestes relatos. A partir de agora, os apoiadores estavam incumbidos da tarefa de manter os braços erguidos ao apoio do mandato do vereador que, ao que tudo indica pelo proferido por seus lábios políticos, ou está em risco ou colocará em risco – ou passará por sérias dificuldades que ao leitor ainda não é cabível saber. Ao som da última sílaba do discurso sobreveio um sorriso, um aguardar pela liberação da cena montada, um suspiro profundo e um levantar-se do lugar para cumprimentar contidamente o diretor e sua equipe, expondo uma pressa presente em seus dedos, braços e agitação em busca de sua carteira, chaves e convidando os presentes à saída, pois “tenho que estar no diretório em alguns minutos para a comemoração”.

PRAÇA DO GATO PRETO, S/N
- FORA DA VILA

Era a cidade um emaranhado de fios conectados entre si para levar energia, comunicação, agitação e os toques de urbanização à consciência de quem ali vive, desconectado embora correndo ao trabalho sem qualquer outra pressa além a do relógio, esse senhor do tempo que demasiado nos corrói preso ao braço. Árvores raras como os cantos dos pássaros, que deram espaço à miséria e à marginalização das pessoas, reconhecidamente eleitoras cidadãs e coisa e tal, uma igreja estonteante de dar tontura para olhar acima de suas torres e belíssima construção do poderio arquitetônico, outras barracas a ofertar os variados tipos de alimentação espalhadas pelo espaço circundado por asfalto e carros da praça, além dos prédios, prédios distintos entre si, contudo da cortina fazem forma exemplar e uniforme ao longe. Na Praça do Gato Preto está o Diretório Municipal do partido Liberdade Para Todos, não aquele partido de Armando e do falecido Benedito, mas o partido de Mendonça de Menezes, filiado à referida sigla há uns bons tempos, tempos de amizade, coloque aí uns meses na conta. À conjunção dos ditames geográficos e da disposição da Praça, passou-se despercebido os caracteres que aturdiram frontalmente Menezes quando queria adentrar-se ao prédio do Diretório, agora já se encontra lá livre dos questionamentos “que não deviam existir”, assumiu: vários jornalistas, com suas câmeras, microfones, carros, curiosidades e “imbecilidades”. As aspas indicam as constelações de Menezes chocando com os mapas amorfos da teoria astrológica da política que seriam desenhados no encontro ao qual Menezes dirigiu-se. Antes de tomar a cadeira à mesa diretora, Menezes exclamou as poucas palavras anteriores, subiu as escadas apressado, dispensando as fotografias de alguns fãs, cumprimentou apenas alguns presentes, “quem realmente importa”, desenhou mais uma constelação tendo como ajuda o peixe-dragão, cuja visita à garganta quase despontou-o para fora, concedeu finalmente umas palavras amigas a uma moça segurando um microfone; pensamos que Menezes tinha medo do artefato, quase sentou-se mas evitou o contratempo quando o presidente do diretório o convocou para assentar-se onde está agora. Coisa de segundos e Menezes arriscou a primeira palavra do discurso, sem que pudesse evitar as impacientes palmas. O ato marcante do discurso de Menezes, além das palmas tocantes de comemoração e vivas a um dos vitoriosos, o mais votado do partido, consistiu em tocar na ferida

aberta da morte de Benedito, um assunto evitado pelos políticos do município; a saber lhe cabia, certamente, falar uma ou duas palavras para não passar despercebido no trato do fazer política, “É necessário que a gente apoie as investigações da polícia, seu trabalho como importante instituição, mesmo que Benedito não tenha sido um exemplo de homem. Vejam só as suspeitas iniciais, são terríveis, não mostram exemplo nenhum para nossas famílias...”, e alongou-se por quase um minuto enquanto a plateia lhe deu o crédito necessário para financiar a gastura do guião. Logo depois Menezes levantou-se, abraçou os presentes na mesa diretora e sorriu uns dez minutos antes de tomar o carro e voltar à casa.

Certamente depois de chegar ao casarão, não antes nem depois, carro à frente da residência rodeado por gramíneas rasas e bem cuidadas, preparando-se para estacioná-lo e caminhar além da porta, verificou finalmente o celular e deu-se conta da ausência que provocou as chamadas perdidas ali registradas, algumas, dentre as quais um número que fez coçar sua mente como uma vaga lembrança que lhe foge para além do peixe-dragão, para tanto mais profunda, aguda. Decidiu retornar a chamada, apertando os dedos calmamente e aguardando os sinais telefônicos devidos. Um, dois, três e no quarto sinal um timbre conhecido de alento, cuja calmaria colidia com a exuberância dos pensamentos de Menezes, atendeu. E respondeu.

– Quem fala? – a voz doutro lado.

– Eu questiono o mesmo.

– Padre Joaquim.

Vagou como um gato revoltado ao remédio.

– Sim, aqui é Menezes.

– Satisfação falar com você.

Silêncio.

– Quero parabenizá-lo pela vitória!

– Obrigado, Padre.

– Quero convidá-lo para uma conversa aqui na Paróquia...

– Mas...

– Ou noutro lugar de sua preferência.

O padre pescou o peixe sem anzol. Menezes arriscou cuspir, jogar-se ao chão e fechar os olhos fingindo óbito, mas engoliu o remédio por fim. Remexeu-se no banco do carro e, para não ficar feio, fez um sorriso para acompanhar a resposta.

– Sim, será uma boa oportunidade.

– Pode ser esta semana?

– Sim, amanhã.

– Amanhã?...

Padre Joaquim aguardava um belo e sonoro “Daqui dois meses nos vemos, graças!”, mas a surpresa lhe estendera as mãos com luvas de pelica. Num pulo encarou por alguns segundos a agenda posta à mesa e retornou à linha telefônica.

– Certo. Seis da tarde.

IGREJA DA VILA

– Combinado. Até lá, então.

– Nos vemos.

A ligação foi desligada, Menezes abaixou a cabeça para procurar algo, mas havia caído nada. Por enquanto é isso sobre o dia de Menezes.

RUA DOS FLOREIOS, 374

Não perdoava ninguém: um sapato novo, o sapato velho furado, o tênis para a correria, as senhoras idosas a passear em busca do almoço, as crianças à escola, as árvores capengas. A chuva estendia-se por toda a cidade, retornamos a ela; afinal, aqui também está o diretório doutro partido, o Partido da República, quase precisando acionar por sua vez o corpo de bombeiros pelo volume da chuva que, à rua, não causou um bom efeito. “Chuva malcriada”, choramingou Armando, imaginando que poderia controlar o clima para além de uma prece a São Pedro. Armando poderia muito bem telefonar aos seus colegas empresários para reclamar sobre a chuva, a imensidão de água a cair não proporcionava o desejado, mas não obteria o mesmo efeito de descontentamento. Ele cá, eles lá, de conta bancária aberta e empreendimentos ativos no que tange ao benefício aos negócios, um certo lucro que qualquer catástrofe traria. Pensou em parar aqui, onde agora pisamos. Parou para pensar, decidiu ir mais adiante. O carro lutava contra a água, por pouco não precisou retornar, quando preferiu evitar qualquer desmonte e desistir de estacionar à Rua dos Floreios. Deu meia-volta e telefonou ao assessor, certamente um ser responsável cuja chegada fora tão antecipada quanto a chegada da chuva. O assessor não atendeu. Tentou de novo, nada de retorno. Armando bateu a mão no volante antes que a vontade fosse bater a cabeça; outrora inquieto, apertou novamente o comando necessário para retornar a ligação.

– Oi, Armando, desculpa, o sinal tá ruim.

– Claro, olha a chuva que tá... Foi cancelado, certo?

Silêncio.

– Alô?

– Não, Armando.

Uma palavra rasa soou, além do silêncio doutro lado.

– Me desculpa... – arriscou o assessor.

Armando retornou ao comando digital, apertou o botão e... desligou a ligação. Retornou ao volante, deu partida e decidiu ir a pé até o prédio em questão, ao Diretório Municipal do Partido; a aventura consistiu em: achar um estacionamento metros longe

dali, solicitar ao responsável um desconto e sair com o guarda-chuva sacado do porta-malas contra a precipitação. A rua vazia esboçava a solidão dos comerciantes teimosos ao ruir úmido do movimento dos clientes que ali passeavam horas antes, observando as fachadas coloridas esboçadas nos prédios cinzas querendo encontrar algum artigo necessário à compra do dia. Armando não queria nada, apenas chegar ao compromisso aparentemente inadiável. “Santo São Pedro, com suas sete chaves eu te imploro, te peço, te rogo, te convoco a abrir as portas dos meus caminhos, parar a chuva que cai sobre minha inóspita vida (...) Que assim seja”. Afinal, chovia muito.

Armando fechou o guarda-chuva após buscar distância da sarjeta por onde uma correnteza fluvial percorria levando todos os dejetos e sujeiras antes lançadas por alguém, passando por umas poças – incontáveis poças – evitando ser reconhecido e abraçando o próprio corpo como numa tentativa contra os abraços da chuva. A passagem, agora sim, estava liberada graças ao consentimento do porteiro que o reconheceu, o cumprimentou e lhe disse “tem muita gente te aguardando lá em cima”. Deveras, o porteiro não mente. Armando coçou a cabeça, secou algumas petulantes gotas pela roupa e pela testa. Deu sinal ao elevador, o elevador deu sinal a ele e subiram. Terceiro andar, é ali. Desceu. Foi cumprimentado novamente pela secretária do andar, liberando um sorriso torto à moça. Olhou o relógio, estava alguns minutos atrasados “graças à porcaria da chuva”. Ali está um grande auditório, iluminado às tantas, protegido da maldade da chuva, refrigerado como frigorífico, abarrotado de presenças das mais inesperadas para Armando. O assessor arrependido, ao vê-lo despontar à porta, o recebeu ignorando todo o episódio anterior – espero que tenha acompanhado – para abraçá-lo e recepcioná-lo. Entre os presentes assentados ou firmes na tarefa de ficar de pé, a maioria trabalha para algum canal de comunicação, escrita ou falada, ou comentada, ou sobre previsão do tempo, ou sobre esportes. E o esportista ali, agora, era Armando, a frente fria ali, agora, é Armando, o furo de notícias ali, agora, é Armando, o rompimento da barragem ali, agora, é Armando, o tornado ali, agora, é Armando. A má notícia ali, agora, é Armando. “Péssima notícia”, murmurou um repórter. Péssima notícia para quem?, podemos questionar. Armando rumou-se diretamente e sem pedregulhos ao palco no qual o microfone o esperava ansiosamente acompanhado doutros presentes. De um certo modo, chovia em sua mente e o cumulunimbus parecia não ter pressa de cessar a precipitação. À plateia, onde aparentemente chovia escuridão, as autoridades internas do partido e um assento especial, iluminado por uma aura cintilante de sabor autoridade, cercado por homens fardados de semblante carancudo, para além do sério, atenciosos à ocupante, cujo olhar penetrante permitiu por alguns segundos um singelo e tímido sorriso a Armando, que quase o ignorou por não percebê-lo transpassado pelos raios de sua nuvem.

– Agradeço a presença de todos vocês, especialmente da nossa prefeita... – pausa para aplausos dissonantes atonais e cortantes à tempestade. Armando engoliu em seco – Ela nos referenda com sua presença nesse momento tão triste. – Armando requeria para si algumas lágrimas, coçava de vez em quando a cabeça e torcia os lábios, apertava as

IGREJA DA VILA

sobrancelhas e abaixava os olhos ao chão -- e quero dizer que ainda não estou em totais condições para falar sobre o ocorrido... -- recordou com um estalo a espera do papel posto ali no púlpito onde já iniciara a fala, deixando escapar um descontentamento com o tropeço -- Recebi com muita tristeza a informação, talvez a mais desoladora dos meus dias, da morte de meu irmão, Benedito Ronem. Sua ida de forma tão estrondosa e repentina deixa em meu coração uma lacuna imensa, para além da ausência, da saudade. É uma falta basilar em minha vida, para todos nós, acredito com veemência. Benedito prestou forte contribuição à política do município, do estado e do país quando integrou a Comissão Nacional de Segurança Pública, tendo recebido convite do ministro à época. Aqui em nosso município esteve sempre de mãos estendidas ao serviço público. Todos sabemos bem o quanto Benedito contribuiu para cada âmbito da vida política do município, não deixando lacuna em sua biografia -- as pálpebras de Armando tremiam e seus pés queriam sair dali -- apenas em nossa história. Como irmão e único representante de nossa família, agora levanto minha voz em direção ao que nos resta -- hesitou -- meus caros amigos, insistir nas investigações, estar ao lado da investigação, prestar todo o apoio à investigação e colaborar como pudermos. Já estou disponível aos órgãos competentes para colaborar ao lado deles e também para cobrar as devidas explicações. Estou, e estaremos todos, aqui pela memória de Benedito, meu grande irmão que se foi. Deixou saudades, mas vamos adiante... Nesse caminho, só os fortes sobrevivem. Muito obrigado.

Não soou nenhum aplauso gratificante, capaz de retirar das mentes o sombrio tremular de memórias e sensações, cada um em seu íntimo sentir-se ferido. O fim da fala de Armando ecoou por toda sala por alguns segundos ao passo que o ex-candidato à Câmara abaixa novamente o olhar e move o corpo em direção às pequenas escadas do palco; em sua direção, liderando o elevado número de presentes caminhando ao seu encontro, a prefeita lhe estende os braços como quem deseja receber um amigo que acabara de descer de um avião cujo trajeto durou alguns meses. Armando retribuiu o gesto e a abraçou ao relance dos incontáveis flashes para as capas jornalísticas do dia seguinte. Julia Bernardo Lobo, magricela de olhos escuros e pele corada pelo sol, preocupava-se com o trágico acontecimento, pois para as consequências não havia remédio. Tocou o rosto tapeado de Armando sinalizando carinho. Dedicou-lhe as palavras sonoramente cuidadosas de apoio: “estamos com você”. Não bastou um segundo de tal consolação para que os repórteres da imprensa tomassem frente da situação e questionassem Armando com as mais variadas questões sobre peixe-dragão que ninguém ousaria responder. Armando, abatido e gaguejando alguma resposta torcida de negação à qualquer possibilidade de respondê-los dedicado e centrado, retorquiu finalmente “a eleição ficou para trás, agora é trabalhar”; contou fielmente com o apoio, esse sim, dedicado de seu assessor, ao impedir a aproximação íntima dos presentes ao corpo de Armando, este esqueleto direcionando-se à saída, ao elevador, ao térreo, despedindo-se aos passos apressados do porteiro e agradecendo entredentes a São Pedro pelo fim da chuva. O sol estava se pondo.

AVENIDA DO BURACO, 535 –
FORA DA VILA

O sol recolhia-se envergonhado, mesclando-se às nuvens carregadas do dia e aticando a evaporação dos vestígios da chuva derramados pelo asfalto ao tocar-lhes suaves traços dos raios solares. A cidade de Torre da Boa Viagem, assim chamada desde uns dois séculos atrás na história, é mesmo mais do que um pequeno município, no que concerne às extensões geográficas e populacionais. Vejamos os cálculos sobre a cidade publicados recentemente nos levantamentos federais: estamos falando de uma cidade de, para mais ou para menos, um milhão de habitantes e extensão considerável, um milhão trezentos e poucos metros quadrados de área. É fato, portanto, a capacidade demográfica do espaço geográfico do município que, a rigor, está abaixo do encontrado nos dados de cidades cuja área é similar. Em tal extensão, alguém poderia estabelecer um grande latifúndio e, pela miséria e concentração covarde da terra, alguém buscaria uma revolta agrária que seria frontalmente violentada pelos barões da terra e a catástrofe da repressão estaria à solta; não por acaso esta é particularmente a história de parte do território da cidade, um território sujo de sangue logo desocupado; determinou-se o esvaziamento definitivo da área, definindo-a como terras de interesse público, abandonada, vazia, ao passo da fome e miséria doutros. Aproximando com a lupa, outra parte do território resultou, portanto, numa cessão à missão de povoação da Igreja Católica, anos mais tarde instaurando um Seminário católico e a Vila São José de Assunção, por consequência. Estamos a tratar desses absurdos e nuances da história escrita e falada por razão da natureza distante e apartada da Vila em relação a todo o outro município, quando uma ferrovia fora desativada ainda lá pelos inícios da construção da Vila. As movimentações tornaram-se quase inacessíveis e o restante das bordas territoriais circundantes permaneceram em estado de conservação. Pois bem, o conhecimento nunca é demais, tarda mas não falha, por tal razão de natureza similar estamos cá na capital desses habitantes envoltos na fumaça urbana, perambulando de cá a lá sempre na expectativa de um novo começo, recomeço, sobrevivência, admirando o relógio para saber quando este fará a pausa monumental ao diálogo, encarando os prédios maciços e os carros, e aqui está a sede municipal da Polícia Civil, responsável pelas investigações da morte de Benedito.

Expulsaram o comunicado relatando a disposição, aos interessados, por parte do corpo investigativo da polícia a uma coletiva de imprensa, estas das narradas aqui, sobre os trâmites e trabalhos realizados por tais nas investigações sobre o falecido Benedito, ou melhor: sobre a morte de Benedito, estando este no enfoque dos holofotes das manchetes jornalísticas, dos comentários e burburinhos à ponta da orelha nas repartições policiais e políticas, nas escolas, parques, na vendinha da esquina, nos escorregadores dos parques de diversão, nos telefonemas secretos, nas confissões e nos comunicados policiais à imprensa. São pouco mais de um milhão, ou menos, de habitantes: imagine tantas bocas discutindo o mesmo acontecimento. Haja palavra!

É ali na Avenida do Buraco, guarde este nome para caso você queira enviar uma correspondência de agradecimento-sorte-ou-maldizer à sede, onde os carros derrapam no estacionamento frontal ao prédio, os jornalistas retiram suas credenciais expressas, os cachorros aproveitam a existência dos postes amarelados, as bitucas de cigarro quase mantêm-se acesas, transeuntes dos logradouros permeiam os paralelepípedos poliformes acenando às poucas câmeras dispostas nos tripés à distância necessária da porta principal e nutrindo esperanças espetaculares sobre o futuro discurso oficial da polícia. Poucas câmeras lá fora pois muitas câmeras lá dentro, poucos jornalistas cá fora pois muitos jornalistas lá dentro. Vamos adentrar. Encontramos alguns rostos familiares dos espertos jornalistas, entretanto não apenas espertos, mas condicionados às corridas – há pouco, presentes na coletiva de Armando. Um eco que não ressoa para todos, mas para nós sim.

O auditório é algo mais mirrado, uma arquitetura simples, abandono aparente, à parede principal emblemas da corporação e três humanos aparecendo, acompanhados e unidos, embora liderados por um homem cujo cabelo disse “adeus” aos montes logo ao amanhecer da vida, dando espaço às rugas nascentes nos afluentes da idade. Este mesmo achegou-se à tribuna, púlpito apenas aos mais descolados da lei e da formalidade legal, somando ao seu derredor policiais em busca de extrema segurança ao orador. Este disse aos poucos: “Caros colegas, jornalistas e autoridades aqui presentes, lamentamos antes de tudo o ocorrido”, aplausos, não!, “Recebemos, logo após a eleição, um chamado na Vila São José de Assunção, pela madrugada, para averiguarmos a suposta morte, que logo depois confirmou-se, de Benedito Ronem, ex-vereador e candidato ao mesmo cargo. Benedito foi encontrado morto”, ênfase aqui, “pelo seu assessor... logo depois a Polícia chegou e certificou-se da situação. Bem, o caminho que estamos percorrendo diz respeito à investigação que se manteve, até aqui, sem grandes revelações por conferir ao falecido importância biográfica e, certamente, privacidade à família. Na ocasião, encontramos Benedito morto em sua sala, sem grandes vestígios aparentes de violação de residência, acompanhado de uma seringa. Os materiais foram enviados à perícia, bem como o corpo, seguindo as regras conhecidas no devido tratamento dos corpos. Na seringa constatou-se a existência de uma substância conhecida como heroína e no corpo uma quantidade alta da mesma substância, o que indicou para nós a possibilidade de um suicídio ou um assassinato, o

IGREJA DA VILA

que poderia” ênfase novamente na última palavra, “configurar um homicídio doloso duplamente qualificado. Caminharemos na direção das duas hipóteses citadas, explorando e investigando constantemente, e considerando outros vestígios que apareçam no caso. Obrigado”. Abandonou a tribuna seguido pelos companheiros de fala, tendo os policiais a tarefa de bloquear os caminhos de passagem aos presentes, cavando um abismo entre as possíveis informações evocadas por questões especulativas sobre o caso por atitude dos jornalistas e a eventualidade de fazê-las.

RUA SÃO JOÃO PAULO II, 06

Eduardo observa direta e lentamente a cortina revolver-se para lá e para cá, como uma dança coreografada pelo maior mestre das artes desse calibre, dedicada especialmente ao seu vazio interior. Anoitece, o relógio determina umas oito horas da noite, porém não toca sequer uma chamada convocando-lhe ao celular para tratar duma notícia outra, porventura da ordem das notícias esperadas. Apenas mantém-se ali o balançar da cortina e o vai e vem de sensações, provocando um movimento enjoativo em alto-mar onde a viagem não tem hora para terminar. Segundos esparramados e o leve tocar do vento espreitando uma presença dentro do quarto iluminado pela luz da rua, incapaz, porém, de provocar qualquer sensação no semblante amorfo de Eduardo. Se ali há algum peixe-dragão, sabemos nós, mataram-no o coitado, ou fora de antemão enviado ao mais profundo da camada pré-sal, da qual não poderá emitir qualquer som, alerta ou reação aos humanos. É caso de impotência, dor, sofrimento. Impotência. Eduardo tardou a reagir, pois ao desespero não há remédio, imagine lá uma ação: alternativas estendiam-se aos seus olhos úmidos. Não passava por sua mente sequer um centavo.

Àquela madrugada, Eduardo retirou o calhamaço dos domínios ocultos: orou a Deus assim que se deu com os registros fotográficos oferecidos pelo remetente noturno. Deus só dá a revelação daquilo que é libertador, pois a própria Verdade liberta, pensaria. Um trovão anunciou a chuva. Buscou localizar-se num ponto estratégico onde a dor lhe seria menos denunciadora.

O envelope carregava um estranhamento, um obtuso malfadado estranhamento. “Merda...” anunciou sem querer pela boca de dentes cerrados que repetiu a mesma expressão com ódio e desdém, incapaz de crer, lançando o envelope ao chão após passar os olhos rasos pelas letrinhas compositoras de um recado noturno de cair o buraco em si mesmo, ao contrário do que seria o efeito costumeiro, o de cair a gente no buraco. Atônito, rabioso, colérico, furioso. O envelope encontrou no chão um amigo gélido e sem reação antes que Eduardo lançasse toda sua existência ali, colidindo contra o envelope e com a indiferença, sua antiga amiga, para a qual deu adeus ou expulsou-a, não sabemos, avesso à vida e proibido de outrora possibilidade.

Nesse movimento, revirou seu estômago violentamente, torcendo o pescoço do enjoo e, quase se arrastando, levou-se ao banheiro do andar de cima. Para tanto, apoiou as mãos no gélido chão, sobre o qual precipitavam-se as lágrimas densas, parou por segundos de soluçar a fim de evitar a saída escancarada da ânsia e conseguiu apoiar os pés no chão para ficar meio de pé, meio caído para sempre. A chuva foi mingando semitom por semitom no andamento musical mais lento.

O estômago revirou sua mente como um redemoinho à solta. Não havia saída, Eduardo forçava-se a colocar até o que não ingeriu para fora, impulsionando contrações violentas no abdômen, segurando a cabeça à privada aos tumultos de uma poderosa e catastrófica dor no centro da mente, física e intelectual, origem de uma tontura abissal ao buraco no centro do qual caía, caía e não conseguia levantar; dele e da dor. A escuridão do banheiro não permitia enxergar-se, a luz de vez em quando vinha pela janelinha dar-lhe as caras, o corredor, caminho ao quarto, tão vazio quanto sua esperança. As pernas tremulavam a ponto de bater contra o chão inesperadamente ao passo das tentativas forçadas de pôr-se de pé, cabendo tão somente ecoar em si a pergunta, fatídica pergunta: “por quê, Deus? Por quê?”, e poderíamos inserir dezenas de interrogações. Agarrou as bordas da privada, conformando-se em tocar nos vestígios do vômito derramados para fora dos domínios sanitários, forçou os braços num ato de esforço muscular e grunhiu erigindo-se pouco a pouco contra toda a ausência de forças humanas. Temos provas o suficiente da ineficácia científica no que tange à órbita da terra no sistema solar: não está em jogo a terra girando ao gosto do Sol, está em jogo a mente de Eduardo girando a contragosto em sua própria penúria, sem delongas e outros expedientes, configurando seu próprio sistema solar, pelo qual orbitam as desgraças ocorrentes a senti-las no peito a dor, as memórias da saudade que nem se foi, todavia já mostram as ventas, tal qual nebulosas desconhecidas, sentimentos de derrota, um fazer humano cujo conteúdo evitamos, assumindo a roupagem de estrelas cintilantes as quais, a olho nu, cega nossa visão; uma sucessão dos pesares aos quais faltariam anos-luz para apagar, descobririam os cientistas especialistas nos assuntos astronômicos a insuficiência dessas medidas historicamente úteis e por isso criadas, embora agora experimentando a provação de um humano em sua órbita desregrada. A Eduardo o desespero pedia arrego, um buraco negro onde lançaria seu corpo noutra dimensão a encontrar o seu caminho. Faltava, então, uma explosão de supernova.

Revelam as fotos, após reveladas materialmente, beijos e abraços da esposa de Eduardo com a boca e os braços de Armando Ronem, afinal: com o dito cujo inteiro. Algumas fotos turvadas e outras nítidas, certeiras, como a lua no céu despoluído, as flores na primavera, o dogma da Assunção. Como os grandes tratados de denúncia indicam, e os tratados de constituição das documentações, as fotos acompanhavam um texto digitado, sem vestígio de caligrafia e sem assinatura, no qual “A quem interessar, aqui estão as fotos de vários momentos entre sua esposa e Armando Ronem. A saber: eles são amantes. O caso não é de hoje, mas tem se intensificado. Ao que interessar,

IGREJA DA VILA

estamos à disposição para esclarecer. Há ainda muito mais além do aqui indicado, mas não queremos atrapalhar seu momento de descoberta e nem desejamos o fim de seu matrimônio. Esperando que se encontre bem...”. Não há nome nenhum aqui, é um mistério, ademais, abissal. “Não é possível”, chorou. Um cachorro latiu. Os cachorros têm muito a nos ensinar, mas ninguém os escuta. Era a resposta.

RUA JERÔNIMO MADURO DA
SILVA, 171 – FORA DA VILA

Trocava amavelmente com sua esposa palavras ensurdecidas de carinho quando fora interrompido pela imagem do mistério rondando-o aos zumbidos da frequência mais perturbadora, entrando pela porta do quarto e marchando ao encontro de seu ser. Não houve momento para observar a esposa ao seu lado, segurou firme o lençol tensionando os músculos. À aproximação da sombra, o desespero pungente eriçando os pelos de cada centímetro do corpo ao mesmo tempo, como ventania rente ao espírito, clamando-lhe por salvação. A imagem do mistério rosava como cão à falta de ar ardente, como se não entrasse ao mínimo metade da inspiração necessária. A sombra redobrou a velocidade para aproximar-se, ao apressar os densos passos, visivelmente o cadáver putrefato em decomposição de Benedito, arregalando os olhos que ali já não estavam mais, evocando um socorro, querendo um abraço do adversário, expondo o desespero misterioso, vislumbrado com terror, provocando o arrastão da alma de Menezes ao também além. Rigorosamente no momento do abraço espiritual e libertador de Benedito, a consciência de Menezes sugou a terrível revelação sensorial ao buraco negro do horror num piscar de olhos, à força do liquidificador mais potente; encheu o pulmão de ar e levantou-se subitamente da cama úmida pressentindo o coração parar. “Um sonho...” declarou-se aliviado lutando contra a ausência de estabilidade respiratória, ausentando-se o ar necessário o suficiente para fraquejar em respirações pesadas como o pisar de Benedito na romaria”. Tornou ofegante a repousar no travesseiro, segurando a testa como se ela fosse cair, Tateando com a outra mão o apoio de cama para achar o que seria um comprimido relativamente grande; guiou-o à língua, molhou a boca com a água de uma garrafinha e deu vasão aos pensamentos de tranquilidade: “calma, foi só um sonho... calma...” o comprimido não lhe descera bem, provocando uma careta infantil e o franzir da testa, causado perfeitamente, doutra magnitude, pelo vácuo deixado pelo peso retirado do sonho ao súbito pelo despertar à realidade, esta também gritante sombra a rondar-lhe; ao vácuo vieram atormentar os pensamentos mais sórdidos de Menezes; um desses pensamentos remetia à gravação da mensagem de agradecimento aos apoiadores, cujo fazer custou a Menezes palavras de azar a respeito da própria decepção impetrada por seu senso pessoal de avaliações

VICTHOR FABIANO

qualitativas de desempenho. Basta um pensamento conflituoso para a dor ajeitar a marreta em algum espaço indefinido por onde corre à solta o tormento. Aliás, fazia ainda cinco horas da madrugada e o sol ensaiava dizer adeus acolá onde ilumina agora os terrores e pesadelos doutros. Tremia a pálpebra, os pés balançavam junto ao relógio, já não sabia mais se queria voltar a dormir ou afastar-se do possível surgimento de fantasmas era melhor garantia, fincar-se ali na realidade matinal e assumir a culpa por não combater a sombra de Benedito a proclamar “vá, quero dormir já!”. Avaliou-se incapaz, “Mas por que isso está acontecendo...” a decepção lhe cobra uns preços, “Eu poderia esquecer isso agora, deixar pra lá isso aí...”, estalando a língua. Por não querer correr novamente os riscos que apenas a noite proporciona à paz do homem de bem, bate fortemente contra a cama, bufa umas tantas e sinaliza a abertura dos olhos seguida da abertura dos braços, retira-lhe a coberta e, acumulando muito pesar, põe-se sentado à beira do dormidor. Aquele seria um duro dia.

PRAÇA DOM JOSÉ DE
ASSUNÇÃO RONEM, S/N

Duro dia até mesmo àqueles residentes rentes à presença do pálido Menezes. Passou o relógio umas três horas para trás, girou o redondo planeta, o sol despediu-se de acolá e colocou-se cá, mas fora censurado pelas nuvens de garoa e desistiu não teimar. Por isso, àquela hora a garoa marcava o passo de uma considerável multidão à porta da Paróquia São José. Vista-se, eis aqui uma notícia das mais reveladoras: não houve ainda multidão igual perambulando pela Vila São José desde o início do bater dessas letras, embora não haja o menor interesse na avaliação dos motivos de locomoção dessa gente toda. Reuniam-se ao derredor da Paróquia e também aos seus braços na praça, abraçando-lhes carinhosamente como num ato de agradecimento pela visita, sobretudo cuidando de receber lágrimas dispensadas à memória do corpo já estendido aos cuidados de um virtuoso caixão encomendado por Armando. Estamos no velório de Benedito.

A praça Dom José acomodava tanto a multidão quanto uma fila organizada dirigindo-se à entrada da Paróquia, rememorando os tempos mais fervorosos da fé católica aos olhos de padre Joaquim, trajado de acordo com as reminiscências do protocolo fúnebre, crendo pisar no chão do espaço-tempo severamente inesperado à sua consciência mundana, todavia de espaço-tempo do destino não se fala mais sobre, é caso perdido. Gabriel mantinha-se de pé ao lado do padre-patrão, desarmado das cadernetas, câmeras, canetas, conservando tão somente a própria câmera da razão na curiosidade pelo término da tensão à qual reservava os braços cruzados às costas e o olhar fixo. À direita do pároco inquietava as mãos uma figura desconhecida aos nossos fazeres documentais por ora, cujo existir é matéria das descrições: barba rasa, desenhada por algum profissional de longa carreira, cabelos ainda no couro, magreza preocupante, a idade uns vinte anos abaixo da idade paroquial de Joaquim. O vigário da Paróquia compõe o trio pelo qual o caminho das viúvas de Benedito marca os passos, oportunizando as expedições dos últimos dizeres de adeus e bons momentos noutra plano; despediam-se da face pálida do homem avesso às preocupações imputadas por uma vida integralmente voltada à política, diametralmente oposta à vida da maioria dos presentes: famílias inteiras, compostas repetidas vezes por crianças, mulheres de idade avançada e mulheres de

meia idade, tal como homens de idade avançada e doutras faixas etárias.

Concreto ao chão, belo dia o bendito dia da reforma da Praça ao bem dos moradores velados por guarda-chuvas, por esses dias a molhadela assola apenas alguns poucos relegados à terra molhada, vidrados diretamente à igual direção defronte à Paróquia, uma torre de relógio alto, sino dourado emperrado, contudo visível, vitrais admiráveis e retangulares arredondados nos extremos superiores, havendo janelas entreabertas apenas às laterais, alternando espaço na antiga construção à cor marrom envelhecida a combinar com a porta principal de madeira também escurecida. Às alturas dos limites da construção, santos paralisados na tarefa de contemplação aos céus, seja chuva ou verão, acinzentados porque constituídos pela arte da pedra sabão encomendadas pela Igreja à época dos primeiros tijolos da estrutura. Burburinhos atingiam com convicção o espaço sonoro dos presentes, formando um coro indistinto das mais variadas vozes no trato da questão; ao Padre Joaquim ocorrem demasiadas sensações determinadas por sua proximidade com Benedito, mas complicam-se a qualquer simples observador quando consideradas à luz do contexto político sufocante, elegendo a neutralidade de semblante e espírito.

O interesse pelo velório atingiu a Vila com raras exceções, como todas as matérias da vida, bem como o surgimento do público relevou-se logo cedo, não tardando à chegada do corpo do falecido. Aos montes, observamos dentre o conjunto uma moça de roupas escuras, cabelos pretos e olhos castanhos chamada Helena, cujo sobrenome só saberíamos num exame mais aprofundado de investigação quase científica de sua vida, transitava entre a fé católica e o embolorado cheiro da descrença, avaliava, e à altura dos seus trinta e sete anos sentiu-se invocada pelo acontecimento da morte a prestar boas energias de vida ao falecido Benedito, levado pelo fatal gosto do inesperado, pois “ficar em casa não era o melhor a se fazer depois dessa perda enorme”. O referido recado entremete-se no arsenal dos pesares pela morte de Benedito, pesares estes repetidos e sonorizados entre tantos carinhos e despedidas; acá uma senhora à fila relata à provável amiga acompanhante os sentimentos provocados em seu íntimo, “Corta meu coração ver Benedito assim, tinha tanto para viver”, despertando a piedade solidária de sua colega ao sofrimento de seu pesar, “que Deus conforte o coração da família”, levemente abaixando a cabeça em sinal à impossibilidade de algo ocorrer à iminência e eminência da morte, finitude de máculas acaso reconhecidas por Armando ao deliberar pela completa ausência de discursos àquela ocasião, determinando ao velório o caráter único de despedida coletiva na terra natal de seu irmão. Passamos rentes a Armando até aqui, sobretudo porque sua chegada fora depressa, contida, e sua saída marcou-se já há pequenos minutos, cumprimentando e agradecendo padre Joaquim, cumprimentando a prefeita, os demais políticos presentes e partindo sem maiores atrasos. A reverência, porventura, caiu no colo de Julia graças às suficiências de mandatária, cuja presença encantou em meio ao emaranhado de pesares pela morte os moradores da Vila que há muito desejavam receber uma visita da autoridade municipal, apesar dos pesares à conjuntura escapando pelos dedos de qualquer um.

IGREJA DA VILA

Estivera a maioria durante algumas horas, bastando o gradual esvaziamento começar para que os demais sentissem o convite de retorno às suas casas ou outros destinos fora de questão neste momento. Quando a prefeita decidiu despedir-se, dirigiu-se ao Padre e sua comitiva antes do Até mais, adeus, acenando aos poucos munícipes que a reconheceram. Podemos arriscar a partida de Julia dando a largada às outras partidas. Os últimos companheiros de Benedito antes da retirada do caixão foram Gabriel, padre Joaquim e o vigário, costurando parcas conversas a respeito do cotidiano recente da Paróquia, as atividades religiosas e o advento da solenidade do dia de São José dali alguns dias. Retirado o corpo, agradeceram aos responsáveis pelo transporte funerário, movimentando-se nas tarefas de organização interna do templo, fechando-lhe as portas por aquele dia. Gabriel avizinhou-se a Joaquim aos passos largos do Padre.

– Foi-se Benedito...

– Agora é fato consumado. – lamentou Padre Joaquim.

– Pois é, não tenho palavras.

– Nem me diga, meu filho. Nem me diga...

Respiraram.

– Tudo certo nas preparações da festa?

– Sim, por que a pergunta?

– Nada demais, apenas preocupação.

– Preocupação?

– Sim.

– Bem – pensou – não há razão.

– O clima não está muito bom.

– Não está mesmo – sorriu – e é por isso que fazemos as festas aos nossos santos.

Gabriel assentiu, incapaz de responder.

– Essa morte não nos trouxe o melhor dos climas.

– Nenhuma morte traz, meu filho. Muito menos a morte de alguém tão importante, figura central de nossa Vila, nosso parceiro. Enfim, Deus dará uma resposta para tudo.

Gabriel supostamente sentara na fila das questões a fim de aguardar um retorno mais agradável aos seus pensamentos, todavia recebera apenas um diagnóstico capaz de provocar-lhe a imobilidade do corpo.

– Talvez...

– Talvez falte um pouco de fé a você.

– Sim... – coube a Gabriel tentar um outro sorriso desenhado.

– Mas não entendo perfeitamente o porquê das preocupações. Você não tem grandes responsabilidades...

– Realmente.

– E digo alguma asneira?

– Não, Padre. Longe disso.

– Não me leve a mal, mas o que tenho a lhe dizer é: fique em paz.

Joaquim tocou-lhe o ombro num ato marcado e apressado, ausentando-se de Gabriel, d'olhos cabisbaixos encarando pelo lado da fixa olhadela o padre terminar a caminhada pelo corredor, provavelmente rumando-se aos aposentos íntimos sobre os quais nenhuma impaciência paroquial externa ousaria pousar. Gabriel coçou a cabeça, revirou os olhos e imobilizou-se por segundos para decidir aonde iria. Agora havia decidido.

Decidimos por aqui, por esta Paróquia, pois não é de hoje a notícia de que Menezes elegeu um confortável e admirável terno, vestiu-se ligeiro, agora encaminha-se ao seu carro, ativa os alertas sonoros do carro, arruma o relógio importado ao pulso, corrige algumas posturas da vestimenta no espelhinho superior, confere os parâmetros do combustível, Dá pra chegar e ir para a lua, arrisca, põe-se na estrada, evita ultrapassar os limites de velocidade, Deus que me livre virar sonho como o que eu tive, acerta a entrada na estrada, adentra à Vila São José, Agora é rápido, percebe uma moça que conhece perambulando pela rua, não buzina nem dá sinal de sua existência, vislumbra a Paróquia, dá sinal de que vai estacionar a um senhor provavelmente pretendente à vaga, ocupa o espaço, arruma a roupa à cintura, encara novamente o carro, Tá tudo certo, profere, embora com hesitação latente. Demonstrando muito cuidado dá alguns passos e enfim está nos poucos degraus de acesso ao templo, ao qual insere-se encarando o corpo interno da Paróquia, como que pela primeira vez, passeando pelo seu corpo uma maré fresca inesperada. Percebe, Há alguém ali, procura aproximar-se sem provocar percepções. Não há ninguém. Estranha. Uma mão toca seu ombro, o corpo treme e eleva-se no susto.

– Mendonça de Menezes?

– Sim... quem é você?

– Gabriel, não se lembra?

– Não...

– Desculpe o atraso – respiração densa.

– Onde está o padre?

– Ele pediu que eu te acompanhe até sua sala.

– Pensei que ele me receberia, afinal...

– Ele passou por um contratempo e não pode vir até aqui – Gabriel sinaliza o caminho sem delongas, dando largada à maratona. A Menezes cabe acompanhá-lo, cerrando as sobranceiras.

– Entendo.

– Como foi o trajeto até aqui, tudo bem?

– Como deve ser.

Gabriel eleva as sobranceiras e comprime os lábios, abocanhando qualquer palavra que vem à mente enquanto abre cuidadosamente uma porta.

– Fico feliz, vereador.

– Eu não sabia que padres têm assessores.

Gabriel exprime surpresa, controlando a respiração à maratona do trajeto.

IGREJA DA VILA

– Padre Joaquim tem muitos afazeres, é bom ter alguém que o acompanhe.

Menezes esboça sutilmente um sorriso de lado, largamente percebido por Gabriel. A porta à frente é tocada na maçaneta, o menino a irrompe e ali está Joaquim, sentado à cadeira, tomado de uns jornais coloridos e a boca abrindo. Força o corpo para levantar-se em direção ao convidado.

– Olha só quem aí está... Entre!

Menezes trilha os passos abertos por Gabriel, retribuindo o sutil cumprimento de mão. Joaquim torna o olhar a Gabriel num movimento igualmente sutil, revolvendo o corpo à cadeira quando sinaliza a Menezes o assento disponível à sua frente, agora ocupado.

– Como foi o caminho até aqui, tudo bem?

O santo José ao altar é alvo do olhar fixo de Menezes, interrompido frontalmente pelo questionamento de Padre Joaquim acima citado, cortando o contato visual magnetizante pela necessidade de responder à indagação paroquial. Joaquim retira o olhar de São José e entreolha Menezes ao gosto da espera.

– Foi tudo bem, moro bem perto daqui.

– Sei como é, meu caro... – Padre Joaquim apanha uma garrafa – também não sou daqui da Vila.

– Como sabe que não sou?

– É uma figura pública, meu caro.

– Assim como o senhor, Padre.

Menezes engole em seco.

– Somos todos estrangeiros nessa terra. Como Jesus, por isso o seguimos. – duas taças levantavam-se na mão de Joaquim à mesa.

– Sempre fui cristão.

– Tenho ciência disso. Graças! É um homem de fé então. Aceita vinho?

– Já fui mais, hoje estou afastado, e não quero vinho.

– Não bebe?

– Não muito...

– Então devia beber. – Joaquim o encara, sorrindo ao som do vinho debandar-se ao corpo de uma das taças à mesa.

– Aceito um pouco.

– E deixou a fé por quê? – Joaquim o serviu. Menezes apanhou a taça e tocou-a a boca.

– Não deixei, apenas a falta de tempo me afastou um pouco, algumas vezes visito o culto.

– Perfeitamente, isso acontece muito. Mas sempre há a hora de servirmos novamente a Deus.

Mendonça estranhou.

– Sem dúvida, Padre, isso é o que eu sempre penso.

– Pode me chamar de Joaquim, meu caro.

Menezes remexe agitado a perna.

– Bom... por que me convidou à conversa?

– Sabe – Joaquim deu espaço para mais um gole preparatório – não é a primeira vez que nos falamos, mas agora estamos noutra situação.

– Sim, a situação da minha eleição.

– Pois bem.

Menezes sorri.

– Temos um fatídico acontecimento, que é morte de Benedito também.

Nada no semblante de Menezes transformou-se, exceto o vislumbre mental latente da agonia de Benedito arrancando a distância da frente ao aproximar-se da cama ao visitar Mendonça.

– Temos de defender a instalação de câmeras aqui na Vila.

Padre Joaquim desconcertou-se, franzindo a testa quando, pelas lógicas da boa educação, jamais tal reação seria a apropriada. Arrematou a conversa como se nada tivesse acontecido.

– Me preocupa a situação de nossos cidadãos.

– Não entendo o porquê.

– Da minha preocupação?

– Certamente, Joaquim.

O nó arrematado se desfez. Uma nuvem encobriu os pensamentos de Padre Joaquim, cerceando as passagens aos níveis mais supremos dos assuntos universalmente conhecidos aos assuntos mais íntimos da existência paroquial, da existência humana, da existência religiosa. De todas tais ordens citadas, apenas um raio irrompeu a inaugurar os novos ditames da consciência de Joaquim; o padre realocou-se na cadeira, visitou com a língua todos os cantos da boca e em segundos percebeu-se a necessidade de uma resposta.

– Não é disso que se trata, não é bem preocupação.

Menezes calou-se ao sorratamente tatear que àquele momento o silêncio provocaria novas preces.

– Esta é uma Vila historicamente católica, Menezes, isto você sabe. Contudo espero que não ignore o fato da estabilidade da organização católica para nós.

– Somos todos estrangeiros nessa terra, Padre.

Joaquim fitou-o quieto.

– Não tem razão para a preocupação.

– Tenho certeza de que está no centro de suas preocupações políticas a preocupação com a Vila. Para isso elegeu-se.

– Uma eleição serve para isso, escolher o melhor.

– E por isso voltamos à pergunta inicial, para a qual lhe chamei aqui.

– Para me provar que a Vila é católica.

– Não restam dúvidas para mim ou para você.

– Não restam...

IGREJA DA VILA

– E você é um homem de fé, cristão.

– Sou...

O Padre interrompe-o novamente.

– Certamente teremos um trabalho conjunto a partir de agora.

Menezes comprimiu as mãos ao esfregá-las conjuntamente a caçar a melhor posição na cadeira endurecida, enrijecendo a espinha dorsal ao recostar-se parcialmente no encosto da cadeira. Por alguns segundos revolveram aos fluxos mentais as memórias da eleição, desde a escolha sumária no partido aos candidatos, os acenos às eleições, alianças firmadas, porventura o dia da visita anterior ao Padre Joaquim num tom inesperado de surpresa avesso a aceitar qualquer aceno negativo, desembocando aos fluxos de água turva das comemorações eleitorais. Cruzou os braços. Reorganizou o olhar, virou-o ao Padre Joaquim e liberou o peixe-dragão.

– Fui proibido de comemorar a eleição aqui.

Padre Joaquim reprova a afirmação de Menezes.

– Não nos acuse, foi uma determinação da Prefeitura.

O sorriso ocupou o semblante de Menezes por algum segundo, exatamente um segundo, pois o marcou na rápida olhadela ao relógio.

– Posso te mostrar o comunicado.

– Joaquim, tudo bem. Passado é passado. – respira fundo.

– Os jornais – sinalizou aos periódicos dispostos sobre a mesa – trazem alguns projetos seus, um deles é a ampliação do orçamento municipal para a Vila.

– Sim.

– Queremos apoiar você nesse esforço.

Menezes observou célere a imagem de São José.

– Agradeço o apoio. Terei o prazer de... contar com você.

– Vocês. – corrigiu, sinalizando um sorriso inerte.

– Sim, você e os santos.

Joaquim inquietou-se dentre as opções oferecidas pelo peixe-dragão: sorrir ou abster-se. O mérito está em questão à discussão aqui disposta.

– Eu e a Vila. – Joaquim sancionou, preservando o sorriso da última resposta.

– Muito bem, Joaquim... – forçou os braços nos encostos laterais da cadeira de madeira, esticando os braços ao Padre.

– Mas já? – acompanhou-o na elevação.

– Sim, já deu a hora. – deu duas batidinhas leves na tela do relógio ao pulso.

– Certamente foi uma honra recebê-lo aqui.

– Digo o mesmo, Joaquim. Até mais...

Extirpou as expectativas doutros destinos paralelos e doutras palavras ditas por Joaquim à sua saída, avançando pelo corredor escurecido remoendo preces que não seria capaz de evitar, reconstituindo falas, atos e movimentos, costurando aos tais pensamentos atuais memórias agradáveis ou instáveis até certo limite do aceitável, respirando denso porque preso a uma âncora em alto-mar, expectando retirar os pregos das

VICTHOR FABIANO

mãos. Negou reencontrar outra alma viva pela Paróquia, passando agitado pelo templo em direção ao carro. Sentou-se no banco macio, arrancando pelo ato bruto o relógio do pulso e soltando-o noutra banco ao lado. Virou a mão contra o rádio do carro, apertou dois botões e liberou-se a voz presa na garganta eletrônica através duma rádio de frequência indefinida, declarando “Deus não se deixa escarnecer, pois tudo que o homem...” e o restante do discurso jamais recordará pois embarcou noutra viagem à cidade dos emaranhados mentais, confundiu a entrada na estrada e precisou redirecionar o trajeto. Afinal, somos todos estrangeiros nessa terra.

RUA PADRE RAIMUNDO CORRÊA
SORTES ASSUNÇÃO RONEM, 21

*Quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele;
quando um membro é honrado, todos os outros se alegram com ele.*

1 Coríntios 12:26

Pedras no caminho não são nada quando se tem uma teimosa pedra no sapato a acompanhar-te por qualquer caminho, até mesmo aos caminhos sem pedras, ou no coração uma rocha dura no desgaste, teimosa como tal, teimosa como Jairo. O adeus da ida lhe escorre pelas mãos, toma o coração juvenil, arde a alma, os olhos de quem se ama cintilam além do sol, extrapolam a simples visão, tornam-se espelhos irrefreáveis; para tanto, basta quebrar-se para ruir as ilusões e sair a perna. O adeus da ida lhe custava horas do dia. Ao chamá-lo, Jairo, tome trabalho, o homem já está atarefado noutra tarefa; ao chamá-lo, Jairo, veja a conta, o homem já está pagando um alto preço; ao chamá-lo, Jairo, olha a estrela!, o homem já está admirando toda Andrômeda; ao chamá-lo, Jairo, eis um milagre divino!, o homem já não reconhece quem é divino de verdade. Quando questionado, outra ocasião, sobre partidas, reencontros, pois o colega de trabalho estivera comprando uma passagem para visitar a mãe, Jairo não segurou o verbo e preferiu dizê-lo: sou, eu, ruim com despedidas. Vai e faz a sua despedida, mas não me fala sobre isso. O homem preferiu calar-se, não havia reação, Jairo ressentiu-se de cabeça baixa, contudo preferiu não pedir desculpas, optou pelo silêncio até retornar ao trabalho. O almoço não lhe desceu, os olhos não subiram. Ao passar, agora, defronte à banca, vidrou os olhos no jornalista por segundos imóveis, Boa tarde!, cumprimentou o senhor ao que Jairo lhe retornou murcho e decadente. Expostos na banca de jornal alguns periódicos, documentavam as garrafais letras num dos jornais os dizeres “Hipótese de suicídio de Benedito ganha força”, liderando o breve texto abaixo cujo conteúdo não podemos ler, se não com uma luneta ou um milagre visual, embora os sentidos de Jairo sequer transpassaram os nervos. Os pedregulhos, como as pedras no sapato ou no coração, eram nada além de simples detalhes. O salário caiu em seu bolso, as contas foram, o pão à mesa faltou, alguns xingamentos do encarregado, queimou a mão esquentando água. Chutou umas pedrinhas, cabisbaixo, ao retorno à casa. Encarou uma casa, passou despercebido por ela, mas percebeu-a muito

bem, passou depressa ali. Emendou uma esquina, apertou o passo apenas porque sentiu-se acuado. Em dois minutos abriu o portão do quintal e adentrou à casa.

– Filho? É você? – ecoou.

– Sim, mãe.

– Oi, meu filho... – Beata surgia na cozinha.

– Como foi o dia?

– O meu foi bem, graças a Deus. E o seu?

– O mesmo de sempre...

– Acho que melhorou um pouco da gripe...

– Sim – torceu o nariz – Obrigado pelo chá de ontem, foi ótimo mesmo.

– Eu tomei um pouco hoje também, essas ervas fazem muito bem.

– E o pai também tomou?

– Fiz ele tomar, ele não queria, mas eu fiz. – sorriu.

– Vou arrumar alguma coisa pra comer.

Beata comprimiu os lábios e acompanhou Jairo rumar-se à geladeira barulhenta economizando outras expressões.

– Acho que preciso de outro emprego.

Jairo paralisou o corpo com a frente frita da geladeira, nela uma garrafa d'água e alguns ovos paralisados.

– Meu filho, tudo vai se resolver. Deus tá na frente de cada passo nosso.

– Mãe, cada dia tá pior... – Jairo tomou a cadeira para apoiar o cotovelo na mesa e a cabeça sobre a mão, esfregando os olhos pela força de um movimento lento e gradual. Beata somou-se ao lado dele.

– Na novena de São José o jejum vai ajudar, eu tenho fé.

Jairo emitiu um leve suspiro mobilizador de todo o corpo, dos pés à cabeça. Pausou o olhar e tornou-o à mãe.

– A senhora acha que com essa vitória do Menezes as coisas aqui melhoram?

Beata arregalou cuidadosamente os olhos, jogou-os para baixo ao elevar os ombros. Era pergunta demasiada difícil, de mérito misterioso a Beata; sabemos nós, a incluir os desavisados, a política é um jogo que só se vê quando é jogado.

– É uma pergunta difícil, filho... Eu não sei responder.

Jairo assentiu.

– Quando as coisas ficam melhor, meu filho...

– Será que esse é o destino da gente?

– ... sem falar que esse homem quer destruir a igreja! – deu de ombros ao recordar a informação proferida do fundo do coração, levantando-se a caçar alguma coisa no armário, dando as costas ao filho pois virada à pia. Jairo estalou a boca ao ouvi-la presumir tamanha blasfêmia.

– Onde a senhora viu isso?

– No jornal ali – arrastou o braço e apontou à mesa, ocasionando um leve giro do corpo – da igreja.

IGREJA DA VILA

Tocou cuidadosamente o papel, encarou a manchete principal “Mendonça de Menezes não tem compromisso com nossa comunidade”, emitiu uma risada acoplada ao “meu deus”, curiosa evocação, largando ali o jornal para estudar os gestos costeiros de sua mãe.

– Disseram que ele tem uma ideia de trazer mais recurso aqui pra Vila, os encarregados tavam falando.

Beata riu. Jairo insistiu no assunto.

– Se for isso, é uma boa ideia. Precisamos de outras oportunidades de emprego...

– Filho, nada se faz sem Deus. Sem ele, você não levanta! Não adianta ele ter ideia disso ou daquilo e renegar a igreja. – encarou-o, firme.

Dentre as palavras do arsenal de executáveis respostas, as quais o leitor suposta e provavelmente já remendou aos gostos de sua mente, Jairo cultivava duas opções: extrair da mãe alguns segundos a mais de conversa ou, fatalmente, lhe dirigir uma palavra de descrença. Beata aguardou por instantes uma resposta gradualmente descrente, da base ao pico, por onde trilharia o caminho para advertir ao filho da necessidade de sua conversão. Pasmee eu ou você, Jairo selecionou a opção da quietude.

– Bom, vou tomar banho.

– Tem toalha no quarto.

Girou o corpo para observá-lo e regressou à análise de um punhado de feijões machucados espalhados pela pia. Há no coração de Beata outra pedra em constante atrito, uma pedra de conversão. As pedras de Jairo e Beata vez ou outra conflitam-se para competir à decisão de qual peixe-dragão dará o primeiro salto. Jairo certamente aprendeu a lição da quietude, embora naquele momento estivesse cantarolando mais alto do que o necessário no banheiro, Vai, peixe-dragão, deitar e dormir, poderia ser esta a canção.

Beata descia o espinho pela goela outrora jamais daria a mão à palmatória aos acessos de descrença de um vereador recém chegado à Vila. Ela não quer enxergar-se num homem que, além de político, lhe chama pelo nome de mentirosa, a alcunha recebida por uma moça de voz estrondosa durante a eleição à Praça quando Beata desejava, tão somente, comprar mandioca para almoçar. Questão de honra jamais ceder espaço em seu coração ou no mais derradeiro dos pensamentos ao tal Menezes, Mendonça de Menezes, nome de gente estranha, reagiu ao lentamente passar os olhos pelo texto impresso no jornal da Paróquia. Harpejou o crucifixo arrumado ao colar no pescoço e levou-o a um leve beijo. Jairo, enfim, terminou a cantoria.

RUA SÃO JOÃO PAULO II, 06

*“Aqueles que procuram a minha destruição
serão lançados às profundezas da terra!”*

Salmos 63:9

Cai o céu sobre Eduardo, lançando-se ao esmurrado chão do quarto, seguindo harmonicamente o decair dos tons ao mais grave do desespero; soava-lhe um piano ardente e cheio de melancolia, e o tempo dizia-lhe para aguardar um pouco pois demoraria a passar como em câmera lenta, e este jamais seria o último dia de sua agonia. Não receberia jamais uma ligação de sua esposa, assim exigiu, apenas ligações estrondosas da voluptuosa afeição da traição que, como ímã, cola ao coração e suga as vibrações ligadas ao pouco amor que resta, ferido pela força das palavras agudas lançadas ao universo sem espera dos retornos, as quais grunhidos íntimos expunham-se somando ao som do piano acelerado. Doces toques levavam as memórias aos beijos, carícias, ao dia do conhecimento final, aos prazeres dos lençóis, aos momentos de descobertas, às sentidas questões do íntimo. Era amor, foi amor, mas por que acabá-lo sem antes consultá-lo, parte integrante do destino? O céu não surgia, as estrelas apagaram-se, o peixe-dragão vomitou-se há tempos e está naufragando num mar sem volta. Cá entre nós, reconhecemos a insuficiência de alguns caminhos e o potencial destes; quando retornam à racionalidade, abrem as portas aos também insuficientes querereres de resolução, nos quais buscamos respostas, remendos às lágrimas derramadas. Se há saídas, soam todas absurdas caso contrário resumem-se todas aos prazeres do desalinho. Constavam cruzadas ao som das notas do piano, ao céu arredante e às roupas umedecidas ao chão as razões de cessar-fogo à derrota, a consciência de retorno ao controle, o caminho de fuga por alguns instantes mínimos desconsiderados, outrora calculados no ato primeiro do desespero, quando tão somente e para tanto lágrimas podem intervir no processo e pedir, suplicar, um pouco mais de calma, pois o corpo quer dizer. Não saía da casa, os encarregados dos mercados avisados estavam, O chefe está doente, comentavam aos empregados e entre si; os afazeres na cidade foram adiados, os tempos nos relógios corriam contra si, mas agora querendo cobrá-lo uma saída, e é esta que ao chão incita agora, a vislumbra, segura o taco para

bater na bola, posiciona o pé para chutar ao gol, toma para si o quase naufragado peixe-dragão num gole e dá vida novamente ao pedregulho. A visão abre como um raiar da chuva, quando os raios prosseguem disseminando o terror nas laterais do horizonte, todavia o sol permite-se ver por alguns instantes avermelhados da poluição decadente. A fé lhe estende os braços de um santo beatificado por coragem, incapaz de aconselhar coisas vãs, sobre essas o ser humano aconselha por palavra própria, entretanto a divindade lhe acena um socorro ao solicitado inúmeras vezes no decorrer com gritos de “meu deus”, cuja vizinhança pode ter estranhado o rarefeito gosto de cólera. A descrença, seja sua exposição o quadro da cólera ou do desaviso, custa a descer ao estômago, às vezes dias, semanas, meses, e quando desce acena à digestão, alertando: “eu serei difícil de engolir também por aqui”. Quando a digere, tem de sair por algum canto, podendo firmemente negar a posição de vitória ao vencedor que a digeriu, podendo simplesmente enfeitá-lo ao chão como ocorre com Eduardo. Enxugou trêmulo o rosto com o pulso da camiseta de mangas longas, um aparente pijama sujo, estrangulado pela humilhação, pela sopa do orgulho, sobre a qual as letrinhas flutuam uma sentença: i n c a p a z, f r a c o. Onde já se viu letras flutuarem numa sopa! Declamado feito apenas o orgulho é capaz de fazer. O orgulho e a humilhação. O puro aniquilamento de si mesmo. Todo o tratado é matéria do ser de Eduardo. A mente girou e acertou na questão de múltipla escolha que encarou demasiado tempo, exagerado tempo: Farei o que for preciso para apagar de mim essa mancha, respondeu num breve comunicado geral ao seu espírito, à sua existência inteirinha, como quando desejamos avisar ao nosso ser nossas decisões marcantes que tendem a dividir as águas do tempo de nossos pés sobre esta terra. Agora é isso ou aquilo. E Eduardo assinalou a resposta cuja correção apenas saberemos no curso do tempo, este tal aturdido a dividir-se. Farei o que for preciso para jogar fora essas letrinhas na sopa, arriscamos uma outra versão compatível ao repetido sessenta vezes na mente de Eduardo; os processos aqui citados são todos referenciados ao existir de Eduardo, afinal de contas. Sucedeu tomar esta decisão. Era decisão dada. Assim será. Alcançou o celular antes pousado ao chão, agora em sua mão, tremeu ao digitar alguns números. Aguardou, a linha cortava o som do piano. Tocou uma, duas, vezes. Alô, Dudu!, atendeu doutro lado da linha. Eduardo pensou, escorreu uma lágrima, espremeu a testa e liberou o peixe-dragão, É com você que eu quero falar.

RUA JERÔNIMO MADURO DA
SILVA, 171 – FORA DA VILA

Recolhiam as nuvens do entardecer aos leitos de suas camas ocultas. À mesa de madeira uma garrafa aberta de vinho, a rolha solta ao lado, um homem sentado no sofá com as pernas estendidas numa cadeira, medindo o relógio do pulso alternando às olhadelas à porta da sala, um gesto inconcluso, embora contínuo. Ávido por respostas, sua boca seca mesclava o gosto seco do vinho ao sabor amargo de palavras soltas ao vento, percorrendo o varal da mente. A pequena boca cerrava-se na irritação, o sujo tapete clamava por atenção, um pouco de soberba ocupava o teor alcoólico da bebida: cinquenta por cento desse substantivo moderno. Menezes custava a fazer descer goela abaixo a tentativa de conversa com Padre Joaquim e, para tanto, reconheceu em seu íntimo a incapacidade covarde de negar o convite, mandar um sonoro e marcado, orquestral, adeus à autoridade católica, afinal passou-se a eleição, diz-se adeus às urnas, à disputa, até mesmo um finado tornou-se finado. Queremos o quê a esta altura da história? Porém provar o gosto ácido do vinho e da conversa com padre Joaquim lhe trouxe à mente algumas urgências, alguns espinhos a descer, vamos nos proteger da transbordada porção de espinhos a engolir nas relações sobre as quais nos debruçamos. Do telefonema de tirar a paz pela voz do coordenador de sua campanha acerca das contribuições e gastos de sua candidatura, das exigências de agenda dos partidos, da preguiça moral estacionada da cabeça aos pés. Apenas o vinho lhe descia suficientemente bem. Aceitar a conversa com Padre Joaquim lhe ensinou algumas lições, além do fazer político puramente maquiavélico da coisa, contudo e sobretudo, a necessidade de dobrar-se aos caprichos para dialogar com a antítese, e nessa altura Menezes riu da própria imaginação capaz de imprimir um pensamento de tal tipo, dessa natureza tão racional e calculada pelos bons modos republicanos. Se a República existe, desconfiava, inocente de quem confia cegamente nela. Um empreendimento bastante arriscado quando a intenção é caminhar por valores formais numa realidade material de conflitos, mediados por ninguém mais, ninguém mais que... peixes-dragões. Eles estão por toda parte, das capitais às pequenas cidades, plantando as sinceridades do espírito. Bem como os próprios interesses não se atentam aos princípios formais, às necessidades do empreendimento da República. Veja só, quando um qualquer quer quebrar um barco e doutro lado do rio alguém está gritando aos berros de súplica, Você vai afundar todo mundo!, e o qualquer dá aos ouvidos um

tampão, aí não estará valor formal nenhum, apenas o próprio desejo de fazer-se o dono do barco. É assim com a República, aprendeu Menezes, quando os inocentes creem em seus valores naturais, soberanos, sutis, e os quaisquer quebram os barcos na confiança de que os crentes terão um minuto de silêncio pela morte do bem comum. Só salvaria o barco a invasão do rio por quem o construiu pela força dos braços, tomando-o para o uso de todos, obrigando o qualquer a acreditar no poder da correnteza. Gritar pela República é aguardar a fome acabar sem dar cabo à invasão do rio. Aqui, Menezes odiaria igualmente a invasão do rio, tal qual odiou ceder à conversação paroquial pois a ele os valores republicanos não soam bons porque ferem o próprio querer do bem-fazer-o-que-se-quer. Ocorre que Menezes é o dono do qualquer que quer lançar o barco à inutilidade, e é daqueles que aguardam os inocentes ansiarem a interferência da República no incêndio.

Entre Repúblicas e outras questões imprescindíveis à nossa vida humana, arfava na espera de pastor Adelmo, aqui está o motivo das olhadelas ao relógio. Ora, essa gente anda tão apressada, revelou um dia um grande intelectual inovador. E estamos mesmo, e teremos mesmo agora um exemplo de republicanismo latente. A campanha tocou, Menezes pulou à porta para receber Adelmo, arrumando a roupa e dando de cara com o religioso à abertura do caminho.

– Olha só quem está aqui! – abraçaram-se.

– Onde está a esposa? – questionou o Pastor, estudando a sala à qual adentrou neste instante.

– Viajando ainda...

– Não volta mais? – surpreendeu-se Adelmo.

– Sabe, acho que entende, essa eleição a deixou de paciência cheia e aí...

– Estão em crise? – Adelmo tomou um assento ao sofá, encarando centrado o vinho.

– Não diria isso. – Menezes sentou-se no sofá fronteiro ao ocupado por Adelmo.

– Tudo bem, vamos mudar de assunto, não quero deixar você pra baixo.

– Fique em paz, pastor. – acalmou-o – Tem outras questões que tiram a paciência de qualquer um também.

– Sim, sim, já vem uma à mente... Deixa pensar, está se referindo à conversa com o Joaquim?

– Com o padre?

– Isso.

– Sim. – Menezes lamentou, balançando a cabeça num gesto de descontentamento.

– É por isso que me chamou aqui, certo? – sugeriu Adelmo.

– Sim... Toma, pega um vinho – indicou a garrafa à mesa. Adelmo pôs-se à frente a servir-se.

– Muito bom! – após o gole proferiu a opinião alcoólica da noite, sorrindo.

– Então, a conversa foi sem pé nem cabeça. Muita pretensão do Padre, coisa que eu já esperava. – Menezes bufou – Ele quer me convencer de que essa fé que ele tem é o mais certo, é o melhor caminho pra minha vida...

– Pra sua vida? – impressionou-se Adelmo.

IGREJA DA VILA

- Sim, mas para a Vila em si.
- Ah, sim, isso eu já sei. Já esperava.
- Mas não falou nada além dessas coisas.
- Mas e quanto à nossa instalação aqui?
- Bem - deu um gole - nesta conversa ficou de bico fechado, mas na primeira e anterior reunião, revelou um pouco de preocupação.

Pastor Adelmo contraiu-se em pensamento, ardendo os lábios e elevando o queixo, movimentando ligeiro o olhar para todas as direções possíveis.

- Ele aparentemente está com a questão nas mãos. - relatou por fim Menezes.
- Sim, isso não é surpresa, Menezes.
- Pois é, é isso que sei.
- Quero mesmo - assinalou - saber é como fazemos para quebrar esse bloqueio.
- Sim... - Menezes centrou-se na fala de Adelmo, evitando piscar para não perder o juízo e o conteúdo do discurso que viria, inerte ali.
- Porque, veja, Menezes, é questão de estratégia. Esse Benedito morreu, Armando perdeu a eleição. Não soa nada? É a família que controla essa Vila! - balançou as mãos - Eles agora não estão com nada...

- Sim... - concordou Menezes, por ora ainda inerte.
- Veja, para a gente furar esse bloqueio, meu irmão, é questão de tempo, mas de ação. É muito fácil. Eles estão enfraquecidos!

Deu uma pausa dramática. Era o tom de Adelmo o de busca ao convencimento do já aliado Menezes.

- Você que diz que ele está com as questões na mão, mas agora a coisa é diferente. Agora, veja, nós furamos esse bloqueio na hora que a gente quiser. Deve haver algum buraco.

Menezes somente permaneceu estático fisicamente, contudo os processos lógicos de articulação trabalhavam constantemente. Pôs-se a pensar nas possibilidades dispostas à sua frente no tapete sujo. Poderia no próximo dia marcar outra conversa com padre Joaquim, dizer-lhe boas e muitas, palavras de azar ou apenas realidades republicanas; poderia no próximo dia marcar outra conversa com Padre Joaquim, dizer-lhe bons e muitos elogios e, pela persuasão, buscar demonstrar academicamente a necessidade de pluralidade religiosa na Vila, Mas, para tanto, não estou capacitado, desistiu rapidamente Menezes. Deixou pra lá. Poderia agora mesmo pegar o tira-paz, discar o número da Paróquia e dirigir ao Padre o fato adiante: estou aqui com meu aliado, queremos uma igreja evangélica aqui, sou vereador a tomar posse, o senhor não é nada além de um queridinho do Bispo que por sua vez é um queridinho do Papa, coisa e tal, mas lhe soaria como anunciar uma bomba nuclear num belo dia de domingo sem antes pronunciar-lhe a declaração de uma guerra. Poderia, por último aqui, entretanto não à realidade caso Menezes inserisse a mente às horas de reflexão, dizer a pastor Adelmo sobre sua desistência, mas isto lhe custaria um peso eleitoral imenso e, ah!, sobre isso jamais colocaremos dúvida. Ocorreu a última possibilidade, amorfa e vazia de grandes significados, configurando sobremaneira um contato mais político do que de potencial estratégico à questão, uma tentativa. Não custa tentar.

VICTHOR FABIANO

– Bom, pastor – começou, quebrando a inércia física – vendo esse vácuo aí que o senhor falou, nessa questão da morte de Benedito – pigarreou, faltando-lhe uma décimo do ar necessário – posso tentar um contato com o empresário local que é dono dos terrenos e outras estabelecimentos aqui, pelo que sei.

– Mas... – interessou-se o predador... desculpe-nos, o pregador – esse contato teria algum efeito?

– Bom, para quem não tem nada...

– Não fale assim, Menezes! Temos muito. Temos você. Elegemos você.

Menezes sorriu, tímido como um artista recém-elogiado.

– Obrigado, pastor – pausou – E, sobre essa questão, acho que é um passo. Se ficarmos esperando a queda de mais alguém, muito difícil que isso aconteça. Além do mais, o padre não vai ceder.

– Tem que cair muita gente, então... – riu, sarcástico.

– Pois é. E não dá pra gente ficar esperando mais, e mais... Talvez não aconteça novamente. É difícil, você sabe. – retribuiu o sorriso.

– Sim, é um ótimo começo. Caso ele se sensibilize com a questão, temos um passo à frente.

– É – respirou – mas esse empresário, acho que se chama Eduardo, acho que esse é o nome dele, já tem os acordos lá com o Padre... é difícil de entrar, sendo sincero.

– Mas Deus não dá a tarefa ao mais capacitado, ele capacita o escolhido. – esboçou um sorriso inocente – E somos nós os escolhidos, Menezes.

– Sim, por isso ele está nos capacitando à tarefa.

– Vamos tentar esse caminho, então. – enfatizou Adelmo, como quem espera uma última confirmação, a assinatura do decreto.

– Certo. – olhou de relance ao corredor de acesso à cozinha – Preparei algo para comer, aceita jantar, pastor?

– Opa, Menezes... – fez uma olhadela ao relógio – Muito obrigado, mas prometi pra minha esposa que estaria em casa para jantar com ela...

– Perfeito, pelo menos um aqui está tranquilo com o casamento... – fez piada.

– Não fala isso, assim, vou orar por vocês. Vai ficar tudo nos eixos. É um patrimônio precioso para Deus essa união de vocês.

– Amém e muito obrigado, pastor. Saiba que vocês estão convidados para um jantar aqui.

– Claro, sem dúvida! – rumou-se para apertar a mão de Menezes, afetuoso – Grato pela conversa e pelo convite.

– O prazer é todo meu, pastor. – os dois encaminhavam-se à porta. Menezes a abriu e sorriu.

– Até mais, aguardo respostas sobre nosso itinerário! – passou pela porta.

– Claro...

O Pastor abandonou a entrada da casa, sinalizou pegar a chave do carro, apanhou-a e segundos depois o carro ia embora.

PRAÇA DOM JOSÉ DE
ASSUNÇÃO RONEM, S/N

Escorria pelos dedos de Joaquim as notícias veiculadas nos jornais, as notícias falantes ao pé do ouvido, as notícias escritas nos ofícios enviados pela Diocese, as notícias relatadas pelos telefonemas, Nem me fale em telefonema, rogou a si mesmo quando distraiu-se admirando o aparelho telefônico, atualmente resignado como “receptor de bombas” ou “esquenta-orelha”, ou, por outrora num maior efeito, “tira-paz”. Cá cabe este nome ao veículo sonoro, aparelho telefônico. Quatro periódicos lançados à mesa, colados fielmente ao telefone, e um sol rarefeito invadindo a janela a dizer-lhe coisas obscenas como: é hoje o dia, tenha em mente a serenidade... coisas e tal. Aos periódicos, demasiado consenso, quando impressas as folhas tingidas esboçando as ideias do momento, bem como informações liberadas pela Polícia Civil a respeito da morte de Benedito. É aqui que queremos chegar, é daqui que padre Joaquim quer sair. As poucas informações deliberadas ao padre não extrapolavam os limites expostos pelos jornais, limites densos o suficiente ao desespero. Escorria pelos dedos as notícias das ordens adversas, os burburinhos e relatos. A manchete principal, sobressaindo-se por estar em cima das outras, reforçava o temor de Joaquim: impasses sobre a investigação indicam a possibilidade mais provável mais real mais possível de suicídio, eis aí os limites passados pela mente de Joaquim. Traduzindo: o nobre fiel da nobre família Ronem supostamente teria sucumbido às pressões da vida, ou da eleição, neste caso traduz-se bem o significado de “vida”, e dado fim aos receios futuros, às memórias passadas, à inquietude do presente. O nobre Benedito Ronem, aponta a polícia à tendência, está prestes a ter carimbado em sua biografia o parecer médico e policial de um suicídio. Uma afronta à Santa Igreja, assolava padre Joaquim, uma afronta aos costumes cultivados nesta Vila, sobretudo na tradição construída por mim, pelos meus trabalhos à frente da Paróquia, aturdia-se profundamente, Uma entrega da Vila às forças mais preocupantes, a uma instabilidade policial... Chega!, delimitou um novo campo. Desenhou com giz o círculo das ações, a amarelinha donde pisar, a prece que não rezeará, decidiu não se machucar mais. Machucar, essa é a palavra. Buscou controlar-se.

O motivo do suposto suicídio ainda é tarefa à descoberta, diz a Polícia, certamente não nestes termos, mas nos termos a seguir de que Ainda não conseguimos ter

acesso à informação. E quem conseguirá?, perguntamo-nos. Certamente a informação já se chegou e seguram para evitar outro desastre, arriscou Joaquim, Devemos considerar ainda as investigações, depoimentos, talvez Armando tenha algo a me dizer, retornou ao círculo das ações intimamente proibidas. E nos dizer também, uma vez que as notícias limitam-se, todas, ao círculo desenhado pela Polícia, e queremos saber os próximos passos. Joaquim jamais seria capaz de supor alguma razão, a velocidade dos seus pensamentos desde a noite anterior apenas aumenta a provocar uma roda gigante desgovernada além do seu poder de controle, de persuasão, esta também tem um limite (é, meus amigos, neste parênteses vamos perceber o quanto até mesmo a mais potente persuasão histórica, dos poderes, insaciável na soma e na subtração, encontra um limite, não desse imposto pela linha curva do círculo dos limites, mas um limite atemporal cujo destino trata de formatar e faz-nos engolir o espinho do peixe: toma, é seu, vai e faz o bom proveito dos desafios agora). A persuasão deu a Joaquim variados contornos e conquistas, alguns bons almoços, jantares, contatos e ações, e agora deu-lhe valioso presente: um pé na bunda magistral. É hoje o dia, remoendo está, aumentando vai o nervosismo, os ruídos da rua aumentam, a porta treme, a mesa esquenta, nunca antes as confissões foram tão pecaminosas, nunca antes os medos dos fiéis foram tão latentes, nunca antes os regimes e dietas caíram na boca do povo, nunca antes as notícias jaziam trajadas de impropérios em letras manchadas e sujas, nunca antes a missa lhe durou tanto, nunca antes os telefonemas, repetidos, foram profundos no desengano, nunca antes a persuasão correu-lhe. Adeus! O telefone rompe a tocar. Alô, Gabriel?, gaguejou, Sim, padre, sou eu, O que quer?, Quero saber se o convidado pode subir. Nesse espaço não seria um erro incluir uma enorme lacuna correspondente ao silêncio imposto a Joaquim pela saída da persuasão. Caracteres com espaço, diriam. O tira-paz à orelha e a boca entreaberta. Padre?, procurou-o Gabriel, Pode mandar. Num pulo peralta Joaquim abandona a cadeira, vai à porta, vira a maçaneta, abre a porta, volta ao seu lugar e tenta, não, jamais, olhar o relógio. Uns segundos correm, ele está encarando o relógio. Que raiva!, torce o nariz. Agora alguns passos aproximam-se rapidamente, pesados, Odiosos, acrescentaria Joaquim. Irrrompe à porta Eduardo, afoito.

– É um absurdo precisar me apresentar lá... – encarou Joaquim.

– É uma questão de segurança, Eduardo...

– Isso não acontecia antes, não é? – Eduardo, ofegante. Joaquim, em silêncio amorfo, acenou ao assento defronte à mesa. Eduardo, contrariado, sentou-se.

– Fique calmo, vamos conversar.

– Calmo eu já estou.

– Não parece.

– Joaquim, agora não é a hora de você tentar me dar as regras da conversa.

Joaquim permanece em silêncio.

– Quero saber que história é essa? – as narinas de Eduardo dilataram e seu corpo movimentou-se à ponta do assento.

IGREJA DA VILA

– No que eu posso te ajudar?

– Já disse, não se faz de desentendido. Tava lá no dossiê.

Joaquim opta pelo silêncio novamente.

– Você sabe do que eu estou falando.

Agora o silêncio não adiantaria mais nada, sequer o relógio está girando o ponteiro mais rápido; os jornais permanecem ali, estirados às desgraças, e o telefone não deixou de ser um tira-paz. O Padre está prestes ao agraciado momento no qual receberá a bênção de conhecer o peixe-dragão de Eduardo. Senta também à ponta da cadeira, movimentando-se levemente no assento.

– Eu não tenho responsabilidade – acentuando a última palavra, o último desafio – nesse caso.

– Ora, não tem... Você tem nas coisas mais sórdidas, vai me dizer que nessa – acentuando – coisa sórdida você... não tem? – ironizou, sinalizando as aspas ao não tem com as mãos, dispensáveis acá ao texto pois escritas na descrição.

– Não tenho.

Eduardo deixou a cor branca do rosto à vermelhidão.

– Eu pensei muito antes de vir aqui, eu espero que você não me decepcione, Joaquim... Eu sei que você tem que me ajudar nisso.

– Eu sabia, mas não tenho responsabilidade. Nessa sua vingança... – desdenha.

Eduardo congelou. Congelar é parar frígido. Congelar vivo é parar no tempo; morto, é parar na história. Eduardo congelou vivo, portanto o tempo parou uns segundos, quando, boquiaberto, encarou arregalado os olhos de Joaquim, inquieto, todavia passivo.

– Então é verdade... – rosnou.

– E você tinha dúvidas? Achou que vir me encher de besteira seria a solução para saber da verdade?

– Mas... é claro. – irritou-se além – Você sabe de tudo aqui, claro que também conheceria essa nojeira – ênfase na palavra dita sílaba por sílaba, ascendendo linearmente o tom do volume – toda, Joaquim.

– O que eu não admito é que venha aqui, nesta casa paroquial, para cobrar-me das coisas sobre as quais não tenho controle.

Eduardo gargalhou.

– Esta casa... paroquial – novamente as aspas – me poupe! Pensa bem antes de querer me cobrar de qualquer utilidade.

– Respeito, Eduardo...

– ... respeito?

– Respeito – levantou a voz – por favor!

Eduardo deixou sair uma risada leve e sarcástica pelas orelhas vermelhas de sangue. Respirou fundo.

– E o que você fará?

Agora é padre Joaquim quem congelou. Sentiu a espinha arder.

– Eu?

– Sim.

– Ah, meu Deus... O que eu – ênfase, apontando com as mãos ao próprio corpo – posso fazer, Eduardo? – riu.

– Não sei... – ironizou.

Padre Joaquim o encarou.

– Exatamente: nada. – aproximou o corpo mais à frente da mesa, aproximando-se de Eduardo. Acentuou cada sílaba da próxima frase – Cabe a você, agora, levar sua vida. Já mandou sua esposa embora, agora adiante!

Não havia surpresa, assombro, espanto, imprevisto no timbre de Eduardo, apenas outros adjetivos por outrora mais densos. Aparentemente o tempo anterior à conversa fora de puro cinismo e planejamento.

– Eu sei o que você pode fazer.

Eduardo apontou para São José, entreolhou o santo à prateleira. Joaquim avaliou prudente, dentre as opções no círculo dos limites desenhado àquele dia, congelar o corpo desde o primeiro momento de assombro e congelamento tempos atrás. Os ponteiros do relógio corriam à pausa de Eduardo, para o azar de Joaquim aguardando uma resposta que não viria; portanto decidiu romper o silêncio, lançando uma carta costuma: a persuasão.

– Você vai começar o processo de excomunhão de Armando...

Joaquim rompeu a imobilidade pela boca, deixando escapar um riso soberbo, daqueles pesados o suficiente para levar a cabeça para trás, como se houvesse uma corda controlada pelo círculo dos limites a romper-se. Eduardo prosseguiu para revelar a outra carta da persuasão.

– ... e deixará de fazer negócios com ele.

É matéria de risada, despontou o desabafo no círculo mental de Joaquim, alimentando as confissões servidas no almoço ao seu peixe-dragão que jamais sairia àquele momento para dar uma volta.

– Não ria, Joaquim.

O Padre tremeu a boca.

– E por que não devo? – questionou enfático.

– Porque não deve.

Joaquim suspirou, direcionando por segundos o olhar ao canto direito do teto da sala.

– Eu não posso fazer nada disso, mesmo que quisesse.

– Como não?

– Não posso. – finalizou.

– Um homem adúltero que trai os valores da Igreja não é o suficiente?

– Eduardo, isso não tem nada com a igreja.

– A partir de hoje tem.

– Não tem.

IGREJA DA VILA

– Essa porcaria de igreja serve para o quê, então?

Uma ambulância dá partida ao chamado de um acidente grave, ligando a sirene. Tal qual ocorreu na mente de Joaquim, porém dezenas de sirenes apitavam a ponto de ensurdecer sua razão em resposta à fala de Eduardo após adentrar por sua orelha, ir ao ouvido e atingir suas comunicações mentais. Joaquim fitou Eduardo, cerrando as sobrancelhas e engolindo em seco o conteúdo da resposta desejada, contudo jamais realizável à conjuntura do instante.

– Nunca mais – acentuou – fale isso.

Eduardo riu.

– Você não tem o direito de insultar a igreja porque sua esposa não te amava mais.

Um sonoro tapa na cara de Eduardo, capaz de marcar seu rosto, desarrumar seu cabelo, despertar-lhe o peixe-dragão, estourar os limites do círculo de sei-lá-o-quê, desarmar o resto de suas moralidades e crenças no suposto limite da persuasão. Mordeu os dentes.

– Eu lembro bem – pausou – sua preocupação com a cessão de um espaço para a igreja evangélica...

Padre Joaquim elevou as sobrancelhas e tentou falar algo incapaz de chegar à sua boca, muda.

– ... se você não fizer o que estou mandando – elevou o dedo indicador – eu vou conversar com o pastor Adelmo – Joaquim congelou novamente as ventas ao receber a preciosa informação da ciência de Eduardo quanto ao nome próprio do pastor. Pastor quem? – e ainda este mês teremos uma igreja aqui. Certo?

Padre Joaquim agora mesmo perdeu a palavra ascendente prestes a sair de sua boca, custosa à conquista, neste instante ecoando o barulho de sua queda no mar do esquecimento ladeira abaixo, relegando ao palato do padre o vácuo boquiaberto, garganta presa como se fosse ao enforcamento.

– Aguardo seu telefonema.

Eduardo levantou-se, bateu a cadeira para o lado, rumou-se à porta, tais movimentos passando aos olhos de Joaquim como um filme em câmera lenta sobre o qual nada pode opinar, em sequer uma cena pode interferir, o diretor e o roteirista finalizaram o roteiro, o cinema está veiculando a película e o padre está apenas assistindo atônito. Eduardo enfim partiu, batendo a porta e a palavra jamais ascendeu novamente à boca de Joaquim, agora o fóssil ultrapassara o congelamento. Um pequeno resquício de ar passou pela garganta presa, dura como pedra, os braços aos poucos relaxaram um pouco do peso, a tensão descia segundo a segundo aos pés e a cabeça martelava às batidas alarmantes e crescentes. A espinha do peixe parou à garganta. As sirenes prosseguiram apitando. A persuasão há tempos lhe dissera definitivo adeus, até mais, sou ancestral anônimo, em tempo algum conte mais comigo, estou afundada além do peixe-dragão. Este decerto pulava incansável.

Ana esteve dispensada dos comunicados da diretoria após o convite à sala da diretora, à conversa relatada aqui nestes termos, quando vimos a atividade docente vir a decair alguns patamares na história. Quanto a este episódio, a professora de ciências biológicas perdeu algumas noites de sono, tentado restabelecer a suposta calma que o ofício exige, caçando formas de estabelecer o consenso interno, um equilíbrio misto ao senso crítico necessário. Apenas tentando. No fundo, no fundo, na aguda cavada realidade, a ausência do sono lhe ocorreu em maior intensidade; conhecia, decerto, um pouco sobre os estudos científicos acerca do sono, contudo desconhecia estudo biológico capaz de lidar com seu estado de espírito afetado pela intervenção proferida pela diretora num tom supostamente amistoso de pedido, solicitação caridosa ao bem da educação municipal. Era um caso de ciência política. Impossibilitada à abordagem dos assuntos pretendidos, os perigosos conteúdos da educação sexual aos jovens de quatorze anos em média, preservou uma incredulidade compreensível; a atitude da dedura atingiu ao fundo o anterior consenso pessoal de Ana e, este sim, lhe tirou o sono. Corava o rosto de raiva quando imaginava a cena a seguir, a saber: um estudante lhe estendendo as mãos num cumprimento, Boa tarde, professora, tenha um bom dia, costurando o caminho à casa, Seja lá como ele faz pra chegar nela, irritou-se Ana, por conseguinte recebendo qualquer que seja o cumprimento dos pais à chegada do filho, ou filha, tanto faria, e desembocando a contar o que ocorreu na sala de aula àquele dia letivo, àquele programa ensinado pela professora, as artimanhas malignas do saber biológico investigado ao longo dos séculos por estudiosos pervertidos, preocupados com a preocupação do funcionamento do aparelho sexual humano, para que uma professora replique os ensinamentos da Sodoma buscando intervir no caráter íntimo e social dos seus ínfimos e inocentes estudantes que, entre as pernas, têm penas e tão somente cadernos e canetas. Ana custou e custou a engolir o espinho do peixe, de modo que não engoliu, e permanece hoje sentada à cadeira remoendo essa cena incansável ao masoquismo, bem como à compreensão da vida como ela é, o que não esconde certo masoquismo. Outro cenário faria a situação plausível, adotando o estudante alcaçua o tom inocente de relato juvenil aos pais em busca de mostrar serviço completo

em suas atividades escolares; ou, por outra ótica, os pais pressionando o estudante, em concordância com a professora, para que a dedure completamente, de cabo a rabo. Seja o cenário a ou b o originador da sentença escrita pela Paróquia à direção da escola tendo em vista a advertência à professora, ambos seriam capazes de tirar-lhe a paz do peixe-dragão, como fora.

A vergonha passada, certamente defronte à diretora, à sua irmã, defronte ao Padre quando este ouviu da boca de alguém merecedor de confiança, de crédito, de afação, a denúncia contra os ditames da docência da senhora professora Ana Claudia, embora em momento nenhum avistou a cara paroquial, custa a dor de Ana. De algum modo, pretendia reestabelecer sua autoridade professoral, advertindo os estudantes ou retrucando contra a diretora ou, esta é a opção mais improvável ao leitor e ao destino, visitando a Paróquia a tentar constranger o padre como ele fizera consigo. E destarte procedeu. Visitou a Paróquia, numa tarde de sábado, Folga finalmente!, enroupada costumeiramente, vagando pelas ruas até a Praça, adentrando ao templo paroquial, observando os santos, tocando intimamente na imagem de São José, em destaque ao lado de Jesus Cristo, vislumbrada com sábia construção no objetivo de encantar os visitantes, fiéis ou descrentes, na missão da paz ou da tensão. Ana sabia a ausência de qualquer missa ao dia, qualquer celebração, e rumou-se ao quadro de horários da Paróquia. Àquele dia, um comunicado informando, ademais, os horários rotineiros de atendimento para confissões, o padre não atenderia ao público sequer para as importantes confissões. Ana girou o corpo para reencontrar o vão protegido por uma janelinha de madeira, acima descrito “Secretaria”, porém não havia alma viva ali. O coração de Ana borbulhava, os olhos arregalados a todo segundo, as mãos suando, e não era por conta da presença do Espírito Santo. O nervosismo da empreitada cobrou o preço. Dois caminhos esticavam ao seu horizonte, adiante do desejo de correr: insistir na tarefa de encontrar alguém e dizer-lhe, Quero agora mesmo falar com o Padre, fui atingida por uma censura dele, formulou, ou simplesmente aproveitar a oportunidade dada ao destino de confluir o medo ao leito do acaso da ausência do padre, da desistência do Padre de ter com seus fiéis, e abandonar a missão a retornar à casa. Dessa vez, Ana optou pelo mais prudente que, lá atrás, assinalamos o mais prudente ao universo e ao público leitor, certamente assim pensamos. Ana deu o contorno, desceu as escadas da Igreja e meteu-se à casa para usufruir do sábado. Dia santo.

Entregar um professor à inquisição não surpreende, vê-se Ana remoendo a fogueira, mergulhada na sensação latente de ingerência. Entregar a cabeça de João Batista terá um preço, se já não o cobraram, a fatura virá; ali, Ana assegurava sua cabeça protegida, precisava de seu pescoço protegido. Esta memória de Ana tornou-se, recente em carne e osso no próprio sábado da aventura, em risadas de sua irmã, neste exato momento aos prantos num culto à igreja pentecostal vizinha à Vila, e impressões de perigo em Ana. Provavelmente ela seria ridicularizada pelo padre Joaquim; seu nome, Ana Claudia, seria inscrito na lista de arguidores da Igreja Católica Apostólica Romana, acusadores, críticos, o purgatório lhe seria caminho desviado, cairia defronte ao fogo do inferno,

IGREJA DA VILA

tudo isso pois sua indulgência jazia sumariamente negada. Se o jornal da Vila diz o que diz contra um nobre empresário local, acusando-o de demissão contra diversos trabalhadores de seu mercado, desvios de caráter, falta de compromisso com a Igreja dentre outros elogios da ordem, imagina o que faria contra uma simples professora desconhecida da Vila cuja profissão está submetida a um constante processo de aprimoramento de valores e qualidade segundo os critérios de qualidade da fé. Aos pensamentos acima relatados, Ana preferiu contê-los no momento da aparição de Armando à televisão, rosto, este sim, conhecido por ela e pelos eleitores da Vila, declarando o conteúdo de seu depoimento à polícia, Realmente muito ético falar na imprensa o conteúdo de uma investigação assim, encarou Ana o palavrório de Armando no visor televisivo, acompanhando atenta o discurso do quase vereador. Assegurou, agora é Armando quem fala, seu constante compromisso no esclarecimento da morte de seu irmão, não apenas prestando seu primeiro depoimento, mas colocando todas as ferramentas à disposição da Polícia. É o que vamos ver, ironizou Ana, deixando um pouco de lado as complicações da docência.

AVENIDA DO BURACO, 535
– FORA DA VILA

A presença da imprensa à frente da sede municipal da Polícia Civil intensificou-se nos últimos dias, transparecendo sobejo interesse da chamada opinião pública, análoga alcunha aos conglomerados de comunicação ligados aos interesses mais variados, no trato da investigação da morte de Benedito Ronem. Interesse este catalogado como exagero pelo exame criterioso do chefe das investigações, delegado Júlio Dias de Castro, cuja voz conhecemos, e o rosto também, da coletiva oferecida à imprensa algumas localidades antes desta, na qual anunciaram o básico do básico sobre o processo das investigações. Júlio, nesta data que nos ocorre, convocou a contragosto uma reunião entre os membros integrantes da equipe de investigação do caso. A salinha reservada, ao centro uma mesinha redonda para comportar os responsáveis legais pelo caso, presentes na reunião, aguarda-os. Júlio é o primeiro a marcar o lugar à cadeira, coçando o queixo e a barba ao folhear friamente um calhamaço de folhas reunidas. Não é de esperar um abundante clima de tapas nas costas, peixes-dragões reservados e toda sorte dos bons desejos, ademais os nervos floreados insistiam em demarcar as posições no processo de investigação. Benedito fora o mais pontual caso de controvérsias e discussões àquele ano, até o momento, quiçá pelo peso histórico de sua biografia ou, mas também, pelo inesperado óbito.

– Espero mesmo que essa reunião seja rápida. – a porta rompeu-se à chegada de Cristina, perita criminal responsável pelo eixo das investigações materiais e coletas de provas sobre o episódio.

- Por que a pressa? – retorquiu Júlio, inexpressivo.
- Porque já deram por encerrado o caso, não foi?
- Isso veremos agora, Cristina.
- Não parece, Júlio. Não parece.
- Acho que essa não é a hora disso.
- Isso?
- Sim.
- Acho que eu posso questionar, não é? – interpela.

A maçaneta girou. Cássio, calvo e magricelo, dentes afiados, e Rubens, homem corpulento de cabelos grandes, adentram à salinha. Eis aqui, portanto, escrivão e investigador, no mesmo trem à chegada. Júlio os recepciona ao sorriso tosco, acena os lugares conhecidos de antemão e retoma o fio condutor do diálogo com Cristina, contudo jogando os novos presentes na partida.

– Estamos aqui hoje para tratarmos, por fim, do caso.

– Eu não concordo. – Cristina discordou.

– Vamos analisar as discordâncias caso a caso, certo?

Cristina mantém-se em silêncio, contrariada. Júlio mira Cássio e Rubens, seguindo o anseio de perder a paciência num ato de suposta legitimidade da autoridade conferida pelo regimento da corporação. É assim que chamamos, aos modos da etiqueta legal, a supressão das opiniões.

– Ontem tivemos o depoimento do Armando, o primeiro, pois ele havia solicitado um tempo de luto. Nós respeitamos. Já havíamos tomado os depoimentos do assessor, o senhor... Rogério, o assessor de Armando, senhor Fábio, o presidente do diretório municipal do partido, o senhor Jair, e o vereador Mendonça de Menezes. Pois bem. Como sabemos, o depoimento de Armando foi morno, mas esclareceu algumas coisas.

Júlio pausou a exposição por segundos para observar o semblante de sua equipe.

– Delegado, só uma coisa. – sinalizou com a mão Rubens.

– Pois não, Rubens.

Pigarreou antes da fala.

– Eu acho que infelizmente a quantidade de heroína na seringa, como material do crime, não deixa dúvida de que só teríamos como sinalizar um homicídio no caso dos vestígios materiais estarem ali também, entre os envolvidos... Isso pra mim já é questão vencida... – bateu a mão para trás como quem quer tirar uma poeira do ombro, declarando logo em seguida “deixa pra lá”.

– Olha, não tem como pensar assim... – irritou-se Cristina – Estamos falando de uma morte que está colocando em xeque a política municipal.

– Mas aqui fazemos justiça, Cristina, não política. – alegou Júlio, taxativo.

Cristina fitou-o.

– Realmente – Júlio retomou – temos ausência de vestígios em qualquer um dos suspeitos. Benedito estava sozinho. Apenas Armando, seu assessor e o presidente municipal possuíam a chave de sua casa. Armando não estava na Vila, afinal.

– Mas nós temos um claro ataque na nuca do cara, Júlio! – interferiu Cássio, a ponto de soltar uma grande palavra de expressão, um palavrão.

– Cássio, isso já foi analisado também. – insistiu Júlio. – Benedito claramente escorregou e caiu quando estava drogado, batendo a cabeça no encosto da poltrona que, não por acaso, é de madeira das mais resistentes.

Cristina coçou os dentes.

– Não vamos ficar aqui debatendo o que já foi tratado. Eu, como investigador, já dei a cena do crime. Na minha visão de trinta anos de casa.

IGREJA DA VILA

– Mas eu não. E eu sou perita há trinta e cinco e nunca vi um caso assim ser jogado à sorte.

– Cristina, mais respeito. – acirrou Júlio. – Estamos integralmente nesse caso nos últimos dias.

– Realmente. – endossou Rubens.

Júlio encara Cássio, agora sucumbindo à imprevisão de manifestar-se.

– É um caso complexo. O depoimento de Armando é difícil de ter furos, sabe... É uma coisa difícil...

– O depoimento de Armando é claro como... sei lá, claro como deve ser! – arrematou Rubens.

– Era o que precisávamos para fechar a questão. – indicou Júlio.

– Tenho uma pergunta. – Cristina encorpa o tom de voz – Realmente vamos ignorar o vestígio encontrado na perícia do corpo?

Os três arranham o olhar um do outro. Júlio assume a corrida.

– Não estamos ignorando, Cristina.

– Então isso é o quê?

– Isso é trabalhar com os fatos.

– Eu também não estou convencido, Júlio. – irrompeu Cássio. Cristina dá de ombros para Júlio. A sala escurece.

– Vocês estão fazendo firula, fala sério! Isso aqui é trabalho policial, não investigação de pesquisa social, que cada um tem sua opinião...

A rouca voz de Rubens ecoava a ocupar os extremos da salinha, combinando à luz baixa um tom de domínio ao ambiente. O peixe-dragão de Rubens acenava pular.

– Benedito tinha vício, ponto. Já ouvi de dezenas de colegas relatos antigos sobre isso. E ainda acharam na casa uma quantidade considerável, não se esqueçam...

– Sim. – custurou Júlio, sinalizando querer escutar mais a voz de Rubens.

– Mas isso não prova nada... – posicionou-se Cristina.

– Se isso não prova, prova então a ausência de provas do outro lado? Oras, não entendo! – bufou Rubens.

– Não disse prova, apenas quero insistir na necessidade de continuarmos os trabalhos. Mais depoimentos, mais aprofundamento. Isso é muito delicado...

– Na situação em que estamos, Cristina, isso não vai funcionar. – opinou Cássio, indiferente na alma e no semblante.

– Mas não disseram aqui que não fazemos política? O momento político não pode ferir nossa investigação.

– Mas ela já está dada, Cristina... por favor... – Rubens embalou a cabeça em descrença, espumando as ventas pelas trompas.

– Essa discussão não vai dar em nada. – Júlio pairou a mão flutuante sobre a mesa. – Vamos decidir.

Cristina acenou, denotando posicionamento.

– Eu voto contra o arquivamento do caso.

VICTHOR FABIANO

– Eu voto a favor. – Rubens quase faz careta e mostra a língua.

– Bem... eu voto a favor. – Cássio tremulou os olhos.

Júlio encarou Cristina cujo semblante expõe a descrença profunda, os dentes acirrados e os olhos cabisbaixos.

– Eu também dou o caso por encerrado.

Rubens marcou à mesa uma leve batida com a mão ao proferir pausadamente: “perfeito”.

– Estamos liberados. Cássio fica responsável pela redação da análise final e pela formalização do arquivamento do caso por ausência de provas. Vamos marcar uma coletiva para notificar a imprensa e irmos adiante nos outros trabalhos. – respirou fundo.

– Obrigado pela presença.

Rubens demorou a abandonar a cadeira, Cristina cumprimentou-os ao acenar contida com a mão e partir. Nenhuma palavra foi proferida, tão somente o ruir dos passos e do fechar da porta. Apagou-se a lâmpada.

PRAÇA DOM JOSÉ DE
ASSUNÇÃO RONEM, S/N

É aqui onde o vento não lhe pesca, a água apressada não molha seus pés, os olhares ignoram o furor, é aqui onde padre Joaquim acende a luz à presença de Gabriel, colado à sua sombra, prosseguindo o trilho duma conversa.

– Senta aí, Gabriel...

– Sim, Padre.

– Então, muito boa a matéria que escreveu sobre o mercado, achei no teor certo, agora precisamos aprofundar a percepção, além de trazer à tona novamente a atuação duvidosa de Menezes.

– Mas eu não tenho elementos para isso.

– Eu tenho. – Padre Joaquim coçou o nariz e apresentou a Gabriel uma folha, um rascunho.

– Aqui estão minhas reflexões sobre a quaresma e sobre Menezes. É só digitar lá, do jeito que você faz.

– Ah, entendi... – Gabriel sorriu. – Agora faz sentido.

Padre Joaquim estalou à boca uma sonora concordância.

– Aqui é assim, tudo na lata!

– Isso é bom, Padre, o trabalho flui melhor.

– Fluiria melhor se você não estivesse tão ausente. – furou o teor ameno da conversa ao suposto puxão de tapete.

– Padre, me desculpe...

– Não se preocupe – o acalmou, ensaiando um sorriso milimétrico.

– Eu não quero atrapalhar o andamento dos trabalhos, de verdade.

– Anda visitando muito aquele restaurante de comida caseira?

– Ah, aquele é bom, Padre! – riu.

– Eu sei, meu filho.

Ao filtro de Gabriel, sílaba por sílaba de Joaquim no tom descontraído da prosa ressoavam o refúgio para além das quatro paredes da sala, para além da privativa existência paroquial, embora as atividades cerimoniais públicas assinalassem a aparição. Um refúgio do coração, conquanto enchemos a boca de larvas raras para poupar os vermes amargos do estômago.

- Fico feliz que esteja aqui gostando de seu trabalho.
Gabriel pensou para responder.
– Sim, estou satisfeito.
Padre Joaquim piscou o olho.
– Só quero te pedir para apressar esse serviço, o jornal precisa sair rápido.
– Algum motivo específico?
– Olhe bem para nossa situação. – Joaquim o encarou.
– Entendo. – assentiu.
– Precisamos delimitar nossas posições enquanto temos essa possibilidade.
Gabriel subiu à intriga íntima.
– Por que por enquanto?... Algo específico?
– Nada que possamos presumir ao certo, mas essa é a quaresma mais difícil que já vi.
Gabriel desconhece a força de uma quaresma, sinalizando a manutenção do silêncio, abrindo margem para o bom senso agir e obrigar Joaquim ao preenchimento do vazio do assunto.
– Preciso que me ajude nisso. – finalizou.
– O senhor já se reuniu com Armando?
Joaquim mirou Gabriel.
– Não. Ele pediu um tempo, mas temos conversa marcada já.
– É... essa conversa não interfere na redação do jornal?
– Se interferir, aviso você.
Agora o bom senso cobrou a Gabriel o provimento de assunto.
– Obrigado, Padre. – resposta errada, pensou – Farei o que puder para a redação sair o quanto antes e lhe aviso.
– Muito obrigado, meu filho. – montou um sorriso. – Agora vá ser jornalista na vida!
Gabriel acenou pacientemente ao Padre o adeus diário, parente de todas as despedidas comunicadas entre os dois, deixando a sala apenas ao gosto de padre Joaquim, ao momento atual apanhando um pedaço de chocolate à gaveta e apertando os números do telefone. Eis a hora de costurar um enfrentamento, desenhou em sua mente, aturdido com uma sensação imprevisível de angústia. A quaresma depreende à reflexão, exaltando o ser religioso e espiritual em cada cristão, ao católico responsável na tarefa de amar a Deus, aos compromissos da Santa Igreja. O que tenho feito, o que posso fazer, o que Deus quer de mim?, seriam questões pertinentes à sensação de angústia de Joaquim, pescando entre as respectivas perguntas sinais às respostas, à indecisão defronte ao verdadeiro Atlas suplicando por uma liberação à condenação, ao perdão por seu pecado, à liberação do peso em seus ombros, demasiado penoso para as velhas pernas paroquiais acometidas das roxas varizes as quais certamente alcançam o coração e comunicam o cansaço. A reflexão da quaresma não seria abençoada ao ponto de inspirar-lhe remédio.

- O**i, pode falar, irmã.
- Judite, tá tudo certo.
 - Tudo combinado?
 - Sim... não tô te ouvindo direito.
 - Tô falando baixo porque meu marido está almoçando aqui.
- Ah, sim, Deus vai vencer essa batalha, Judite.
- Vai sim, irmã, tenho fé. Muito alegre por saber que vamos fazer história!
- Nem fala, Judite, estamos conseguindo...
- Isso aqui precisa ser quebrada, essa maldição que está sobre esse lugar. Olha o tanto de desgraça que aconteceu...
- Primeiro precisa arrancar nome de santo daí, não é?...
 - Claro, mas o Menezes está sendo usado por Deus, as coisas vão mudar. Tenho fé.
 - E na sua casa também, tudo mesmo. Até mesmo seu filho...
 - Bem, isso já é mais complicado, irmã... E seu salário, caiu?
 - Caiu, já até fui ao mercado comprar coisa pra almoçar.
 - Menina, você viu o preço da carne?
 - Vi, comprei frango congelado mesmo, mais barato e até mais fácil pra fazer.
 - Eu aqui estou passando bem apertada... - sussurrando - meu marido ainda tá com aqueles gastos, da loteria...
 - Pior que ele trabalha lá, fica difícil sair desses vícios...
 - Mas ele não quer ajuda, não tem jeito.
 - Acho melhor colocar na campanha da igreja isso, tô te falando...
 - Eu coloquei já.
 - Amém! Você vai ver, vou orar por isso também.
 - Essa campanha já tá me abençoando, irmã, conversei com meu filho e ele me ouviu pelo menos um pouco.
 - O pecado aos poucos vai tapando o ouvido das pessoas, mas com muita oração isso se resolve. Tenho fé.
 - Esses dias ele estava com um crucifixo da vó na mão.

– Misericórdia... Sério, Judite?
– Seríssimo, minha irmã, eu fiquei assustada e peguei da mão dele. Logo foi pro lixo.

– Meu Senhor! Fez bem, essas coisas trazem maldição pra dentro de casa.
– Mais ainda é difícil! – riso contido.
– Logo ele vai fazer quaresma também...
– Para com isso... – repreendeu, irônica, torcendo a voz – Eu vi hoje um cartaz na paróquia falando sobre a quaresma. Olha, só por Deus...
– O que adianta quaresma e o coração estar sujo de idolatria...
– Me pergunto a mesma coisa, irmã.
– Sim...
– Bom, vou desligar porque ele terminou de jantar.
– Sim, irmã. Boa sorte!
– Deus abençoe.
– Amém, até dia dezenove!
– Estou ansiosa!
– Eu também. Beijo.
– Beijo.

Pousou o auscultador ao telefone e girou o corpo em direção à mesa. Nilton estudava o prato vazio, cabisbaixo. Judite colou ao braço esquerdo, chamando-lhe o olhar avermelhado.

– Ainda está com fome?
– Não... – desconversou.
– Estava conversando com a irmã da igreja.
– É, eu percebi.

Judite entreouviu a perturbação ao peito de seu marido, tomando o assento ao lado num ato acurado, puxando a cadeira para trás, tomando o espaço e sentando-se ao puxar a cadeira ao ponto original. Mexeu nos talheres por segundos e elevou a cabeça aos olhos do marido.

– Eu convenci o menino a ir para a igreja comigo.

Nilton bandeou o rosto à direção dos olhos da esposa, descobrindo-os brilhantes e esbugalhados ao tom dum peixe a sair da água para morrer, sobremaneira empenhando-se à sobrevivência improvável. Nilton preservou a vermelhidão dos olhos, investigou Judite ao relógio girar o ponteiro uns seis segundos, severamente mudo, a indiferença ali tomou-lhe as rédeas do cavalo, contudo o animal costurou os recursos sonoros para jamais ser reconhecido. Judite esperançou sobremaneira a aposta na vitória do cavalo, do qual caiu velozmente, embora longe da disputa estivesse, jamais montaria um cavalo na vida, presumimos, todavia a queda provocou fatalmente a fratura da espinha da expectativa; esta, quando quebrada, em tempo nenhum possibilitará estrutura para luzes nos fins dos buracos futuros.

– Espero que ele vá. – ergueu a sobrancelha e por pouco surpreendeu-se no primeiro estágio das gradações do verbo “surpreender-se”, indiferente o bastante para preservar

IGREJA DA VILA

a fratura na espinha da expectativa de Judite, naquele instante coçando a cabeça e retirando os olhos do antigo alvo vivo de seus olhos, os olhos de Nilton.

– Pensei que sua resposta seria diferente.

– Nada disso vai adiantar para qualquer problema que a gente tem, principalmente essa doença dele. – Nilton endureceu as narinas, atendo-se a manter contato visual com o prato sujo à sua frente.

– Já te disse que não é uma doença, é espiritual...

– Ah, Judite, que porcaria! Que seja... Não deixa de ser um problema.

– Fica – pausou – calmo.

– E quantos caras falaram que tentaram resolver esse problema indo pra igreja e nada deu certo. Fica você nesse mundinho seu aí! Eu já falei – virou-se para ela – a solução.

– Eu acho melhor tentarmos do meu jeito. – insistiu, economizando-se ao evitar o rosto do marido.

– Ah sim... – debochou.

– O meu Deus é muito poderoso, Nilton, acredita!

Nilton repetiu, como quem volta no tempo, o proceder facial irresoluto ancorado no mar de apatia.

– Vou acreditar, Judite. Mas de olhos muito bem abertos.

Debaixo da mesa, Judite acariciou as mãos escondidas pela toalha florida, percorrendo o olhar por todos os cantos disponíveis à visão da cozinha, afogando-se no mar de indiferença sobre o qual Nilton navega, pelo qual Nilton é proficuo nadador, no qual Nilton pesca petiscos durante o entardecer, contra o qual Judite se afoga embebida por água indesejada. A água delibera desprender-se pelos olhos desorientados.

AVENIDA DO BURACO, 535
– FORA DA VILA

Avenida do Buraco busca conciliar a quantidade excedente de automóveis sobre seu leito marejado por concreto quente e suado, provocando a impressão facial de suor também nos poros humanos direcionados ao alto à observação do último andar do prédio da Polícia Civil. Carros pintados de todas as cores, outros identificados por logomarcas dos veículos de comunicação em mais uma ocasião brigando por espaço à frente da sede policial, pois está marcada na agenda de hoje a coletiva de imprensa convocada pelas mãos do delegado responsável pela investigação da morte de Benedito. Para nós, amantes da boa bisbilhotagem cotidiana, servos do saber universal, às vezes nem tanto, adoradores das conversinhas à toa, dos burburinhos ao pé do ouvido, o tratado na tribuna será uma delonga aos decretos já firmados nesta narração, em nossa observação constante a respeito das peripécias da história perpetradas na história da Vila e do município pela ação dos homens e mulheres. Então, vamos lá, sabemos o caminho para lá chegar, ao auditório onde se passará a comunicação oral e oficial das decisões policiais, onde fincarão as câmeras ao chão, os jornalistas suportarão nas mãos os pesos de suas cadernetas recheadas de informações, as famílias receberão em suas casas, estando na sala ou quarto ou cozinha ou à rua através da vitrine de uma loja, o sinal televisivo irradiado a partir das fixas câmeras atentas. É só subir até o andar do burburinho, este que gostamos bem à toa, aguardar aparecer uma cabeça qualquer pronta a falar. Observa só, aqui está Júlio liderando a correnteza dos profissionais conhecidos, Cristina inquieta, Rubens dos braços cruzados e Cássio coçando o nariz, e nós invisíveis, todavia atentos como as câmeras, ao molde dos microfones dispostos à tribuna. “Caros presentes, imprensa e outros interessados, sou Júlio, delegado responsável pelas investigações da morte de Benedito Ronem. Neste dia, a Polícia convocou a presença dos interessados para um comunicado importante ao caso de Benedito Ronem. Nos últimos dias nos debruçamos sobre o caso, dia e noite, atentos aos trabalhos de investigação, aprofundando-o sobremaneira, temos hoje a certeza do empenho. As investigações colheram os depoimentos, os materiais na casa do falecido. Escutamos todos dispostos e aos demais convocamos segundo as exigências estabelecidas em nossas leis, em nosso Código Penal, seguindo firmemente as rubricas legais. Tendo como base o sério trabalho levado a cabo por nossos agentes, senhores e senhoras profissionais da Polícia Civil, con-

cluímos que a morte de Benedito se trata de um suicídio, causado por altas doses de heroína, em altíssimo nível de uso, provocando uma overdose fatal, levando ao óbito por parada cardiorrespiratória. Não havendo outras dúvidas, o laudo médico endossou nosso entendimento de acordo com as evidências físicas de sua morte. Lamentamos profundamente a perda de Benedito. Agradecemos a presença de todos e desejamos bons cumprimentos”. Aqui consta a comunicação oficial da Polícia Civil sobre a morte de Benedito. Não era questão de acender ou apagar a luz, o custo das palavras de Júlio foi o piscar atordoado dos olhos, as boquiabertas feições, o ar pesado aos presentes, como se a penumbra de um eclipse tornasse a própria força do ambiente. Os burburinhos, tom amenizado da fofoca classificada essencial ao nosso fazer e viver, ecoavam aos quatro cantos do auditório à ressonância abafada, cortados por vozes da imprensa transmitindo aos espectadores assentados em suas casas, enfatizando a conclusão policial de suicídio, transportando às residências, bares, escolas, academias, aeroportos, repartições e leitores o abismo cavado por palavras responsáveis por revelações inesperadas ao ouvido humano. Diríamos nós que Benedito acariciou demasiado seu peixe-dragão, ofereceu-lhe demasiado espaço, abriu-lhe demais o caminho, ele deu voltas e saltou para fora, vindo ao seu encalço os seres do profundo mar a cobrar-lhe as luzes, as sobrevivências, as alimentações, as razões de viver. Diríamos nós que este é o resultado da aparição do peixe-dragão à superfície, por onde jamais deve nadar.

Viaja pelo carro uma voz feminina informando aos ouvintes os parâmetros revelados pela polícia. Armando concentra-se na estrada, uma mão no volante e outra no queixo, ancorando o cotovelo à beira do vidro, sentindo a violência promissora do vento a entrar por uma fresta refrescante. Coça o queixo umas duas vezes e gira o volante à entrada da Vila. Percorre o caminho conhecido, deglute a informação de antemão conhecida sobre a morte do irmão, aproxima o corpo do volante para estudar se há algum morador passando pela rua ao encontro da faixa de pedestre, caso contrário dá partida, adentra à rua de acesso à Paróquia. Nalguns minutos está ali defronte, estaciona na praça, evita o reconhecimento dos senhores à partida de xadrez nas mesinhas de concreto protegidas pela bênção da sombra vegetal dançante. Estendendo-se suspensas por fios coloridos balançam bandeiras coloridas ao ritmo do vento abraçando as folhas das árvores e carregando em suas moléculas o peso das contradições; bandeiras triangulares coloridas, alternando a decoração com as impressões ilustrativas do semblante de São José fincadas em madeiras compridas à terra da praça. Anunciava o cartaz preso em duas estacas altas: “19 de março – Dia de São José – Patrono da Igreja”. Armando largou o olhar às correntezas da praça e subiu as escadas, marcou o sinal da cruz. Ele conhece o caminho até a sala de padre Joaquim. Assoviano foi para possibilitar a ciência sonora sobre sua chegada. Acho que é por aqui, desenhou o percurso à memória, virou um corredor e enfim deu-se conta da sala. Bateu uma vez, o timbre paroquial lhe concedeu a visita. Padre Joaquim surge ao relance da porta se abrindo ao movimento de Armando empurrando-a para trás. Joaquim tomou a maçaneta e a escancarou de vez. Padre Joaquim terminou de mastigar algo.

– Meu filho! – o abraçou.

– Padre... – consentiu aos braços de Joaquim.

IGREJA DA VILA

- Esperei muito por esse momento! - terminou o abraço, ambos se soltaram.
- Eu também, Padre... - Armando sorriu, um tanto deslocado.
- Venha, sente-se.... - Armando acomodou-se. - Pena que estou neste exato momento almoçando algo que Gabriel me trouxe, uma bela comida. Aceita?
- Agradeço, Padre, já almocei. - Armando fez sinal de recusa com a mão.
- Peço desculpas. - Joaquim sorriu afastando a marmita embrulhada ao canto da mesa.
- Não se preocupa. Sei que a rotina é corrida.
- Hoje não tanto, Armando. Mas costuma ser. Bem, fiquei feliz por sua presença. Não conseguimos conversar nos últimos dias, lamento profundamente a morte de Benedito.
- Armando caçou um sorrisinho ao canto da boca, suspirando.
- Eu agradeço a força no velório, Padre. O enterro foi um momento bem difícil, por isso fiquei afastado uns dias.
- Perfeitamente compreensível, meu filho. O importante é que aqui está agora. - alentou-o.
- Hoje fiquei de olho na coletiva da Polícia também. - Armando sinalizou a impossibilidade de prosseguir a frase.
- Eu também. - Joaquim mirou repentinamente ao vácuo no canto da sala, despertando no igual estalo repentino - Bem, você sabe de algo sobre isso?
- Sobre o quê?
- Sobre a causa da morte...
- A overdose?
- Sim...
- Sabia. - engoliu a saliva.
- Era algo grave a esse nível ou, talvez... causa da tensão, algo assim?... - balançou os ombros e as mãos.
- Era sim, tinha mais coisa envolvida.
- Bem...
- Mas não vamos falar sobre isso, Padre. Por favor - Armando elevou o olhar aos céus - acho muito melhor.
- Entendo, meu filho. - Joaquim buscou no banco de dados de sua mente o fio condutor a outro assunto de seu interesse.
- O Mendonça conversou com você, certo? - Armando colaborou na fuga do assunto.
- Sim, Armando. Uma péssima conversa.
- Imagino. Não é de surpresa.
- Não, jamais! Chamá-lo já foi uma missão que nem a quaresma resolve - riu - Brincadeiras à parte, não deu em nada.
- Nada mesmo?
- Meu filho - aproximou-se de Armando, enfático - o homem não falou nada com nada, não deu nenhuma informação... Sabe, evasivo. Mas mostrou-se nervoso, o suficiente, com o silêncio, para deixar a entender que eles estão adiante com os planos.

- Isso me preocupa.
 - Somos dois, três, quatro, cinco... - agitou a mão como quem deseja tapear uma mosca, achando graça do trocadilho íntimo.
 - Tudo isso teria sido mais ameno se o resultado fosse outro.
 - Certamente. Benedito teria ido embora, mas Menezes é um peso considerável independente de qualquer questão.
 - Sim... - Armando perdeu-se no olhar.
 - Perder essa eleição foi duro.
 - Não se preocupe, filho... Outras virão!
 - Certamente! Essa luta não para por aqui. Tem meu compromisso no enfrentamento contra esse pessoal.
 - Preciso e sempre contei com seu compromisso.
 - Vou me reunir com a prefeita para falarmos sobre isso.
 - Eduardo está pegando pesado. - Joaquim acometeu o coração a um susto inesperado, alterando o tom da voz e alertando a boca sobre o guia dos assuntos proibidos à ocasião.
 - Posso conversar com ele se quiser.
 - Não, não, imagina... Tenho sobre controle essa questão.
 - Tem certeza, Padre?
 - Totalmente. - respirou - Bem, essa conversa com a prefeita é importante...
 - Nessa conversa terei muito a trazer para cá, ao seu conhecimento.
 - Fale para ela sobre nossas desconfianças comprovadas da atuação de Menezes.
 - Você acha que são comprovadas? - interessou-se pelo caráter atribuído pelo padre às desconfianças.
 - Bem - Padre Joaquim desconversou - é isto que tenho em meu coração.
- Armando sorriu.
- Então assim será, Padre.
 - O risco é grande, as consequências... olha, nem nas consequências eu gosto de pensar, filho.
 - Eu penso bastante, mas prefiro manter comigo. - o peixe-dragão lhe era responsável.
 - Não tem como, a gente sempre tem que ter em mente essas possibilidades.
 - Mas pode deixar comigo, Padre. Vamos sair desse sufoco.
 - Certo, meu filho.
 - Vou-me para casa, devo conversar com a prefeita em breve e retorno. - Armando ergueu-se da cadeira.
 - Obrigado pela conversa, Armando. - O Padre contornou a mesa ao segundo e último abraço. O afagou aos tapas nas costas.
 - Estou à disposição, Padre. - Armando sorriu agraciado.
 - Deus te abençoe. - Joaquim o tocou à testa ao abaixar-se da cabeça de Armando. A porta escancarou-se outrora, fechou-se e trancou-se doutro lado o semblante de Joaquim; este retomou o assento, bisbilhotando a comida remexida ao caçar o anterior apetite, transpassado por raiva e enfurecido pelo ecoar da sentença "overdose, overdose...".

RUA IRMÃ MARIA LÚCIA DE JESUS E DO CORAÇÃO IMACULADO, 41

A poeira do depósito perturba as narinas de Jairo, cavando à aparência visual das pequenas montanhas ao rosto um aspecto vermelho e constante fluxo de muco, ou ranho para outrora preferência ou fluido visco-elástico aos sabidos conhecedores da biologia, certamente à fileira de professora Ana cujo trato não é destino acá. Arrisca a opinião dos resquícios da gripe, arrisca a possibilidade da poeira inaugurar-lhe uma nova alergia desconhecida por esses anos. Ao ranho irritante, o centro de sua fronte pulsava às marteladas uma dor constante, daquelas dores que ultrapassam o limite do aceitável ao bem-estar, irradiando o incômodo aos quatro cantos da cabeça e cutucando a área responsável pelo enjoo sufocante. Não pode haver enjoo forte o suficiente para impedir Jairo de apanhar forte as duas caixas ao chão, forçar os braços trêmulos ao movimento de levantá-las a uma mesa, abri-las com o corte fino de um canivete. O depósito do patrão, a caixa do patrão, os produtos do patrão, o canivete, propriedades do patrão; a poeira, a dor de cabeça, o enjoo, a fraqueza, essas suas propriedades. O café lhe ausentou, todavia a marmita ao almoço não se fez, aí está a primeira razão do enjoo, da fraqueza e a segunda razão do ato trêmulo. A razão primeira para o ato trêmulo costura-se a um bilhete de ônibus preso religiosamente no bolso da calça, vazio doutros pertences, qualquer que fosse ele: moedas, cédulas de dinheiro, cartões promissores. Preso aos cuidados temporais, a todo segundo conferindo a pertinência da sua obediência, pois o bilhete seria capaz de decidir por uma peripécia maldosa e saltar-lhe ao desconhecido dos cosmos, ou ao conhecido do caos. Jairo remendou a abertura de mais duas caixas ao passar os olhos pelo relógio, apertando o peito e secando a boca para além do trabalho físico. Apresou o passo, levou para cima de um carro de armazém as quatro caixas, cortou o depósito, deu as costas para abrir uma porta por onde cortou o limite com as mercadorias, entrou num corredor, virou noutro, achou as prateleiras destinadas aos gêneros alimentícios encontrados nas caixas: bolachas de água e sal, bolachas integrais e bolachas recheadas, estas apresentando o novo recheio de brigadeiro. Não há questão proveitosa em negar a paixão de Jairo por essas besteiras recheadas embora o bolso vago para adquiri-las, portanto coube ao seu trabalho organizar rapidamente as

embalagens para possibilitar a compra por outros, quicá o relógio lhe mostra o expediente no limite, precisa sair logo dali, Eles não pagam hora extra...

Moveu os pacotes das caixas às prateleiras, faltou espaço para tanta mercadoria, cumprimentou um colega de trabalho com quem pouco troca uma ou duas palavras, segurou o carro ao caminho de retorno ao depósito. Foi lá, estacionou o carrinho no lugar certo, agora o nariz irritou-se novamente, elevou as caixas esvaziadas pela metade às grandes prateleiras de ferro protegidas pela altura, bateu as mãos em retirada da poeira e apressou o passo ao vestiário. Jairo despiu-se atento à presença de alguém, estudando o espaço ao longo da troca de roupas, trajando no corpo uma camiseta preta, calça de moletom cinza e os tênis surrados. Girou a bolsa, arrumou-a às costas, ajustou o relógio: hora certa de ir embora. Por alguns segundos esqueceu em qual parede colavam o aparelho de ponto, forçou a memória e aludiu ser ali, naquela parede, ali mesmo. Apressou-se ainda mais, Não tem fila agora, tacou o dedo no leitor biométrico, saiu-lhe um papel como sai uma nota fiscal à compra duma mercadoria, tomou para si o papel e abandonou o trabalho.

Jairo encontrou perto dali um ponto de ônibus, Não são muitos, ainda bem, agradeceu aos céus porque o cansaço subia à mente quase privando-lhe dos equilíbrios e da estabilidade das mãos. O ônibus, registraram em letras minúsculas ao bilhete autenticado horas antes, passa dali alguns segundos. É tempo demais, comunicou o consciente, apertando o tremular muscular e tensionando a dor de cabeça de Jairo, a boca secando como se o peixe-dragão pelejasse mover as águas de seu profundo mar à superfície bucal de Jairo, intentando expressar qualquer palavra, qualquer gesto, um conselho, um aviso, um desespero. Que seja, alenta a si mesmo, querendo lançar metros abaixo do peixe-dragão a secura da boca, o tremular os pés. O bilhete!, acendeu a lâmpada no centro da memória, obrigando-o desesperado a apalpar o bolso da calça. Esqueceu o bilhete na calça de trabalho. Jairo deu as mãos aos pés e quase quadrúpede acelerou os passos na correria, acarretando à testa doída um suor deliberado e intenso enquanto resultado do esquecimento inesquecível. Adiantou a mão à porta do depósito, por onde os trabalhadores adentram ao serviço, rumou-se sem delongas ou outros cumprimentos ao vestiário, Aqui está, achou os pertences, Já vai dar a hora, o relógio gritou-lhe o tempo apertado suposto pelas letras minúsculas no bilhete. Encontrou a passagem de custo inestimável, apertou-a à mão, sonhando com a segunda chegada ao ponto, para onde corre neste exato instante. O sol está se pondo. Deparou-se num esbarrão com o ônibus retardando os pneus contra o concreto rachado. Deu sinal de aviso ao motorista, achegou à fila de três pessoas, suado porém aliviado, subiu as escadinhas do ônibus, entregou a passagem e secou os pingos escorrendo pelo rosto. O ônibus escurecido lhe ofereceu um assento beirando o conceito de confortável. Jairo balançou a camiseta com as mãos a fim de criar alívio ao corpo quente pela correria. Deslocou o pescoço vagamente para observar num olhar insosso os passageiros, encarando um a um ao gesto mais inoportuno; de relance uma senhora, cujo tempo avançado está, retrucou o olhar numa cobrança visual, ao sinal de quem recobra um malfeito, O que foi que tá olhando, mané?, arriscaríamos traduzir o olhar da senhora. Jairo tocou-se

IGREJA DA VILA

intimamente o incômodo e virou diretamente os olhos à janela, ao lado de quem viaja. Casinhas conhecidas, ruas da infância, o mercado ao fundo. A Vila passava para trás e adiante a sorte de Jairo. O ônibus abandonou a contingência e tomou a estrada.

Jairo observa cautelosamente os dedos calejados e os aperta para estudar o fluxo de sangue, este quando pressionado relega à pele um vácuo pálido, logo após é liberado e torna a avermelhar, ao passo da pele de Jairo a vermelhecer segundo a segundo aos murros dos desníveis da estrada percorrida pelo ônibus. Ao lado da mão calejada está pousado o bilhete, passagem por excelência, aguardando o juízo de Jairo sobre o potencial impresso nas letras minúsculas, Viajar, viajar... Dilema presente nos três últimos dias passados no calendário de Jairo, fique você sabendo embora o calendário ocidental cada um de nós temos o nosso folhetim de datas pessoal, por razão dos custos referentes à compra do bilhete, ao tamanho da inédita empreitada de exploração em sua vida, embora, nos recorre, a âncora mais densa desta viagem esteja lançada na omissão de sua ausência ao conhecimento de Beata. Arriscou-se esvaziar o horário de chegada em casa, calhar de não chegar à casa no horário de sempre, ausentar-se no giro da maçaneta da porta, simplesmente abandonar por um dia a calma que talvez sentisse Beata recebendo o filho em casa após mais um dia comum de trabalho. Jairo consente ao próprio direito, ao próprio decidir, Mas é importante ir lá. E está indo.

Jairo saca da mochila um pequeno papel amassado, Ainda bem que eu não joguei fora, esticando as marcas do machucado e remendando uma ponta rasgada. Entre marcas do amassado e um pingo de lágrima precipitado dos olhos de Jairo neste exato instante, e quem nunca chorou dando as caras a um papel simplesmente amassado?, avisa uma bela letra cursiva, Jairo, meu endereço está abaixo, sentirei saudades, beijos. Jairo também sentiu saudades, Jairo também lhe concedeu o endereço de casa, Toma, é uma casa simples mas vou adorar te receber, Jairo outrora aguardou a visita, Jairo apertava o coração às noites pressentindo o sufoco da saudade, Jairo também enviou beijos pessoalmente, aos bilhetes e por palavras noturnas ao correio dos ares, aspirando à ventania um poder de comunicação cuja esperança findou-se e como resultado obrigou-o a quebrar as expectativas da mãe, apressar-se no trabalho, bancar a passagem paga com as últimas moedas e cédulas escondidas dentro do sapato velho do quarto. Afastou o papel da visão para preservá-lo das lágrimas e secou os olhos com a camiseta à manga. Lentamente repousou a cabeça no encosto do banco e respirou com o metrônomo imaginário. Inspira, expira, inspira, expira... Brotou nos fluxos da imaginação o ritmo duma música matéria da saudade, combustível de sensações e impressões. O ritmo lhe alcançou como se ao ouvido a música vibrasse nota por nota, palavra por palavra, arrepio por arrepio ao tocar os sentidos; amenizou em sua estadia sonora a dor de cabeça, o suor, o nervosismo, o balançar das pernas... O volume diminuiu, diminuiu mais um pouco, abaixou consideravelmente ao pesar da respiração densa, o peso marítimo das pálpebras. Jairo adormeceu...

Sabemos nós todos os aspectos sobre o funcionamento fabril da mente humana enquanto nos acomete o sono, ao passo da anestesia do cansaço, o sono nos estende a

mão, contudo mantém ligado o conhecimento a respeito do nosso íntimo. E em seu íntimo Jairo corre desesperadamente atrás do ônibus, este sorri a ele, Perdeu, mané!, grita estas palavras malcriadas, acelera os pneus e às gargalhadas parte. O chão lhe falta, um buraco assume o espaço aos seus pés e a queda livre o recebe aos apuros. Jairo grita, grita. Parece durar anos a agonia, parece suceder um esperar aos ares. Imprecisamente um dedo lhe toca o ombro, Senhor, já chegou, levanta, Jairo desperta atordoado temendo abrir os olhos e descolar as pálpebras, balança a mão pelo banco ao lado para apanhar os pertences largados, erguendo-se assustado para fora do ônibus.

Anoitece. Jairo dá de cara com as ruas esvaziadas, embora poucos estabelecimentos às luzes acesas, retorna o olhar ao bilhete. Onde será que é, preocupa-se, Tenho que pedir informação. Ali em frente ao ponto no qual o ônibus o vomitou, um mercadinho, Menor que o meu, está aberto e atende uma moça negra de cabelos cacheados, Belo sorriso, Jairo aproxima-se do caixa e pede, Licença, boa noite, Olá, Posso pedir uma ajuda?, Pode sim, Você sabe onde fica a Rua dos Pássaros, número sete?, Sei sim, é só você seguir a rua e virar na esquina com a igreja evangélica, Ah, sim, tá certo, obrigado!, acena à moça atenciosa, retorna à rua e apressa os pés. A rua é longa, Tem uma subida logo ali, as pernas cansadas cobram a conta, querem arregar, todavia Jairo força os joelhos à eficiente articulação. Lâmpadas urbanas às ruas iluminam apenas as construções, não podem iluminar as mentes. E a mente de Jairo resiste às ruínas do atribulado porvir, por ora, escurecida por um apagão de todas as lâmpadas, desconsiderando ao mérito as destruídas pelo decorrer dos longos anos. Alguns minutos adentram à esteira do passado, cada segundo um novo segundo à esteira, e assim por diante. Jairo enxerga com nitidez a igreja, Estou chegando. Prepara o corpo para virar à esquina ao relance do olhar à placa, É esta mesmo, pisa centímetro por centímetro no concreto da calçada, entreolhando astuto os números das casas, É mais pra baixo. Os batimentos apertam ao gosto da correria bem como ao gosto da epifania iminente e eminente à frente de seus olhos, Tá chegando, umedece o olhar arregalado.

Defronte a uma casinha cinza plantou os pés e o corpo, fixo e estático. Engole em seco o gosto amargo precipitando-se gélido imediatamente aos pés a retornar à garganta como refluxo. Abre a boca titubeante, ensaia gaguejar duas sílabas. Aperta a mão vaga, noutra o bilhete repetidamente amassado, os braços tensos. É agora ou nunca, desafia-se, Você veio aqui pra isso. Não há casa ao derredor, não há céu sequer estrela, não há Vila São José, não há remendo. Apenas ali defronte ao corpo a casa cinza e paralisada, tanto quanto Jairo. Abre a boca: Madalena!, arrisca um chamado insuficiente, baixo. Dá-se conta do ato tímido. Madalena!, mais forte. Esperança do grito alçar voo aos aposentos da casa, abrir a porta, alcançar a cozinha, os quartos se o tiver, a sala, o banheiro e volver à calçada na natureza de resposta ao feitiço lançado. Contudo Jairo colhe o silêncio. Grita de novo. Dois segundos, três, quatro, cinco... Dez segundos e grita de novo. Passa um carro pela rua às suas costas, excedendo o limite de velocidade. Uma aranha avizinha-se ao coração, provando-lhe calafrios, sugando-lhe a pressão, a cor, o sangue. As mãos involuntariamente amenizam o vermelho tom do sangue e a pele

IGREJA DA VILA

negra de Jairo empalidece. Arrisca dois passos ao lado para averiguar as possíveis luzes acesas às laterais praticamente escondidas pelo estreito vão visual da residência. Breu, embora as lâmpadas de Jairo apagam-se às luzes internas da existência há pretérito tempo, tão mais remoto quanto a ausência escura da casa.

Há alguma luz ao seu lado piscando. Atrás de mim, percebeu. Virou o rosto e o corpo ao outro lado da rua; lá um bar simplório, pequeno, brilha uma lâmpada amarelada e enfadonha. Jairo hesita um segundo ao olhar a casa silenciosa e decide atravessar a rua em direção ao bar. Pesam os pés de Jairo na tarefa de cruzar o asfalto, os ombros recobram os anos de idade que nunca vieram a pesar, a dor de cabeça cruza os sentidos acima dos demais sentidos, a saber: paladar, olfato e os sabidos por todos nós, contamos aqui a dor de cabeça por ocupar espaço tão essencial e intrínseco à organização diária de Jairo, ao sentimento páreo de vida, à sua própria constituição molecular. Posto que a luz cintila amarelo oscilante em bruxuleios sonâmbulos, Jairo assombra-se com a possibilidade de reencontrar a decepção, dar a cara ao tapa em respostas grosseiras, aprofundar o buraco do poço, extrapolar o círculo-limite, hospedar o peixe-dragão na morada dos sentimentos doloridos. Entretanto arriscou. Olá, boa noite, Boa noite, Posso tirar uma dúvida?, Sim, O senhor é dono daqui?, É isso que você quer perguntar?, Não, não, é que vim fazer uma visita naquela casa, apontou à residência cinza, E o que eu posso fazer?, Vi que não tem ninguém lá, o senhor sabe alguma coisa sobre?, Cara, você veio no dia errado. Jairo nublou, morreu a flor dantes murcha. Morava aí uma família, mas eles foram embora faz uns dias, E o senhor sabe algo?, Não, não sou jornal, Mas... não falaram nada? Os pés de Jairo suavam. As pétalas apodrecidas dançavam ao ar numa queda morosa e bamba, embebidas de aflição. Eles não falavam com ninguém, o cara aí era carrancudo, cara fechada, replicou o velho. Oscilou a cabeça ao registro dum aceno de compreensão ao senhor escondido atrás do balcão de atendimento do bar despovoado, permitindo aparecer somente a barriga avantajada protegida por uma camisa listrada das mangas curtas, boné azul à cabeça com ralos cabelos, bigode perceptível e costas corcundas. Jairo insistiu uma penúltima vez o olhar ao mistério doutro lado da rua, percebendo as pálpebras pesarem a vagarosa sensação de faltoso aguardo, o sumiço da expectativa dos raios pigmentados dos seus olhos. Era ao velho possível zombar da condição de Jairo, Um menino desacreditado, enganado na porta do meu bar com uma bolsa velha e cara de acabado, evitou verbalizar a penitência citada para mostrar tolerância ao pedinte e evitar o aprofundamento de suas olheiras e da sensação de abismo moral transmitida aos transeuntes vez ou outra passando pela calçada e dando de cara com Jairo encarando a casa. Lamentou ao senhor do bar; este lançou mão das consternadas lamentações íntimas sobre o visitante, quem neste instante agradece e põe-se a partir.

Jairo apertou as mãos à ponta das alças da bolsa presa às costas, cerrou o mordido semblante, percorrendo o caminho de retorno ao ponto donde faria tempo à espera do ônibus, afrontando o chão como objetivo único de seu olhar, mirando diretamente a ele durante todo o percurso, pedra por pedra, sujeira por sujeira, não cabendo as laterais ao horizonte de sua percepção, não cabendo outras realidades à realidade dos olhos fixos

ao caminho. Caminhando depressa, logo chega ao ponto e senta-se, preservando a certeza da fixação. Moço, é aqui que passa o ônibus para a Vila José?, Sim, afirmou Jairo, somente pelo protocolo da educação, Obrigada, a moça abriu a Bíblia frente ao rosto e concentrou-se. Jairo contou os minutos, somaram-se quase trinte na tarefa dolorosa da espera. Foram trinta minutos olhando ao idêntico vazio, coisa nenhuma. O bufar do ônibus alcança os ouvidos, Jairo corta o fio ao vazio e vira o rosto à rua comportando o ônibus a frear. Jairo roboticamente levantou-se, firme nos pés, assumiu a frente ao embarque, Boa noite, encarou e quase mordeu o motorista, fez os passos necessários ao assento e jogou-se nele, impaciente. Bateu com a cabeça num lance quando se deitou no encosto do banco, fechou os olhos e cantarolou dizeres impróprios ao costurar de nossa narrativa, caso de escassez de espaço. Não, não somos moralistas, tememos frontalmente a força dessas imposições por vezes vazias, nos empenhemos à leitura e à escrita fiel ao real-concreto, enfim. Gastamos caracteres na composição sobretudo para enfatizar o desdém de Jairo ao abrir os olhos num susto, atacar a bolsa lançada ao lado, procurar o bilhete guardado anteriormente ao embarque, admirá-lo pela última vez e picotar cuidadosamente aos pequenos pedacinhos, liberando as gotas de lágrimas ao rosto cerrado pelas mandíbulas enrijecidas e boca entreaberta por soluços. Esperamos que ninguém se preocupe demasiado com o estado de nervos de Jairo, ele certamente não adotaria resposta oportuna seja qual for o conselho. Jairo afogou-se na profunda sensação de engano, carregando o peso da crença inocente às palavras escritas e proferidas por Madalena à ocasião da partida, ele lembra perfeitamente cada detalhe. Imbecil, imbecil!, sussurra imoderado, lançando a mão contra as pernas. Pobre Jairo, mal sabe este caro o peso do destino, as peripécias do girar temporal, os incidentes provocados pelos ponteiros dos relógios universais, as circunstâncias impetradas pelas astuciosas ramificações dos caminhos, porventura retira flores de suas árvores, folhas de seu outono, chuvas de seu verão, faz corar a luz do sol à noite e cortar à fina faca as certezas. É ato falho esperar do destino o retorno à felicidade, os lances de sorte. Entretanto Jairo não pode nos ouvir, apenas o observamos suplicar o passado.

Cortou a entrada à Vila São José e cá está, em nosso espaço habitualmente conhecido, Jairo petrificado à porta do ônibus aguardando o retorno ao ponto. O motorista pisa no freio, manobra e para o ônibus. Jairo irrita-se com os movimentos reduzidos do motorista, aspirando a rápida abertura da porta, combatendo a demora para abri-la. Finalmente ele pode sair, desce e engata o retorno à casa. Destrançar o portão foi uma difícil tarefa.

– Meu filho, o que aconteceu?

Beata não vê Jairo, contudo sabe quem desponta à cozinha.

– Nada, mãe, só me atrasei no serviço...

Beata dá as caras ao filho à cozinha, remexendo inquieto uma garrafa de água gelada.

– Mas por que não me avisou?

– Não deu tempo, mãe...

IGREJA DA VILA

- Como se atrasou? Fez hora extra? – a rouquidão arrasta a voz de Beata.
- Coisa assim...
- Mas você tinha falado que eles não pagam hora extra, Jairo... – insiste, agoniada.
- Calma, mãe, fica calma. Tá tudo bem. Já tô em casa. – pousa a mão sobre o ombro da mãe, inaugurando um abraço. Beata perde-se no ato inesperado, olhando por cima do ombro do filho, impactada.
- Você anda tão estranho, meu filho...
- É a vida, mãe. – soltam o nó do abraço.
- Mas por que tão doída?
- Me pergunto a mesma coisa. – curvou a cabeça.
- Fui hoje no posto e vi que eles têm psicólogo lá, dizem que é bom...
- Ah, é? A senhora foi? E o que o médico disse? – intrigou-se.
- É artrite, meu filho.
- Jairo sentiu o vocabulário esvair.
- Não se preocupa, é coisa da idade... tranquilo. Consegui pegar remédio lá.
- Permaneceu a boca de Jairo ausente de palavras. Pelo menos os remédios deram certo, acaricia a apreensão consigo. O semblante mudou do tom atônito ao tom pesado, virando à garganta seca um gole úmido d'água.
- Vai tomar só água? – deu dois passos à geladeira – Olha, eu fiz torta de sardinha. Seu pai trouxe da casa da tia Rute.
- Esboçou um artístico sorriso afeiçoado a uma rara satisfação detectável àqueles dias. Jairo sensibilizou-se graças ao sorriso.
- O pai foi lá?
- Sim, filho.
- E onde ele tá agora?
- Dormindo. Ele ficou sabendo da morte do irmão – apontou ao quarto.
- Jairo assustou-se, boquiaberto.
- O tio tinha uma doença grave não era?
- Sim. Muito sofrimento... Deus sabe o que faz.
- A tia deve estar acabada, nem eu não esperava uma notícia dessa...
- Sim, por isso não vou atrapalhar o sono dele.
- Fica tranquila, mãe. Deixa o pai dormir.
- Eu fiquei até tarde lá na Paróquia ajudando nas preparações da festa. Cheguei e logo ele dormiu.
- Mesmo assim a senhora insiste em fazer esforço? – Jairo reagiu à fala da mãe remexendo a cabeça num gesto de desaprovação – Inacreditável, mãe...
- Meu filho, se eu ainda estou viva é por causa de Deus, meu filho!
- Tudo bem, mãe, tudo bem. Eu só quero que a senhora se cuide.
- Eu estou me cuidando.
- Então descansa.
- O médico pediu pra eu me exercitar, sabe, uma vez por dia...

VICTHOR FABIANO

- Mas não pode ser sozinha! Pede pro pai te acompanhar.
- Ele disse que vai. Mas me admira muito você puxando minha orelha, Jairo...
- Como assim?
- O médico te disse que depressão é coisa séria, Jairo... - acentua - Você precisa tomar juízo e fazer o que ele pediu!
- Mãe, depressão não derruba ninguém. Eu tô firme e forte indo trabalhar, logo isso passa... - desconversou, remexendo a garrafa de água à mesa dum lado ao outro.
- Você é teimoso demais, meu São José!
- Mãe, por favor. Vamos parar por aqui.
- Meu filho - afagou-lhe o rosto - toma cuidado, você tá ficando a cada dia mais abatido...
- Tudo bem, mãe.

Beata apartou a mão e rumou as doloridas pernas ao quarto, relegando Jairo ao silêncio e ao inquieto porvir das pequenas decisões. Reabriu a geladeira, guardou ali a garrafa d'água. Fitou por alguns segundos a torta de sardinha organizada num prato como uma quadriculada composição visual. Fechou a porta da geladeira e decidiu ir ao banho. Sobre a mesa da cozinha, largou a bolsa, retirando antes os rastros do bilhete picotado e a passagem do ônibus - estes ele carregou consigo ao banheiro. Despiu-se peça por peça, pendurando-as no prego do banheiro escurecido. Agachou o tronco à tampa do lixo, abriu-o, dirigiu a mão ao centro do receptáculo e afastou os dedos ao soar de um movimento único e decidido. Deixou cair ambos, restos do bilhete e passagem. Fechou a tampa do lixo. Abriu o chuveiro. O barulho da água abafaria o som das lágrimas. Beata não ficaria preocupada.

Antecedeu ao temporal uma ventania circular, remexendo nos telhados das casas, nas poeiras e lançando os pequenos restos, folhas e habitantes do chão ao ar no movimento de caldeirão climático aterrador. Quem caminhava pela rua, correu no susto. Quem está dentro de sua casa, correu para tirar as roupas do varal. Quem admira a tempestade, foi à janela. Eduardo preservou os pés esticados e o corpo estirado pelo leito do sofá, girando em sua mão o celular frígido, contemplando a precipitação irritar o vidro da sala ao atirar-se violenta contra a janela, ao passo dos pensamentos atacando violentamente suas certezas ao ralo da sanidade.

O cachorro de Eduardo está morto. O empresário o encontrou falecido no quintal da casa, situação alheia às explicações possíveis, sustentando em Eduardo o ódio irrefreável em relação à vida, às coisas desta jornada, aos impropérios apresentados ao seu gosto pela máquina de produzir vinganças e decisões fatais. Aí está uma sensação capaz de suscitar o medo: a vingança, cuja dor direcionará os resultados da ação ao destino mais misterioso desta, algo como aguardar o trovão depois do raio, algo como aguardar as certezas surgirem após subir um degrau, estender o risco do tropeço ou do ataque sofrido à completude deliberada da revanche apetitosa. O cachorro de Eduardo está morto – e não somente o animal. Padre Joaquim acumula dívidas com Eduardo. A sirene do celular teimou ao silêncio desde seu ultimato ao pároco. Mas ele tem de pagar, perdura a prece do peixe-dragão de Eduardo. Dali do giro contínuo com o celular, consultou a agenda do celular para contemplar ao fio do anseio a sequência de nove números registradas sob a alcunha de Mendonça de Menezes. Ligo ou não ligo?, diria a adaptação moderna do dilema humano, declama o senso da cobiça de Menezes. Olhos igualmente irrefreáveis. Pressionou o comando recheado de fascinação. Subiu o calor do estômago à cabeça aos sinais sonoros da chamada.

– Alô, quem é?

– É Menezes?

– Sim, quem que tá falando? – por um descuido o palavrão completaria a frase.

– Aqui é Eduardo, empresário do mercado da Vila.

– Eduardo, sei quem é... – gaguejou.

– Quero conversar contigo.
– Meu querido, onde conseguiu meu número? O prazer é todo meu.
– Contatos, eles facilitam muita coisa.
– Entendi, o importante é que telefonou! O prazer é todo meu.
– Alegria e satisfação saber que me conhece, afinal estamos próximos, ainda que tão distantes.

Que romântico!

– É, então, que essa seja uma ligação de mudança! Diga, no que posso te ajudar?
– Meu caro, meu desejo é falar sobre uma possível aproximação entre meu trabalho empresarial e o seu trabalho político.

– Sim...

– Sabe que estou há tempos à frente dos negócios de comércio e distribuição aqui da Vila, e nada melhor do que estar alinhado ao novo vereador aqui da região.

– Certamente, trabalhando juntos teremos ótimos resultados... – Menezes demonstrava uma fala desajustada, adocicada a um estado perplexo.

– Quero alinhar com você também algumas pautas pelas quais me interessos.

– Bem... acho importante conversarmos sobre isso pessoalmente, afinal. Me surpreende seu contato, pensei o mesmo.

– Olha só... – Eduardo assentiu a resposta do destino – Então temos muito a conversar.

– Veja, com certeza. Sabe... eu conversei com um amigo próximo e ele havia pedido o seu contato para uma conversa. Coisa importante. Por isso surgiu a ideia e...

– Desculpe perguntar, ou adiantar a questão, mas é alguém da Vila?

– Não, não... é um homem doutro lugar...

– A ligação está falhando um pouco, você pode falar mais perto do celular ou... mais alto? – riu Eduardo.

– Me desculpe – ajustou o solicitado – E agora, está melhor?

– Sim.

– Bem, como eu dizia, é um homem doutro lugar, mas que está em busca de um espaço na Vila para abrir uma nova empreitada, sabe...

– Um empresário? – sugeriu.

– Não, não é um empresário.

– Um político, então? – constatou um teor de insegurança de Menezes – Pode falar, meu caro.

– Então, ele é um pastor...

– Sei...

– ... evangélico. – desatou o nó.

– Maravilha, meu caro, é de meu interesse sim.

Menezes extrapolou o choque do abalo sísmico.

– Então vamos marcar algo...

– Quando podemos nos encontrar? Você já convida seu amigo para a conversa.

IGREJA DA VILA

- Qualquer dia que puder.
- Neste dia dezenove? Muito próximo pra você?
- Dia dezenove? Tenho uma comemoração na praça...
- Na praça da Vila?
- É, coisa política.
- Acho que não é um bom momento então.
- Mas pode ser depois... - Menezes de fato discursava inconcluso. O término de uma mensagem completa passava-lhe longe.
- Semana que vem, lá para o dia vinte e três?
- Por mim fechado, meu caro. Certamente o pastor também poderá.
- Então estamos com a reunião marcada. Envio pra você uma mensagem com o meu endereço. Será um prazer recebê-lo!
- O prazer é todo meu, Eduardo...
- Dudu, por favor.
- Ah, certo... Dudu! Já me sinto em casa. - Menezes riu.
- Até mais, Menezes.
- Até!

Eduardo findou a chamada e pousou o celular sobre o sofá macio. A tempestade lá fora acalmou-se, embora dentro o redemoinho gire veloz. O peixe-dragão conquistou mais uma batalha!

PRAÇA DOM JOSÉ DE
ASSUNÇÃO RONEM, S/N

Invadem o quarto aquecidos feixes de luz a tocar o lençol macio envolvidos no corpo de padre Joaquim, tateando o despertador à mesinha ao lado da cama, afastando o despertador e querendo gritar o incômodo de amanhecer cedo mais um dia. Encaixa o dedo no chinelo e parte apressado ao banheiro. Lá limpa o corpo, arruma a debilitada aparência e veste uma camiseta simplória somente com a finalidade de retornar ao quarto protegido dos olhos teimosos da nudez. Veste a roupa litúrgica, protege-se ao sinal da cruz, fechando as cortinas antes de reverenciar a imagem de São José no altar à parede. Acende a vela. Aqui está padre Joaquim suplicando a São José a paz dos dorminhocos, privação constante contra ele. “Meu amado São José...” distrai-se com duas batidas à porta. Quem é nesse santo dia?, afasta-se do altar para girar a maçaneta, irritadiço.

– Padre – apresenta-se Gabriel.

– Gabriel, a essa hora? Eu não posso nem rezar? – inconformado.

– Perdão, Padre, mas Eduardo acabou de me ligar. Disse não conseguir falar com o senhor...

– Ê, eu não atendi. – fez bico.

– Pois é, me ligou e disse que o prazo está terminando.

– Ah, meu Deus! – bate irreverente contra a porta. Gabriel dá um pulo. – E você vem até aqui me passar este grande recado?

– Mas, Padre...

– Esse pulha só pode estar zombando com a minha cara... – segura a parede acenando negativamente com a cabeça. O peixe-dragão exibiu a língua.

– Não acha melhor...

– Hoje é um dia santo, Gabriel. Santo!

– Eu sei, mas...

– Já comecei errado. – encerra definitivamente a prece ao apagar com o dedo a vela, apartar-se do altar e sair ao corredor no qual Gabriel aguarda a boa vontade paroquial à educação. Padre Joaquim encosta a porta e obrigada Gabriel a acompanhá-lo – Eu já estou preocupado com essa festa, imagina agora!

– Me desculpe... – Gabriel quase implorou. Por um fio.
– Deixa disso, no fim a culpa não é sua. – dá de ombros. Adentra ao escritório, onde estivemos sortidas ocasiões.

– O que fará?

– Vou ligar para ele. – Padre Joaquim declama a afirmação num tom de obviedade. Mantendo-se de pé, saca o telefone e digita o número avesso às muletas escritas. Sabe número por número – Espera só.

Acena para Gabriel a vindoura retaliação, balançando a perna direita continuamente. Nosso arcanjo mentiria caso afirmasse tranqüilidade no coração, ausência de irritação ou calma plena, portanto agarra o silêncio, o senhor dos mal-entendidos promissores. Atende doutro lado da linha, Padre Joaquim solta a língua ao barranco lama abaixo.

– Eduardo?

– Finalmente...

– Cala a boca, quem você pensa que é para ligar com mais ameaça?

– Eu, calar a boca?...

– Sim, você. Hoje é um dia santo, Eduardo. San-to. Será que preciso lembrar você? Até isso você esqueceu?

– Dane-se, Padre... Eu só quero... – interrompido.

– Dane-se você, estúpido! Eu não quero que ligue mais para cá, não vou te atender. Você é corno e a culpa é minha? Vai arrumar o que fazer, imbecil. Não me liga mais! – lançou o auscultador ao corpo do telefone, desparafusando a cabeça do pescoço. Bufou.

A chamada está finalizada. Gabriel o encara perplexo. Padre Joaquim respira como um maratonista derrotado. São José o investiga posicionado frígido ao altar. O pároco ergue a cabeça, sorri a Gabriel aos costumes obscenos, admirando o boquiaberto semblante de Gabriel. A tal situação damos o nome de Triunfo do Peixe-dragão. Odioso às consequências, livre às regras, abjeto aos tratados de toda ordem e necessidade: a sociedade lhe é mero acaso.

– Agora quero esperar o dia.

– Qual dia? – Gabriel por fim encosta os lábios para questionar.

– Que ele me ligará de novo, oras.

– Padre... – engoliu em seco – não sei se isso – acentua – resolve o problema.

– Se eu não posso resolver – aponta o dedo, certo – eu também não vou levar desaforo pra minha Paróquia.

O gato adverte usufruir de sete vidas. Padre Joaquim adverte usufruir de apenas uma. É o bastante.

– Agora – abandona as proximidades da mesa – vamos descer eu e você porque logo a missa começa.

– Sim. – Gabriel é carregado pela correnteza de Joaquim.

– E Armando pediu para colocarmos Benedito.

– Bela lembrança... – se há discurso a fazer, Gabriel o esqueceu na mochila.

IGREJA DA VILA

– Menezes telefonou pra você? – costura um assunto.
– Não, Padre.
– Se ligar, avise-me, por favor.
– Com certeza. – Gabriel quis dar-se às gargalhadas.
– Peço que me ajude a organizar algumas coisas, como tirar aquele microfone dali – chegaram ao templo da Paróquia e Padre Joaquim ruma-se independente ao altar, remexendo nalguns santos empoeirados, acalentando-os pelo toque de um pano descoberto no primeiro banco. Gabriel cumpriu a exigência, retirando o microfone. Conquanto a cena lamentável de padre Joaquim à ação verbal no telefone, aos olhos de Gabriel, o jovem jornalista notava-se amargurado substancialmente por razão dos desmandos e ameaças de Eduardo contra o padre. Vale dizer, Joaquim pouco possuía de opções no horizonte de ações para atender aos inquietos desejados de Eduardo, a fim de vingança lançando à chama mais combustível. Arquitera a consciência de Gabriel, porém, outro cenário: o Padre necessita ceder em, ao menos, uma chantagem de Eduardo, caso contrário a conjuntura seguirá os passos exclamados por Joaquim durante o intento da resposta, contudo contra um buraco erodido. Patavina pode Gabriel fazer, em coisa alguma pode interferir, aferimos. Resta mover o microfone de posição.

Rodopiou o relógio do mundo, os seres humanos cumprem agora as obrigações delegadas por suas condições. A missa, por assim dizer, encerrou-se. É Festa de São José, sobretudo após o término da encenação religiosa. Senhoras e senhoras, abram caminho para as comidas, bebidas, músicas e celebrações pelo dia de São José, Patriarca da Igreja e Santo do distrito. Avistamos à praça Beata abraçando Jozimas, cuja perna teima a doer, lamentando a ausência de Jairo e compenetrada à imagem de São José exposta no anúncio da festa, abaixo do qual o pipoqueiro trabalha e serve uma porção doce à mãe de uma criança, sorridente e ansiosa pelo sabor. Barracas espalhadas aos quatro cantos da praça abraçando as árvores tocadas pelo tímido vento fresco, a maioria delas gerenciada pela Paróquia, por meio da reunião dos fiéis no trabalho de produção de doces, salgados, artesanato e junção de doações arrecadadas pelas famílias. Ocupada pela Paróquia, a Praça recebe integral atenção à data, uma das mais importantes comemorações no calendário estipulado pela Diocese, apartando os demais interesses ou ocupações, cercando o território com antecedência na intenção de evitar contratempos.

– Meus caros fiéis – renasce padre Joaquim ao topo da pequena escadaria, defronte à porta da Paróquia, emitindo em alta voz um chamado – esta é nossa festa em homenagem ao nosso padroeiro, Patriarca da Igreja, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo: São José. Estamos aqui pela força da comunhão, para celebrar a Santa Igreja Católica e nossa Vila tão abençoada. Vamos aproveitar este momento, a Paróquia deseja a todos uma boa comemoração!

Beata, Jozimas, o pipoqueiro, a mãe, o pai, a criança esforçando-se para a pipoca não cair e os presentes aplaudiram a saudação paroquial, cuja força injetou ânimo e um novo ritmo de celebração à Festa.

– Tudo correrá bem, Padre. – achegou Gabriel ao Padre, por ora intacto no ponto do qual expressou o recado aos presentes.

- Deus te ouça, meu caro. Deus te ouça.
- Quer algo além das fotos?
- Não. Apenas fique de olho pra mim. Já cumprimentei o pessoal, agora entrarei um pouco para pensar na vida.
- Pode deixar comigo.

O pároco agradece a Gabriel bracejando-o o ombro, retirando-se aos aposentos conforme intentado na conversa. Gabriel aguarda paz, aguarda calma, aguarda o sossego permanente do início ao fim da comemoração, que não pretende ultrapassar o anoitecer, quando as luzes da Praça se acendem e os moradores recolhem-se ao descanso – santo. Quiçá pelas aspirações de calma desceu as escadas calmamente, cumprimentando a família de pipoca à mão e pedindo a permissão para uma foto. Este registro digital piscaria a lente caso a criança preservasse a posição anterior ao aceno de Gabriel quando dito, Um, dois, três, sorriam!, quebrando o rito para apontar à mãe uma incomum movimentação em direção à Praça. O que é isso, mãe?, interpelou a pequena cujos cabelos cacheados pediam colo, assustando-se ao perceber o deslocar-se do fluxo conjunto de pessoas lideradas pelo lema “Vila Nova Jerusalém já!”. Não havia na lembrança da criança memória parecida, lema similar, a ela a situação inspirava qualquer que fosse o perigo, ora pela curiosidade, ora pelo desconhecido. A mãe a pegou no colo e Gabriel contorceu o coração, saltando ao interior da Paróquia em busca de Padre Joaquim. Tropeçou as pernas alguns sentidos, contra as quais qualificou-se na arte da pressa. Pulsa no grande telão visual existente à consciência de Gabriel a película de horror, o roteiro do desespero, a surpresa contra a paz pretendida, a estabilidade requerida: um grupo superior em número ao grupo presente à Comemoração de São José dirige-se à comemoração; os sonhos paroquiais dissolvem-se ao ar. A criança deixa de comer a pipoca. Dona Beata, à praça, cutuca Jozimas, ambos rentes ao susto não recomendável à idade avançada na qual encontram-se, Uma idade de cuidados, alerta a Organização Mundial da Saúde.

- Padre, perdão interromper... – Gabriel força a maçaneta da porta e estende-a contra a presunçosa tranquilidade de Joaquim.

- O que aconteceu, Gabriel? – Joaquim rabiscava um papel amarelado.
- Tem um pessoal vindo para cá. – cuspiu.
- Como assim? – jogou a caneta ao leito da mesa.
- Vem ver, Padre.

Joaquim remendou o tempo e certamente pulou da mesa à porta, num instante já encontrava-se percorrendo o templo e bradando à porta da Paróquia.

- O que tá acontecendo? – a roupa paroquial lhe atrapalha descer as escadas, agitando-se. A cólera sobe às ventas.

Colados às bordas da Praça cercada por fitas dispostas pela segurança municipal tendo em vista a segurança da realização da Festa, Judite e tantos outros fiéis evangélicos carregam uma grande faixa branca inscrita pelos dizeres garrafais: “Liberdade religiosa. Vila Nova Jerusalém já! Pelo fim do totalitarismo católico”, frases dispostas uma acima doutra, respectivamente de acordo com este narrado. A ameaça montou

IGREJA DA VILA

barraca, atíçou os pelos de Joaquim e despertou o ódio em seu coração. O Padre deu as mãos às pernas, correndo em direção da Praça e forçando a garganta na tarefa ostensiva de gritar advertências aos manifestantes, Saíam daqui já! Agora!, dispersando os fiéis católicos como o predador dissipa as formigas, ordenando-lhes Entrem para a Paróquia agora! Beata agarrou as mãos de Jozimas, obedecendo aquele dito, acompanhada em massa pelos católicos cuja comemoração fora suspensa pela contundência dos gritos. Gabriel, a própria estátua paralisada e embargada, testemunhou pálido a reação de Joaquim ao aparecimento protestante. As noventa e cinco teses afixam-se na porta paroquial.

– Vão embora agora! – Joaquim firma-se frontalmente contra os insurgentes.

– Você não manda em nós, Padre! – estabelece Judite, a líder – Estamos aqui para exigir o que é nosso! Você é só um qualquer autoritário.

– Esta Praça é da igreja! – sinaliza, apontando, à praça e à Paróquia com o dedo em riste. A alma identicamente. Fina e trivial: eis a natureza da faixa, a única barreira que os separa.

– Essa praça é de todos nós! Chega! – Judite indica os braços levantados aos demais, convertendo-se em direção ao conjunto a fim de suscitar impacto à fala de Joaquim, sugerindo a intenção de avançar em direção à Paróquia.

– Basta, basta! – a ira é um dos pecados capitais violados por Padre Joaquim. – Ou vão sair daqui por bem ou por mal!

Joaquim é cólera. Joaquim cega a ação, cega a razão, unicamente corre em direção a uma mesa disposta ao lado da barraca de cachorro-quente, segura-a à dificuldade do peso com os dois braços e direciona a corrida outrora em direção aos protestantes, apertando a mesa entre as mãos.

– Vamos nos afastar... – desespera-se Judite, pressentindo a pressão curvar-se ao descaso, a mente oscilando aos instáveis movimentos dos balanços de criança.

Joaquim expulsa a mesa de suas mãos, arremessa o objeto de quatro apoios contra os velozes Imbecis!, bradando furioso, os olhos saltados, as veias do rosto saltadas, as mãos saltadas, o ódio saltado cujo suspiro lhe causa uma fina dor no peito. Pela sorte requerida por Deus, assim seja, a mesa debateu-se ao chão, desvencilhando os, neste instante, distantes protestante do bélico ataque padre. Judite acalma, ao longe do nosso campo visual e espacial estacionado à Praça, os irmãos, abraçando-os consciente do ataque e da penosa situação ocorrente. Avesa aos possíveis aprofundamentos da tensão, determina a precisa retirada do protesto ao mais distante dos confins. Inocente fora o parecer no qual exprimiram a conclusão de que o equilíbrio pousaria maciço sobre o clima àquela tarde em pleno advento do Dia de São José, pairando a bonança cristã em detrimento do fervor da panela de pressão. Padre Joaquim secou, bruto, os resquícios de cuspe à lateral da boca, sujando a manga da vestimenta paroquial, sentindo doer o joelho, de quem o caminhar lhe é custoso, pesado. Retorna adentro da igreja ao contraste dos fiéis católicos vidrados num exímio reparo centímetro por centímetro percorrido pelos pés de Joaquim. Beata repara convicta o caminhar de Joaquim. Gabriel esboça o vago sentimento do tormento, tremendo ao ser

VICTHOR FABIANO

tocado despreziosamente pela mão de Joaquim passando ao seu lado, de rosto cabisbaixo e o suor descendo-lhe as costas ensimesmadas, encolhidas pela gravidade. Ignora os santos, os presentes fiéis, os católicos e descrentes, Gabriel e a Praça afora, condicionando-se amorfo, após tocar despreziosamente em Gabriel, ao itinerário cujo objetivo transporta-o à sala onde antes estivera rabiscando uma carta a Menezes. Vai jogar tudo no lixo assim que sentar-se à cadeira e suspirar do âmago do diafragma à ponta da boca.

Marca a principal manchete do jornal *O Tempo do Povo* àquele dia, perceba o giro do relógio após o dia de São José, a pauta sobre a qual os outros jornais diários do município esboçaram interesse central ao noticiá-la com destaques consideráveis; nessa sintonia, noticiários televisivos veicularam notas transmitidas ao vivo do local de origem do pronunciamento ou após a fala, passados alguns minutos. Armando anunciou a pré-candidatura à Assembleia Legislativa do Estado. Segundo o materializado no *O Tempo do Povo*, cuja reportagem assina a jornalista Bruna Lins:

Armando Ronem anunciou candidatura à próxima eleição, na qual deve concorrer a uma vaga à Assembleia Legislativa do Estado de Boa Viagem. Na ocasião do anúncio, durante coletiva de imprensa na sede de seu partido, Partido da República, Armando confirmou uma “missão pessoal” na manutenção da memória do irmão, recentemente encontrado morto em sua casa, vítima de suicídio, segundo a Polícia. O anúncio da candidatura, prossegue Armando, “acontece no sentido de lutar pela memória de Benedito e por mais atitudes de combate à corrupção, bandeira largamente defendido por ele antes de falecer”.

O trecho anterior corresponde a um breve recorte da notícia acompanhada por uma vasta análise a respeito do cenário político, inoportuno ao momento de nossa narrativa, complacente aos princípios da seriedade histórica; vale constatar, portanto, que a decisão de uso do jornal *O Tempo do Povo* associa-se tão somente à importância quantitativa do periódico, uma vez ocupando o lugar de mais vendido dentre os grandes jornais do município. Jamais a intenção é dar ao leitor a máscara de títere, para tanto acataríamos as críticas advindas dos leitores mais vorazes, defendendo-nos com o escudo da paciência.

Paciência para quem?, quando a informação da pré-candidatura chegou aos ouvidos de toda a Vila, abalando as estruturas, e a paciência, de uns e outros. Menezes ergueu a mão à cabeça e soltou um palavrão torto, Padre Joaquim telefonou para parabenizar Armando, a prefeita lhe estendeu o palanque para a vitória. E Benedito nada pode dizer.

VICTHOR FABIANO

- Senão falaria o que a gente não quer ouvir... – Judite repousou o prato à mesa.
- Pois é. – Nilton preferiu ocupar a boca com a colher cheia de sopa.
- Onde já se viu, o irmão acaba de morrer e ele se lança pra candidato usando a imagem do cara... – estalou a língua – Tinha que ser essa laia!
- Não sei por qual motivo você está falando sobre isso, Judite... – engoliu a sopa – Ele não liga para o quê você acha.
- Hum... – desafiou-se – Só sei que as coisas agora estão mudando.
- Não sei onde vocês estavam com a cabeça quando foram se meter com o pessoal da Paróquia. Isso ainda não desceu pra mim. Por que não pensar na sua vida primeiro?
- Nilton – chamou-o a atenção – nós estamos exigindo o que é nosso. Eles se metem com a gente há anos, agora a gente veio cobrar.
- Vocês estão se metendo com as pessoas erradas... – Nilton retomou a sopa à boca, cuidando para não perder o rumo e deixar cair na mesa.
- Como assim? – desafia-se novamente.
- Você sabe bem... Armando é um cara safado, mas é esperto.
- Não sei não.
- A igreja tem história aqui, não tem nada que vai mudar isso, é óbvio... – deu de ombros.
- Nós agora temos Menezes – acentuou – ele está do nosso lado e foi eleito para isso.
- Isso o quê? Arrumar briga com a igreja?
- Não. Mudar nossa vida.
- Nilton segurou a risada.
- Você precisa mudar primeiro sua casa, Judite. – replicou – Veja como seu filho vai, trancado no quarto, nem janta com a gente mais...
- Ele também é seu filho.
- Mas eu passo o dia fora de casa.
- Jogando na loteria?
- Nilton paralisou. O peixe-dragão quase ultrapassou a garganta.
- Trabalhando. Só isso.
- Eu já te disse que sobre esse assunto – sublinhou – cuido eu.
- O resultado eu não vejo...
- Nilton, se você está tão certo com a bondade da candidatura do Armando e com as coisas que a Paróquia faz, então se converte!
- Nilton permitiu-se rir.
- Ao catolicismo?
- Sim.
- Não, Judite. Obrigado.
- Porque parece.
- Pra mim é tudo a mesma porcaria, não vejo diferença.
- Judite ofendeu-se.
- Você precisa respeitar mais a religião dos outros.
- Dane-se, Judite! – Nilton abandonou a mesa, ignorando o rosto da esposa.

IGREJA DA VILA

- Deus que me livre... - sussurrou Judite.
Ao som do silêncio encerraram o jantar.

RUA JERÔNIMO MADURO DA
SILVA, 171 – FORA DA VILA

Menezes conversou com a esposa, por intermédio do celular, sobre o caminhar dos projetos políticos e a posse, cuja data aproxima-se como um vulto do tempo. Visitou a cozinha para esquentar uma marmita encomendada à tarde especialmente para o jantar. A disposição fechava a porta e despedia-se. Ao longo das garfadas convictas pelo borbulhar do estômago, abriu o e-mail, ou correio eletrônico, ou mensageiro eletrônico, curioso sobre as notícias que sempre chegam no momento inesperado, dando as caras sem pedir licença. Seja sobre a previsão do tempo, Um novo ciclone está por vir, seja sobre esportes, Seu time perdeu o campeonato, seja sobre política, Os lucros dos empresários do setor bélico aumentou em duzentos por cento, dentre variadas notícias. Ademais estas, percebe um e-mail do remetente conhecido, é um e-mail de Pastor Adelmo. Clica ali e abre o corpo do texto. Pastor Adelmo relata o ocorrido, fugazmente citado pelo religioso ao conhecimento de Menezes durante um telefonema breve anterior à ligação de Menezes à esposa, na ocasião da Festa de São José. Menezes afasta a marmita alguns centímetros e toma para si, com carinho, o e-mail aberto no celular. Santa tecnologia! Menezes observa o calor subir pela espinha, os cálculos políticos escorrem pelas mãos como águas preciosas, a calculadora está viva!, preciosas sabedorias que nunca falham, uma pedra valiosa. Coça os dedos e o estalo do cálculo resulta na equação final à qual respostas virão, revelando no pensamento de Menezes o estratégico plano que já se desenhou, em parte pelos ligeiros movimentos mentais, em parte pela sugestão incluída por pastor Adelmo ao fim da mensagem, requerendo amigavelmente alguma atitude de Menezes para denunciar o ataque relatado por seus fiéis contra a integridade física e moral dos indivíduos presentes na manifestação no Dia de São José. É, isso mesmo, o ataque do padre Joaquim custou um longo informe contendo depoimentos dos fiéis presentes à cena, citações bíblicas e observações de natureza jurídica e política. O prato está cheio às mãos de Menezes. E não se trata do prato repleto de alimentos apetitosos: é um prato repleto de acontecimentos políticos centrais para a lógica dos planos e projetos empreendidos por Menezes. Estendem-se perspectivas iluminadas aos olhos do vereador, para além do ínfimo espanto sentido em seu juízo pela gravidade acentuada por

VICTHOR FABIANO

Adelmo na mensagem, abrigando os desejos escorregadios da mente, desses desejos exibidos mas impalpáveis por certa natureza absurda, num só sítio.

Menezes editou o material recebido, copiando trechos e colando no editor o texto que acaba de abrir ali mesmo no celular. Reorganizou as falas, alterou algumas palavras de Adelmo, adiou alguns períodos, atrasou outros, mexeu no título da mensagem e selecionou um contato em sua agenda de e-mails. Colou o texto reestruturado no vago espaço de escrita da mensagem e enviou ao contato escolhido, a solicitação fora, Envie esse material a todos os nossos contatos, sem exceção. Num outro pulo de ação, agradeceu pastor Adelmo pelo e-mail e deu-lhe a certeza do encaminhamento do material aos veículos cabíveis a si na condição de vereador eleito. Digitou um número sabido à agenda da mente e aguardou o atendimento. Alô, Roberta, Oi, Menezes, como vai?, Vou bem, querida, Pode dizer, Te mandei hoje, agora mesmo, um material por e-mail e quero reforçar a necessidade de disparar ele, Certamente, vou ver, vereador, E quero que também faça os contatos necessários com a imprensa para que isso seja noticiado logo, Pode deixar, vou apressar aqui, vou entrar agora no e-mail, Certo. Menezes encerrou a ligação reaproximando a marmitta ao abraço, pintando um sorriso aberto à altura das bochechas. É esse o momento perfeito, murmurou.

*“Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema.”
Gálatas 1:8*

Dispensa completa surpresa dar com os olhos em alguém folheando cautelosamente, como se às páginas uma fornalha ardente aludisse ao perigo, esses tipos de revistas de fofoca, da espécie Fala Mais ou Com Você ou Blá-blá-blá ou O Peixe-Dragão como Ele é ou Câmera Escondida ou Faz Que Eu Descubro etc. etc. etc. São tantas, o número apenas cresce em progressão geométrica quanto mais globalizados – o império que o diga! – estamos. Os nomes estendem-se à criatividade, bem como os títulos da matéria, os sorrisos estampados às capas, no interior das folhas, nos anúncios, nas receitas para emagrecimento ao gosto de Coma Peixe-dragão E Emagreça Cinco Quilos por Ano e às peripécias generosas das revelações. A deste dia condiz ao nosso tema, ao nosso querer narrativo, afinal aparte aos conteúdos investigativos referenciados sobre a normalidade das publicações de fofoca, comemos a sala dos interessados nos burburinhos à toa, na conversa de todos os sentidos, crenças, importâncias e culturas cotidianas, contudo preservamos a astúcia de não as publicar em revistas vendidas aos quatro cantos. Apenas aqui compartilhamos tais experiências de modo sucinto e responsável, tendo em vista a observação dos burburinhos. Vejamos se é isso o que pensa Armando Ronem. A deste dia fere os planos irrefreáveis, supostamente, do irmão Ronem. A deste dia apresenta algumas fotos, registros escritos de telefonemas, é um trabalho bem feito a respeito dos burburinhos à toa. A deste dia diz: Descoberto caso extraconjugal entre a esposa do empresário Eduardo Costa com o ex-vereador Armando Ronem”.

Correm os burburinhos à toa, todavia este transita entre as veias e pelo sistema vascular do município e doutros cantos do país, com certeza também interessados nas conversinhas soltas, complacentes com os refluxos do peixe-dragão ao estômago de cada um deles, interessados nos jogos de azar, ligados nas destruições dos círculos-limites. Se esta é uma notícia factual, densa, é para Armando razão para o mais puro

desespero, descrença, ira, abjeção, degradação dos tais objetivos íntimos de sua carreira e, sobremaneira, curiosidade sobre a origem material das fotos ali dispostas à impressão da revista. Provavelmente já tinham tudo isso e aguardavam a data da edição liberar para a bomba, remoeram tortos e torpes os fluxos de ideias de Armando. Não havia para quem ligar, não encontrava a dita “esposa de Eduardo Costa”, cujo nome percebe-se apenas ao fim da bombástica revelação; há tempos e outrora sequer nos sonhos mais amorfos e profundos, desses lançados à Sala dos Esquecimentos Noturnos, previu a liberação do caso ao mais amplo público, dado o alcance da revista *Fala Que Eu Te Mostro*. Padre Joaquim vai me abominar, adiantamos acá o primeiro pensamento nascido no nervosismo tremulante de Armando no instante em que abriu a revista após receber um telefonema do assessor aos gritos: Armando, abra aquela revista *Fala Que eu Te Vejo* porque a coisa ficou feia pra você. Corre!, provocando no Ronem sobrevivente um pulo de catapulta da mesa da sala à porta, da porta à banca, da certeza à confusão sobre o nome da revista, Não tem essa revista aqui, a que tem é a *Fala Que eu Te Mostro*, corrigiu o jornalista, É essa mesmo, apressou-se Armando. Pegou, pagou, despediu-se e meteu-se no carro em retorno à casa na qual agora passeia pelas páginas cuidadosamente como se nas páginas os espinhos do peixe ultrapassassem a garganta e reverenciassem o leitor desavisado para furar-lhe o dedo. Ao decorrer do tempo que passou e passa, o relógio não para, Armando cogitou as poucas possibilidades disponíveis ao coração de um homem traído pelo destino astuto, esmurrou a porta do banheiro, sem esquecermos do espelho quebrado, a mão machucada e a mente esfolada. Estar ali na Vila, residir ainda à rua onde encontra-se jamais auxiliaria no andamento de sua carreira política frente à revelação, jamais auxiliaria em sua recuperação quanto à reputação pública, jamais assinar-lhe-ia um tratado de paz sobre a possibilidade de Padre Joaquim influenciar um processo de excomunhão, encerrar os negócios com sua família, tacar-lhe o pé na bunda, afastar-se de sua imagem, Certamente isso acabaria com minha carreira política, me deixaria longe da Vila... Abundantes desligamentos passíveis e rupturas assolaram o íntimo, sobretudo a iniciativa pessoal, amparada pela revelação que não se sabe onde partiu, de sair da Vila para residir noutra casa distante da cidade. É a pinça do pelo encravado, encravado em Armando. Minhas poucas coisas que estão aqui podem esperar, eu posso buscar depois, levo só o necessário. Armando deitou a revista no sofá, fechando-a para a imagem aludida em suas páginas não sair dali e refletir no real concreto, nas janelas, nas placas, nos anúncios, desapareceu num quarto, apareceu com uma mochila à mão, rompeu o zíper da mochila, retornou ao quarto, retornou à mochila arremessando peças de roupa ao estômago da mochila, girou pela sala apanhando pertences, numa gaveta uns envelopes apertados, pastas rasgadas, apanhou no banheiro itens de higiene pessoal, fez entrar à mochila encharcada e deu uma pausa. Emperrou com os braços à cintura, bufou encarando o chão e moveu os chumbos nas canelas, reconquistando o movimento das pernas. Apanhou a mochila às costas, sacando a chave da casa no bolso e fugindo dali na pressa de quem foge da ameaça renunciada pelo inimigo.

IGREJA DA VILA

O carro estacionado à rua parecia emperrar. Fez força com as mãos à chave e conseguiu dar partida. Para ser mais prudente, considerou o cuidado com a velocidade, posto que a ansiedade pela distância aos conterrâneos causa frio na espinha. Mirou as casinhas da Vila, ondulou as entranhas ao passar pelo mercado, enjoou uma bola à garganta, ou talvez o espinho do peixe, ao presumir a pacata possibilidade remota e astuta do destino de importar-lhe à situação de tropicar em Eduardo àquele momento de saída, conquanto a mente o coloque na imaginação caminhando pela Vila e não dirigindo o carro, sabemos bem da admiração dos confluídos ditames do medo e do desespero, aliados aos motores de incêndio da mente, pelos cenários alarmantes e vexatórios; doutro lado, este mais honroso e piedoso arquitetar com Armando, apenas com ele, o insere no exato golpear do carro contra Eduardo, privando-lhe dos escassos juízos morais e do receio de andar de cabeça erguida pelo mundo. A lei? Bem, esta é para os desafortunados. Porém, elegeu o caminho mais contundente ao momento, todavia capaz de saltar o espírito ao desabafo e esvaziar a mente das culpas rotativas dos pés à cabeça, coibindo o pensamento a girar e girar e girar. Acariciando o restante dos cuidados ao volante, vasculhou o celular no bolso, com dificuldade apertada, entreolhando agoniado ao caminho, já despontando à saída da Vila, e ao celular. Apertou o número salvo e aguardou o atendimento. Jamais a espera foi grandiosa, aparentemente gostaria de pular do carro à Paróquia e jogar-se na mesa de Padre Joaquim, suplicando pelo perdão paroquial e divino, efetuando a confissão dos pecados. Na Paróquia, padre Joaquim percebe o tira-paz tocar.

- Alô, Armando... Fala, meu filho.
- Oi, Padre...
- Oi, Armando, diga.
- Bem, como está o senhor?
- Vou bem, na medida. E você?
- Bem também.
- Fale, meu filho... - forjou-se orelhas.
- Bem, estou no volante...
- Percebi pelo barulho, tenha cuidado. Mas por que ligou, então?
- Me desculpe, estou tendo cuidado... - as lágrimas avançavam aos olhos de Armando, a voz queria sumir para sempre.
- Você parece confuso... Fale rápido que estou ocupado.
- Bem, acho que já sabe, Padre, quero pedir desculpas... - chorou.
- Sei o quê? Não me assuste, Armando, por favor! - riu.
- Eu sou um adúltero, Padre! - explodiu na voz e nas lágrimas.
- Armando... não recomendo que você dirija assim. - retorquiu ao barulho dos soluços.
- Padre, me perdoa! - santo momento do desespero, faz coisas inacreditáveis!
- Armando, do que você está falando?
- O senhor não viu, Padre?...

VICTHOR FABIANO

– O quê, meu deus? – irritou-se.

– Padre... eu sou uma vergonha... – apertou a chuva das precipitações.

– Não sei de nada, Armando.

Armando não deu a mínima.

– Como não, Padre? Olha só, saiu na revista...

Como se o Padre comprasse revistas de fofoca... Não por ora.

– Não leio revistas, Armando. Me explica melhor.

Armando aterrorizou-se. Caso conveniente, se pudesse, pararia o carro ali à beira da estrada, contudo um tal ser humano nunca visto teimaria em surgir à janela e questionar, Ei, é você o safado da Vila? Ao retorno negativo do Padre, Não, ele não leu a revista. Não, ele não sabe sobre meu caso... Armando compreendeu o ritmo de sua precipitação úmida ao telefone. Ouvindo o silêncio aterrador da chamada, o Padre aguardou paciente alguma voz doutro canto retornar à sua pergunta com uma resposta satisfatória. Mas ela não ocorreria.

– Mas eu sei que você tinha um caso com a esposa de Eduardo, Armando. Eu sei. – adiantou-se ao ouvido de Armando, colado ao celular, sobretudo calado, escutando qualquer zumbido de interferência ou provocado pelo passeio dos insetos à sala de Padre Joaquim.

Armando engoliu em seco, afastou a voz de Joaquim da orelha enquanto o olhar pregava-se estático à estrada, desatinado, abandonando o celular em queda livre retilíneo ao chão do automóvel. O carro de Armando afasta-se da Vila abusando de uma velocidade consideravelmente alta à sinalização.

Já não perturba mais a desgraça, lhe é colega e companheira às horas ocupadas, vagas, ligeiras, demoradas, adiantadas e por assim vai. O termômetro da vingança quebrou os parâmetros e quer clamar-se insuficiente, o vencimento não chegará, a hora ainda não findou. O relógio cruza os braços para disputar as honras da casa, Vamos ver quem é o mais absinto dos seres aqui. Revista nenhuma sobre a mesa, sobre o sofá, apenas à cozinha uma tigela de cereais com leite e frutas, largada às moscas. Presume o caro leitor a rapidez com que os burburinhos à toa lhos chegam, ademais adiantados pela correria da importância da desgraça em si. Desgraça para quem, afinal, se a nós está reservado o banco confortável do assento, embora não tenhamos nada a ver com os planos, ações e juízos de Eduardo e queiramos tão somente observá-lo reagir e reagir e reagir um pouco mais. O peixe-dragão de Eduardo é quem reage por ele, fala por ele, gesticula por ele, interrompe por ele, ameaça por ele, é deveras consistente ao homem ter alguém a responder por seus atos, mas neste caso é um perigo intenso, convenhamos, das figuras mais profundas dos seres, é o peixe-dragão um verdadeiro palhaço do bom senso, o vadio dos sentidos, as lenhas do fogo que já apagou e continua a queimar, a colher estragada a comida amanhecida, o travesso caudilho do exército derrotado, ademais algo a se estranhar de pronto. E não estabelecemos juízo sobre o peixe-dragão como quem quer a moral e os bons costumes atrás do seu tempo, sobremaneira alertamos ao nosso relato, endossamos este com as mais belas informações, para que outras pessoas não estejam vulneráveis constantemente ao bel-prazer do ser marítimo, pois nas consequências não poderemos tocar, jamais senti-las, escorregam pelas mãos. Aí está o peixe-dragão, é de tal perigo que tratamos aqui, exatamente desse senso faltoso e da ausência de cumprimentos. Não convém também insistir nas teimosias que pregam a inutilidade do peixe-dragão, estes estão profundamente desinformados a respeito do andar da mula; o peixe-dragão não nos é inútil, ele nos alerta ao caos e o sublinha, é certo, porém se há casos do uso deste para a destruição dos outros, para o ataque contra quem não pode defender-se, contra os já marginalizados ou colocados à beira das possibilidades pelos ditames da nossa época, então não temos como reaver os estragos provocados pelo desejo à exploração. A Eduardo o peixe-dragão subiu, deu os ombros que nem

tem e saiu para cumprir os estabelecimentos do ódio. As profundezas dos humanos são construídas pelas atmosferas que rondam suas cabeças; se ao ar há veneno demais, as profundezas assim estarão até que se mude as atmosferas.

Eduardo percebeu a faca fincar a afiada ponta no seu estômago, contudo nada podia fazer à faca, muito menos aos que o pregaram o corte. O problema da faca é que lhe atingiu noutro âmago ferido desse tipo de seres como Eduardo, esses que podemos chamar de seres relegados ao alto patamar de uma alta sofisticação prazerosa capaz das projeções mais impossíveis de um mundo adestrado, cuja estrada exista apenas para os interesses vestidos da capa da normalidade. A severa informação da revelação, a ele tão mais antiga quanto o desejado, só coube para mais vômitos e ânsias. Ermo padecer, ermo instinto. Apenas coube para florescer nos círculos mentais da Eduardo as sementes plantadas na última conversa com padre Joaquim; conversa nos termos formais. Ao desuso da chantagem lançada como feitiço a Joaquim, valeria à pena restaurar o castelo das petições e tentar novamente, sobretudo descaçado, de mérito sondado e detalhado sumariamente, para atingir o âmago, por esta vez, de Padre Joaquim. É hora de botar pra festa o peixe-dragão, dar-lhe o título de vitória nas empreitadas da avalanche, testar na totalidade seu método, atacar as garas contra o inimigo, observar o desenvolver dos trabalhos arquitetados até então. Se não há saída, vou quebrar a parede. O celular põe-se ao telefonema. As narinas de Eduardo são túneis urbanos, em pleno trânsito paralisado no horário de pico, por onde o ar demora a passar e pesa. Os braços tensos refletem a dureza das mãos perplexas. Só falta ele não atender, rosnou Eduardo com o celular à orelha.

– Eduardo, já te disse pra não me ligar...

– Adjetiva isso, Joaquim! – grita.

– Adjetiva o quê? – indiferente.

– Esse vazamento dessa coisa!

– Que coisa?

– Vai me dizer que fez tudo isso e vai se fazer de burro?

– Você me ligou pra quê, afinal? – Padre Joaquim ri contido.

– Agora é isso, vazamento dessa história pra revista de – desdenha – fofoca.

– Ah, sim... – dá de ombros, irônico.

– Foi você, não foi?

– Eu não. – cantarolou.

– Não se faz de desentendido!

– Eduardo, para de gritar. Eu te atendi só por pena.

– Seu velho safado! – o brado dos vitoriosos – Fique sabendo...

– Fique sabendo o quê? Vou desligar...

– Fique sabendo uma coisa – cospe o ar pra fora, remoendo as mandíbulas – você não puniu o outro lá, não fez nada, e ainda vazou essa merda. Vai ter troco! – grita – Eu vou fechar a merda desse mercado e vou ferrar com a Vila.

Joaquim dá duas gargalhadas, a saber: rá, rá.

IGREJA DA VILA

- Não vai fazer isso porque você não pode.
- Como não? – agora as gargalhadas coléricas estão aqui nesta fala.
- Vai embora, Eduardo, vou desligar essa porcaria...
- E vou colocar no ventilador seus esquemas.
- Você também é sujo, Eduardo... se toca! – retruca.
- Mas você tem essa batina, eu tenho só minha conta... vamos ver quem cai primeiro! – quase, por pouco, gritou “imbecil!”.
- Você vai se ferrar, escreve isso... – alerta.

Como se a Eduardo um feixe de luz à lembrança acendesse, liberou pela boca o ruminado ao longo dos últimos dias:

- Nos papéis que eu recebi uma coisa era certa, você era o único que podia me ajudar nessa merda toda... – removeu, conflituoso, viajando o olhar por todos os cantos da casa.
- A igreja não tem nada a ver com isso.
- Mas você tem, seu velho imbecil! – o imbecil veio – Espera só.
- Não vem com ameaça, Eduardo... Já deu! Não te atendo mais... nunca mais. – bronqueou, elevando o volume da voz.
- Se não acredita, fica esperando. – Eduardo desapega da lenha e desliga a ligação.

O telefonema desligado. A ressaca atacou. Dói a cabeça, estendeu a mão trêmula à gaveta colada ao sofá, Tateando uma caixinha de comprimidos; tardou a abri-la, a instabilidade condicionou o tempo, lançou três deles à língua e a careta apertou para descê-los pela força da saliva. Eduardo esticou as pernas e recostou a cabeça, fechando os olhos à realidade adiante, acessando-a à mente aglomerada por cabanas sombreadas por habitantes desconhecidos. O redemoinho custa-lhe os telhados das casas, as árvores juvenis. Ao torvelinho ágil, foge do epicentro a constatação da honra ferida, outra exigência do peixe-dragão, uma outra medida para testar a eficácia de seus méritos e o receio de suas derrotas. Falta telefonar para Armando. A dor aumenta. Não é possível que você ainda pensa nisso!, esmurrou o ar, furioso. A tentação dos impulsos é como um carro a perder o controle do freio à ladeira. Detalhe: ao fim da ladeira um precipício oferece visão ao mar. Quiçá seja o peixe-dragão querendo retornar à casa. Eduardo resiste, a dor aumentará e o nível de perturbação por ora basta. Não vale a pena o precipício para si quando se quer os instrumentos para cova do inimigo. De antemão, prefere-se selecionar atentamente os instrumentos para o buraco final.

PRAÇA DOM JOSÉ DE
ASSUNÇÃO RONEM, S/N

Cutucava com batidas contínuas de uma caneta a mesa, esfregando a mão desocupada contra o rosto, especialmente pressionando o queixo e a boca. Lâmpada apagada. Céu nublado. Vela acesa, luz balançante, marejando o semblante de Joaquim à penumbra. Porta fechada.

– Como você ficou sabendo? – sentado, enrijece as costas forçando-a à frente ao encosto da mesa.

– Li na revista onde foi publicada a matéria.

– Você chama isso de matéria?

– É o que dizem.

– Pois quando saiu?

– Hoje mesmo.

– Você ficou sabendo rápido...

– Notícias ruim correm. – gracejou.

Joaquim perdeu o rumo do olhar. Apertou os olhos com as mãos, os cotovelos amparados à mesa, largando a caneta por aí e bufando todo o ar corporal de uma só vez.

– Como isso foi acontecer?... Merda!

– Não sei, Padre. – lamentou.

– Eduardo já me ligou.

Joaquim retornou o rosto para Gabriel, cujo olhar esbugalhou.

– Já?

– Sim. Antes das notícias ruins, os loucos vêm primeiro.

– Talvez eles que tragam as notícias ruins. – sugeriu.

– Então você é um deles? – interessou-se, arqueando as sobrancelhas num sorriso lateral.

– Não, Eduardo trouxe primeiro. – riu.

– Ele não parecia muito normal...

– Faz tempo que não, Padre.

Joaquim suspirou.

– Desde a ida de Benedito as coisas só pioram.

- Isso é verdade...
- Imagino o que virá agora, Gabriel.
- Ele disse algo grave?
- Padre Joaquim vê-se instigado a tocar nas desgraças.
- Disse.
- Algo realmente grave?
- Sim. Grave a trabalhoso – Joaquim decide não fazer mistério – Disse que fechará o mercado e me denunciará.
- Gabriel expande o semblante, arregalando-o dos olhos à boca. O menino não sabe qual ameaça é a pior.
- Agora é aguardar. – Joaquim adianta o cavalo à pergunta vindoura.
- Mas denunciar pelo quê?
- Estalo. Essa questão não era a aguardada por Joaquim.
- Nada. São apenas ameaças.
- Mas como alguém ameaça outra pessoa com tamanha gravidade inventada?, perambulou a tese no pensamento de Gabriel.
- Faz sentido.
- Joaquim o observa.
- Estou pensando – corrigiu-se – na verdade escrevendo uma carta de recomendação pra você.
- Como assim?
- As coisas vão piorar, Gabriel. – largou-se ao encosto da cadeira.
- Constatação óbvia para a consciência de Gabriel.
- Se isso vazou sem que possamos presumir quem foi, se não o próprio Eduardo fazendo cena, ou Armando agindo contra a própria vida... Não sei o que pode vir adiante.
- Não é por nada, Padre, mas...
- Não, não! Sem análises profundas. Eu sei o que aconteceu na Festa; o Bispo, se não sabe, ficará sabendo.
- Basta um louco chegar antes... – riu.
- Pois é, e com certeza o que fez Menezes é para que isso aconteça.
- Acha que dará certo?
- Joaquim dá de cara com o riso.
- Se fosse só isso...
- E não é, reafirmou Gabriel consigo.
- Acho que é a única coisa – hesitou – grave...
- Bom, sem controle. Sem história. O que resta é, caso seja verdade a coragem de Eduardo, pedir ajuda à Diocese com alimentos.
- É bom já deixar como plano.
- Sim. E te mandar daqui antes que eu não possa fazer nada por você como agradecimento. Entende?

IGREJA DA VILA

- Entendo. - consentiu.
- Certamente será uma ótima experiência, como a sua aventura por aqui.
Gabriel encena um sorriso.
- Você terá de escrever pra mim a carta.
- A quem?
- Para outro pároco, meu amigo de seminário.
- Pode deixar, eu escrevo quando e como quiser.
- Espero - sorriso terno - que eu não esteja te entristecendo como fiz com Benedito.
- Como assim, Padre?
- Gabriel presumiu um medo.
- História antiga, mas anos antes de tudo isso aqui, Benedito queria casar-se novamente, ele era divorciado, e veio aqui, exatamente nesta sala - apreciou cêlere cada canto da sala - pedir para que eu celebrasse o casamento. E eu neguei. - respirou - Foi horrível pra ele. Tive de visitá-lo quando ficou internado.
- Gabriel não soube uma resposta cabível.
- Não sei preocupe em responder, só me diga se está triste.
- Não. - cortou a dúvida - Fique despreocupado, padre. Para mim, se assim quiser, minha missão acabou aqui na Vila.
- Joaquim contenta-se.
- Maravilha. Faça isso, te darei as coordenadas ainda hoje.
- Tudo bem. - Gabriel sinalizou deixar a sala.
- Vou conversar com o Bispo. - Joaquim gesticulou a permissão à saída de Gabriel, rascunhando um sorriso breve e passageiro.

RUA SÃO JOÃO PAULO II, 06

A casa exala um cheiro podre às narinas de Eduardo, cutucando-lhe o senso de bem-estar a cada segundo, cobrando uma satisfação, uma atitude frente à podridão sensível ao olfato. Eduardo determinou, há minutos, uma tarefa à assessoria jurídica de sua empresa: comunicar e formalizar a demissão dos trabalhadores e trabalhadoras registradas ou vinculadas ao mercado sediado na Vila São José. O peixe-dragão deu-lhe as mãos, trajando a alcunha do lucro e preservando as normais formais do Estatuto de Destruição firmado na convenção dos peixes-dragões ao redor do mundo, destacando-se nas decisões, à liderança, em torno do Estatuto os peixes-dragões de currículos veneráveis no ofício de atravessar gargantas. Eduardo consultou a geladeira para observar se, por um descuido, deixou as portas abertas, contudo estavam fechadas, sim, senhor, era o tremor das ondas provocadas pela movimentação das placas passando pelos pelos dos braços e visitando toda a extensão do mar, aludindo ao desastre vindouro. Não precisaremos de revistas ou canais de culinária, Eduardo sabe e nós sabemos a receita: para demitir alguém é muito fácil, dê-lhe um espinho de peixe para engolir e saia. E Eduardo seguiu o roteiro. Determinando a demissão dos funcionários, determinará que o mercado seja desmontado, centímetro por centímetro, para compor um desfile de demonstração de forças ao largo da Praça Dom José, batendo na janela da casa paroquial à mão armada de uma granada, dizendo Veja o que tenho aqui para você, venha só observar!

Sabemos, de fato, a inexistência da intenção de realizar um desfile, custaria caro para além do lucro calculado friamente com Eduardo na presença de seu contador em reunião anterior ao caso do fechamento. Nesse momento, Eduardo projeta os acontecimentos futuros, dali algumas semanas, nada muito ganancioso em matéria de tempo, algo simples à imaginação humana. Podemos, nós, na humildade de nossas mentes ancoradas nas sucessões de fatos apresentados acá, pressentir o futuro também. Não é tarefa de astrólogo, não seremos Nostradamus ao passo de alguns minutos, há somente a intenção de trabalhar junto ao arsenal dos fatos concretos. Eduardo sabe, e saberemos por suas imaginações: fechado o mercado, o próximo passo será tentar outro ultimato. Caso o resultado seja pífilo, a consequência já terá aprofundado

VICTHOR FABIANO

um bocado, o Padre terá às mãos um peixe-dragão vivo ansiando uma cura imediata e terá fatalmente que reconhecer a impossibilidade de resolução alheia ao poder de Eduardo. É o conteúdo que se passa nas conclusões de Eduardo neste instante. É o conteúdo ao qual nos permite acessar. As demais consequências do fundo do poço nos são restritas; estas saberemos apenas quando a ganância e o capricho lhe estenderem novamente a mão ao convite de um intenso e duradouro baile romântico.

RUA PADRE RAIMUNDO CORRÊA
SORTES ASSUNÇÃO RONEM, 21

Beata examina um papel preso firmemente em suas mãos, forçando os olhos vez ou outra, encostando as letrinhas à beira do nariz. Torce o nariz umas duas vezes, repousa o papel e as mãos ao leito da mesa e decide fechar os olhos. Pensa. Retorna a abrir os olhos, remetendo a sensação de impaciência às pernas. Ouve dois passos.

– O que foi, amada? – a voz rouca de Jozimas.

– Nada não... – sorri com ternura.

Jozimas toma o assento ao lado dela, encosta em suas mãos cuidadosamente.

– Fique tranquila, vai dar tudo certo.

– Sim – Beata desconfia – na nossa idade tudo vai dar certo, Jozimas.

– Por que diz isso, assim... tão teimosa? – ri.

– É daqui pra morte, meu bem.

– Mulher, já tá pensando nisso? – esboça um consciente susto a fim de alertá-la.

– Tô toda doída, Jozimas, a idade não perdoa ninguém...

– Isso é verdade, veja só eu. Faltando tudo quanto é vitamina e mineral, não tem nem pra onde correr.

– Pois é, mas que bom que conseguiu os remédios lá no posto... – dispensa a completa agonia.

– Sim – direciona a ela um olhar afável – Fica calma, vamos conseguir os seus remédios.

– Eu espero, Jozimas, espero mesmo...

Beata o beija. A porta irrompe. Jairo esforça-se para enxugar o rosto.

– O quê foi, meu filho? – Beata surpreende-se num salto para recebê-lo. Toca-lhe o rosto úmido.

Jairo a abraça, retomando o choro. Jozimas escancara os olhos, paralisado à mesa.

– Me fala, o que foi... – a voz abafada de Beata.

Jairo soluça. Os batimentos do coração refletem no corpo de sua mãe, batendo violento e frenético; a pulsação percorre a totalidade da corpulência, cavando constante dor de cabeça, contra a qual Jairo quer lutar. Beata aperta o peito e as emoções ao silêncio do

filho. Será mais um caso de amor, uma notícia sobre a moça, alguma coisa do trabalho, um efeito dessa depressão que o médico disse?...

– Senta aqui, filho... – Jozimas procura estabilizar a fala para apanhar qualquer que seja um alívio ao filho, mesmo que indefinida a origem das lágrimas.

Beata o puxa para a mesa. Pelejando para as lágrimas não despontarem aos seus olhos, retorna ao filho.

– Filho, fala alguma coisa...

– Mãe... – o fluxo de muco aumenta conforme a precipitação. Jairo funga – mãe... – pausa – me demitiram...

Beata recebe àquele momento um murro no estômago cujo impacto não pode demonstrar. Curva a cabeça e esvai o pensamento ao mais longe dos mundos.

– Mas demitiriam só você? – este é tal assunto dos quais fugir de sua existência, apagar-lhe da consciência seria melhor, saudável às perturbações. Ainda assim, Jozimas consegue formular a pergunta, atônito ao estado de Beata.

– Não... – Jairo comprime o pulso contra o nariz.

– Quantos forem, Jairo? – Beata questiona, incapaz contra o peso à cabeça.

– Não, mãe – comprime os olhos avermelhados, coçando-os – Foi todo mundo.

À força de um giro voraz, Beata encara Jozimas. O velho apoia o cotovelo à mesa e a cabeça sobre a mão.

– Não é possível, meu Deus... – Beata caça a cadeira vazia.

– Eles já mandaram todo mundo hoje, falaram que não precisa mais voltar... – o choro de Jairo alivia o soluço.

– Mas por quê? – renega Beata, para quem a informação sequer fez caminho pelo ouvido, adentrou pela boquiaberta reação, fez giros pela garganta e, nos últimos minutos, comprime os músculos da matéria, carcaça pelo desgaste.

– Não sei... dizem o que mercado vai fechar...

– Mas a cada minuto é uma notícia ruim diferente, meu deus! – Jozimas irrita-se, oscilando a cabeça em sinal de negação contínua.

– Meu filho, pelo amor de deus... – sente Beata o peso da informação exprimida por Jairo – se isso acontecer, a Vila inteira vai pagar o preço!

– Sem dinheiro e sem mercado, Beata! Sem mercado – sobreleva – e sem dinheiro. Nenhum, nem um centavo!

Cai uma chuva de farpas sobre a casa. Jairo consegue secar as lágrimas.

– Agora não sei o que fazer. Não sei, não sei...

– Filho, pra tudo tem um jeito!... – Beata busca palavras para completar o acalento.

– Não tem jeito, mãe, não tem... E agora com seus remédios, como vai ser?

Beata ressentida ser incapaz de responder às indagações substanciais do filho.

– E pra gente comer? – Jairo movimenta as mãos no reflexo à incredulidade. Jozimas o observa, remoendo o rosto.

– Agora se danou tudo... – Jozimas força as pernas para abandonar a mesa, sentindo

IGREJA DA VILA

as pernas pesarem o denso significado da demissão do filho.

– Vamos pedir ajuda pra igreja, meu filho.

– Mãe, eles não vão ajudar...

– Por que não, Jairo? Eles sempre ajudam!

– Mas agora é diferente, mãe – remói.

– Eu vou lá amanhã mesmo pra falar com o Padre!

Sucedo o condicionamento de ponderar a ideia da mãe, oferecendo-a nas desorganizações de seu desespero um tímido canto abafado.

– E se não der certo?

– Vai dar, meu filho. Vai dar.

– Mas, mãe... E os remédios da senhora?

Beata silencia-se.

– Não sei, filho...

– Isso me preocupa muito, e agora?

– A gente dá um jeito...

– Isso é muito genérico. Sou apenas eu aqui, sem o salário, não vejo outra saída.

– Mas confia em Deus, filho. Sempre tem uma saída.

Jairo desconsidera o conselho de Beata, negando-o ao movimentar a cabeça, cujo peso lhe custou esforço ao intento de balançá-la.

– Agora eu não sei o que fazer. – largou a cabeça sobre os braços cruzados à mesa.

– Imagina o que vai acontecer agora com a Vila... meu Deus!

– Pior que emprego aqui não tem. Ou é em outro bairro, longe, ou em outra cidade.

E como eu vou procurar sem dinheiro?

Não há resposta visível. Beata irrompe à confusão dos pensamentos.

– Vou ligar pra tia Rute – pontuou, alcançando uma distante possibilidade – e conversar com ela, ela pode ajudar a gente com alguma coisa, talvez até pra você procurar um emprego.

– Não sei, mãe, não sei...

Beata e Jairo alarmam-se com um estrondo sufocante no quarto. Encarnam a agonia.

- A** noiteceu. A porta abriu.
- Pode entrar, estou esperando vocês... - Eduardo concede o caminho a Menezes e Adelmo, fechando por fim a porta.
 - Prazer, caro Eduardo... - Adelmo estende a mão, sorridente.
 - Prazer, meu caro.
 - Adelmo.
 - Isso, Adelmo, prazer! - Eduardo retribuiu o aperto de mão e o sorriso, repetindo o ato ao cumprimentar Menezes.
 - O prazer é todo nosso, Eduardo. - Menezes toma o assento ao sofá.
 - Sua casa é realmente bonita. - Adelmo elogia.
 - Muito grato, senhores, pela gentileza e pela visita. - cordial - Gostariam de algo, uma água, café, vinho... - joga ao ar as opções do hospitaleiro.
 - Agradeço, Eduardo. - Adelmo.
 - Eu aceito uma água, Eduardo, por favor... - Menezes.
 - Mas é claro - Eduardo gira o corpo a uma mesinha escondida à lateral da sala, lá agarra uma garrafa resfriada d'água e traz ao querer de Menezes - Aqui está, meu caro. Menezes ocupa um copo e mata a sede.
 - Vamos começar, então, nossa conversa. Pretendo ser rápido. - sinaliza Eduardo.
 - Vejo que temos alguns pontos em comum para tratar - Adelmo costura.
 - Sim, exatamente. Pressuponho, na verdade. Por isso quero saber quais são seus pontos específicos.
 - Bem - ensaia Adelmo - em conversas com Menezes falamos sobre certo controle da igreja aqui na Vila...
 - Sim... - Eduardo processa os dados.
 - E a dificuldade de furar esse controle, digo... não sei se me entende.
 - Acho que sim. - sorriu Eduardo.
 - Precisamos de um espaço para liberdade na Vila - sinaliza Menezes, introduzindo-se - que, por enquanto, tá fechado, não temos como conseguir isso aí.
 - Em palavras mais claras: querem abrir uma igreja aqui, ou eu entendo errado?

Menezes a Adelmo entreolham-se analíticos.

– Sim, isso mesmo, Eduardo. – confirma Adelmo.

– Pois então, não tem rodeios... – sorri Eduardo, gesticulando um gesto de mãos plana às laterais, indicando obviedade quanto ao assunto – Vamos articular essa questão hoje mesmo. Como vocês imaginam tudo isso?

Adelmo desconcerta-se, imaginando uma resposta cabível à indagação por ora inesperada.

– Bem, um espaço, um galpão, que dê para abrigar um templo religioso, com espaço para umas cinquentas pessoas... Penso isso.

– Isso mesmo. – concorda Menezes.

– Bem, entendo... – Eduardo estuda as características levantadas por Adelmo, elevando o olhar por alguns segundos – Temos um espaço na Vila mais preservado que está fechado há anos, lá já funcionou um pequeno mercado de um amigo e depois foi comitê eleitoral nas eleições passadas.

Adelmo escorrega um sorriso pretensioso.

– É isso que pensam?

– Sim – o Pastor concorda de pronto – É exatamente de um espaço assim que precisamos.

– Então já posso reservá-lo a você, Pastor – sorriu Eduardo, como quem cria uma grande ideia – e você me diz quanto poderá pagar.

Adelmo calcula.

– Nós temos disposição para pagar o que for necessário por esse espaço. – conclui, direto.

– A denominação de Adelmo – Menezes costura – está empenhada nessa questão, Eduardo. Muitos fiéis da Vila viajam para o culto vizinho, sabe?

– Sei sim. Isso será alterado agora, acredito eu.

– Com sua ajuda? Sim. – Adelmo endossa, inaugurando um sorriso lateral.

– Assim começamos nossa parceria. – Eduardo retribui o sorriso lateral, acenando um gesto de acordo despretenso.

– Devo te agradecer pelo seu apoio, Eduardo. – Menezes compadece o próprio coração – Sem ele estamos sem perspectiva, imagina só...

– Todos sairemos ganhando. Eu, vocês e a Vila. – Eduardo.

Adelmo o encara.

– Imagino então que não está de acordo com o que quer a Paróquia... – arriscou Adelmo, sugerindo um caminho delicado ao pisar.

Eduardo analisa a frase.

– Sim, as coisas não podem continuar como estão. – conclui Eduardo, coçando a geníva – Não sei se viram – amolece o olhar, pairando um gesto cabisbaixo – mas essa história toda que vazou é culpa de Padre Joaquim.

Adelmo demonstra certo espanto, elevando a sobrancelha à intenção de convencer Eduardo. Isso nos aproxima dele, arquetetou intimamente.

IGREJA DA VILA

– Lamentável essa atitude deles. Mas não é de esperar outra coisa, afinal... Eles fazem o que querem.

– Estou de acordo com Adelmo. – Menezes preferiu não remexer no assunto.

– Mas vai ter retorno. – Eduardo endureceu o queixo.

– O que pensa em fazer? – Adelmo.

– Não sei ao certo.

– Vi que mandou fechar o mercado. – Menezes anota. Eduardo concorda acenando com a cabeça.

– Vamos ver se assim funciona. – Eduardo.

Adelmo somente mastiga as palavras de cada um.

– Vou me mudar daqui amanhã.

Menezes mantém-se absorto.

– Tenho outras casas por aí, vou para uma mais longe.

Adelmo não sabe se lamenta ou despede-se.

– Você pode aprofundar isso. Estarei do seu lado. – Menezes declara.

Eduardo o estuda.

– Bem – respira – fico feliz por saber disso. Certamente vou precisar.

– Meu caro – irrompe Adelmo – agora estamos juntos. Vamos nessa caminhada, Deus está do nosso lado. – esboça um sorriso aberto.

– Isso é o que importa – Eduardo encena uma satisfação – nesse momento de decisão.

– Vai tudo correr bem, basta que a gente faça uma boa organização das forças e das ações. Eu já estou lançando minhas cartas. A posse se aproxima e, empossado, tudo ficará mais fácil.

– Vamos lançar juntos. – reforça Adelmo.

– Estou mais tranquilo com a visita de vocês... E quero estar presente em sua posse. – arrisca um sorriso retraído, agradecendo – Pedirei aos meus empregados contatarem você, Adelmo, para os acertos finais. – sinaliza o cumprimento de despedida. Adelmo e Menezes abandonam o sofá e retribuem a despedida.

– Muito grato, Eduardo. Você está fazendo um grande serviço para a obra de Deus.

– Obrigado por nos receber! – Menezes o abraça e ruma à porta, seguido por Adelmo.

– Ficamos em contato. Tenho o número dos dois muito bem salvo – gesticula com o dedo indicador em composição ao sorriso de dentes à mostra.

Adelmo e Menezes partem para a rua, embarcam no mesmo carro e dão partida. Eduardo fecha a porta, retorna à sala, senta ao sofá amparando a cabeça às mãos escuradas na perna, aperta os olhos, coça o nariz e entrega-se às lágrimas soluçantes.

RUA PEREIRA DE SOUZA, 333
– FORA DA VILA

Dentro do carro, a mão agarra o celular num susto ao percebê-lo tocar no banco do lado.

– Demorou demais... – reclama, estalando a língua.

– Desculpa, sabe como é...

– Não sei, esperava que você fosse mais rápido, mas tudo bem. E aí...

– Tô fazendo o que posso. – interrompe.

– Sim, mas e aí, como estão as coisas aí?

– Sabe bem, foi difícil encaminhar tudo como aconteceu... um processo difícil...

– Não era pra ser diferente, afinal tudo é uma grande articulação.

– Sim, mas é mais difícil quando tem um ou dois complicando os objetivos – desdenha – aí a coisa fica mais complicada, você sabe.

– Mas o importante é que conseguimos encaminhar como queríamos.

– Eu espero que assim fique, meu caro... – desenha um timbre de incerteza.

A outra voz paralisa.

– Como... como assim? “Ficar assim”? – irrita-se.

– Nada demais... – desconversa.

– Não me vem com essa, o acordo foi esse! – levanta a voz.

– Sim. Mas a situação aqui tá diferente agora. – engole em seco.

– Você não tem capacidade pra manter o cenário? Então por que se comprometeu?

– Eu não tenho todos os poderes que você acha, meu caro. Há dias tem gente implicando e isso vai chegar no chefe.

Esmurra o volante, liberando um extenso palavrão dito pausada e cuidadosamente ao tira-paz.

– Isso não pode acontecer! – grita. A ligação falha um pouco.

– Fica calmo, parceiro... Você vai ficar doente assim...

– Você tá zombando com a minha cara, é isso? – mantém a gritaria.

– Não, não estou, apenas te dando um grande conselho... – ri.

– Tô começando a achar que você é um traíra... – sugere, trocando a cabeça pelos pés, apertando o celular com a tensão dos braços.

VICTHOR FABIANO

– Me respeita, por favor. Estou querendo dizer pra você que para tudo tem um jeito, entende?

Suspira profundamente. E responde:

– Qual jeito então? Fala!

– Se isso for retomado, é só mudar o enfoque do “quem” – constrói com as mãos as aspas, como se alguém fosse vê-las – entende?

Calcula o caminho exemplificado. Retorna um volume mais ameno à voz, contudo repleto de variações trêmulas:

– Entendi. Acho que é algo a se pensar.

– Sim. Mas antes precisamos ver como ficará isso.

– Tem gente trabalhando para?

– Tem, tô te falando...

– Quem? Me passa o nome?

– Te mando da forma mais segura.

– Certo. Vamos agitar essa pessoa.

– Talvez seja uma boa ideia, mas não anula o efeito.

– Então você parece estar mais certo do que quis soar...

– Nunca se sabe, meu caro, nunca se sabe...

– E qual era o jeito?

– Olha, então – pausou – esperar a definição, se vai acontecer ou não. Se acontecer, ir atrás de quem estiver liderando.

– Sei...

– Se for um colega, tá no papo. Se não for, será mais difícil, mas é caso de pensar um plano.

– Por isso quis me ligar tão urgente?

– Sim. Você pode me atacar, mas tenho compromisso com você.

– Tá certo. – arrancou um minúsculo sorriso do peixe-dragão.

– Então vou desligar. Nos falamos...

– Sim, nos falamos. Fica de olho!

– Pode deixar. – a interferência da mão apertando o botão de encerramento da chamada soou nos últimos segundos da ligação. Logo os sinais soaram. O carro deslocou-se para longe dali.

RUA PADRE RAIMUNDO CORRÊA
SORTES ASSUNÇÃO RONEM, 21

Jairo amanheceu ancorado à cadeira e os braços esticados sobre a mesa, perdendo a noite de sono pelo ar, pelas estradas, esvaiu por seus dedos e não bastava um esforço para buscá-la. Remexeu pela madrugada na geladeira, experimentou a medida da cama, sem sucesso. Meteu-se no pequeno quintal aos cuidados do silêncio para preservar o sono dos pais, encarou as estrelas um pouquinho para saber se por ali o sono escondia-se remoto. Sem sucesso. Nem sequer uma supernova a explodir uma mostra de respostas universais ao carrapato sugando-lhe o sono. O relógio girava à perturbação, no qual o segundo passado extraía um milímetro de paciência, o barulho férreo do tempo pregava ainda mais seus olhos à testa, coibindo o sinal do descanso ao sinal da vigília. O gato à rua miava incessantemente e Jairo desconhecia o passeio de um gato pela madrugada. Por fim, cochilou esticando os braços sobre a mesa ao custo de algumas horas, concomitantes à invasão do sol como num grito inoportuno pela manhã, bradando as palavras de ordem: Acordar, Acordar! Quando sequer imaginava, o Correio gritou de fato à porta da casa, Olha o jornal!, soando no segundo seguinte o atrito do informativo plastificado contra o chão do quintal. Jairo forçou-se para apanhá-lo, retornou à mesa e cá resmunga agora.

O horário era suficiente. Beata sentiu-se convidada a despertar.

– Mãe, deixa que eu te ajudo... – Jairo cambaleou ao notar sua mãe carregando as pernas aos recuos da dor.

– Obrigado, filho... – apoiou nele os braços.

– Senta aqui.

– Nossa, nunca acordei com tanta dor. – espremeu o semblante. Jairo sentou-se ao lado dela.

– Não fala... fico mais preocupado...

– Falei com sua tia ontem, ela vai nos ajudar.

Jairo sorri.

– Nossa, isso é ótimo...

– Ótimo mesmo, ela vai nos mandar uns alimentos e um dinheiro para você.

– Pra mim?

- Sim, filho.
- Não, a gente compra seu remédio...
- Filho, é pra você procurar emprego. – delimita – Se você consegue um emprego, tudo melhora.
- Jairo repensa.
- Entendo. – mira o jornal – Hoje recebemos isso aí, é o jornal da Paróquia.
- Beata estica os braços para apanhá-lo. Força os olhos para enxergar.
- Aí está Eduardo, reconheci o rosto. Ele que era o dono do mercado, já o vi por lá umas vezes.
- Safado... – desdenha Beata, expressando-se entredentes.
- O que ele fez foi... – Jairo confunde-se – sem palavras. Mas aí diz que ele tem muitos outros negócios, por isso não fez diferença.
- Sim, o que é um salário pra ele? Nada.
- Pois é.
- Silêncio.
- O Padre tá falando pra gente estocar comida. – Jairo aponta a uma das manchetes dispostas na impressão.
- Ele tá mais do que certo.
- Jairo a observa.
- Eu nunca vi o Padre daquele jeito...
- Qual jeito?
- Do dia da festa de São José... – sinaliza a cruz ao corpo – Ele não tinha outra escolha, filho. Eles foram lá para atacar nossa festa.
- É, por um lado faz sentido... – Jairo concorda ao lançar a cabeça, analisando os pormenores à medida que movimenta os olhos.
- Isso que a gente tá passando é por esse ataque dessa seita... – Beata cutuca a mesa, como se a marcasse com um ponto único – E esse Eduardo tá com eles. Tenho certeza.
- É... o jornal disse que ele não está atendendo aos pedidos da Paróquia, é o que eu sei.
- Pois é, tô te falando, filho...
- E o pai, tá bem? – irrompe a questão.
- Ele dormiu bem, eu acho... – Beata entorta o olhar em direção ao quarto, murmurando – Acho que os remédios não estão ajudando totalmente.
- É o caso dele voltar no médico. Eu posso ir com ele.
- Beata sorri.
- Conversa com ele, quem sabe ele te ouve.
- Vou conversar.
- Ressoa uma voz chamando “Beata!” lá fora, para além do pequeno quintal.
- Não é o aluguel... – Jairo toca o coração ao sinal sarcástico de alívio. Beata aperta as mãos unidas e balança-as, correspondendo ao comentário do filho.
- É Maria, conheço a voz dela.

IGREJA DA VILA

– Eu atendo...

– Não, pode deixar. Eu vou tentar.

Beata ergue o corpo da cadeira esforçando-se contra as correntes presas ao chão, refletindo em seus traços o dolorido decorrente do miúdo deslocamento para afastar-se da cadeira. Carrega os pés. Alcança a porta e retorna ao chamado de Maria: Já vai!

RUA MATILDE PASSOS DE
SOUZA, 89 – FORA DA VILA

Fugia do conforto habitual da casa localizada à Vila, entretanto cá está Armando, ocioso defronte à televisão ligada em contraste ao silêncio determinado pelo botão “mudo”, sua cabeça já falava o suficiente para competir com as palavras, frases, acentos e notícias veiculadas nos roteiros e linhas narrativas dos jornais ou filmes, desenhos animados ou programas de culinária. No nome de Armando estão três propriedades: a casa à Vila, uma casa no centro da cidade, e esta, noutra município vizinho. Cá está Armando, passa um carro lá fora, outro, o terceiro, a cozinha carece de mantimentos, o estômago embrulhou e não entregou por ora o presente, obrigando Armando a odiar qualquer vestígio de fome. Uma mosca perambula pela sala, o ar lhe é o caminho natural, passeando à janela para catar um ar aliviado, retornando para rondar a mente do homem paralisado, de quem a agenda fugiu, foi jogada ao fogo. Armando desmarcou os compromissos políticos, dos quais reuniões destacam-se, àquele dia, dispensando explicações detalhadas dos pormenores. Certamente, presume pela lógica, o presidente municipal do partido sabe, os colegas eleitos, os colegas derrotados, os colegas pessoais, a finada mãe, o finado pai, o açougueiro, o empresário, o marceneiro, a cabeleireira, a professora, o porteiro, o presidente da república. A prefeita da cidade. A prefeita!, podia ligar para ela, encenou soluções ao marasmo, Não, ela pode estar ocupada, o que vou falar com ela?, quis saber num instante essencial ao impulso, Explicar o porquê sua vida vazou numa revista de fofoca, podíamos arriscar uma resposta, contudo a fala potencialmente causaria em Armando qualquer fúria ou irritação capaz de desvirtuar nosso papel neste relato. Acho melhor apenas ficar aqui, esperando algo acontecer, amoleceu o nervosismo. A revista, a revista de fofoca, aquela do burburinho à toa, da explosão da supernova, descansa sobre a mesa centímetros próximos ao sentado estado de Armando. Pensar na existência material da revista, velando astuta Armando usando o costureiro desdém dos vitoriosos à espera da oportunidade de convidá-lo à conversa de consumação e mostrar-lhe o poder de suas folhas, aprofunda o enjoo intrínseco, rememora a voz de Joaquim piando zunidos contra o restante de regularidade. Num salto quem pia é o tira-paz. Armando direciona o olhar revoltado ao celular, coçando os dedos endurecidos pelo recente dilema: atender ou não.

Atender ou não. O olhar duro. O número é desconhecido. Tal é o marasmo. Tal é o perigo. Tal é a insistência das gritarias do celular. Atende.

– Alô...

– Vagabundo, você não vai me escapar...

Doutro lado da linha, Ainda bem que só da linha, alivia-se dentre os desesperos Armando, reconhecendo de pronto o timbre, o tom, o volume, o xingamento, tudo com detalhes. Esfrega os dedos da mão desocupada uns contra os outros, solta o pescoço para atrás e bufa.

– Não perde tempo, Eduardo.

– Só ligo pra avisar que você vai se ferrar, Armando.

– Se eu me ferrar, você se ferra também.

– Tanto faz, bandido – desdenha – Você acha que eu não pensei nisso já?

– Você tá descontrolado...

– Tá querendo jogar seus pecados contra mim? – gritou.

– Só toma cuidado, Eduardo.

– Pode me ameaçar, você vai se ferrar primeiro. – quando chamamos a fala de Eduardo de rosnar, é porque somos sinceros. Os dentes endurecidos, a respiração densa à âncora do peixe-dragão, os olhos arremessados ao universo, a mão suando. A voz saltando ao telefone.

– Eu sei dos seus esquemas – enfatiza – todos eles. Todos.

Armando comprime a mão contra a testa, amolecendo a boca ao lamento.

– Eu vou desligar.

– Pode desligar, fica aqui o aviso. – Eduardo desliga.

Lança o celular ao lado. A mosca ainda viaja pelo ar. Os carros ainda passam à rua. Mas a cabeça lateja. Surge à mente de Armando a memória de um dia recente: a entrevista na qual anunciou sua pré-candidatura à Assembleia do Estado. É aí o centro da questão, é acá neste ditame o peso da ligação sofrida. Ecoa o timbre de Eduardo nos cantos de ressonância do corpo, Eu sei dos seus esquemas, eu sei dos seus esquemas... Os palavrões rodeiam os discursos mentais, pessoais, agarram o pensamento. Um grito irrompe com todos eles. Expressa-os para assustar os vizinhos. A revista balançou pelo ecoar das vibrações sonoras, sentindo a ventania da tempestade, no entanto perdura à espera da consumação.

PRAÇA DOM JOSÉ DE
ASSUNÇÃO RONEM, S/N

Padre Joaquim dispensou a oferta de Gabriel quanto à compra de um exemplar da revista *Fala Que eu Te Mostro*, o desinteresse logo tocou-lhe o coração pelo receio da previsível ânsia à privada, ademais o custo jogado na lata do lixo. O fato é consciente, os pormenores desinteressantes à situação do caso, escassas influências exercem sobre a concretude das ocorrências. Para tanto, São José aguarda Joaquim, há dias deixou a prece diária e parco é seu fazer religioso. Receber, passados quatro dias, a disparada notícia da boca de Gabriel, Padre, o mercado foi fechado, escancarando à porta da sala paroquial desmedindo a força, forçou os pensamentos de Joaquim a findarem-se, desembocando na explosão da supernova, a respeito da qual nada pode fazer se à altura do universo os astros movimentam-se, decidem seus próprios caminhos e explodem suas forças. Joaquim somente emitiu pedido formal à Diocese solicitando doações bancadas pela Igreja para um estoque destinado aos necessitados, por ora contemplados e abastecidos. Os mantimentos caminham à Paróquia quando das caixas enviadas ao Seminário Diocesano de São José, isolado cosmos escondido nos confins da Vila, mistificando-se às matas abundantes ao redor, a Paróquia é autorizada e retirar o necessário estipulado pelo Padre. Basta a esta altura conformar-se à quarentena, que não se confunda com a quaresma, e adubar o pressentimento da órbita descontrolada.

Batidas à porta.

– Entra... – remoeu.

– Padre – adentrou – chegaram as correspondências.

– Pode colocar aí. – apontou o desinteresse à mesa.

– Uma delas é da Diocese. – Gabriel engoliu o espinho do peixe.

– Vou abrir – encostou com a ponta do dedo na correspondência.

Gabriel mastigou a própria língua. Joaquim retirou o papel timbrado do envelope.

– É o que eu tinha te dito – apático – o comunicado da minha transferência.

Mudez. Gabriel inerte.

– E o vigário?

VICTHOR FABIANO

- Ele vai continuar aqui, mas acho que quem assume é outro.
- Gabriel transparece compreensão, escondendo os lábios e balouçando a cabeça.
- Ele não está bem de saúde, apareceu aqui só algumas vezes... Você sabe.
- O bispo sabe disso?
- Comunicamos, não lembra?
- Verdade.
- Mas - endossou - fique tranquilo, conversei com o Padre Cristiano Quitério e ele aceitou a proposta.
- Gabriel remexeu os olhos.
- Obrigado, Padre.
- Você já sabe onde fica, assim que tudo estiver certo, pode ir.
- Bem, esqueci de te falar, mas Eduardo telefonou.
- Joaquim resmungou.
- Prossiga.
- Ele disse que entendeu que o senhor não quer ajudá-lo e vai fechar a entrada dos outros alimentos aqui.
- Joaquim desprende um enfadado sinal com as mãos.
- Isso já não é mais do meu poder.
- Gabriel consente.
- O que posso fazer, afinal?
- Não sei.
- Não o responda. Se ele ligar, diga para tratar com o Bispo. O que ele quer o Bispo pode fazer, ele que vai ter lá com a Diocese. Louco!
- O senhor pediu mais ajuda?
- Essa que chegou não vai durar nada, vou pedir hoje mesmo algo com mais volume.
- É uma boa ideia.
- Melhor do que esperar milagre.
- Mas o senhor acha que vai chegar?
- Joaquim aprecia.
- Vamos ver. - sorriu para Gabriel.
- Quando o senhor vai?
- Não sei ainda. Vou ligar para o Bispo.
- Não sabe mesmo quem virá?
- Vou perguntar. - demarcou - Essa Vila precisa de alguém mais flexível. Um desses padres libertários.
- Escapa um sorriso lateral de Gabriel.
- Quem sabe seja isso.
- Vai ficar com saudades?
- Sim, foram momentos importantes pra mim.
- Eu também ficarei. - distraiu-se. - Mas, antes das despedidas, sei que pedirão um

IGREJA DA VILA

novo pedido formal. Precisamos redigir.

– Eu farei.

– Isso mesmo. Obrigado.

– Esqueci de mais uma coisa, Padre. – Joaquim dá ouvidos – O número de pessoas está aumentando, hoje mesmo muita gente já apareceu.

– Tem notícias de gente indo embora?

– Por enquanto não, mas ouvi alguns burburinhos.

Esses nos interessam!

– Não podemos fazer nada, Gabriel. Simplesmente vamos tentar.

Gabriel agradece e engole a resposta seca. Abandona a sala. Joaquim vai rezar.

PRAÇA DO PODER MUNICIPAL,
S/N – FORA DA VILA

São dezenas de desempregados devendo aluguel, ou desconhecendo a maneira como conseguirão pagar as contas de água, luz, telefone quando o caso, comprar os alimentos ao almoço, ao menos, caso consigam bancar outras refeições à sobrevivência. Doutro lado, não há família na Vila despreocupada quanto à inexistência de caminhos para a compra de seus alimentos, àquelas que têm dinheiro e àquelas a sonhar com o precioso dia da renda. Pesa aos bolsos e locomoções sair da Vila para buscar mercados e ofertas, dado o valor elevado do ônibus que atende aos moradores de São José. Não à toa, podemos citar uma ou duas famílias telefonando aos parentes para conhecer a possibilidade de abrigo; podemos arriscar que a tendência é crescente nos próximos dias, pelo andar dos peixes-dragões. É de esperar a degradação.

É um dia como os outros no centro da cidade. O calendário virou a página, o relógio girou, os munícipes partiram das residências ao cumprimento do expediente, os ônibus embarcam e desembarcam gente, a polícia prende alguns trabalhadores ambulantes, no céu vagueiam algumas nuvens densas, os bancos preservam as taxas ao ritmo de aumentá-las, ínfimas fábricas em funcionamento demitem funcionários, os hospitais lotam, o trânsito aglutina-se às manhãs e ao anoitecer e os sinais não nos deixam atravessar.

Viajamos ao prédio da prefeitura do município. A viagem ocorreu muito bem, obrigado. Aqui pisamos. Ornado quadrado, às paredes desfilam retratos emoldurados à cor dourada; à lateral, ao lado da janela extensa de madeira, três bandeiras encenam uma inclinação. Defronte em linha reta à porta, a mesa de Julia Bernardo Lobo sustenta pastas, papéis, um notebook, celular, telefone fixo, ambos são tira-paz, as canetas executivas, uma xícara vaporizante, espelha o reflexo disforme da parede nos vãos desocupados, aguenta o peso das responsabilidades e o esvair dos cálculos concernentes ao cargo de Julia. Pelo gabinete da prefeita as notícias correm, pelos corredores e pelos alertas dos assessores. Períodos atentos noticiam o fechamento do mercado e a recusa do empresário Eduardo Costa e Souza de rever a decisão, alegando justificativas puramente pessoais, quando a chamada opinião pública, ou

opinião midiática como preferimos acá, desconhece outras razões caso não um claro “querer aparecer” conforme escrito pelo colunista Rodrigo Felipe, no jornal O Tempo do Povo. Julia Bernardo Lobo livrou-se há minutos da reunião com os secretários e a pauta lhe surgiu também pela boca do secretário de Finanças do município. Admitiu desconhecer possibilidades certas para solucionar o caso e garantiu estudá-lo naquele mesmo dia. Acá, ao gabinete da prefeita o tira-paz toca, toca e toca. Notícias ruins a qualquer momento, alô?

– Quem fala?

– Eduardo.

– Olá, Eduardo, como está?

– Vou bem, senhora prefeita, e contigo?

– Tudo bem, Eduardo.

– Vi que seus assessores solicitaram uma conversa comigo.

– Sim. Obrigado por ligar.

– Engraçada essa situação, eu tentei falar com você algumas vezes e me ignorou.

– Eduardo, se trata de um assunto sério...

– Então estou ouvindo.

– Hoje me reuni com meus secretários. A situação não está fácil.

– Para ninguém, prefeita...

– Por favor, não ironize.

– Me desculpe. – ri.

– Quero pedir o seu apoio quanto à situação da Vila.

– Como? Apoio como?

– Precisamos que você volte atrás com suas decisões.

Eduardo gargalha. Julia surpreende-se.

– Não posso fazer isso.

– Por quê?

– Porque está decidido.

– Eduardo, você está colocando em risco a vida de muitas pessoas.

– Colocaram a minha, Julia. O sujo do Armando sabe muito o que faz. Certeza que está te influenciando.

– Do que está falando? – desdenha, estranhando a constatação de Eduardo.

– Ele com certeza conversou com você sobre esse assunto.

– Não. – pontua – Ocorre que esse é um assunto sério. Teremos sérios problemas com essa situação.

Eduardo gargalha de novo.

– Quem terá problema será você.

– Olha, Eduardo, sem ameaças... – adverte.

– Eu não quero te ameaçar, mas você precisa prometer duas coisas.

Julia mantém-se em silêncio. Recusa-se a responder à ameaça de Eduardo, a criança chorona.

IGREJA DA VILA

– Um, você se manterá neutra quanto a isso, e dois, você deixará de encher o meu saco com esse papo.

– Eduardo, você está sendo irresponsável. Eu não posso simplesmente fingir que nada está acontecendo.

– Inventa uma desculpa, fala sobre limitações, orçamentos... Não sei, inventa.

– Eduardo, vou reforçar: esse é um assunto muito sério.

– E pode ficar mais.

– Terei de tomar uma atitude. – define.

– Você que sabe, prefeita. Eu tenho todos aqueles dados aqui comigo.

Julia paralisa.

– Tem a chance de deixar as coisas acontecerem segundo o meu plano, ou – enfatiza, arredondando a conjunção – deixar as coisas acontecerem segundo o meu plano, mas de uma forma... pouco agradável pra você.

O telefone quase desliga.

– Eduardo, depois conversamos.

– Até mais, minha querida. – Eduardo desliga.

Julia pousa o celular ao seu lado e põe-se a pensar, segurando a cabeça com uma das mãos escoradas à mesa. O preparado ataque de Eduardo a impressionou, todavia não fora surpreendente aos ouvidos. Sobretudo nos pesadelos contundentes de sufoco desmedido, aqueles que somem lançados à Sala dos Esquecimentos Noturnos, a impressionante astúcia, é esta a palavra nascida à opinião da prefeita, somadas vezes já fez cena e almejava a ocasião contundente para aparecer. É bater de frente ou lançar-se ao refúgio de um guarda-chuva prestes a quebrar à força da tempestade. A essa altura da corrida, a essa altura da competição de peixes-dragões, Eduardo adiantou-se em horas a advertir seus próprios empregados à proibição de circulação e envio de encomendas, materiais e alimentos à Vila São José. Ocorre que Eduardo é o empresário que detém o controle do setor de distribuição e comércio, ademais os pequenos estabelecimentos familiares locais, cabendo à sua mão decidir para onde vai isso ou aquilo, quando e como, ao passo da agenda recheada de colegas do ramo reunidos no mesmo cartel, na mesma negociata, dos quais os nomes não estão disponíveis à ameaça a respeito de escusas negociatas, Eu sei o que você fez no faturamento do mês passado, lançaria direta e gélida a língua de Eduardo. O que tem a perder um ser humano dominado pelo peixe-dragão? Nada senão a derrota. Julia é consciente quanto aos julgamentos dos impulsos de Eduardo. Ela sabe e saberá sobre qual terreno pisa.

PRAÇA DOM JOSÉ DE
ASSUNÇÃO RONEM, S/N

E abril e padre Joaquim não celebrará a Páscoa com os fiéis da Paróquia São José de Assunção. Poucos dias estendem-se no tapete do tempo separando-o do advento da Páscoa, contudo o lamento de antemão perfura a consciência do padre com a iminência e a eminência da partida àquela semana. A mala de rodinhas já está cheia pela metade. Neste instante contracena com os móveis do quarto ao espelho pelo qual Joaquim estuda a colocação das vestes para a missa, finalizando os últimos detalhes. Direciona-se ao pequeno altar. Venera por alguns segundos a imagem de São José doando-lhe compaixão pelo olhar inerte e fixo ao padre cujo coração apertado reclama. “Meu São José, exemplar homem da fé, exemplar homem escolhido por Deus, faça de mim um aprendiz de tua força e de teu trabalho, jamais permita faltar-me a fé necessária para os desígnios de Deus. Interceda por nós, simples fiéis, diante do trono de Deus, para vencermos a fraqueza, o desânimo e as lutas contra Satanás. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém”. Joaquim reabre os olhos, incomodando-o a luz esquecida. Sai do quarto, trancando a porta, guarda a chave no bolso interno. O corredor lhe prova, as paredes comprimem os movimentos. É como a sensação passada de uma tarde fresca e amarelada, esta, impossível à vida, possível pura e simplesmente à memória, que some pelo ar sem cheiro e sem contornos. O caminho estende-se para além do tapete do tempo, escorregadio, longo como nunca fora, pelo qual os pés formigam e as mãos acometem aos calafrios. Ali, pouco antes da entrada ao altar da Paróquia, Gabriel o aguarda.

– Bom dia, padre... – o arcanjo intercepta.

– Bom dia, meu filho. O que deseja? – Padre Joaquim pausa o caminhar para cumprimentá-lo.

– Hoje vou assistir a missa.

Joaquim é expressivo ao abrir a boca surpreendido.

– Consegui, então? Na última missa? – sorri.

– É a despedida, não é? Vou assistir.

– Sim. Aliás, vamos deixar as notícias ruins para depois – adverte.

– Está certo. Tenho algumas que chegaram ontem.

– Tá certo, tá certo. – Joaquim retoma o caminhar.

Alguns passos e despontam ao interno espaço da Paróquia. Joaquim toma as tarefas nas mãos e as executa rapidamente. Gabriel propõe-se ao papel de observador. Missas não estão nas suas listas de conhecimentos profundos, não é sequer graduado em liturgia. Constata previamente o belo traje litúrgico encorpado em Joaquim, a escolha lhe caiu bem, as vestes estão limpíssimas, acertadas em cada mínimo detalhe e centímetro. Gabriel anota em suas conclusões sobre a ocasião da última missa o semblante pacato de Joaquim: os olhos cortejam a disciplina e estudam previamente o campo para onde direcionarão a mirada, preservando a quietude. A boca abre apenas para falar o que o coração está cronometrando, desprezando as vontades íntimas ou do peixe-dragão, respondendo sim ou não com clareza, jamais um talvez ou palavras descuidadas. As mãos circundam os movimentos pois pesam as experiências recentes, as discussões, os abismos pelos quais andou caindo. Padre Joaquim lidera a voz das preces ao ritmo lento, compassado, relegando ao tempo as costas, o descompromisso, como quem deseja alongar um momento a cada segundo, tornando-o vagarosos minutos. À resposta dos fiéis, Padre Joaquim cantarola o rito, estende os braços aos céus e os segura trêmulos à gravidade, cuja força imprime aos pesos das mãos componentes extraordinários.

Gabriel encara o relógio, a hora avisa o término. Padre Joaquim pausa o fazer religioso por alguns segundos. Os fiéis estranham a atitude, ansiando o retorno do rosto paralisado, da voz calada, da bênção de Deus interrompida. Joaquim coça a garganta.

– Meus amados irmãos, aqui estamos com a intercessão de Maria. Não posso abandonar esta comunidade religiosa, abandonar as pessoas com as quais estive nos últimos anos, esquecendo a importância da despedida para os laços que nos unem a Cristo. Alguns sofrimentos existem para testarmos a nossa fé. – falar custa, pesa, é ato denso – Não são os sofrimentos que nos testam, mas nós nos testamos frente a eles. Observem o que Jesus passou nesta terra. Observem o que Maria passou nesta terra. O sofrimento os abateu, mas a força de Deus é maior. Nós estamos passando por um momento difícil, contudo importante. Digo, essencial à nossa fé católica, da Igreja verdadeira. Satanás está tentando nos provar, há anos já ele vem tentando destruir a Santa Igreja. Mas agora a luta está em nossas mãos. – Joaquim sente a garganta apertar a secura, ao fundo Cristo crucificado o repara – Precisamos ter a força necessária em Deus e na nossa comunhão, contra o desemprego, a falta de esperanças, a falta de alimentos, seja qual falta for, material ou espiritual. Deus está convosco. Obrigado a vocês. – doeu a laringe – Vamos dar Graças.

Assomou o Canto de Ação de Graças e a Bênção Final concretizando a missa, caminhando, ao término, padre Joaquim rumo aos cumprimentos acalorados dos fiéis, estendendo a despedida por alguns minutos entre conversas, sorrisos e agradecimentos. Beata abraça com todos os braços Joaquim, preservando a junção por quase um minuto, nos quais agradeceu ao padre os serviços prestados, Obrigado, padre, o senhor é um homem abençoado, Deus abençoe, Beata, cuide bem da família, Eu sei que o senhor foi importante pra mim. Padre Joaquim sorri. Minutos passados às despedidas,

IGREJA DA VILA

abandona a missa, findando na presente saída as responsabilidades dos afazeres paroquiais na Vila São José. Gabriel o aguarda à entrada de sua sala.

– Agora chegou a hora... – fez brincadeira, sorrindo à expectativa de falar logo.

– E não é das melhores notícias. – Gabriel passa pelo caminho aberto por Joaquim, fechando a porta e assentando ambos às cadeiras.

– Coisas de Eduardo?

– Sim.

– O que houve?

– Ele telefonou de novo. Mais para atualizar...

– as chantagens...

– Isso. Mais para atualizar as chantagens do que para qualquer outra coisa.

– Diga logo o que ele disse.

– Ele bloqueou os acessos das distribuições para Vila.

Joaquim pensou.

– Não à toa eu não consegui comprar passagem para ir embora.

Gabriel surpreende-se.

– Então já refletiu?

– Sim. Fico imaginando para os outros da Vila...

– As filas só aumentam... – ensaiou a notícia, como se sua boca fosse estreita.

– Pois é. E logo a comida não conseguirá chegar... Mas para quem tem as posses de Eduardo, tudo pode acontecer.

– O senhor acha que a prefeitura pode intervir?

– Não sei. – economizou – Mas acho difícil, eu sei que eles estão todos ligados.

O cérebro de Gabriel processou as informações, dando à boca o silêncio.

– Vou pedir para alguém me ajudar com o transporte.

– Fiquei sabendo que a posse de Menezes é hoje.

– Sim... De todos os vereadores. Agora é a hora da verdade. – riu.

– Vou ficar de olho e qualquer coisa te aviso. – Gabriel acenou uma despedida.

– Até mais, meu filho.

Padre Joaquim levantou-se da cadeira, encostou a porta lentamente e tornou o corpo à imagem de São José. É hora de rezar.

PRAÇA DO PODER MUNICIPAL,
S/N – FORA DA VILA

Menezes aguarda o assessor lhe direcionar às últimas coordenadas sobre a posse. É hoje o dia, enfim o aguardado dia, quando os vereadores eleitos tomam posse de suas cadeiras na Câmara Municipal. Tantos foram as lutas, inúmeros embates, correrias e telefonemas, abraços, visitas, mais telefonemas, certamente brigas, entrevistas, planejamentos para derrubar o concorrente. Assim se faz uma eleição. Assim Menezes caminhou aos prantos durante o pleito e cá está, terninho preto, rosto avermelhado, a língua presa como só ele tem. A Câmara dos Vereadores, onde os legisladores municipais reúnem-se quando avaliam conveniente, posa à Praça do Poder Municipal, defronte ao gabinete da Prefeitura. Ali no meio, entre uma e outro, veículos da imprensa acumulam os passos e visitantes aglomeram-se à espera da transmissão em tempo real da solenidade aos moldes de um telão à praça pública.

Menezes percebe uma voz aproximar-se, Menezes, Diga, A cerimônia já vai começar, pode ir àquele corredor ali. Uma funcionária cujo nome estampa Joana ao crachá lhe adianta a informação. Menezes caminha tentando fingir estabilidade, segurando as mãos trêmulas. Ao pensar, íntimo pensar, requer distância aos contatos externos, Espero que não peçam discurso, planeja, estendendo o desejo a qualquer que fosse o momento. Seja aos pés dos microfones, seja à tribuna da Câmara, Até porque hoje decidem a mesa diretora, recorda a preciosa informação, todavia o vereador não tem prestígio para tornar-se presidente da casa, ou primeiro segundo terceiro quarto secretário, ou secretário do secretário.

A cerimônia logo começa, é constituída pelos juramentos e providências relacionadas à exigência legal do município quanto aos assuntos de posses políticas. Agora o mandato é de Menezes, não há quem o segure, não há peixe-dragão que o ameace, não há padre que lhe retire o perdão, não há partido que o censure a candidatura.

A cerimônia logo termina, os vereadores empossados cumprimentam-se e oferecem à imprensa um desfile dos desejos políticos, proposições que apresentarão amanhã mesmo sem falta, certos alfinetes aos colegas, vez ou outra lembram dos eleitores, caso raro quando não há um vereador guardando à mala, bem escondida antes da posse, um projeto para elevar os seus rendimentos ao dobro. É dada a partida à viagem.

Luzes piscam, reluzem constantemente, iluminando o caminho por onde passam homens engravatados cujo distintivo indica Polícia Interna, escoltando pés firmes sobre o tapete vermelho, desaguando o semblante rígido e penetrante à pequena tribuna construída especialmente à ocasião, recheada aos arredores por microfones e inquietos jornalistas. Haja paciência, confabula Julia a cronometrar o tempo, contudo a etiqueta do cargo lhe proíbe tamanha grosseria. Está armado o espaço para uma ligeira coletiva de imprensa.

– Pode dizer. – indica com o queixo à jornalista de braços erguidos.

– Prefeita, bom dia, sou do jornal Mais Notícia e quero saber qual o posicionamento da senhora sobre os recentes ataques à sua gestão. Em matéria divulgada no dia...

– Eu me posiciono em defesa do poder público porque ele serve a todos. Veja bem – aponta – nós todos somos parte do patrimônio público. Eu represento o município, porém estou à mercê dos julgamentos, críticas e todo tipo de apontamento. Mas apenas vou considerar as críticas que estejam alinhadas com o debate sério de ideias. – o assessor aponta ao próximo.

– Prefeita, bom dia, precisamos de uma resposta sobre os recentes acontecimentos na Vila São José. Sabemos que o senhor empresário Eduardo... Costa, bem, ele fechou o estabelecimento local e encerrou as atividades. Isso causou uma série de desempregados e falta de alimentos na Vila, a própria igreja local tem trabalhado contra a falta de alimentos, mas não tem sido o bastante, pois as doações são insuficientes. Recentemente recebemos relatos de moradores falando sobre a falta do ônibus que atende a região. Qual a posição da prefeitura?

O assunto mostrou a cara.

– Lamentamos as ocorrências na Vila São José e temos conhecimento da gravidade, inclusive aproveito a oportunidade para agradecer a Diocese pelas ajudas enviadas à Vila. Temos total compromisso com a Vila, contudo o orçamento municipal não tem rubricas para ajudas emergenciais dessa natureza.

O jornalista profere algumas palavras desconexas.

– ... então a prefeitura não pode fazer nada?

– O poder executivo está de mãos acorrentadas. Veja, hoje estamos na posse do poder legislativo, e endosso a importância desse poder essencial. A única saída que vejo, tendo sido discutida com os secretários, é a possível criação de uma comissão especial por iniciativa dos vereadores. Alguns vereadores reeleitos da base do governo já pensaram nessa possibilidade. Então apenas o poder legislativo pode qualitativamente discutir essa questão. – conclui. – Pessoal, não posso responder mais perguntas. Hoje a agenda está cheia, vamos deixar para outra ocasião. Obrigada.

Insistem alguns jornalistas esperançosos pela oportunidade de uma pergunta, repetindo os termos “prefeita, prefeita” seguidas chances. Os pés firmes confluem à saída da Câmara dos Vereadores. Estaciona à frente do prédio o carro de trabalho da prefeitura. Julia embarca.

RUA JUDAS AMARANTO DO NASCIMENTO, 53 – FORA DA VILA

O café desceu rasgando, esquentando o estômago além do costume. Eduardo agendou àquela manhã uma consulta médica com o gastroenterologista ao sacar o telefone e solicitar à atendente um horário na próxima semana. Esqueceu-se, certamente, de procurar um maritologista, o especialista-médico para assuntos especiais sobre peixe-dragão, à medida que ele sai do controle, explode a supernova e faz o que bem quiser. Eduardo apronta o traje social pois o próximo passo do dia é viajar ao centro de Torre da Boa Viagem, sua cidade querida, colocar a cara ao muro dos leitores vorazes das fofocas, face aos dentes da imprensa ciente sobre o fechamento do mercado, tal qual relatado aqui neste singelo observar das coisas. Ocupou-se, portanto, da boa aparência às câmeras, lidando bem com as olheiras: elas são parte da experiência de vida, dos anos que passam, dos afazeres comprometidos de um empresário de sucesso. Não reclamem delas!, estaria disposto a gritar. Apertou a gravata à altura do colarinho, medindo o pescoço ao reflexo do espelho. Está tudo certo, tudo nos conformes. Eduardo larga o tira-paz ao bolso, apanha as chaves e vai. O carro estacionado, aperta o controle da chave, as portas abrem. Eduardo acomoda-se, confere se algo lhe falta. Não falta. Dá partida. A estrada que separa a cidade de Torre da Boa Viagem do município onde por ora encontra-se o carro em movimento é breve, coisa de trinta minutos. Eduardo digere o café irritante ao estômago e passeia os lábios entre a língua, buscando um cálculo maquiavélico, ou realista aos entendimentos variados, quanto ao ato que sucederá à sua chegada ao destino final. É uma decisão forte, sem passos atrás, que exige firmeza, um discurso para a vida, a sentença capaz de dividir os mares do peixe-dragão. É, ele está em todas as partes. Embora irresoluto à perfeição, toma contornos concretos a decisão, antes um mero assunto de telefonema com Menezes, um Alô, tudo bem, o que você acha sobre essa ideia, Bem, acho boa, vamos fazê-la, malgrado somente a sua própria consciência atente aos tratos profundos e aos agravantes, acerca dos quais terceiros dão as costas às palavras de Tenta a sorte aí, parceiro.

Nesse minuto o carro está na estrada, acena à entrada do município de nascimento, encaminha-se à avenida de ligação ao centro da cidade. Aonde vai, já fomos nós. À Praça

do Gato Preto, diretório municipal do partido Liberdade Para Todos, clamar por liberdade na Vila São José à companhia do empossado Mendonça de Menezes. Segundo o teor do comunicado expedido pelo senhor vereador, a coletiva de imprensa pretende notificar ao município a união de Menezes aos potenciais auxílios do poder privado, representado por Eduardo, bem como os esclarecimentos pessoais do referido benfeitor privado sobre as atitudes empreendidas na região da Vila São José.

Ocupam as cadeiras do auditório do partido uma dezena de jornalistas, cedendo alívio às pretensões e expectativas de Menezes, cujo medo cobrou-lhe a noite pelo perigo do fracasso da coletiva. Eduardo chega agora ao prédio, aperta o botão do elevador, ele chega. Eduardo está no quinto andar, é recebido pelo assessor de Menezes. Dá de cara com o auditório, o piscar das câmeras irrita seus olhos. Emite um sorriso de bom dia, obrigado, raspando as tentativas de disfarçar o estranhamento, quase ignorando a oferta pública de cumprimento à mão estendida de Menezes, recebendo-o logo em seguida. Convida-o à mesa sobre a qual o microfone anseia mediar os informes estratégicos. Menezes aconselha aproveitar o tempo com prudência, portanto libera ao assessor, Vamos começar já. Eduardo engole em seco e curva-se para alcançar o microfone. A imprensa, uniforme, desprega os ouvidos para captar as palavras do empresário.

– Caros presentes, é... agradeço a presença de vocês. Bem – analisa a palavra vindoura – eu tenho a impressão de que mudamos um pouco a ordem do dia – alguns repórteres estranham – e vamos falar de um assunto mais complexo. – quem desprezava o gravador, sacou-o do bolso e ligou o funcionamento – Temos passado por uma situação complicada atualmente. Todos sabem bem – sorri – que novos tempos respiraram a política e tenho todo o prazer de caminhar ao lado de Menezes – afaga-lhe as costas, Menezes contribui o gesto com um sorriso lateral, a pele avermelha – em busca das questões mais valiosas na política, que é a ética, a busca pela transparência. – Que papo estranho, um repórter comenta o burburinho ao colega lateral, torcendo o nariz – Nos últimos anos tenho colecionado sucessos no ramo comercial e de distribuição por todo o município, onde tenho prazer de ter nascido e prazer por desenvolver minhas atividades empresariais que contribuam ao desenvolvimento dos negócios do país. Contudo, tenho recebido muitas críticas tacanhas – o peixe-dragão salta peralta num escorregadio deslize de Eduardo – sobre o fechamento dos meus negócios no distrito da Vila São José de Assunção, mas ninguém sabe realmente o motivo. – Eduardo expira breve e ágil suspiro – Aquela Vila está rodeada de corrupção, meus caros. – aqui está o furo da notícia, agora tudo faz sentido – Do Padre responsável pela Paróquia, a famosa Paróquia São José de Assunção, ao domínio da família Ronem – busca ênfase ao parecer que emitirá agora – derrotada nestas eleições, tendo um de seus membros – paralisa, hesitando – falecido.

O rito profano não terminou. Eduardo ofereceu aos presentes a pausa dramática.

– Por essas razões, achei prudente para os meus negócios e para o bem da própria administração privada do município, dada a importância das minhas empresas – sorri

IGREJA DA VILA

– encerrar meus negócios lá. E tenho aconselhado aos meus colegas empresários o mesmo, e tenho recebido respostas fraternas nesse sentido. E quero anunciar que farei denúncia formal sobre os casos que conheço e falei aqui, contra a família Ronem e seus aliados locais.

Alguns telefones cintilavam com urgência às atenções dos jornalistas presentes. É um furo, é um furo, murmurou à linha, agitado pelo giro de forças provocado pela última frase de Eduardo. Prescindível fora o girar do relógio, o fazer de um novo dia, o movimento dos planetas, o relógio solar. Unicamente a boca aberta de Eduardo ostentou-se suficiente à missão de balançar as colunas políticas e os noticiários em segundos. Irrelevante o aguardar no banco de espera dos furos, das pautas inesperadas, controladas pelo tempo aos dias repentinos. Eduardo oscilou o corpo ao lado a escutar algumas palavras de Menezes. Retornou ao microfone.

– Os detalhes serão apresentados à polícia em breve. Agradeço a presença de vocês. Um bom dia.

Eduardo abandonou a cadeira esquentada, saudou Menezes num cortejo de braços às costas, o referido abraço, tapas às costas e arrumação do terno. Os jornais ocupam-se da declaração, esmiuçando-a aos comentários analíticos e relatos em tempo real. Azar dos ausentes!, esnobes ao convite de Menezes, certificaram-se os presentes.

RUA PADRE RAIMUNDO CORRÊA
SORTES ASSUNÇÃO RONEM, 21

Ondula a maré das gravitações suscitadas pela promessa de Eduardo ao mundo: falarei o que for necessário para revelar as negociatas corruptas orquestradas pelas mãos sujas de Armando Ronem e Padre Joaquim. Nos termos citados narremos, contudo são estes os termos premeditados por Eduardo no estágio anterior ao polimento estratégico de sua fala. A esta altura da maré, Eduardo reserva-se em casa com o advogado. Menezes prepara os primeiros projetos políticos enquanto vereador. Cá alcançamos a Vila São José. Ondula à casa de Beata, Jairo e Jozimas os burburinhos polêmicos, que prometem “abalar a cena política da cidade e, talvez, do país” desenha seus desejos um colunista cujo nome não recordaremos nesta altura. Beata aguarda uma dúzia de batatas amolecerem o suficiente para preparar um purê. Jairo recolhe as cascas que vão ao lixo logo em seguida. Beata parece borbulhar de fervor, sentindo o vapor tocar os poros.

– Se não fosse sua tia, nada de almoço...

– Pois é. – resmungo Jairo.

– O que você acha dessa história, Jairo?

– Qual? – Jairo desmerecia a possibilidade do assunto surgir.

– Sobre esse homem que demitiu vocês falando isso.

– Não sei, mãe. Ele disse que vai apresentar pra polícia.

– É, ele não ia colocar a mão no fogo à toa.

– E a senhora?

– Ave, Jairo, é o que eu disse agora.

– Ah, verdade, pensei que ia desconfiar.

Beata o encara, virando o rosto.

– É muito engraçado que o padre tenha falado aquilo na missa, da provação... e tudo isso acontecer.

– Talvez... – Jairo remexe na geladeira.

– É, política é uma coisa de gente doida mesmo, mas eu acredito também no padre.

– Esse cara tem alguma coisa contra a Vila.

– Esse negócio do casamento dele, essa história deve ter mexido com ele.

VICTHOR FABIANO

- Realmente, deve ter disso também.
Beata torce a boca, desafiando-se.
– E eu duvido que ele não esteja envolvido nisso, Jairo.
– Ah, mãe – Jairo ri – só se ele for muito burro.
– Mas burro é mesmo. Quem fecha um mercado que dá dinheiro?
Jairo consente subindo timidamente os ombros. Um minuto de silêncio.
– Filho, fiquei muito feliz por ter levantado hoje.
– Precisa, mãe, precisa...
– Sim, Deus vai te ajudar filho. Vamos na missa comigo.
Jairo silencia-se.
– Mãe, primeiro quero resolver o emprego.
– Eu espero muito que consiga – a aflição vê-se nos olhos de Beata – não dá pra viver dependendo de ajuda, não.
– Hoje me falaram na Paróquia que o estoque tá acabando.
– Sim, Maria tinha me falado isso também, quando ela veio aqui.
– Então não é de hoje.
– E com essa história de fechar a entrada aqui...
– Não sei nem o que pensar, filho. Não tem o que a gente fazer... – alega, enérgica à voz.
– Filho, será que essa sua depressão não é espiritual?
– Mãe – Jairo irrita-se – esse assunto já passou. O médico já disse.
– Mas sem remédio não vai melhor, né... Seu pai acha o mesmo.
– O mesmo? Que é espiritual?
– Sim.
Jairo murcha e desiste.
– Mas vamos ver, quando você puder tomar os remédios, vamos ver se melhora.
Espero.
– E os remédios da senhora?
– Maria me disse que tem uns na casa dela, vai me dar. Esqueci de te falar.
Jairo alivia-se, forçando o último fio de cabelo para esboçar um mínimo sorriso.
– Isso é bom, mãe.
– Sim, aí quando acabar... a gente vê.
O tira-paz decide tocar.
– Meu filho – assusta-se Beata – o celular!
– Vou ver...
Jairo ergue-se num estalo, desaparece para dentro do quarto, ressurgue à cozinha num pulo, segurando o celular à orelha. Beata o repara, olhos afoitos, boquiaberta, o peito ansiando uma resposta.
– É pra entrevista... de emprego? – a segura varre a boca de Jairo, atônitos estão os músculos do rosto. Beata sorri.

PRAÇA DO PODER MUNICIPAL,
S/N – FORA DA VILA

Menezes aborda o assessor para lhe questionar méritos da vida, Você acha que fui bem?, e arruma a gravata, Foi sim, vereador, as pessoas lhe ouviram, Mas você acha que ouvir basta?, Não, mas é um bom começo. Decerto não era esta a resposta ideal ao coração político de Menezes, cujo discurso inaugural de seu mandato desenhou uma análise a respeito dos movimentos políticos e religiosos na Vila São José. Ao efeito da reunião dos fatos essenciais ao nosso conhecimento do desenrolar da história, o discurso de Menezes beirou o seguinte conteúdo:

“Meus caros colegas vereadores, honro aqui a palavra de meus eleitores ao assumir este mandato importante. Quero reforçar meu compromisso com as leis que regem o município e o regimento interno desta casa. A questão da segurança é meu ponto principal neste mandato. Este ano, há não tanto tempo, presenciamos a ida do ex-vereador desta casa, o senhor Benedito Ronem, e questiono os senhores e as senhoras: será que vale a pena abrimos mão das tecnologias de segurança? Essa é uma pauta central da minha campanha, a questão da segurança. Por isso mesmo hoje solicitei, por uma emenda, os valores necessários para colocação de câmeras no distrito de Vila São José. Estou certo de que esta atitude pode trazer mais segurança aos moradores da Vila, mais sensação de segurança e mostrar competência desse do poder público que mais valoriza bandido em vez do cidadão de bem. Essa questão é primordial, vamos mudar isso aí. Muito obrigado”.

O discurso, para efeito demérito ou não, está registrado nos anais da Câmara dos Vereadores do município de Torre da Boa Viagem – a saber, aos curiosos de plantão.

Girou o relógio. A bordo do carro, Menezes percorre o caminho à sua casa, cantando a música apresentada pela rádio, executada por uma banda chamada Os Oficiais, a letra repete incansáveis Eu sei onde você mora / Sua casa é minha / Eu não tenho hora / Para voltar / Para voltar / Ah, Ah, conteúdo agradável aos sentimentos e gostos musicais do vereador, pois o ânimo empregado na interpretação dispensa características narrativas. Deixou para trás assessor, gabinete, projetos de lei. Encontrará Eduardo em alguns minutos. O tira-paz pede atenção. Menezes diminui o volume do rádio.

- Alô, Eduardo, pode falar.
- Oi, Menezes... Vou ser rápido. Sabe o que eu ia te dizer?
- Não sei.
- É, então... Acho melhor almoçarmos em algum restaurante.
- Menezes analisa a sugestão.
- É uma boa ideia. Vamo no Cozinha Expressa, é bom, agradável e discreto.
- Acho que sei... você tem o endereço?
- É Rua Josué da Boa Nova, número trezentos e cinco.
- Bem - pausa - anotado.
- Já saiu?
- Vou sair agora. Até, até.

Eduardo encerra a ligação. Menezes aumenta o volume do rádio, percebendo a necessidade de reformular o itinerário adiante. Melhor, será mais rápido, constata. A música termina, vem outra, o radialista promove uma marca, vem outra, o radialista passa o recado do ouvinte, vem outra, agora é pausa publicitária, o programa termina, inicia-se outro, outra música. Algumas músicas adicionais e Menezes estaciona o carro defronte ao restaurante, desembarca; é o estabelecimento um prédio térreo, à porta um recepcionista jovem, cumprimenta-o, Seja bem-vindo, Obrigado, retorna Menezes. Luz baixa, o som de um saxofone marca o campo auditivo dos clientes. Mendonça conhece os ditames, adianta-se ao senhor de cabelos grisalhos à mesinha central, esta primária às demais mesas. Boa tarde, senhor, Boa tarde, quero uma mesa para duas, Tem disponível, o garçom o guiará. Aborda Menezes o garçom, cujo nome inscreve-se Ronaldo no crachá prateado, Aqui está a mesa, senhor, fique à vontade, já gostaria de pedir?, a música distrai Menezes, É... não, não, depois eu peço. O garçom percebe-se à obrigação de partir e vai. O relógio gira, Menezes o visita às compassadas olhadelas, observa dez minutos irem ao tapete do tempo. No inesperado, um homem conhecido conversa com um garçom quando percebe Menezes ali, mesas adiante, tornando a investigação inútil. Menezes levanta.

- Olha aí, tá atrasado... - cumprimenta Eduardo.
- Desculpe. Olha, achei melhor porque já almoçamos.
- Você precisa, a cada dia mais magro... - ironiza.
- Pois é. - respira. - Como foi hoje?
- Andou tudo bem, falei sobre a emenda para as câmeras, que havia comentado com você.
- Entendo. Vamos direto ao ponto: e a tal da comissão?
- O garçom percebe que é a hora. Aproxima-se.
- Querem pedir?
- Menezes desponta.
- Quero. Uma lasanha tradicional e um copo de suco de laranja.
- Eduardo estuda o pedido proferido.
- Eu quero o mesmo. - aponta. O garçom sinaliza um agradecimento e parte.
- Enfim... Onde estávamos? - retoma Menezes.

IGREJA DA VILA

- A comissão.
- Ah, sim. Então, já estão articulando.
- Quem especificamente? - adianta-se, provocado.
- Não tem como especificar. Mas tem gente de todos os lados, pelo que percebi e pelos relatos do meu assessor. Pedi pra ele ficar de olho.
- A turma da prefeitura?
- Sim, mas a turma do Armando também, do partido dele, e a turma do meu partido também. Então, tem muita gente...
- Eduardo endurece o semblante, apertando os olhos, coçando a testa e ensaiando um palavrão.
- Mas vamos articular, Eduardo.
- Vamos sim. Tem que tentar.
- Se a comissão sair, é trabalhar dentro dela.
- Se a comissão sair, acabou nossos planos. - diminui o volume da voz.
- Menezes concorda, calado.
- Se essa merda de comissão sair, a prefeitura intervém e adeus planos. Entende?
- Não tem quem entenda isso mais do que isso, certo? Se acalma.
- Tudo bem, eu fico preocupado.
- Você deve se preocupar com o que está prestes a fazer. - Menezes alerta, balançando o dedo indicador.
- Eu sei o que estou fazendo.
- Não acha melhor contar?
- Não. Deixo para a polícia.
- Eu confio em você e na sua atitude, se não teria dado as costas lá atrás. Mas...
- Mas?
- Mas você precisa pensar se não vai sair prejudicado.
- Ninguém se importa com isso mais do que eu. - sublinha.
- Eu sei, eu sei bem.
- Será que vai demorar pra chegar?
- É - bisbilhota o relógio - mesmo com a demora, vale a pena.
- O Armando tá envolvido nessa merda.
- Com a demora? - espanto.
- Não, Menezes - corrige - com a comissão.
- Ah, com certeza. Não tem dúvida. Ele já fez a declaração. - pausa, intrigado - Você leu?
- Sim. Ele disse estar "ofendido" - aponta as aspas com os dedos - e tranquilo com a minha denúncia.
- É muito cara de pau. - ri.
- Na verdade, ele morre de medo, mas precisa passar a imagem de isento. Por isso vale a pena o que eu vou fazer, Menezes. - acentua a declaração a seguir - Vai acabar com essa família bandida. E vai dar voz a você e ao seu grupo.
- Elevando a mão direita ao queixo, Menezes examina Eduardo.

- Adelmo está satisfeito com o espaço.
 - Sim, eu sei. Eles assinaram ontem o contrato do aluguel.
 - Padre Joaquim sabe de algo?
 - Padre Joaquim está de saída.
- Menezes expõe estranhamento.
- Saída? - desconfia, sorrindo.
 - Sim.
 - Mas tão rápido? - a zombaria é a última que morre.
 - Sim. É a hora dele já. Vamos ver quem virá.
- Congraça timidamente os ânimos o retorno do garçom, Ronaldo, pousando sobre a mesa os pratos e as bebidas, transportadas pelas rodinhas de um carrinho de madeira.
- Obrigado. - agradece Eduardo, ignorando o rosto do garçom.
 - Dependendo de quem vir, pode ser mais fácil ou mais difícil.
 - Não vai mudar nada. Nada conseguirá frear as empreitadas.
 - É, talvez não consiga mesmo. Só se o bispo movimentar as forças dele.
 - Deixa o bispo pra lá. É primo da prefeita, eu em breve vou revelar o que eu tenho pra ela também.
- Menezes discorda, expressando espanto.
- Mas por quê?
 - Porque eu disse x, ela fez h. Eu sou um dos maiores empresários deste país, não tem essa. - determina, o dedo firme à mesa.
 - Olha só onde você vai pisar...
 - Depois de denunciar a família Ronem, não vai sobrar segredo nenhum.
 - Você faz o que achar melhor. Mas acha que isso cala o bispo também?
 - Com certeza, além da humilhação com a prima corrupta, ele vai querer manter a imagem da Diocese. Não vai querer repetir outro padre Joaquim. - irônico, exprime um riso torto.
 - É muito boa essa lasanha, não é? - garfada.
 - É sim, muito boa. Quero voltar aqui mais vezes.
 - Espero que em situações melhores... de vitória!
- Eduardo e Menezes trocam sorrisos.
- Então estamos alinhados? - questiona Menezes.
 - Sobre a comissão?
 - Sim. Também.
 - Estamos alinhados em tudo agora. Vamos contra essa comissão e eu vou pressionar a prefeita.
 - Faça isso porque eu não posso. - Menezes sorri.
 - E a esposa, retornou?
- Menezes hesita.
- Sim, voltou. Está em casa, acho.
 - Maravilha. Mande beijos para ela.

IGREJA DA VILA

– Pode deixar, Eduardo.

Silêncio.

– Vou ao banheiro, já retorno. – Menezes levanta e busca a localização do sanitário masculino. Eduardo busca o celular no bolso da calça, o encontra e desbloqueia a tela, fuçando por ali qualquer distração. Arregala os olhos e esconde o celular no bolso, célere. A lasanha não está boa como idealizou.

PRAÇA DOM JOSÉ DE
ASSUNÇÃO RONEM, S/N

A partida custa caro. Custa algumas lágrimas. Custa profundos suspiros. Custa olho no olho. Custa reunir as tralhas. Custa reunir os trapos. Custa encarar uma estrada. Custa avaliar os erros. Custa aceitar os medos. Custa caçar virtudes.

À beira da estrada custa acenar as mãos ao desconhecido, sonhar com a revelação universal da esperança, do caminho porvir. Minh'alma, por que tu te abandonas ao profundo sono? Quando sei o preço do despertar, o custo caro da desordem...

Padre Joaquim guarda um escrito no bolso ao passo da contemplação inerte aos fios de chuva descontínuos molhando a janela de seu já antigo quarto, coroando o tempo senhor das batalhas, das guerras, das derrotas, dos abusos. Joaquim considera-se um resultado das ações, conhece o terreno onde pisou e os cerceamentos assinados por sua mão. É hoje o dia da partida, pesa ao peito paroquial, e irá já apanhando as malas e descendo à Praça deduzir o ônus da prova. Procura o guarda-chuva escondido atrás do guarda-roupa, o segura à mão e vai devagar. Como os passos pesam, sente as pernas arrastarem. Ao adro restam alguns metros.

Aguarda-o Gabriel, esticado no mesmo posto desses dias passados, observando a vinda de Joaquim unido às malas.

– Padre, precisa de ajuda? – aproxima-se.

– Não, Gabriel, fique tranquilo.

Compadece o arcanjo.

– Eu estou indo hoje, agora é com você. Cuide de ter atenção quando for embora.

– Sim, pode deixar.

– O carro já chegou. – Joaquim sinaliza ao vão visível pela entrada da Paróquia. Ambos dirigem os corpos à Praça. Gabriel evita sair ao domínio da chuva. Joaquim o cumprimenta, mãos firmes.

– Obrigado pela oportunidade, Padre.

– Obrigado também. Seu trabalho foi muito importante. – e já desanda à rua, dispensando resenhas, inaugurando o guarda-chuva e molhando as botinas. Esconde-se Padre Joaquim ao leito do carro, acena a Gabriel através do vidro embaçado, as gotas da

VICTHOR FABIANO

chuva confundem-se com as gotas do rosto. O carro vai. Gabriel adentra à Paróquia. Padre Joaquim em algumas horas estará em sua nova comunidade religiosa.

RUA JUDAS AMARANTO DO
NASCIMENTO, 53 – FORA DA VILA

Ao viajante atento, estamos cá à casa de Eduardo. Não, não acompanharemos a chuva levar Joaquim à Paróquia desconhecida por nós. Joaquim se foi. Vai, novas confusões virão. Chegamos a tempo para o novo lance na sinuca explosiva de Eduardo. Pousou a mente no travesseiro, elevou-a esta manhã, à Vila chove acá não, predestinado por suas próprias convicções ao exercício do fazer político. É o tira-paz o primeiro companheiro a enxergar quando assustou os olhos a abri-los de repente, pois, provável, nutriu sonhos românticos com os poderes espaciais do celular. A conversa, esta presencial e conhecida, com Menezes logrou certezas de seu caminho, sobre suas decisões. As dúvidas miseráveis, de tal forma as considera pois queriam minar o seu sucesso, escorrem pelo ralo, ou foram severamente comidas pelo peixe-dragão. Foi a dúvida o petisco do peixe. Dessa forma, largou delongas, apanhou o celular e discou o telefone cujo número o chamou no passado. Alô, Julia, quem fala?, Alô, sou eu, Eduardo, Ah, oi, Eduardo, Tudo bem, perfeita?, Tudo bem, me diga o que quer, Vi sua declaração na imprensa, Que bom que está informado, Sim, e quero informar você também, Fale, Não concordo com o que disse, Mas é um assunto do poder público, não tem que concordar, Mas o que é o poder público sem o privado?, Julia silencia-se por segundos, Não acho que deva subestimar o poder público, Não, não subestimo, apenas estimo o privado, Pois bem, vamos tratar do quê, afinal?, Quero que me garanta que mobilizará a base do governo contra essa ideia absurda de Comissão, Posso até mesmo te atender, pigarreou a perfeita, Mas não posso te garantir, Como não?, A câmara funciona como quer os vereadores e, sabe você, não temos maioria absoluta, Sei bem, paguei a campanha de todos vocês, Pois é, Mas me garantir que trabalhará contra já conta pontos pra você, Vou verificar e te aviso, Isso me parece uma fuga do assunto, Não é fuga, mas não se faz política sem as articulações, preciso consultar todas as forças, A principal está agora contigo no telefonema, Sim, vou considerar, Então até mais, Até. Eduardo desliga a ligação. Prepare-se, pois o forte virá.

AVENIDA DO BURACO, 535
– FORA DA VILA

Amanheceu no relógio, no céu e na terra. O relógio girou. Eduardo despertou segurando a dor de cabeça. Limpou a geladeira, ingerindo a dispensa durante trinta minutos. Eduardo telefonou a alguém, disse-lhe para cuidar dos negócios. Eduardo aprontou-se lutando contra os espasmos. Eduardo recebeu o advogado à porta da casa. Eduardo adentrou no veículo azul do advogado.

Atentar contra si não nos parece a melhor das matérias. Você estaria aí, empossado do prato preferido de seu familiar, e atiraria a dizer aos berros: Eu comi sua comida? Destoa das lógicas conhecidas pelo mundo moderno. Todavia, o inesperado é pai do presente. E o seu neto é o que conhecemos como futuro. E a eles nada escapada. O inesperado ao tempo presente afasta-se da denúncia doméstica, dos desejos de comer a comida que não lhe pertence à geladeira, ou dedurar o amigo na escola, é um inesperado diferente, distinto. É um acaso guiado pelo peixe-dragão, o responsável pelo direcionamento das ações de Eduardo, naquela ocasião ao lado do advogado, defronte à autoridade policial, oferecendo-lhe um calhamaço de folhas grampeadas e poucas palavras de prosa. Atentar contra si não parece-nos absurdo quando se tem os interesses da vingança por fim, último e objetivo. E não compadecemos à pena, sequer temos em conta desejos de alívio, ou penúria, simplesmente estamos narrando estes fatos, e nos impressiona a sagacidade das atitudes de um peixe-dragão para além das bocas, capitão do seu próprio mundo. Os empreendimentos construídos por Eduardo desembocam a esse instante, as águas enlameadas pelo romper das barragens desembocam a este instante, não é um inesperado surpreendente. Similar às invasões coloniais de uma terra, aos roubos e saques, para no futuro chamarmos a pobreza de inesperado. Apenas funcionaria caso estivéssemos, também, dominados pelo peixe-dragão.

Eduardo chegou. Agora, Eduardo relata breve aos olhos da autoridade policial os anseios de justiça aflorados no coração. Não se limita às palavras de ordem, as quais seriam: Armando Ronem é um bandido, Padre Joaquim idem, prendam todos! Eduardo expande, ultrapassa os limites indecisos da fraseologia e solicita boas-vindas aos terrenos gabados e apreciados das legislações criminais: trouxe às mãos as provas e confessa seus crimes. Não tarda para não falhar a necessidade de endossar a cena posterior: Eduardo é interceptado pela autoridade policial, três homens somam à sala, o advogado

lhe toca alguns dizeres, Eduardo é algemado e os caminhos se cruzam. A cena objeto de nossos tratamentos entrará para a história da Vila São José. Dali alguns minutos entrarão aos noticiários.

Passaram-se três horas no relógio. E entraram. A Polícia convoca às pressas uma coletiva de imprensa, noticiando a imprensa às pressas apressadas. Notifica o delegado responsável pelo recebimento do caso ao Delegado Geral, assumindo rapidamente a responsabilidade de comunicação à imprensa. O auditório, este conhecido aos nossos olhos, quer demitir alguns presentes, pois sua ocupação máximo foi ultrapassada. O delegado geral caminha à escolta, segurando a tribuna aos pedidos de silêncio. Abre a boca:

Caros presentes, convocamos esta coletiva às pressas pois recebemos nesta manhã uma denúncia das mãos do senhor Eduardo Costa, empresário local, apresentando indícios de crimes de corrupção, cuja natureza será apurada segundo as exigências legais, contra o senhor Armando Ronem e o padre Joaquim Belisário da Rocha; segundo nossas informações ele é ex-pároco da Paróquia São José de Assunção, neste município. O senhor Armando Ronem será notificado a prestar depoimento, bem como o senhor Joaquim. Quanto ao senhor Eduardo Costa, encontra-se detido por confessar, espontaneamente e por livre vontade, os crimes de corrupção cometidos, sendo estes atos enquadrados nos termos do Código Penal. Todas as informações detalhadas serão notificadas ao público formalmente. Muito obrigado.

Abandona o auditório, sumindo às internas acomodações do prédio. Os jornais varreram demais informações, pautas e matérias, paralisaram os programas ao vivo, solicitaram aos espectadores das novelas uma pausa aos dramas, às crianças uma pausa às risadas, aos cozinheiros uma pausa às receitas e derramou a tempestade cuja nuvem paira sobre a denúncia de Eduardo, bem como sobre os crimes de Armando e Padre Joaquim, as palavras diretas do delegado geral, a prisão do empresário, o potencial cancelamento da pré-candidatura de Armando à Assembleia Legislativa, um esclarecimento pela boca do Bispo e os alagamentos a subirem às cabeças ao empreendimento da próximas horas.

RUA PADRE GUIDO DEL
TORO, 63 – FORA DA VILA

Acalenta a garoa diminuta ao asfalto, cortando ao meio a rua proprietária de prédios desbotados e portas paralisadas, janelas rachadas e placas quebradas. Não há movimentação de transeuntes, animais ou insetos, exceto pela água acumulada da chuva à sarjeta, estrada para a correnteza. Passa um carro ao lado desse cujo vidro é escurecido.

- Dessa vez você foi pontual. - atende o tira-paz.
- Aqui a agitação me irritou, eu lembrei do combinado e saí rápido.
- Estou tentando - respira - me controlar.
- Eu sei, meu amigo, eu sei.
- Como pode um imbecil daqueles soltar essa?
- Você não esperava por isso?
- Não. Não imaginei que ele iria tão longe.
- Eu imaginei.
- Ah, não me diga!
- Digo sim. Ele agiu com a raiva - com o peixe-dragão aflorado.
- E você descobriu como isso? - fez-se idiotizado.
- Não adianta você adotar esse tom agora. Não tenho nada a ver com isso.
- Não tem mesmo. Só deixou as coisas andarem até esse ponto.
- Eu? - riu. - Não deixei nada, fiz o que estava ao meu alcance. E fiz muito, aliás, para o tanto que vou ganhar.
- Se ganhar. - ressaltou.
- Você nem é louco de mandar uma dessas. - riu.
- Então você precisa me ajudar de novo.
- Fala... - desdenha.
- Me fala como estão as coisas.
- Ainda não deu pra sondar, mas aumentou o que eu te falei.
- Ele falou novamente sobre a possibilidade?
- Falou. Para ser bem sincero, essa situação só vai reforçar.
- E você tentou o que eu sugeri?

VICTHOR FABIANO

– Você sabe que ele é um homem difícil de comprar, não cede facilmente, até porque tem muita responsabilidade nas costas.

– Eu também tenho, merda! – irritado, batendo contra o volante do carro.

– Eu também tenho. – deixa escapar um riso.

– Agora eu não sei o que fazer.

– Eu falei, você devia ter considerado a loucura dele. Eu falei.

– E ter me mandado antes?

– Sim. Afinal, é o que fará agora. Ou não?

Silêncio.

– Não.

Risada.

– Então prepara os pulsos.

– Isso é uma ameaça?

– Não, mané. Se toca! – pausa – Apenas um alerta de um amigo.

– Que deseja que eu seja preso.

– Você é mesmo um idiota. Eu estou falando – explica pausadamente – de como as coisas funcionam depois de toda – sublinha a palavra “toda”, optando por alongar a sílaba “to” – tentativa. Se conseguíssemos colocar um dos nossos lá, aí sim a coisa mudaria. Mas não vai acontecer.

Silêncio.

– Sim. Então sua dica é essa?

– Se for a dica “se prepare”, – assinala as aspas com as mãos, como se algum ser vivo fosse enxergar – é essa a minha dica mesmo.

Suspiro lento.

– Então tá bom. Deixe-me sair daqui porque a chuva vai aumentar.

– Se prepara, meu amigo. E tenha cuidado, de verdade.

– Obrigado pelo aviso. – reclamou.

– Até mais.

A ligação desliga. O carro escorrega no asfalto, porém conquista a partida após a dificuldade. O carro percorre a rua e abandona o bairro.

PRAÇA DOM JOSÉ DE
ASSUNÇÃO RONEM, S/N

A consciência de Gabriel não compreende a totalidade dos fatos decorridos nos dias passados. Gavetas despregam aos olhos do arcanjo a aludir uma tensão, ou um assunto: a ida de Joaquim está numa, a denúncia de Eduardo noutra, a prisão do homem cujas ligações atormentavam a estabilidade de Gabriel, a visão captada ontem mesmo: moradores fugindo às residências de familiares em busca de emprego, ou um simples estabelecimento comercial para comprar o café da manhã, sequer um almoço dispõe-se, embora indivíduos tal qual a professora Ana e outros cinco, segundo nosso exame, viajassem à compra farta, no caso docente à carona de uma amiga à cidade vizinha. Percebeu de relance as apressadas arrumações evangélicas à inauguração da igreja à Rua São José. Cadeiras chegando, microfones, caixas de som, um púlpito e a placa: inauguração amanhã. O amanhã é hoje. Hoje é o dia da despedida do arcanjo. Despedida para quem? A quem interessar. Os fiéis desconhecem a personalidade de Gabriel, outrora observaram seu nome às publicações da Paróquia às parcas olhadelas, a família de Gabriel o ignora visceralmente. Quem é Gabriel? Apenas sabe quem ele é as peças de suas roupas e uma dúzia doutras faces desconhecidas por nós, estas reunidas para a viagem.

Distinta gaveta estende-se ao destino pretendido. Gabriel desconhece, tal qual os fiéis o ignoram, a cidade onde encontrou trabalho sob a supervisão doutro pároco. Aperta o peito e os olhos tremem ansiedade, transpassando às mãos suadas e desorganizando a lógica das gavetas. Resta a Gabriel erguer as mãos aos céus e ceder à prece ensinada por Padre Joaquim no decurso dos primeiros dias de trabalho na então estranha Paróquia São José. Abandonemos os adiamentos, o sofrimento não abreviará a facada. Tem a sorte do envio de um transporte, pois os ônibus encerraram desde a determinação de Eduardo os percursos pela Vila. Tem a sorte de guardar biscoitos, bolachas e chocolate à bolsa lateral, pois os donativos findaram, dado que a Diocese cessou o envio após a denúncia de Eduardo, ontem, à Polícia.

Vira um carro à esquina, Gabriel nota, apronta-se, segura as malas repousadas no chão, mira o olhar ao girar o pescoço à Paróquia atrás de si, a observando. Ela retorna o olhar. Ela é criteriosa, robusta, senhora de histórias. Gabriel sorri. É aquele carro mesmo.

VICTHOR FABIANO

Move-se em direção ao automóvel. Cumprimenta o motorista, Você é o Gabriel?, Sim, Como vai, sou Daniel, Prazer, Daniel. Gabriel acomoda as malas, acomoda-se e fecha a porta. É você quem vai para a Paróquia, certo?, Sim, sou eu, O padre está ansioso para recebê-lo, Eu também estou ansioso para chegar, E como ficou a Paróquia São José?, Em algumas semanas chegará o novo pároco, deixei as coisas nas mãos do vigário, Disseram que ele está doente, Bastante, mas consegue executar algumas tarefas, Você tem alguma esperança sobre a situação da Vila? Olha como as coisas estão, Também lamento muito, mas não tenho esperanças, Entendo, Você sabe se vai demorar?, Um pouco, é uma viagem de tempo médio, Quantas horas?, Umas cinco horas sem trânsito, Então vou ler, você se importa?, Não, fique à vontade, a viagem é sua. Procurou nas suas coisas e achou o livro A história detalhada da contrarreforma

E destarte partiu o arcanjo para outras terras.

A Bíblia encaixada à bolsa jogada à cama. Por alguns segundos, Judite seca as lágrimas antes de retocar por fim a maquiagem, sorrindo e satisfeita pelo corte de cabelo recém- modelado pelos cuidados de uma irmã da igreja. O dia vivido é inacreditável aos ouvidos, soa como um mistério, ou como a ocorrência sobrenatural sobre a qual somos incapazes de discorrer, bastando somente viver e experimentar o suco do acontecimento. Cessou a semanal ida à igreja distante de sua casa, chegou a hora de congregar à vizinhança, Fazer justiça e exaltar a Deus, conforme ecoam as palavras da irmã, cuja profissão cortou seus cabelos, glosando a respeito do primeiro culto protestante à Vila São José, palavras recebidas por Judite na qualidade de resumo sentimental e, no mesmo caráter, lógico sobre o dia de relógios ultrapassados, ademais: o tempo consiste, a esta altura, no relógio das emoções.

À penumbra do corredor, Francisco aparece no quarto.

– Acabou a comida?

– Não, tem um pouco ainda, mãe.

– Preciso falar com o pessoal da igreja sobre isso.

Francisco preserva o silêncio.

– Filho, não vai mesmo hoje?

– Não, mãe. – a observa.

– Mas você está ruim ainda?

– Sim, levantei agora.

– Toma mais remédio e vai descansar.

– Eu acho que não é necessário tomar esse remédio. – receoso pela constatação.

– O que o médico disse? – endurece.

– Pra tomar, mas...

– Então repete comigo: pra tomar.

Francisco a encara, pálido.

– Tudo bem. – consente, retornando à penumbra.

Judite verifica os pertences à bolsa, Está tudo certo, tomando-a. Encosta a porta do

quarto, desliga a luz e vai, pés convictos, olhos direcionados ao futuro. A única dúvida é sobre quando o advento de um milagre mostrou-se tão próximo.

Não é extenso o caminho, a noite favorece o caminhar, afora o úmido pisar herdeiro da chuva, não há um defeito a macular a consciência de Judite. Os últimos dias a cansaram, excetuando o caráter divino do cansaço, quando focalizaram as atividades à organização do templo, envolvendo tarefas como organização das cadeiras encomendadas, limpeza, distribuição de panfletos e cultos de oração direcionada à preparação do terreno, explicação de Pastor Adelmo: Vamos limpar o ambiente espiritual para que Deus venha agir. Localizado à Rua São José, o referido salão aonde agora famílias caminham e no qual visitantes, fiéis e curiosos estão, limpou-se bem e a aparência transformou-se da água para o vinho, expressão antiga, todavia bastante ilustrativa. Judite abre o sorriso ao perceber as gentes aconchegando-se à igreja além do número expectado às reuniões de oração. Pastor Adelmo recepciona homens e mulheres à porta, cumprimentando-os com abraços duradouros. Consciente está o religioso da pesada incumbência requerida por ele aos céus, aos anjos, ao Messias, aos políticos, aos fiéis, na matéria de forçar as peças do dominó ao relento, projetando a inauguração de seu templo à Rua São José. Satanás ofereceu riquezas a Jesus orientando-a a aceitá-las ao decorrer do desafiante jejum. Adelmo apoderou-se da passagem para explicar consigo mesmo a tarefa empreendida: jamais poderia aceitar as riquezas do mundo e ceder à tranquilidade das estabilidades.

– Judite! – comemora a chegada.

– A paz do senhor, pastor. – abraça-o.

– Seja bem-vinda, você já conhece bem a casa. – sorri – Depois conversamos sobre as doações.

– Tudo bem. – Judite pede licença ao pastor e ruma ao interior da igreja.

Concentram as forças e os ânimos nas boas-vindas, solucionando dúvidas e abrindo os caminhos, em gestos manuais simpáticos, explicitando aos visitantes perdidos do caminho do Senhor o caminho livre à entrada ao templo. Não demora para pastor Adelmo cronometrar no relógio o horário marcado a aproximar.

É hora de começar o culto. Os fiéis, visitantes e curiosos são convocados às cadeiras, o pastor acena ao público um sorriso de antemão. Às paredes bexigas azuis decoram a extensão do espaço, ao fundo do palco, conhecido como altar por muitos, um papel de parede grande o suficiente para tapar-lhe a totalidade da parede foi colado. O microfone está na mão de Adelmo, aproximando-se dos lábios.

– Boa noite, irmãos, irmãs, convidados, a paz do Senhor Jesus... – lhe é obrigação o sorriso – O maior prazer desta noite, além de louvar ao grandioso Deus ao qual servimos, é receber vocês aqui. – aplausos e aclamações religiosas, citamos duas: amém, e aleluia – Vocês sabem bem como esta Vila passou todo o tempo desde sua inauguração sem receber qualquer outra religião que não fosse a católica. Aquela Paróquia que está lá na Praça – aponta, embora a Praça não esteja ali defronte – proibiu por muito tempo a entrada de uma igreja evangélica aqui. Mas, não precisamos de nada além da oração! – elevou o tom – Deus enviou um ungido para nos apoiar e os próprios ídólatras caíram

IGREJA DA VILA

com seus crimes e blasfêmia contra o Espírito Santo, olha só! – afastou o microfone, batendo palmas de olhos fechados e rosto voltado ao teto, digo, céu. Os presentes o acompanham. Ao fundo, uma mulher pressiona as teclas de um teclado. Correm alguns segundos e Adelmo retorna à fala – Nós já estamos ajudando nossos fiéis, pois a Santa Igreja não pode, não consegue. E vamos ajudar a todos que aceitarem a Jesus como salvador, que congregarem conosco, porque aqui tem as riquezas dos céus! – pausa emblemática dos aplausos – A provação, irmãos e irmãs, vem para testar a gente, perguntar até onde a gente vai. Satanás ofereceu a Cristo as riquezas do mundo, tudo isso durante um jejum... Olha só o mistério! É aqui que tá o mistério, igreja. Essa provação vem para testar nossa fé e unir os irmãos e irmãs, e unir até mesmo aqueles que não se converteram, mas na provação vão encontrar Deus, vão se curvar à verdade que liberta. E conhecereis a verdade e a verdade vos?... – libertará, replicam os fiéis – Isso mesmo. E Deus não disse do que ele vai libertar, disse? Não disse, mas a gente sabe que ele vai libertar da fome, da idolatria, da miséria, da corrupção... de tudo isso! Olha só que milagre, igreja já estamos planejando e comprando os materiais para a construção do nosso templo próprio, da igreja! Não tem do que desconfiar. É bênção de Deus, amém? – a igreja responde “amém” – Olha só o que eu vou falar, se não é tremendo e forte, sobre a ajuda que recebemos. Eu quero agradecer aqui publicamente o apoio do vereador Mendonça de Menezes, homem de Deus, servo de Deus, responsável por fazer todo o trabalho de enfrentar os ídólatras e nos trazer até aqui. Vamos fazer história, igreja! Essa será a nossa Vila Nova Jerusalém, a terra que jorra leite e mel!

Repete-se o coro de aclamações religiosas recheadas por Glória a Deus, Aleluia e o mântrico soar das teclas do teclado, guiadas por notas de grande duração, tais notas deliberadas em casos como o atual para embalar a melodia religiosa produzida pelas pregas dos fiéis. Adelmo convoca o grupo musical para ocupar o palco. Judite acompanha a meia dúzia. Entoam uma música para combater, atendendo ao pedido de Adelmo, o domínio do mal na vida dos fiéis. Aja, oração!

PRAÇA DO PODER MUNICIPAL,
S/N – FORA DA VILA

A Praça do Poder Municipal as bancas de jornais são abundantes, a distribuição corre muito bem, as opções para a informação estão vastas. Enfiamos as caras aos jornais, cá outrora estamos. De antemão adiamos o gosto dos discursos: desmanchou o heráldico da família Ronem, especialmente de Armando. O heráldico deu-lhe os narizes, cheirou-lhe e arremeteu: jamais fico aqui. Foi embora para nunca mais voltar. Não há no discurso dos jornais uma exclusividade louvável, nem nas colunas políticas um gosto amargo exclusivo, nem nos jornais televisivos, mas na boca dos Bispos, dos outros políticos, de Menezes, da polícia, dos religiosos protestantes, dos fiéis católicos e, por fim, na película ideológica que protegia o corpo de Armando. Está desvelada, o véu do templo rasgou-se, não há sequer uma cortina para tapar-lhe a cara dos deméritos documentados nos papéis entregues à Polícia por Eduardo, querendo-os provas. Prevenido está o leitor doutra conclusão fatal se tomada a priori: decerto existem os fiéis a Armando, aliados de todo valor, eleitores crentes na inocência de Armando, gente do partido, embora hoje mesmo o presidente estadual do Partido da República tenha anunciado à imprensa, quando fatalmente questionado, a atitude da sigla frente à denúncia, Cancelamos a pré-candidatura de Armando e o notificaremos de processo interno sobre o assunto. Inocentes não somos, ou se somos deixaremos de sê-lo, contudo um processo interno e uma garoa de verão nada fazem. Mas não nos intrometamos nos assuntos partidários, a não ser que o referido leitor alimente desejos pessoais pela criação de um partido da ordem, um partido burguês como qualquer outro, cujo “Novo” surge no nome para emplacar o nariz ultrapassado escondido. É este o pior dos velhos.

A prefeita soube informalmente da denúncia. Soube precocemente, da boca de um assessor apressado e aventureiro, porém responsável, confessou Julia ao escutar as palavras: Armando foi denunciado. Armando é aliado, político de base governamental, é um risco ao mandato. Julia tapou os olhos com as mãos e agradeceu o aviso. Disto passou um dia já, hoje é outro dia. Julia adormeceu, deixemos os tormentos noutra lado, acordou e no gabinete analisa o que for necessário à ordem do dia. Conservando a estabilidade do cargo e dos parâmetros para um trabalho equilibrado tendo em vista

boas decisões e acertos, sobre os quais as notícias tortas provocam arrastão, Julia preferiu dispensar contato com Armando. Mas ele não. Preferiu o contato, aliás. Então apita o tira-paz. Julia olha o visor do celular. É de fato, indubitavelmente, a representação do tira-paz, ao alcance do ideal da utilidade.

– Oi, Armando.

– Oi, Julia, como está? – parece apressado, ofegante.

– Estou bem, mas não posso falar o mesmo de você.

– Nem eu.

– Por que ligou?

– Não esperei realmente, mas imaginei que me ligaria para prestar os apoios.

– Apoio ao quê? Se eu sei que você é quem é?

– Coisas do protocolo.

– É coisa do protocolo você não me ligar.

Armando hesita. Decide-se.

– Liguei apenas para falar sobre a abertura da comissão. Já estão votando hoje, conseguiram articular, o novo presidente da Câmara é nosso.

– É sim, eu fiquei sabendo. Vamos deliberar pela abertura.

Armando suspira, aliviado.

– É o contrário do que quer Eduardo.

– Eduardo está preso.

– Mas Menezes não...

– Ainda.

– Pois é, acontece que precisamos de maioria para não só aprovar, mas promover o sucesso da comissão.

– Aí você já quer ir longe demais no tempo. Mas eu concordo.

– Só queria me certificar da sua posição.

– Pode ficar tranquilo. E boa sorte na sua defesa.

– Vou precisar, Julia, obrigado. Já começaram as buscas.

– Você parece calmo por isso.

– É a reação da rua sem saída.

– Entendi. E fica um pouco afastado, pode sujar os trabalhos.

– Conselho mais tosco, todo mundo ali já suja os trabalhos.

– Mas nem todos sabem.

– Sei... Vou passar por cima disso.

Julia cala-se.

– Tudo bem, Armando, até mais.

– Até.

Armando desliga o telefone. Julia busca na agenda do celular um número. Há dificuldade para encontrá-lo. Analisa os nomes e percebe o anterior equívoco, ali está o número necessário. Dá partida à ligação. Toca uma, duas vezes.

– Alô, Menezes?

PRAÇA DOM JOSÉ DE
ASSUNÇÃO RONEM, S/N

Padre Cardoso Moura recebeu as correspondências, organizando-as aos arquivos da Paróquia, acolheu as confissões, recebeu fiéis desesperados, famintos e administrou a abertura e o fechamento da igreja. A ida de Joaquim lhe pesou a mão sobre os afazeres, contudo a ida de Gabriel cobrou as contas da solidão à doença, insistindo ao médico por alguns dias em atividade religiosa, economizando o corpo e o esforço. Padre Cardoso Moura esforça o corpo e as emoções para recuperar os ânimos, a depressão destruiu-o há meses e, logo após, uma forte anemia sobreveio, marcando o corpo físico ademais a emoção ferida e retirada de si mesmo. Contudo, as obrigações religiosas são centrais aos afazeres humanos, avaliou em recado ao senhor doutor, acolá as obrigações materiais provocadas pelas religiosas, um efeito dominó. Digo, se o Sumo Pontífice faltar ao mundo, não deixará a Igreja de presidir os negócios católicos pelo mundo, dirá o vigário da Paróquia São José. Pois hoje poderá descansar e remeter recado ao senhor doutor, acalmando as preocupações médicas sobre a necessidade de descansar os nervos e preservar a observação da boa dieta. Oxalá eu esteja curado, animou-se, por isso consigo agora fazer tudo que estou fazendo.

Pois lá aproxima-se o trajado substituto, surgindo da Praça como o sol a nascer ou tal qual a má notícia surge à consciência, saberemos adiante, reverenciando o altar da igreja, apreciando por segundos a imagem de São José, prelúdio ao encontro com Padre Cardoso, quando firmam as mãos motivadas pelos sorrisos retóricos, anteriores ao dizer Seja bem-vindo.

- Prazer, Padre. - Cardoso balançou o aperto de mãos.
- O prazer é todo meu, meu caro, sou Cristiano Quitério.
- Estou ciente, muito ansioso pela sua chegada.
- Fico contente... estou muito ansioso para conhecer esta Vila.
- Gostou do que viu? - constata a possibilidade de acomodar melhor o novo pároco, reluzindo a ideia à mente - Me acompanhe, vou te apresentar a igreja e a casa.
- Gostei, embora esteja extremamente preocupado e triste com a situação.

Padre Cristiano Quitério é um sujeito magricelo cuja estatura média, coisa de um metro e setenta e cinco, encerra-se aos cabelos castanhos escuros, ondulados, barba

aparada. Os olhos de cor similar aos cabelos atentam-se aos passos de Cardoso e espaços percorridos.

– A situação é muito complicada.

Padre Cardoso torce para que a denúncia proferida por Eduardo à política, notícia nacional, suma da lembrança do novo pároco. Ele não quer tocar no assunto.

– E você ficou responsável pelas coisas aqui?

– Sim, com algumas dificuldades. Estou com a saúde debilitada.

– Algo grave... fiquei preocupado.

– Não. – retorce a resposta. – Bem, rogo para a melhora imediata.

Padre Cristiano aguardou outra resposta que não a proferida. Contudo, preservou a cordialidade dos contemporâneos.

– Aqui está a sala do pároco.

Soa aos parâmetros cotidianos da memória e aos costumes, sobre os quais assentamos largamente, de Cardoso o estranhamento. É peculiar escancarar a porta e desencontrar o rosto familiar de Joaquim. Digere a ausência, abrindo espaço para o estrangeiro explorar a sala.

– Trouxe-o direto aqui para conhecer o principal, depois podemos passear pelos corredores, pelas salas... etc.

– Muito obrigado. – Quitério remexe nas gavetas, contempla pelo segundo instante neste dia a imagem de São José, em seguida optando por experimentar a cadeira.

– Todos os documentos estão em outra sala.

– Certo... Tenho uma dúvida.

– Você está afastado então?

– Sim. – consente.

– Então não terei que auxiliar?

– Infelizmente... – respira – não.

– Tudo bem, só para me localizar. A Diocese me alertou sobre a situação dos fiéis daqui.

– Sobre isso eu iria...

– E a abertura da igreja evangélica. – o interrompe.

Padre Cardoso concorda.

– Estou pensando em realizar visitas às casas dos fiéis católicos.

Padre Cardoso pensa.

– É uma boa... ótima ideia.

– Vou programar isso. Estou dizendo a você porque alguém precisará cuidar da igreja.

– Entendo, mas...

– Mas eu converso com a Diocese sem o menor problema. – sorri.

– Certo. – Padre Cardoso decide emitir uma indagação presa à garganta.

– E qual será a atitude em relação à igreja evangélica?

Padre Cristiano Quitério esboça um sorriso vacilante, levando as mãos a um movimento lateral e aberto, indicando imprecisão.

– Não temos muito o que fazer. Eles não estão com o vereador da região?

IGREJA DA VILA

– Sim.

– Pois então, até porque essa história toda do Padre Joaquim...

Padre Cardoso sente a ferida aberta gelar do estômago à garganta.

– ... não temos muitas mãos para a situação. Imagino também uma situação difícil.

– O que disse a Diocese?

– Para ter equilíbrio.

Cardoso umedece os lábios, irritado.

– Vamos ao trabalho, então. Obrigado pelo apoio. Vou arrumar as coisas aqui.

– Fique à vontade, hoje estou por aqui. Só me procurar. Estarei na igreja mesmo.

– Tudo bem.

Cardoso encostou a porta morosamente. Quitério abriu a primeira gaveta acoplada à mesa, remexendo em sua bolsa parada ali ao seu lado, movendo uma pasta do interior da bolsa para a gaveta. Encontrou uma firme dificuldade para acomodar a pasta inteira à gaveta. Curvou a cabeça à altura necessária para visualizar o interior do compartimento. Estranhou, curioso. Há no fundo da gaveta uma caixa pequena de papel. Esticou a mão à caixa, apanhando-a. Elevou a tampa parda e frágil. Recheava a alma da caixa um papel, largando a caixa à mesa e tomando o papel às mãos, desdobrando-o...

RUA DOS FLOREIOS, 374
– FORA DA VILA

Compelidos, corremos apressados à coletiva de imprensa de Armando, convocada às pressas (costume irritadiço, sabemos, todavia o que faremos contra o atraso?) pelas mãos do presidente municipal do Partido da República. Restou a Armando uma cadeira à mesa, onde sentam o referido presidente e o advogado de Armando, homem calvo e corpulento, roupas que devem pagar o silêncio de peixes-dragões mundo afora. Armando acaba de chegar. Cabeleira bagunçada, olheiras fundas como o fundo do poço, a idade pulou décadas na frente do relógio. A imprensa, doutro lado do anúncio, anseia pelas palavras de Armando posteriormente, como se não bastasse a denúncia no colo do Ronem, o início das investigações da polícia tendo como base, marco inicial, os documentos entregues por Eduardo. Na atual conjuntura não resolve mais rezar a Deus. Há uma lista de jornalistas registrados: três, mediante determinação, ou melhor limitação, do Partido. É dada a largada.

– Vereador – que sonho o de Armando! – o ex-pároco da Paróquia São José de Assunção, considerado aliado direto da família Ronem, foi declarado foragido pela polícia, após buscas na Paróquia onde ocupa oficialmente o cargo de pároco, em uma cidade aqui do estado. As buscas e apreensões já ocorreram na casa do senhor. Minha questão é: o senhor endossa a denúncia do senhor Eduardo Costa?

– Quero começar esclarecendo que não posso responder pelo sumiço de Padre Joaquim. Aliás, nossos compromissos foram raros, praticamente não tive ligação com o pároco, algo que meu irmão fazia com mais frequência, fomos apenas conhecidos de algumas ligações telefônicas. Quanto ao meu caso, não endosso a denúncia do senhor Eduardo. Apoio a justiça. – reafirmou a atitude verbal movimentando a mão de dedos reunidos à altura da mesa – E estou totalmente de acordo com o cancelamento da minha pré-candidatura, até que a situação seja esclarecida. Eu confio que tudo ocorrerá bem.

– ... mas – ecoou a voz da jornalista a contragosto da organização do partido, contudo ela insiste – o senhor acha que as provas materiais apresentadas pelo Eduardo são verdadeiras? E Eduardo reafirmou em depoimento à polícia a sua estreita ligação com o Padre.

– Eu simplesmente não responderei, já deu o seu tempo. – desviou o olhar.

– Bem, boa tarde. Minha pergunta é se o senhor acredita em um suposto caráter mentiroso dos documentos apresentados por Eduardo Costa?... E qual sua posição quanto ao recente anúncio da reabertura das investigações sobre a morte do seu irmão.

– A reabertura é essencial caso a polícia entenda o caso como mais complexo. Me parece estranho que isso tenha sido feito tão tarde, mas apoio.

O microfone à mão do recente questionador foi desligado. Liberou-se a terceira pergunta.

– Boa tarde, minha questão é a seguinte: com a abertura da comissão de emergência à Vila São José, considerando a morte de duas crianças pela falta de distribuição de alimentos e a saída de metade dos moradores pela emergência da situação, o senhor é a favor da abertura da comissão? Pretende trabalhar pelo funcionamento dela? O seu adversário político, o vereador Menezes, é contra. Como classifica a posição dele?

– É uma posição criminoso – adianta-se, não há dúvida sobre a resposta. As narinas alargam, o tronco endurece – que deve ser considerada pela opinião pública e pelos apoiadores desse criminoso – morde a língua – em relação às pessoas. Não tem outro nome: é criminoso. Inclusive não me surpreende se descobrirem que ele está à frente da morte de meu irmão. Basta observar tudo o que ele está fazendo. – o auditório irrompe aos burburinhos alarmados pela inesperada declaração. Os jornalistas esbarram os olhares. Armando é cutucado sutilmente pelo presidente, mas nós percebemos... – Eu sou integralmente a favor da comissão. A Vila precisa de ajuda.

O presidente municipal do partido encosta em Armando, atuando para que Armando abandone a mesa e encerre a coletiva. Cumpre-se a sugestão. Armando o acompanha, avexado. Somem por uma porta qualquer.

São veiculadas as declarações de Armando, afirmações corpulentas, ensaiando um tom insidioso, comentou um dos articulistas dos telejornais noturnos à grande audiência, sublinhando a pseudoacusação contra Menezes. Procurada, a assessoria de imprensa do vereador não atendeu. Remetem, o presidente municipal do partido e seu assessor, a Armando a agudeza política do comentário, desprezioso, defende-se de pronto o Ronem, transtornado e querendo cavar um buraco aos dois chatos ali de plantão. As agudezas, neste caso, referem-se ao inesperado ato de Eduardo, acumulado à chamada à porta da casa pelos agentes da polícia, caçando por algum Armando Ronem, Não sou eu, quis um buraco para si, agora sim olhando ao próprio existir com qualquer que seja o olhar de responsabilidade. Resta ao futuro, cujo teor desejamos conhecer pois a interação com os conflitos e pormenores destes acontecimentos nos encabula e endurece os músculos da face: olha, como são possíveis os inesperados?

Saturando os espaços nas linhas dos jornais e nos blocos divididos entre publicidades e anúncios institucionais dos jornais, a Polícia Civil retoma formalmente o caso da morte de Benedito, inserindo na conta o ônus das evidências. O giro quase radical do encerramento à reabertura do caso comunicou-se por nota oficial assinada pelas mãos do delegado geral da corporação, emitido nos canais oficiais dos quais dispõem. Acumula, ao lado das respostas de Armando à imprensa, as curiosidades preocupadas com

IGREJA DA VILA

o aprofundamento das causas responsáveis pela reabertura do caso. A Polícia informa sucesso em novas buscas por evidências, tendo a equipe atual se reunido e deliberado pela necessidade de uma continuidade, após o afastamento do delegado responsável pela, agora, primeira etapa da investigação. O articulista incumbido das análises políticas do diário *A Opinião*, dado o parecer policial, suscita o seguinte querer: (...) por que a antiga equipe desconsiderou os caminhos possíveis, cabendo, portanto, à sorte reunir uma nova equipe? Estamos falando de uma figura pública importante, a investigação precisa ser levada a sério. O rebuliço é a pauta.

RUA PADRE GUIDO DEL
TORO, 63 – FORA DA VILA

- O**i, meu caro.
- Oi.
 - Só isso que dirá?
 - O carro tá parado aqui, não posso demorar muito. Fala logo.
 - Calma... - ri.
 - Calma? Se liga, seu moleque.
 - Eu não. - ironiza.
 - É o que você é.
 - Vai... - desiste de contrapor-se - vamos lá. O cara é aliado.
 - Bom mesmo. - disfarça o alívio com a máscara da segura autoritária.
 - Mas estamos com as pernas fracas.
 - O que isso significa?
 - Bem - respira - significa que ele tentará revirar o caso segundo o necessário.
 - Sim...
 - Mas não garante. Depende muito da configuração da turma.
 - Não tem essa, tem que ser do jeito que a gente combinou.
 - Olha, se fosse eu o responsável, te garanto que seria. Mas com ele é apenas parte da certeza, não a totalidade - reforça - da certeza.
 - Mas aquela lá, onde ficou?
 - Silêncio.
 - Está no caso.
 - Soco contra o volante, cabeça para trás, mãos na testa, como quem pressente a febre.
 - Merda! Essa mulher ainda vai me ferrar.
 - Não tinha o que fazer, ela é conhecida e respeitada lá dentro, e foi quem levou tudo para o chefe.
 - Imaginei... Me passa os dados dela, assim eu dou um jeito.
 - Pode deixar, coleguinha. Te mando ainda hoje.
 - Tá certo. Bom, vou ver aqui. Depois nos falamos.
 - Combinado, cuidado na volta. Espero que não chova...

VICTHOR FABIANO

- Eu também. Tchau.
Telefonema encerrado.

Judite prepara o almoço, compenetrada, invariavelmente calada. Nilton está encostado, largado à cadeira, folheando um jornal. Às olhadelas ligeiras, Judite estuda o marido. Demonstra desaprovação.

– O que foi, Judite?

Mantém-se de costas.

– Nada, Nilton.

– Não parece...

Não responde.

– Tá preocupada com a decisão?

– Sim.

– Sabia. Mas não foi o que decidimos melhor para o garoto?

– Foi, você principalmente.

– Sim, eu principalmente. A ideia foi sua, gostei dela. Tem tudo aí pra dar certo.

– Será que vai dar certo mesmo?

– Judite, a situação só piora... Olha aí onde ele tá chegando. Já se envolve com outros homens... – insiste, largando o jornal. Judite vira o rosto ao marido.

– Eu só quero te testar. – sorri.

– Ah, não acredito... – murmura, negando a atitude com o balançar da cabeça.

– Eu conversei com o pastor aquele dia, depois de falar com você, é a melhor coisa que faremos.

– Sim. – ele quis dizer: é óbvio! – Ele sabe de alguma coisa?

– Não.

Pausa silenciosa.

– Eles estão atrasados, por isso pensei que estava desistindo da ideia.

– Nunca.

– Pelo que sei, Deus não abre portas à toa.

Judite surpreende-se.

– Isso mesmo... – sorri – Já está tudo pago, não tem razão.

– Olha, esse Menezes... – aponta para o jornal, estupefato – Ameaçando denunciar a

prefeita pelo apoio que ela deu à comissão.

– Essa comissão é um absurdo. É um jeito que os católicos acharam para interferir aqui pelo governo.

– Você acha?

– Sim. Só observar, Nilton: o Armando apoia.

– Aquele bandido... Sabia que ele não era boa gente. Faz sentido isso aí que você falou.

– O Menezes não ameaça, ele quer colocar as coisas em panos limpos. – Judite bisbilhota o relógio à parede.

– Sim, tem muita sujeira aí. Se tem com o Armando, tem com os outros.

– Pois é.

– Ainda bem que a igreja ajuda vocês com os alimentos, porque a gente não conseguiria ir toda semana comprar.

– Seria difícil... – alivia-se.

Batidas à porta.

– Eu atendo! – o esposo despertou do encosto rumo à porta. Abriu-a.

– Olá, como vão?

Dois indivíduos protegidos por um jaleco são recepcionados por Nilton, abrindo o caminho à cozinha.

– Olá, estamos bem e você? Sou doutor Flávio.

– Olá, olá, sou doutora Marta.

– Sintam-se em casa... – Judite aproxima-se dos visitantes, cumprimentando-lhes às mãos.

– Desculpa perguntar, mas onde é o banheiro? – questiona Flávio.

– Ali, pode ir lá! – aponta Nilton à direção. Marta busca o banheiro. Acha. Entra.

– Onde está o menino? – interessa-se Flávio.

– No quarto. – Nilton.

– Precisamos ir já. – sorri, temendo a inconveniência.

– Ah... vou buscá-lo então. – Judite sorri, saindo dali, andando ao quarto.

– Vocês costumam ter sucesso com casos assim? – Nilton chega próximo de Flávio, similar a um curioso acerca das questões proibidas.

– Geralmente sim... – calcula Flávio.

– Espero muito que dê certo. – sorri.

– Eu também. – Flávio replica.

– Sabe – sorri pelo canto da boca – quando minha esposa conseguiu essa oportunidade, eu até fui na igreja com ela e, sabe... Deus é realmente bom. Precisei de uma oportunidade para perceber.

– Verdade... Eu também sou evangélico. – revela Flávio.

– Então você sabe bem do que estou falando.

– Sim. Deus vai dar um jeito no seu filho. Além, claro, do nosso trabalho.

Marta surge, retornando. Chega e soma-se à anterior dupla.

– E o menino? – questiona a senhora doutora, secando as mãos no jaleco.

IGREJA DA VILA

Judite aparece, rosto corado, segurando Francisco pelo braço: o rosto cabisbaixo, úmido, as pernas tremulantes. A vergonha estampada no medo.

– Aqui está. – puxa o filho pelo braço.

– Eu não quero ir. – murmura por entre o espaço que restou à cabeça curvada.

– Pois vai sim! – alerta Nilton, pouco amigável.

– Você vai gostar de lá, Francisco. – Marta afaga o peixe-dragão de Nilton, interferindo na cena.

Francisco levanta o rosto, encara Judite por segundos e passa os olhos por Nilton. Há no semblante repulsa, a tortura resignada. Judite puxa com mais intensidade o braço do filho, aproximando-lhe. Marta e Flávio substituem Judite na coerção. Francisco irrompe ao chorar contido, silencioso, alguns soluços contidos.

– Filho – Nilton encosta a mão no rosto de Francisco – o pai te ama.

Francisco respira duas vezes, forte, e cospe na cara de Nilton. O pai torce o semblante. Enfurecido, ensaia um tapa contra o filho, contido pelo gesto sugestivo de Flávio indicando o excesso desnecessário ao momento.

– Vamos. – Flávio convoca Marta e Francisco a acompanhá-lo. À despedida, afastam-se da casa. Francisco condiciona-se ao rosto abatido curvado, semblante decaído.

Avançam à rua. Flávio o obriga a entrar no recinto traseiro da ambulância. Marta assume o banco do motorista. Flávio é o passageiro ao lado. A ambulância parte, fugidia. Judite gira o rosto anteriormente voltado à rua, mira o marido, comunicando-lhe satisfação, um olhar orgulhoso. Nilton retribui a satisfação, sorrindo.

PRAÇA DO PODER MUNICIPAL,
S/N – FORA DA VILA

- A** tendeu o tira-paz. Queria o peixe-dragão dar as caras?
- Bispo, como vai?
 - Menezes, prazer! Como vai?
 - Bem, ótimo.
 - Fico feliz. – saudoso.
- Fiquei sabendo que queria falar comigo.
- Sim. Falei com a sua assessoria.
- Antes de tudo quero agradecer por me procurar.
- Eu que devo agradecer-lhe por permitir a ligação.
- Tempos difíceis, precisamos conversar mesmo.
- Sim, exatamente isso. Quero saber como a Diocese pode ajudar.
- Em relação... – larga a possível resposta ao ar.
- Em relação aos trabalhos na Vila.
- Não, está tudo sob controle.
- Bem – pausa – estou feliz pela inauguração da igreja.
- Não é o que diria Padre Joaquim. – Menezes ri, sarcástico.
- Somos pessoas diferentes... – corta com tesouro o sarcasmo de Menezes – Joaquim já está longe.
- Até demais... – reforça o sarcasmo.
- Já estou aprontando a excomunhão dele. – firma a palavra – Além do mais, a Vila não se resume ao ex-pároco.
- Ainda bem, Bispo. Ainda bem. Espero que o senhor seja a favor da liberdade.
- Sou, inteiramente.
- Quanto aos assuntos da Vila, deixa com a gente. Consegui uma emenda, a primeira para a Vila, para resolver essa questão das câmeras.
- Entendo. – consente o Bispo.
- É a começo de tudo.
- Estou à disposição, fique sabendo.
- Certo. – sorri, expressando à distância o agradecimento. – Agora preciso trabalhar.

VICTHOR FABIANO

– Agradeço a conversa, Menezes. Até mais.

– Até, Bispo.

– Deus abençoe.

Menezes desata a ligação. Eleva-se da cadeira, sorridente, e sai de sua sala.

PRAÇA DOM JOSÉ DE
ASSUNÇÃO RONEM, S/N

Aproxima-se a Páscoa ao virar das folhas do calendário ou ao girar do relógio, crescendo à consciência do padre Cristiano Quitério a urgência do plano desenhado antes mesmo de chegar à Paróquia: um itinerário pelas casas católicas da Vila, estendendo a possibilidade às casas necessitadas de uma visita sacerdotal. Padre Cristiano Quitério, ora por intuição divina, pessoal ou recado diocesano, conheceu a realidade anterior à sua chegada: o afastamento da figura pastoral em relação aos fiéis produziu, segundo o teor de sua avaliação ao Bispo e, certamente, à pessoal ciência, crenças afastadas da doutrina e, por consequência, afastados da fé católica. Nisto, fez-se espaço às heresias e distorções irreparáveis, colamos acá as reflexões de Padre Cristiano Quitério, que prossegue: irreparáveis se não pela preservação dos fiéis por ora devotos e fiéis à igreja Católica. Quitério flutuava leve ao peso de uma pena percorrendo os sonhos intrínsecos ao planejamento jesuítico, contracenando espírito bem-aventurado e êxito.

Reuniu no corpo de uma maleta de madeira objetos necessários à bênção dos fiéis, água benta, o terço, a bíblia dentre demais artefatos históricos, guardou o receio no bolso e elevou a inquisição ao coração. Quando menos esperava, percorria a Praça, são estes os passos concretos à firmeza do propósito, predestinado a influir no desaguar das águas, no curso do rio, retratar a história, visitar os medos, reavivar a Pentecostes resguardada no peito desavisado. Alertou o vigário, Deixarei por algumas horas a Paróquia fechada, não deixarei de levar adiante meu plano, como resposta de padre Cardoso ouviu o seguinte, Faz bem, Padre, não poderei ajudá-lo, coisas da saúde, mas espero que dê tudo certo. O noviço pároco também anseia. O primário destino da peregrinação de padre Cristiano Quitério corresponde à Rua Padre Raimundo Corrêa Sortes Assunção Ronem, 21, endereço explorado por nós noutras oportunidades, casinha simples da família de Dona Beata, chorando à beira da cama de Jairo e aos pés de Jozimas. Similar ao coro de fundo da ópera, opera a ansiedade em Padre Joaquim, atacando-lhe a segura à boca.

Estuda a placa da rua, É aqui mesmo, a certeza aparece tímida. Agora é procurar o número. Condiz a ansiedade, É agora que vai provar sua preparação, ó Padre nosso!, e à frente do número está, confirma-o, verifica e bate as palmas. Conhecendo a situação

física e emocional de Dona Beata, aguarda a correspondente demora. Dois minutos passados, pela certeza do aguardo certo por tratar-se de visita marcada, o padre espera. Mais um minuto e Beata cruza a porta, sentindo a estrutura inteira doída, levando-se a abrir o portão.

– A bênção, meu Padre. – Beata abre o portão, dispondo a testa ao toque do padre. Atentemo-nos à rouquidão arrastada, outrora rara à voz de Beata, acá intrínseca a cada sílaba.

– Deus te abençoe, Beata. – percebe o caminho livre a entrar.

– Muita emoção recebê-lo aqui, meu padre... lembro dos tempos antigos, faz tanto tempo que eu recebi um padre em casa. Desculpa não ter nada...

– A emoção é minha, visitar meus irmãos da minha comunidade... – Beata o indica as gentilezas de anfitriã adentro da casa. – Obrigado.

– Se quiser, pode colocar sua maleta ali na mesa, padre...

– Não é necessário, obrigado. Não posso demorar. Tenho mais uma família hoje.

Beata sorriu.

– Que bênção sua disposição... Quisera eu...

– E como está a saúde?

– Por Deus de pé. Só piora.

– Vamos rezar hoje. E seu marido...

– Jozimas.

– Isso.

– Ele e Jairo estão no quarto. Não conseguem sair de lá... – os olhos apertam quase fechando-se, somente escorrem as lágrimas e os soluços profundos, refletindo por todo o abdômen e peitoral. O padre consente, levando as mãos ao ombro de Beata buscando aliviar a intensidade da emoção.

– Vamos rezar.

– Sim... – esfrega as mãos nos olhos, forçando as pernas ao quarto.

– Jozimas não melhorou nada?

– Não... – achegam ao lado de Jozimas. Deitado, alongam-se ao lado do tronco os braços magricelos. Olhos fechados, imóvel. A respiração descontinuada provoca um fungar ruidoso.

– E Jairo?

Beata olha o filho. Jairo abre os olhos. Quitério admira o despertar de Jairo.

– Oi, padre... – resmungo – prazer conhecer o senhor.

Beata costura as lágrimas fugitivas ao padecimento pelo filho.

– Como se sente, Jairo?

Pensa por dois segundos.

– Triste e com fome.

Padre Cristiano Quitério insiste no olhar admirado.

– Vamos rezar pela sua melhora, Jairo. Eu estou aqui porque a missão da igreja é atender os enfermos, e Deus não dá as costas a ninguém.

– Amém, padre... – emociona-se Beata.

IGREJA DA VILA

– Quando será que esse tormento vai passar, padre? – as lágrimas de Beata compartilham-se às de Jairo, nascendo dos olhos.

– Deus diz, Jairo, vem e vê. Nós estamos aqui procurando ele. – aconselha, a calma ocupa cada sílaba.

– Mas eu nunca vou achar.

O padre evita explicitar o quanto achou o desabafo de Jairo confuso.

– Todos que buscam acabam, pela graça, achando. – a prédica do padre soa pacificadora.

– Reza por mim, padre... por favor. – Jairo comprime os lábios, similar aos olhos em igual estado, o rosto negro marcado por expressões ardidas.

– Claro, Jairo. – Cristiano Quitério acena a Beata a intenção de iniciar a prece. – Oremos. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sóis vós entre as mulheres, bendita é o fruto de teu ventre, Jesus...

Jairo o interrompe, lutando contra o peso dos olhos.

– Padre, eu quero conhecer Deus.

Beata aperta o choro, surgindo apertado um sorriso.

– Deus já o conhece e você também – assinala – Essa é a parte boa. E Jairo já é batizado, Beata?

Beata oscila a cabeça em resposta.

– Então Deus já te recebeu. Quero ver você na próxima missa, Jairo. – o padre toca a perna de Jairo – Você só precisa estar lá e curar o coração das descrenças.

Jairo consente, afogado às sensações múltiplas que percorrem os nervos.

– Vamos rezar o credo. Repita comigo, Jairo, a reza. – fecham os olhos – Creio em Deus Pai Todo Poderoso, Criador do céu e da terra, e em Jesus Cristo seu único filho, nosso Senhor que foi concebido, pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia subiu aos céus e está sentado a direita de Deus Pai Todo Poderoso donde há de vir e julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados na ressurreição da carne e na vida eterna. – pausa – Amém.

Jairo suspira.

– Você precisa se confessar, Jairo – aconselha – A confissão é o primeiro passo para a conversão. Passarei a você os horários para a confissão. Te espero lá. – pisca o olho a Jairo – E Jozimas, Beata?

Beata o indica com a mão, coçando o nariz.

– Vou abençoá-lo... – abre a maleta e retira um frasco transparente cujo líquido é dourado – com óleo bento para a cura dessa enfermidade.

É a fome a enfermidade pioneira da humanidade. Trata-se de fome, padre, a insuficiência da sobrevivência.

Curva o tronco ao corpo de Jozimas, pálido à brancura enrugada. Sussurra por alguns segundos palavras inaudíveis a ouvido nu.

– Beata, ele será curado.

Beata soluçou umas duas vezes.

– Assim creio, padre. – recolhe as últimas lágrimas.

– Preciso ir. – fecha a maleta. Move o braço até Jairo e toca as mãos geladas. – Deus te abençoe, Jairo. A igreja te espera.

Jairo esboça um contido sorriso. Quitério caminha à cozinha, acompanhado por Beata. Ao percebê-los a sós, Beata aproveita a oportunidade e o questiona, hesitante:

– Padre... o senhor sabe se há algo que a igreja pode fazer...

– Beata – respira – vou verificar.

– Padre, hoje praticamente não comemos... – umidificam os olhos outrora, o desespero prensando o peito e os olhos lacrimosos – Se continuar assim, o Jozimas não vai aguentar...

Não há óleo disponível nas engenharias da igreja potente o suficiente, quiçá arbitrário à medida, à remediação das lágrimas desalentadas de Beata.

– Beata, nem que eu tire dos meus rendimentos, vou trazer a vocês. – o padre garante.

Beata rompe a distância, imprevisível, e o abraça, inaugurando um expediente surpresa ao pároco, assustado. Cabe ao religioso retribuir. Escorre as lágrimas de Beata pelo ombro de Cristiano Quitério.

– Obrigado, padre. – desfaz o abraço.

– Deus abençoe.

Beata gira a maçaneta à passagem de Cristiano. À frente vai para dar chave no portão. Abre-se o portão e o padre adentra à calçada da rua. Beata apreende o olhar no aceno de despedida, retribuindo-o. Finca os pés na divisória entre o portão e a rua, guiando o olhar pelo afastar-se do pároco rua adentro.

PRAÇA DOM JOSÉ DE ASSUNÇÃO RONEM, S/N

Caminharam em fila uniforme, partindo da igreja evangélica à presente localização da Praça Dom José, onde recebemos o frescor balançar das verdes folhas, marchando firme a comunidade evangélica, conforme as bocas declaram-se, dedicando as vozes ao entoar de mandatos, tais como Liberdade religiosa já! e Vila Nova Jerusalém!, preservando o volume e a dedicação intactos até o destino. Estruturas metálicas entrelaçavam-se vertical e horizontalmente, construindo um grande palco nunca dantes visto à Vila. Tal é a razão pela qual Judite, Pastor Adelmo, a irmã da professora Ana e o conjunto de fiéis evangélicos circundam a engenhoca erguida à Praça. Colada, a Paróquia mantém-se paralisada. Necessário recordar que Padre Cristiano Quitério configurou o olhar duas ou três vezes para bisbilhotar o que acontecia e impressionou-se: a estrela do dia é Mendonça de Menezes, recebendo e sendo recebido, sobretudo, aos clamores pelos presentes. Tratava-se da comemoração de vitória de Menezes, mas também um indício da comemoração da instalação da denominação pentecostal nos territórios por ora vingados à São José. Menezes orgulhou-se, sorriu profundamente, cumprimentou ao calor do momento as mãos de pastor Adelmo, encarou segundos seguidos a Paróquia nutrindo algo costumeiramente denotado como desprezo. Tratou de subir ao palco a proferir os dizeres idealizantes da comemoração. Menezes anunciou a parceria fixada com a igreja aos anseios desenhados por Adelmo à missão religiosa da denominação. Menezes anunciou, cabe o vindouro parecer do destaque, mãos dadas na oferta de doações de alimentos aos fiéis. Não aos simpatizantes ou necessitados, aos fiéis. Acompanhou-o o desejo de subir ao monte e declarar-se o vencedor, do qual as tábuas do mandamento jamais rasgam-se, eternizam-se nos calabouços dos entendimentos.

O discurso de Menezes seguiu-se pela execução musical de modas religiosas, hinos e cânticos, momentos de louvor aos presentes predominantemente evangélicos e simpatizantes dele, presente o rosto de Mendonça ao fundo do cartaz decorativo do palco. A comemoração estendeu-se ao anoitecer, chegando aproximadamente às nove da noite.

As nove da noite, Padre Cristiano batia à porta apodrecida de uma família incompleta. Atendeu um homem, cabelos ralos e corpulento, saltando à visão do observador os olhos inchados e pesados, permitindo fugir a evidência de um dia umedeado pelo olhar. Padre Cristiano cumprimentou-o e ao “boa noite” oferecido, obteve um “pode entrar”, resultado da soma de forças à resposta, estendendo a mão ao caminho de entrada. Escurecida era a casa, os dois cômodos diminutos dividiam-se por um lençol encardido. Doutra face do lençol, para além da cozinha, uma mulher segura a cabeça com as duas mãos, pressionando-a contra os longos cabelos. Estira-se ao seu lado um pequeno corpo pálido, inerte, cuja respiração deixou ao além.

– Quantos anos ela tinha? – custou perguntar.

A mãe engoliu o fluir das lágrimas.

– Oito, padre.

Abaixou a cabeça, pesaroso. Os olhos vidrados no corpo da menina.

– Lamento muito...

O pai achegou-se ao lado do padre, retornando da cozinha, assoando o nariz num paninho azul.

– Pensamos que o senhor chegaria a tempo... ela não foi batizada.

Padre Quitério o observa. O temor toca-lhe o peito, as palavras têm pesos outrora desconhecidos.

– Fique em paz. Vocês sabem a razão?

Causa a pergunta reação abrupta de choro.

– A gente não tem o que comer, Padre... – murmura o pai, escondendo o rosto.

– Nunca pensei... – soluça – que a fome ia matar nossa filha... – desabafa a mãe, lançando ao cômodo o sentimento de dor a apertar o peito.

– Nunca podemos prever algo. Infelizmente. – rosto paroquial inerte.

– Padre – retira as mãos do rosto – o senhor pode ir, não tem mais o que fazer aqui.

Cristiano Quitério deglute a informação.

– Lamento profundamente. Que Deus conforte os corações de vocês e receba esse anjo no céu. Contem com a Paróquia para o velório.

VICTHOR FABIANO

Doía a cabeça, às ruas dispostas à frente não havia ramificação, nem das tortas, nem das retas. Padre Cristiano Quitério pousou a mão sobre o ombro do pai, tocando-lhe duas seguidas vezes. Virou-se, passou pelo lençol, percebeu a porta aberta e foi embora. O padre apressou as pernas à Paróquia, torcendo o semblante e balbuciando palavras incompreensíveis. Decidiu solicitar à Diocese sua transferência.

As nove a meia da noite, Jacileide abriu a porta da casa. Ana observava com gosto amargo um livro à mão, padecendo ora pelos olhos machucados à leitura, ora pelo conteúdo impresso e intencionado.

– Gostando do livro? – achou o jeito de cumprimentar a irmã.

– Não muito... – torceu o nariz.

– Hoje foi muito bom lá... – sorriu, rumando-se à cozinha. A voz abafada ecoa.

– Ah, que ótimo... – contempla as páginas.

– O vereador estava. – retornou à sala.

– Muito legal...

– Será que você pode me responder direito? – sentou-se ao lado da irmã.

Ana finalmente a dirige o olhar.

– Me desculpa, estava lendo.

– Por que você anda assim, tão... murcha?

– Coisas da vida. – entreolhou o livro.

– Você ainda está remoendo aquela história sobre a diretora?

– Não... – sorriu – não é isso.

– Então fala.

– Essa história das crianças... – suspirou, incomodada – Não sei como reagir.

Jacileide processou dentre felicidades e agonias a inquietação familiar.

– Vai ficar tudo bem.

– Como assim? – duvidou.

– Tem gente trabalhando para a situação melhorar. – convicta.

– Não... – Ana sorriu, cedendo à graça despertada pela tentativa de pacificação da irmã – Não tem ninguém trabalhando por isso.

– Não tem? Então o que nós estamos fazendo? – desafiou.

– Vocês quem? A igreja?

– Sim.

Inconformada pela presunção descomedida à afirmação da irmã, às percepções de Ana um verdadeiro acinte, antepôs o silêncio, encerrando as fileiras das palavras e dos

possíveis peixes-dragões.

– Você não vai responder então?

A encara, o tempo nublado.

– Você acha que isso é ajuda? Só oferecer ajuda para quem se converte?

Jacileide achou graças.

– É escolher o bom caminho – levantou-se – e ainda sair da necessidade. Não sei o que tem de errado nisso. – e foi-se embora.

Visitou as anedotas dos pareceres pessoais de Ana a impossibilidade pessoal de compactuar com as decisões impostas pela igreja à qual sua irmã congrega. Vestiu-se à totalidade com as modas do inconformismo, esta corrente filo-antropológica das vidas, mesclando às vestimentas os vestígios de paciência procurados ao chão, e retornou o rosto ao livro, à leitura quase-sem-sentido-das-palavras-azedas.

RUA SOUTO DE BARROS, 301
– FORA DA VILA

A equipe responsável pelo encaminhamento das investigações sobre a morte de Benedito, reaberta dias desses por força de articulações internas sobre as quais teremos ciência adiante, resolveu inaugurar o amanhecer liberando nota à imprensa; avaliariam o caso das coletivas de imprensa demasiado trabalhoso ao devido prosseguimento das tarefas institucionais, declarando a notável e decisiva apreensão de objetos vinculados à ocorrência de um, tal como classificado, homicídio doloso. A saber as evidências denotam um anterior ataque físico contra Benedito antes da queda fatal, indicando, paralelamente, a possibilidade planejada, quanto à heroína, de dosagem deliberada ao assassinato do ex-vereador, surgindo no campo das investigações um objeto encontrado na casa do presidente municipal do Partido da República, sendo este à cena do crime o pretense material de ataque empregado à derubada. Tais informações neste parágrafo proferidas inserem-se no parecer emitido pela equipe de investigação, chefiada pelo senhor delegado Israel Santana Ruivo. Demasiada astuta a informação, ao passo de provocar nó aos receptores, aos assustados membros da política municipal, aos apressados membros da imprensa e ao familiar Armando Ronem. Se Benedito foi assassinado, algum interesse oculto esconde-se à cortina da execução em tempos eleitorais, sombreando fugidío receio, abrangente ao medo o bastante para provocar em alguém a reação de desejo pela finitude. Se Benedito Ronem foi assassinado, “o caso precisa ser apurado mais rapidamente para fazer justiça na cena política e da vida social do país, bem como devolver à família Ronem, em especial ao seu irmão Armando, a memória do falecido”, defendeu o articulista Firmino Azevedo, lido à exaustão pelas bancas àquele dia e assistido pelas televisões ao longo da entrevista concedida aos sedentes pelas formações de opiniões. Se Benedito Ronem foi assassinado, há uma gama ainda mais profunda, para além dos imaginados porquês, sobre os envoltimentos de Benedito com os usos das chamadas drogas ilícitas. Questiona a manchete “Por que assassinaram Benedito Ronem?”, enxertando a sala dos suspêndidos saberes ao fio condutor dos desdobramentos da morte, adensando ao nosso corpulento observar, a conjurar burburinhos à toa e referências e bisbilhotagens, adicional indagação decisiva.

Acá estamos, a cena é irremediável. À parede cinza voou velozmente uma jarra de vidro transcendendo aos cacos estilhaçados, lançando-se ao chão ao passo da dança de gritarias e palavrões de Jair. A cabeça espremida em meio às mãos, os percalços nunca antes imaginados queimam os pensamentos acelerados e desencontrados. As pedras no sapato ascenderam aos olhos à altura de irrita-los à vermelhidão lacrimajante, refletindo os cacos cintilantes repousados no piso do apartamento. Jair é magro, os cabelos fogem sobreviventes à direita do crânio, a boca fina aperta a palavra e comprime o entendimento. Não lhe é surpresa o achado da polícia, mas o perturba a existência de sangue na barra de ferro. Não é qualquer sangue, não é qualquer barra. É o sangue de Benedito, é a barra de sua passagem. Estivera metida no quarto escuro por todos os dias, ao longo do calendário corrente, acompanhando Jair acordar, tomar o café, ter com o partido, telefonar, tomar o banho, fazer as compras, e acá deu-lhe a sorte de aparecer bem às mãos da polícia. Esmiúça a memória para encontrar nas gavetas da existência um relâmpago de clareza, de lembrança sobre o fatal objeto, querendo saber em qual dia deu-se o seu nascimento no território da morada. Cai a noite, todavia não cai o saber a Jair. Trapaça a caça pela memória as finas pontadas na cabeça e o lembrar incansável da vista à televisão de seu nome anunciado no CG, aquelas letrinhas empregadas nas transmissões para aludir ao conteúdo tratado, relacionando-o à morte de Benedito. Aí reside o fracasso da noite, aí reside a cólera contra a parede, aí reside o quase arrancar dos cabelos restantes ao couro implorando à cabeça descabelada: como isso aconteceu, como pode isso tá acontecendo?

Decerto a morte de Benedito reconfigurou caminhos. A observação dos fatos nos comprova o dito. Jair sequer na última vida ou reencarnação terrestre encarou a súbita possibilidade de deparar-se defronte à urgência de telefonar ao advogado, discar o um dois três, gritando ao profissional das leis: me salva, me salva dessa!, e a agonia implicaria o desejo de jamais desligar o chamamento, implorando pela garantia da paz, pela garantia de que todo o ocorrido à passarela de seus olhos fosse a mais notável e risível mentira. Mentira cuja veracidade tende a afundar os laços políticos de Jair, tende a afundar as agendas de Jair. Complementa ao medo desesperado: tende a afundar minhas ligações, qualquer uma que seja, partindo da minha família ao jornalista que o cumprimenta às manhãs, ou ao ascensorista sorridente à cadeira do elevador por onde sobe ao escritório do partido e onde é reverenciado porquanto autoridade partidária da qual delimita a força e a atuação daquela que é uma das maiores legendas do país, pelo qual viaja correspondendo à esfera municipal da sigla, por quem responde à imprensa e para quem constrói sorrisos e boas relações por meio das entrevistas concedidas sobre as quais não quer mais saber. Seria a ex-esposa procurada às pressas pelos programas vespertinos para responder às indagações dos jornalistas quanto ao desconhecido dantes caráter assassino do ex-marido. Seria o filho interceptado aos gostos de perguntas do tipo “como vai seu pai assassinado”, limitada a liberdade para exercer os brasões acumulados e honorarias a esta altura espalhadas pelo chão, decaindo em igual progressão o título cujo nome substituiu à sociedade.

IGREJA DA VILA

Jair imprimia contra o tira-paz cutucadas inquietas, tal qual agoniante espera pelo telefonema de retorno o corroía. Planejou quebrar a lâmpada da sala para cessar à luz o poder de fazê-lo enxergar-se úmido e surrado à tampa da mesa, obrigando a própria garganta a engolir termo sobre termo dos juízos que se acumulam minuto a minuto, como o acumular da tempestade que precisa cessar para não afogar a casa. Os estrondos dos rojões lá fora quase impediram os ouvidos de Jair, socando a cabeça com o punho cerrado. Se há sangue? Há sangue...

O tira-paz tocou. Jair o apanhou e o objeto por pouco permaneceu em sua mão, ensaiando fugir pelos dedos sujos.

– Fala... – gemeu.

– Eles ainda vão te chamar para um depoimento. – treme também a ligação, sugerindo aos mais supersticiosos a interferência dos tremores físicos aos fios da tecnologia que movem as vozes de um polo a outro. É estável o desespero.

– Merda, merda, merda... – ao emitir de cada palavra, um soco à mesa, ampliando o volume ao igual ritmo.

– E depois será decidida a formalização da denúncia.

Gemidos.

– Como que a gente vai resolver isso? – gritou.

– É aguardar o depoimento.

– Você não pode deixar isso assim! Tem que fazer parar a investigação! – decidiu-se sobremaneira aos gritos – Merda!

– A investigação ainda não acabou... – desconversou.

– Não me manda ter calma... – rosnou – Eles vão me condenar nessa porra.

Pausa.

– Vamos cuidar disso. Preciso desligar.

– Não... – declamou.

Atrasou-se demais. Estava colado já à parede, lançado pelos gritos, o peixe-dragão, alçando vitória. Sinalizou os perturbadores toques do desligamento. Jair apertou no desejo de amassar o celular no centro da mão. Alongou o braço para trás e lançou às explosões da supernova o tira-paz ao conhecimento da mesma parede conhecedora do peso do vidro. O berreiro logo despertaria algum vizinho, intimando o respeito: para de gritar, assassino!

RUA PADRE RAIMUNDO CORRÊA
SORTES ASSUNÇÃO RONEM, 21

Eu não consigo abrir os olhos, eles pesam feito saco de farinha... Faz uns dias que eu aperto as mãos e junto as forças e não consigo. Se as minhas pálpebras não querem se mexer, imagina o rosto... o resto todo... Cheguei numa situação de raiva, ódio... não que eu esteja arrependido de ter sentido ódio nas outras vezes, de não ter economizado as brigas, mas agora é diferente... eu olho pro passado, quero dizer uns dias mesmo, e tento lembrar como é a rua lá fora, a praça, o rosto da minha mãe, a banca do jornal, o posto de saúde, a cara do doutor lá... o dia que meu pai foi embora e não deixou nem um dinheiro, o meu primeiro trabalho lá na vendinha do seu Artur, coisa de muitos anos, bota ano nisso... olho pro passado desses dias e depois olho pro passado bem antigo, de quando eu era criança pequena, travessa e só consigo lembrar do Jairo menino, menino terrível... não queria rezar nem comer, isso porque hoje sente falta de comer, como eu... era doce desde pequeno, mas gostava da bagunça... se fosse pra eu lembrar de uma coisa antes desses olhos fecharem, eu queria lembrar da última vez que eu beijei a Beata... olho pro passado, é verdade isso, porque não preciso abrir os olhos de verdade... engraçado... sinto saudades da cozinha, até de ler os jornais da Paróquia, sinto saudades da imagem de São José, de ficar olhando o altar aqui de casa... até da imagem de São João eu tenho saudade, imagina da minha menina Beata, mesmo com dor ela tá linda como sempre, e eu não consigo mais olhar pro rosto dela nem pra dizer um oi, ou alguma coisa que faça ela saber que eu estou vivendo aqui, pensando nela, pensando no Jairo e dizendo coisas pra mim mesmo... a dor tá ruim... que saudade do meu amigo Luiz... eu não sei como tá o meu rosto, se ele ficou mais velho ou mais magro, talvez mais magro, é isso que acontece com as pessoas que não comem... eu queria pelo menos tocar o meu rosto pra sentir o que tá acontecendo com ele, como ele tá, mas meus braços não se mexem, parece o dia que eu quebrei... mas eu prefiro parar de olhar pro passado se não eu vou ficar louco e com mais raiva, e na minha situação que nem o olho abre, não dá pra querer muita coisa... tem uma sombra que tá em cima da minha cara, não sei se é a sombra do que tá pra acontecer ou só a luz apagada que a Beata deixou pro Jairo dormir... mas eu não consigo perguntar nada, isso é uma porcaria, além de cego tô quase ficando mudo e não consigo ajudar meu filho, eu

sei que ele ficou pior do que já tava, e que não tem dinheiro pro remédio, eu ouvi, isso sem falar da comida... a última vez que eu abri a boca foi pra comer uma sopa de feijão que a Beata me deu, é verdade... e parece que faz tanto tempo... as dores tão pegando todo o meu corpo, eu nem sei mais dizer onde a dor pega mais, se é nos braços, nas pernas ou na porcaria do joelho.... eu sei que tô pensando mas a cabeça tá solta como prego frouxo, é quase um homem sem cabeça jogado nessa cama... eu não sei o que vai acontecer, nem o que tá acontecendo, a não ser o que falam e eu escuto... hoje a Beata disse alguma coisa... preciso lembrar... talvez foi sobre o padre, um homem que eu não sei se lembro o rosto ou se nunca vi... deve ter sido algo da Paróquia, ela deve ter falado que sujaram a Paróquia, e se eu lembro bem de como é a Paróquia, ela deve tá menos bonita, coisa de vândalo... capaz que eu vá embora e a Paróquia fique aqui, continua sendo linda como é... queria saber, tem coisa que a gente passa a vida querendo saber, é duro... será que eu vou morrer, porque meu corpo não se mexe, ele aperta como limão e o gosto é azedo igual... a gente passa a vida pensando nessa coisa de morte, morrer, e não sabe o que vai acontecer na verdade... mas será que dá pra morrer de fome?... tinham falado que isso tinha acabado, mas não dá pra acreditar em tudo que falam, se não alguém poderia dizer que eu ia voltar a mexer o olho e aí eu poderia acreditar... minha mãe, que saudade, minha mãe... se tivesse aqui, ela ia me ajudar a mexer os braços... a Beata tentou, mas ela também tava ruim dos ossos, não sei como tá agora, ela não é muito de reclamar.. será que eu tento falar com ela... vou tentar... tá doendo... be... be... a... não dá não, eu senti um calor aqui perto de mim, agora ela tá mexendo na minha cara, a mão dela continua a macia, eu nunca vou me perdoar por não ter como tocar nela de volta, dizer pra ela alguma coisa, além das letras do nome... é verdade, eu também acho que nunca vou me perdoar por não ter aceitado aquele emprego e ter me aposentado, mas aí eu taria trabalhando até agora, e agora eu acho que tô morrendo...

ENDEREÇO DESCONHECIDO

E um casebre abarrotado de madeiras podres, cheirando mofo, compondo a escurecida visão um sofá rasgado e torto, os vidros quebrados da janela manchada vazam o cheiro sufocante à rua habitada por mato abandonado, alto e úmido. Abrindo uma lata de sardinha, padre Joaquim cutuca o peixe, não o peixe-dragão, selecionando as partes que colocará garganta abaixo. Deste peixe o espinho não descerá pois o poupa tamanho desgaste. Espreme os olhos fixos ao visor da pequena televisão cujo sinal ondula horizontalmente. Anuncia a legenda: Presidente municipal do PR é suspeito do assassinato de Benedito Ronem. Se há surpresa a Joaquim? Há sim. A conclusão anterior sobre o possível suicídio de Benedito cumpriu os requisitos de veracidade à mente atribulada do fugitivo. Decerto a indignação desceu profunda quanto aos vícios desconhecidos do fiel Benedito, sobretudo envolvido nos cenários da batalha eleitoral. Lembremos: a decepção fora grande aos sabores de Joaquim. Agora, a Polícia apresenta evidências de um assassinato indicando como suspeito o senhor Jair? É demasiado ao entendimento, é um virar a página inesperado. Para quem não permanece no mesmo lugar mais de dois dias, não há material de grandes surpresas, se não a surpresa transmitida ao vivo pela graça do pequeno televisor.

Joaquim largou a barba a crescer, dois dias passados pintou o cabelo de castanho claro, após visitar sorrateiramente uma farmácia arrumando o boné e protegendo os olhos pelas lentes escuras dos óculos. Tendo os óculos escondidos e a sardinha nos dentes, nada protegia-o das notícias. O desemprego no país aumentou sete por cento, Câmara municipal de Torre da Boa Viagem analisa socorro à Vila São José, só falta uma outra notícia, Daquelas notícias maldosas, avaliava: Padre Joaquim é achado vivo, bem vivo, de cabelos tingidos, num casebre abandonado à beira de uma estrada abandonada. Por razões como essa, tem passado os dias migrando como ave desnorreada, pois se até Benedito foi apanhado no pulo e morto está, quem dirá o coro de um padre procurado pela Polícia. E aí tem... desafiava a história a esclarecer o assassinato do ex-fiel, Se foi o presidente do partido, aí tem!, murmura, Só não faz sentido matar o mais votado, mas pode ser inveja, conclui. Se bem que há na Bíblia chamados aos crentes sobre os males da inveja, há também penitências consideráveis sobre os males do furto, da sonegação.

Dar a César o que é de César e dar a padre Joaquim o que é de Padre Joaquim e dar a Armando o que é de Armando e dar aos evangélicos o que é dos evangélicos, ressalva à Vila São José. Não é que Deus quis, observou Joaquim, Mas o juízo do homem não tem limites, onde já se viu matar alguém...

Decerto lhe custou um alívio, que para um homem nômade da lei é essencial peso tirado das costas, o afastamento de Benedito do vício, tão malcriado ao Senhor. Se Joaquim pudesse conversar com Benedito neste momento, diria Saia desse partido, busque outra carreira, antes que morra pela inveja, pelo olho gordo, ou escolha outro partido no qual ninguém pedirá sua vida. A sardinha acabou. Joaquim assustou-se com o abafado barulho de um carro aproximando-se. Encostou a barba no vidro da janela, entortando os olhos para fora. Era apenas um passageiro qualquer, não representa perigo.

Pensando bem, reavaliou, se eu pudesse dar-me um conselho, daria o seguinte: não entrar nesse esquema, desprezar o convite para ser pároco lá, ficar bem longe, estaria com um cheiro bem melhor. É a realidade destas condições despejadas em Joaquim o alerta constante, porém constata a insuficiência das astutas fugas e término gradual do dinheiro: hora ou outra a situação devia acabar, uma viatura o encontraria, ou friamente seria (ele pensou: serei) denunciado pelo oculto observador à espreita, ou acabarão as cédulas na bolsa. Eduardo pode aparecer lutando contra as algemas, mostrando os dentes amarelados e quebrados, gargalhando pelo gosto de encontrar-me neste rústico viver desaparecido, esse infeliz do Eduardo. Ora sobrevirá a chuva, ora sobrevirá a sirene. Jogou a lata da sardinha entre o emaranhado de madeiras fedidas, desconsiderando para efeito próprio o forte cheiro do peixe somado ao odor perceptível de suor do corpo. Tratou de planejar uma medida mais efetiva.

PRAÇA DO PODER MUNICIPAL,
S/N – FORA DA VILA

Menezes tratou de dar os braços aos aliados após abandonar a tribuna, onde entoou um cântico dos vitoriosos ao comemorar o anúncio da Comissão Especial de Auxílio quanto ao parecer negativo, declarando inviável a mobilização do chamado poder público ao socorro da Vila José no envio de cestas básicas, perdão dos impostos, àquele ano, relativos aos imóveis, garantia de um salário mínimo mensal aos moradores, envio de assistência social e medidas outras. Os trabalhos da Comissão arrastaram-se ao longo dos dias expondo os ataques e embates entre Menezes, alguns aliados, e o governo, majoritariamente a favor de medidas cautelares à situação da Vila. Não à toa, as entrevistas de Menezes foram fartas, as chantagens também, resultando na abstenção de quem antes votaria a favor do auxílio.

Deu os braços, sorriu ao assessor e despediu-se do plenário, segurando o tira-paz à orelha pelo caminho ao carro. Alguém atendeu quando ele pôs-se a sentar.

- Oi, querido... – saudoso.
- Boa tarde, Menezes. – anunciou doutro lado.
- Por favor, avise ao Eduardo que vencemos, pra ele ficar tranquilo.
- Certo, ainda hoje estarei com ele e comunico.
- Diga que mando abraços.
- Tá certo.
- Até mais.
- Até.

Encerrou a chamada. Mas esta é apenas a primeira. Deu partida no carro e segurou o volante, arriscando apertar outro número. Chamou, chamou, chamou.

- Menezes, que prazer!
- O prazer é todo meu, meu amigo. – sorriu. O carro percorre a rampa para fora do estacionamento.
- Felicidade, como está?
- Não sei se ficou sabendo, mas conseguimos.
- A comissão?
- Sim, meu caro.

– Deus abençoe! Sabia que tudo daria certo, estava conversando com a minha esposa sobre isso.

– Deu muito trabalho mas deu certo. Agora estamos com o caminho livre.

– Deus abre os caminhos, você é um virtuoso, Menezes.

– Estamos trabalhando juntos.

Passa ao lado do carro um caminhão de carga pesada e incômodo barulho.

– E alguma notícia sobre o decreto?

– Olha – analisou – já tá na mão da prefeita, todo o material, essa questão eu vou cuidar melhor agora.

– Mas já deu o ultimato?

– Claro que sim, imagina que não... Fiz como Eduardo sugeriu e ela disse que iria analisar.

– Mas parece que vai dar certo?

– Sim, mas vou cobrar de forma mais firme.

– Meu amigo, devo te falar que a igreja cresceu muito esses dias, agora com essa questão nas nossas mãos, as pessoas vão procurar a gente... – comemorou, satisfeito.

– Eu sei bem, por isso trabalhamos assim... Vamos tomar por completo.

– Você sabe quem é novo pároco?

– Sei sim, mas não apresenta nenhum perigo. É jovem nessa atividade religiosa, e também caiu de acidente.

– Fiquei sabendo que a Paróquia diminuiu as atividades... é certo isso?

– É certo. Isso é oficial.

– Boa notícia... – refletiu.

– Meu amigo, estou chegando para almoçar, depois nos falamos.

– Se falar com Eduardo, diga que mandei um abraço... – pausou – Fale: Adelmo sente sua falta.

– Tá certo... – riu Menezes – até mais.

– Amém, Menezes. Bom almoço.

Desligou o telefonema. Menezes enquadrou o carro na manobra, descansou o veículo, abriu a porta, saiu e pulou ao restaurante. Cumprimentou o recepcionista, Mesa para dois por favor, Certo, senhor, vou providenciar.

RUA NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO
SOCORRO, 279 – FORA DA VILA

Dividem o espaço do granito um prato ocupado por um pedaço de pudim e uma maçã mordida. A xícara de café deixou-se de lado, o café parecia amargo. Cristina passava os olhos analíticos por um papel branco, esmiuçando sílaba por sílaba e desejando fazer descer o resto do café à boca. Cristina preferiu ignorar de pronto o conteúdo ali reunido, impresso impessoal à tinta da impressora, seja qual for a impressora. Só pode ser brincadeira, riu lateralmente pelos lábios trêmulos. Por isso os pés ficaram presos, fixados no ponto onde se encontra. Os ruídos externos ressoavam de largo aos ouvidos, correntes como água ignorada, somando ao universo paralelo a televisão ligada à sala, aos fantasmas da existência, estes interessados nos infortúnios da vida humana. Imaginou apanhar o tira-paz e soltar o peixe-dragão ao chefe, imaginou ligar aos filhos e comunicar-lhes o perigo recebido, imaginou correr ao porteiro do apartamento em busca de respostas à chegada verbal em suas mãos. Mas, provável, o porteiro concederia somente duas ou três palavras de consolo e inconsistência. Repetiu ao próprio ser, inquieta entre a ramificação do levar a sério e do rir ao mundo da piada dirigida. As ramificações assustam-nos diariamente, destas matérias sabemos bem o profundo abismo, pelos quais passamos na iminência e eminência da urgente escolha: é preciso saber agora, é preciso escolher agora, é preciso agir agora. É preciso tomar agora uma decisão certa para encaminhar as energias de ação ao caminho decidido. Cristina revirou o papel.

“Cristina, não insista em levar adiante seu papel na morte de Benedito. Estamos de olho em você e não custará um minuto para atacar. E você não vai mais fazer nada, simplesmente nada. Fique esperta”.

E Cristina estava esperta, dando espaço demasiado ao pulo do desespero aflorar à frente das decisões. Pelo tom da ameaça descrita, em função de sua atividade, dantes doutras categorias, laboral, é obrigação da corporação à qual trabalha tomar ciência do caso e, por conseguinte, atitudes necessárias ao tratamento. embora sabê-lo não enviará o desespero. Isso é o melhor a ser feito mesmo. Descolou os pés da pressão, pulou à sala, ao ligeiro movimento de caça pelo tira-paz. Nessas horas essa coisa sempre

some, irritou-se. Por baixo das almofadas, escondido atrás do sofá... não. Talvez dentro do armário... não. No banheiro! Meteu-se a verificar. Lá estava, na pia. Esqueceu-o ali. Retornou à sala, controlando os dedos na tela do aparelho. Apertou firme um número. Encostou o tira-paz na orelha, evitando mexer os olhos ou calcular, ademais, ramificações contrárias à decisão tomada. A indecisão atrapalha. Alguém atendeu.

– Cristina, pode falar.

– Oi... chefe... – gaguejou.

– Aconteceu alguma coisa? – estranhou.

– Sim. – firmou-se. – Recebi hoje aqui em casa, não sei como nem por quem, uma carta me ameaçando.

Breve silêncio.

– Ameaçando? – irritou-se, boquiaberto.

– Sim. – apertou os olhos.

– Olha... – bufou – Não é uma surpresa, mas ainda bem que ligou. Não podia deixar isso passar. Me traga a carta e tomaremos providências...

– Eu não...

– Eu mando uma viatura buscar você.

– Não sei por que isso aconteceu... – a agonia trouxe lágrimas.

– Estamos mexendo com gente difícil, Cristina, mas vamos passar por cima.

– Tá certo...

– Vou mandar já a viatura. Fique aí.

– Certo. – temeu.

O chefe encerrou a ligação. Cristina soltou o tira-paz no sofá, desmontando gradualmente a postura ao encosto macio do assento. Puxou o cabelo para trás, levando as mãos da testa à nuca. Olhos arregalados. Silêncio... A campainha tocou. Cristina direcionou o olhar abruptamente à porta, ao relance. As mãos suavam.

RODOVIA PRESIDENTE CÉSAR BARRO – FORA DA VILA

nvadia pelo vão aberto o vultuoso vento contra o carro em movimento. Tocou o tira-paz umas três vezes. Tateou a bolsa amparada no banco ao lado com a mão direita, preservando o firme olhar à estrada e o braço ocupado ao volante, impaciente com o súbito sumiço do aparelho, motivado pela impaciência doutros pedaços. Achou o aparelho, apertou o recebimento da chamada.

– Fala, meu amigo. – avesso aos sorrisos.

– Fala, meu consagrado... – cumprimentou-o, próximo à plena satisfação doutro lado da linha – Como está?

– Pergunta difícil... Espera um pouco. – apoiou o tira-paz no ombro, pressionando o fechamento do vidro – Pronto, o vidro estava me incomodando aqui... Então, estou muito aliviado.

– Não é pra menos, meu companheiro... – tom amistoso, prolongando a duração das palavras – A notícia foi boa, deu tudo certo. Eles suspeitam do cara certo.

– Tirou um peso das minhas costas. Agora é esperar formalizar tudo isso.

– Mas vai sim, estamos no caminho certo. Você deu o susto naquela lá?

– Sim. Foi feito.

– Melhor ainda, assim a coisa fica mais acertada.

– Quem sabe... obrigado pela parceria.

– Imagina, à disposição... – pausou – E o que você tá fazendo fechando o vidro? Tá no carro... parece pelo barulho.

– Sim.

– Para onde vai, meu queridão?

– Indo embora.

Silêncio. Uma risada despontou.

– Não acredito... – preservou a risada – Mas para onde?

– Você não ficou sabendo, então?

– Não, hoje é minha folga, além disso não me liguei no mundo ainda...

– Sorte a sua, é melhor não se ligar. – soou uma risada irônica – Saiu a denúncia formal do ministério público por conta daqueles esquemas lá.

VICTHOR FABIANO

- Meu amigo... - lamentou - Sinto muito.
- Silêncio.
- Pois é. - torceu o nariz.
- Mas era na cara, ele apresentou todos os documentos. Esse tipo de esquema é fácil de desvendar.
- Sei... Ele se preparou bem pra fazer o que fez. - irritou-se - Resta dar o pé.
- Para onde?
- Eu não vou te falar, se liga. - adiantou a advertência.
- É... - impressionou-se - Fica em paz, não precisa falar nada. Mas se tá comigo, tá com Deus. Espero que dê tudo certo.
- Digo o mesmo. Vamos nos falando.
- Vamos sim...
- Agora deixa eu desligar porque dirigir falando no celular é complicado... A gente se atualiza.
- Claro, precisando, sabe onde estou.
- Certo, até mais.
- Até mais.
- Encerrou-se o telefonema.

RUA PADRE RAIMUNDO CORRÊA
SORTES ASSUNÇÃO RONEM, 21

Foi uma noite silenciosa. Às nove horas da manhã, Beata despertou do turbulento sono, calçando os chinelos e perambulando às dores à cozinha, enchendo um copo de água para molhar a boca ressecada e o estômago borbulhante a reclamar. Apertando os olhos pelo sono recém dispensado, custou para retornar à cama, esforçando as pernas pelo curto caminho a trilhar. Cumpriu o rito costumeiro, assentando-se à ponta da cama para tocar na flácida pele de Jozimas, cutucando a perna do marido. Jozimas estava gélido, inerte. Beata somou à dor um repentino susto, percorrendo as mãos à testa do velho. Não expirava ar, a boca tão seca quanto a sua ao levantar, os músculos inexistentes. Beata sentiu ausentes os batimentos do coração. As lágrimas anunciaram: Jozimas está morto. Jairo despertou pelos clamores expelidos por Beata aos pés da cama, abraçando com os braços enrijecidos o corpo do falecido companheiro. É notória a força cavada por Beata para despedir-se tardiamente de Jozimas. Jozimas foi embora, Jozimas me deixou, traz ele de volta...

Jairo acudiu a mãe, conflitando a razão e a emoção uma guerra frontal: oferecer os braços à mão ou lágrimas adicionais ao lamento. Segurou os olhos e fechou o úmido caminho, obstruindo as vias da emoção. Beata largou o corpo de Jozimas e lançou aos braços do filho, não cabendo ao rosto o volume do pranto. Ao sentir-se sofrível somaram-se as memórias de suas vidas, as experiências do noviço casamento, as despedidas e reencontros, os presentes trocados, os auxílios mútuos, as orações de Beata ao marido, o nascimento de Jairo, a falta da comida, o último suspiro dele recordado.

Não foi a comida que levou Jozimas, não foi um prato de comida que levou Jozimas, foi a falta da comida que levou Jozimas. Beata, na profundida de sua dor, teme também ser levada pela fome. Jairo teme ser levado pela fome. E Jozimas é mais um que sentiu o peso dela. Jairo pensou correr à Paróquia, pedir socorro ao Padre. Entre soluções, Beata aconselhou que não. Ele já morreu, filho, não adianta nada... Não faz diferença se ele morreu aos pés do Senhor, se ele morreu cantando louvor, se ele morreu rezando Ave Maria. Ele morreu e não se sabe para onde foi, se foi ou voltará, todavia sabe-se que morreu e sua ausência jamais se preencherá.

Custou a Jairo conseguir erguer a mãe fisicamente, acomodando-a à cadeira da cozinha, deixando Jozimas descansar por alguns tempos a mais. É duro pensar em questões

da burocracia fúnebre, porém o corpo exige uma atitude que, tardando ou adiantando, haverá de concretizar-se. Tratou de tocar o rosto da mãe, questioná-la com a carga de cuidado apurada, secando as lágrimas correntes.

– Mãe – a olhou nos olhos – o pai vai ficar melhor lá no céu.

Beata espremeu o semblante, admirando a postura cuidadosa do filho.

– Filho... – soluçou – alguém podia ter ajudado a gente...

– Mãe – respirou – agora somos só nós dois. E a gente precisa dar ao pai algum destino...

Beata desandou noutro choro.

– Não sei o que fazer... – desesperou-se – Não temos dinheiro...

– Podemos pedir ajuda ao padre, talvez... – aludiu, caçando demais possibilidades.

– Não sei. – lamentou, coçando os olhos. – Jairo, ele te amava tanto...

– Eu sei, mãe, o pai sempre foi cuidadoso.

– Por que a gente teve que passar por isso? – murmurou pelo espaço restante em meio às lágrimas.

– Não sei, mãe, Deus sabe.

Beata consentiu à ausência de ramificações. A dor estendia-se por todos os caminhos alheios à decisão.

– Agora Jozimas pode... – soluços doloridos – agora Jozimas depois de tanto sofrimento vai ter com Deus...

– Essa vida é uma desgraça, mãe, mas a gente ficou com ele e fez o que deu.

– Eu só queria ele de volta... – fungou.

– Eu vou falar com o Padre.

– Não, filho, não precisa.

– Pelo menos avisar...

Beata o encarou. As pálpebras tremulavam.

– Filho, a gente não vai se humilhar mais...

Jairo dirigiu o olhar ao quarto, por segundos. Beata curvou a cabeça, pressionando o rosto.

– Nunca vou esquecer do dia que ele me disse: vai ficar tudo bem, vamos sair dessa situação... – murmurou – Por que ele foi assim? Com fome? – irrompeu às lágrimas.

Jairo perdeu-se no olhar.

– A gente vai sair dessa ainda, acredita em mim, mãe.

– Filho – lutou contra o espinho do peixe à garganta – a gente vai também, daqui a pouco...

– Não pensa nisso, a gente vai conseguir ajuda.

– Deus te ouça, filho, eu não quero morrer assim... – balançou a cabeça em negação, sentindo o peso das gotas.

– Eu não vou deixar a senhora morrer. – firmou o olhar ao rosto da mãe.

Beata o abraçou e deixou escorrer pelas costas de Jairo os pingos do choro. Jairo apertou o cansado corpo da mãe, aceitando o pedido dos olhos de lamentar a morte do pai. Uniam-se na ausência da perda. Na saudade de Jozimas, que não acordou.

Ana abarrotou as últimas peças amassadas de roupa no interior da mala vermelha. Era uma mala de viagem qualquer, a diferença nesta ocasião é o potencial de locomoção que ela abriga: a professora deixará a Vila àquela tarde. Aproveitou, de antemão, a ausência da irmã, atarefada nos fazeres religiosos, para finalizar o requerido itinerário da mudança. Amparou os braços à cintura, ofegante pelo cansaço, estudando a disposição das roupas deitadas sobre o anterior vácuo profundo. Está perfeito, definiu, tomando as medidas necessárias ao cuidado do dedo indicador, machucado noutro dia ao cortar um abacaxi doado pela igreja. Fechou-a pelo zíper, agarrando a alça e pondo-a ao passeio pelas rodinhas. Foi até a sala, encostou a mala ao lado do sofá e aguardou a irmã chegar. Anunciaria a hora da despedida. Jacileide, desenhou Ana, terá de abraçar os costumeiros discursos proferidos ao longo dos últimos dias, questionando a irmã sobre os porquês de sua ida, ao comentário responderá Ana similar explicação oferecida dezenas falas seguidas: estou indo para trabalhar, é uma questão técnica, a escola vai fechar e o municipal está transferindo a gente...

Não bastou, não bastará, ineficaz fora explicar, ineficaz será retorquir solenemente. Ana decidiu, avaliou criteriosa, sairá da Vila, já combinou a carona amiga, em direção ao centro da cidade, em direção à residência próxima à instituição de ensino onde será docente. Tal doloroso fora o processo, os percursos propriamente específicos do caminho até acá esmiuçaram-se conflituosamente; a diretora, senhora conhecida por nós, teimou a acatar o pedido do município quanto ao fechamento, socorreu à Paróquia, a Paróquia sentiu muito, Pois não há nada a ser feito; a senhora diretora conversou com os pais das crianças ausentes, fez reuniões pedindo às crianças permanecerem, Mas sem comida não tem como, senhora diretora, nossas crianças vão morrer aqui na Vila. A diretora abriu mão. Comunicou aos professores a confirmação do burburinho e deixou de aparecer à cadeira de sua sala. Os percursos propriamente ditos cansaram as paciências, os desejos e os limites. Ana recordou um a um os percalços, abrindo mão de insistir compreensão à irmã. E eis a sua chegada.

– O que tá fazendo aqui, parada? – abriu a porta.

– Oi pra você também.

VICTHOR FABIANO

- Oi, Ana. – sentou-se ao lado da irmã, jogando a chave no chão.
- Você vai mesmo embora? – olho de relance a mala.
- Vou.
- Você vai ficar sozinha lá?
- Já te disse que não estarei sozinha...
- Você só mente. – virou os olhos.
- Como assim? – zangou-se – Olha, Jaci, eu não vou discutir de novo. Te disse a determinação, não vou perder meu cargo pra ficar aqui dependendo de igreja. Todo mundo tá indo embora...
- É melhor com Deus do que sem Deus.
- Ana irritou-se pela blasfêmia proferida pela irmã Jacileide.
- Eu vou cuidar da minha vida, Jaci. Esse assunto está desgastado. Se quiser se despedir, estou indo. – levantou-se, agarrando a alça da bolsa e mordendo os cantos da boca ao encarar a irmã.
- Então vai. – Jacileide repetiu o levantar-se da irmã, contudo forçou as pernas à cozinha, abandonando Ana ali.
- Girou a mala, endereçou-se à porta, abriu-a. Fechou-a por fora, avançou à rua. Ana caminhou por alguns minutos rumo à casa da carona amiga. Aguardavam-na. Adentraram ao carro e partiram. Jacileide chorou.

RUA PADRE RAIMUNDO CORRÊA
SORTES ASSUNÇÃO RONEM, 21

Jairo remexeu profundamente as terras do quintal. Passou as horas da tarde concentrado no trabalho inesperado e cansativo, alternando a obrigação às visitas ao quarto, a observar a mãe sonolenta estirada ao lado do corpo de Jozimas, já corpo, não mais vivo, já passado, não mais futuro, já ausente, não mais presente. É a saúde de Jozimas o elixir de adormecimento de Beata, o corpo fraco ignora as respostas exigidas pelas coordenações motoras, os estímulos pinçados pelos olhos inchados. Beata agarrou o terço entre os dedos e adormeceu. Correm à pele de Jairo, substituindo as grossas gotas das lágrimas, o suor encharcado. Os pássaros foram dormir. Os vizinhos, os remanescentes, sequer acordaram, a madrugada escurecia a noite. Jairo passou um pano à testa, apoiando as mãos na pia. Fria madrugada, de vento ligeiro e avesso à luz. Curvou a cabeça. Apertaram os olhos assados pelo dia. Passeou pela cozinha um vento tímido, percorrendo as pernas de Jairo e levando consigo pequenos vestígios da terra escura. Cobrava-lhe a brisa uma atitude. O relógio anunciava a chegada, a hora em questão. Esperar assumiu caráter covarde, desumano, fora de mérito. Pinicavam os atritos das verdes folhas às árvores. Apertou os dedos contra a dureza da pia, enrijecendo os músculos do corpo e comprimindo os olhos. Segurou-se em pé, tremendo as pernas dantes alentadas pelo passeio molecular. A cova tá pronta... a cova tá pronta. Fechou os olhos e foi ao quarto.

Fechou os dentes, a boca e os sentidos. Aproximou-se da mãe, encostando cuidadosamente os dedos ao rosto. Beata assustou, abrindo os olhos. Jairo sinalizou uma convocação. Beata engoliu em seco, apertou o terço entre os dedos e ancorou o corpo com os braços à cama, erguendo-se. Jairo contornou a cama, esticou os braços abaixo do corpo do pai, sentindo a ausência do peso, o sumiço dos fardos, o esvaziamento das cargas de esperança, o vazio do estômago, a ida do pai. Garantiu-o em seus braços, esforçando os pés para o quintal. Abriu a porta da cozinha com o pé, apresentando Jozimas à madrugada. Beata o acompanhou, arrastando as pernas, secando os olhos à ânsia do desconsolo. Jairo curvou as costas, deitando o pai ao longo do leito escavado às últimas horas do dia. Beata assentiu o gesto do filho, beijando o terço e avançando dois passos à cova. Forçou a mão ao chão de terra, alicerçando-se para fincar um joelho, em seguida o

VICTHOR FABIANO

outro. Joelhos defronte a Jozimas. Estendeu o braço, repousando o terço acima do peito imóvel do falecido. Beata o beijou à testa, apartando-se detidamente, ao precipitar tempestuoso das lágrimas. Lágrimas, lágrimas, lágrimas. Jairo arrastou o braço pelos olhos, fungando a respiração tapada. Beata o acenou à concretização. Jairo apanhou a pá, reuniu umas terras à ferramenta e lançou sobre o pai. Lançou sobre o pai mais um pouco, terra ao rosto, ao peito, cortando o véu do tempo e encerrando a passagem de Jozimas pelas ramificações do destino, pela terra. Insistiu ao perceber a inexistência de terra às sobras. A inexistência de visão sobre Jozimas. Beata resmungou a incredulidade, machucando as mãos contra o chão escurecido pela penumbra da noite, batendo-as. Jairo jogou a pá em qualquer canto, correndo a abraçar a mãe pelas costas, segurando-a pelos braços; Beata desmaiou.

PRAÇA DOM JOSÉ DE
ASSUNÇÃO RONEM, S/N

Padre Cristiano Quitério conquistou há pouco a honra de ter com o Bispo, graças a Deus, ouvindo-o ao tira-paz a garantir a transferência do pároco ainda àquele mês. Padre Cristiano Quitério deseja fugir da Vila São José como o diabo foge da cruz, quiçá o diabo não tenha se beneficiado com esquemas de faturamento em contratos para a impressão dos jornais institucionais de uma certa Paróquia à qual ocupa a cadeira principal a esta altura do desenrolar. Anunciou o jornal, todos os jornais sobre os quais carregamos o conhecimento: Armando Ronem e Padre Joaquim foram acusados pelo Ministério Público por corrupção, cada qual em suas tipificações específicas. Padre Cristiano Quitério, boquiaberto, desejou saber dos lábios do Bispo a totalidade da história, impressionou-o o fato de ser levado ao lugar onde teria de lidar com telefonemas da imprensa interpellando-o acerca dos contratos fraudulentos celebrados no antigo período por Armando, por meio de sua gráfica (embora fosse do finado Benedito outrora), e Padre Joaquim, às impressões superfaturadas dos materiais jornalísticos. Ninguém o avisou, o vigário meteu-se no hospital, o Bispo escondeu-se. Sobrou ao noviço pároco. Colava-se ao vergonhoso anúncio da formalização da denúncia contra os anteriores seres citados, adicional denúncia direcionada pelo Ministério público contra o senhor presidente municipal do Partido da República, ufa!, Jair de Abreu Socorro, selando-o acusado pelo assassinato de Benedito Ronem, homem morto pelas mãos do mandante. Quem diria, que confusão...

Esfriou o café e a Bíblia à mesa. A imagem de São José esconde-se no altar, friamente abandonada pelas velas apagadas. Ao lado do jornal lido, um caderno de anotações. Cristiano Quitério remexeu as folhas, anotando um lembrete: dia vinte e cinco de abril, aniversário de Dom José de Assunção. Diz respeito ao calendário oficial da Paróquia, responsabilidade de ciência paroquial, devendo celebrar a missa especialmente à festividade e memória do fundador, pela historiografia local, da Vila São José, concomitante ao aniversário da Paróquia. Assomou ao lembrete o receio da insuficiência quanto aos fiéis: nas últimas missas, três ou quatro católicos acomodaram-se nos bancos, fecharam os olhos e rezaram as preces entoadas. Pela Praça não passava ninguém, sequer os cães procuram alimentos pelos cantos. Visitou umas quatro casas, entretanto cessou-as

VICTHOR FABIANO

por perceber-se incapaz, de mãos atadas, ao essencial problema da situação. Ministrando uma missa por semana, Padre Cristiano Quitério ocupava-se das análises discursivas e analíticas dos jornais. Há dias o tira-paz silenciou-se. Mas hoje tocou. Cristiano Quitério pulou no susto da sirene. Tropeçou a mão no auscultador.

– Padre Cristiano Quitério, quem fala?

– Oi, padre. Aqui é Mendonça de Menezes...

PRAÇA DO PODER MUNICIPAL,
S/N – FORA DA VILA

Julia assinou ao anoitecer. Publicou-se logo pela manhã, nas páginas do Diário Oficial do município, a medida que alterou o nome do distrito, dantes conhecido por Vila São José de Assunção, aos tempos a partir de hoje chamar-se-á Vila Nova Jerusalém. Julia engoliu o espinho do peixe e foi-se. Coisa de Menezes, apreciando as letrinhas minúsculas que concretizavam o ato, esquentando a cadeira no gabinete à espera do café quente oferecido pelo serviço da Câmara municipal. É um sorriso no rosto e outro no currículo das filiações políticas. Ensaiou pouco, sabia bem o afazer, conhecia bem o orgulho do plano. Apanhou o celular e meteu-se a ligar. Pastor Adelmo atendeu doutro lado.

– Fala, Menezes!

– Meu amigo, saiu hoje... – deixou no ar, esboçando os dentes à mostra.

– No diário oficial?... – recebeu o presente, comemorando na sala de sua casa.

– Sim, meu amigo.

– Glória a Deus, meu amigo, que honra! – dá para ouvir as comemorações entre os dentes.

Pausou o telefonema deliberadamente por alguns segundos, empregados aos avisos à esposa sobre o ocorrido.

– Nossa vitória até aqui tem sido grande... – comentou Menezes.

– Não posso acreditar, só Deus pode fazer uma coisa dessas, meu irmão... – abafou o som da voz. A esposa comemorou ao fundo: amém, amém!

– Minha articulação deu certo, ela provavelmente assinou ontem e hoje já saiu.

– Sem palavras, minha emoção não cabe no coração... – respirou – Você não sabe há quantos anos sonho com esse momento. Igreja cheia, nome transformado... tudo junto...

– É, é um trabalho contínuo desde a eleição. Contamos com a ajuda do Eduardo – avaliou – na derrubada dessa gente aí, agora é só colher os frutos.

– Deixa te falar – observou – o número de fiéis só aumenta. É impressionante.

– Estamos no caminho certo. E com essa corja longe, Armando e companhia, temos mais espaço.

VICTHOR FABIANO

– Agora precisamos pressionar pra mudança das ruas e da Praça. Vamos à imprensa falar sobre a mudança, o que acha? – adiantou a pauta.

– Vamos com certeza... – definiu – Sobre as outras mudanças, tudo vai acontecer no tempo certo. Nem que seja pelo mesmo caminho, mas vai acontecer.

– Você já está com os documentos? – interpelou.

– Na minha mão... – riu, malicioso – Depois te falo pessoalmente os pormenores, mas é quente como uma tocha.

– Tudo explicado?

– Tudo explicadinho, centavo por centavo. O advogado do Eduardo que me entregou.

– Perfeito. Temos essa na manga, então.

– Temos. Por isso garanto que vamos conseguir tudo.

– Amém.

– Vou voltar a trabalhar, meu amigo.

– Fica com Deus, Menezes. Até mais.

– Até mais.

Menezes findou a ligação. Aproximou-se de si uma pasta recheada por papéis, deitada à mesa. Sorriu. Inscrevia-se à capa: Para Menezes, documentos importantes.

PRAÇA DOM JOSÉ DE ASSUNÇÃO RONEM, S/N

Recebeu a Paróquia um comunicado da Divisão de Organização Urbana acerca da decisão de mudança do nome oficial do distrito. À Vila Nova Jerusalém as placas ultrapassadas, noutra época anunciando Vila São José de Assunção, arrancavam os funcionários da prefeitura, pressionados por Menezes, seu gabinete e aliados, Vão, logo, precisamos dessa mudança já! A pressa é inimiga da perfeição, dizem os sábios antigos.

Padre Cristiano Quitério encarou o documento por alguns segundos, dividindo o tempo precioso para a arrumação a batina à missa, lançando posteriormente o comunicado à cama e fechando a porta do quarto, apressando-se à missa de celebração do aniversário da fundação da Paróquia. Atentava contra a estabilidade do padre uma fina dor à cabeça, ocupando a testa e estendendo-se à nuca, refletindo os raios do incômodo. A batina apertava-o nos punhos. Encaminhou-se à igreja, lá aguardavam sua presença seis fiéis, dentre eles Jairo e Dona Beata, pálidos e inertes. Anunciou um trovão aos céus: cairá chuva.

Cumprimentou à distância os presentes, apressando-se às arrumações necessárias ao momento. Percebeu nos olhos dos fiéis uma medida de esperança quanto à celebração do aniversário, um renascimento recôndito meio à imersão das ausências aprofundadas pelo buraco cavado na Vila. Inaugurou os trabalhos religiosos.

Perdurou a missa, o sermão do padre traduz-se aos seguintes modos: (...) celebraremos a memória de Dom José pelo seu trabalho contínuo à construção de uma comunidade católica de fé, de um seminário cujas obras são perceptíveis, deixando na memória de nossa Vila a mensagem de esperança cravada na imagem do nosso Senhor Jesus, pela intercessão de Maria e a bondade de São José, o santo trabalhador, pioneiro na condução da alma humana ao trabalho divino, à obediência e ao empenho do suor. Pergunto aos irmãos: do que adianta fazer-se notado, tomar o poder político, se ao coração ausentes estão os sentimentos de perdão, de amor ao próximo, de firmeza na palavra de Deus? É em vão qualquer esforço. Nosso Senhor nos chamou à fé, mas a fé muitas vezes exige força, resistência perante o medo. É isto que precisamos hoje. Relembrando, certamente, a memória de São José e seu mais notável devoto,

Dom José de Assunção”. Terminou o falatório. Prosseguiu e terminou a Missa. E começou a chuva, batendo firme na terra e no gramado da Praça.

Padre Cristiano Quitério saudou os fiéis, concedendo um especial abraço à Beata, tocando-lhe cuidadoso.

– Padre, o senhor é uma bênção para a Vila... – sussurrou ao pé do ouvido.

Assustou-o a carga da opinião.

– Amém, Beata... – sinalizou desfazer o abraço – Meu coração está alegre por ter você e Jairo aqui na Paróquia.

Jairo o observava, amorfo. Olhos inchados e rosto marcado pela insônia.

– Padre – arriscou a voz, tremendo os olhos – meu pai morreu.

Beata murchou os olhos ao filho, inquietando-se pela oração inconcebível à ocasião da missa e aos ouvidos machucados. Como ele pode ter coragem pra tocar nesse assunto?... Incrédula, balbuciou palavras perdidas ao padre. Cristiano Quitério arregalou os olhos, perdido no meio da frase de Jairo.

– Morreu? – repetiu, ecoando a última palavra proferida pelo filho cujo pai morreu. Beata liberou-se ao choro. Ecoou, ecoou.

Tremeu as colunas da igreja o estrondo dum trovão, exigindo a atenção dos fiéis já paralisados à porta da igreja na esperança do término da chuva. Todavia, somou-se ao estrondo o retorno desesperado dos espectadores ao interior da igreja, correndo à proteção do padre, desistindo rapidamente de aguardar o fim da chuva lá na porta, alegando que a força do estrondo avultou-se às pedras lançadas contra a fachada da Paróquia, para além do trovão.

Beata sobressaltou-se, escutando à espreita os fiéis acalorados alertarem o padre, recebendo as queixas alheio às reações iminentes. Ele não sabia como mover-se, os pés paralisaram-se. Beata esticou as pernas, ao contrário do padre, ensaiando maratona, numa debandada irrompe às escadas da Paróquia, aos gritos: saiam daqui! Saiam!, entretanto a voz lhe é rouca, abstraída, e os apedrejadores a ignoram. Jairo disparou-se aos galopes em busca da mãe. Compõe o grupo reunido a conhecida Judite.

Beata, descontente, desceu as escadas escorregadias e ameaçou afastá-los, seguida por Jairo. Intensificam-se as pedras e as gritarias. Pedras e pedras. Martela à cabeça de Beata uma delas, de pronto cavando o espaço ao sangue, o caminho para avançar além da pele, chocando contra o corpo em queda três outras pedras decisivas. O sangue de Beata escorre mistificado pelo correr da água gélida da chuva. A respiração vai falhando. Correm em retirada os donos das pedras. Padre Cristiano Quitério corporifica o medo e a dureza das pedras, pesando nos olhos a cena passada como uma fita de história repelente. Jairo, agarrando Beata, tomou o corpo da mãe no colo, caindo sobre a inconsciente cabeça de Beata o choro do filho, uma nova chuva a precipitar. Padre Quitério desprende os pés do chão, metendo-se na chuva em busca dos fiéis machucados, Beata à vida, Jairo à emoção. Encostou os dedos no pescoço da senhora, aturdido pela possível constatação.

Beata morreu.

IGREJA DA VILA

Ao lance de um olhar, o pároco, infeliz, comunicou Jairo sobre o insólito saber. Jairo a apertou nos braços, beijando as bochechas. Já não se sabe mais qual é a lágrima, qual é a chuva. Já não se sabe onde está o peixe-dragão, contudo arriscamos dizê-lo vitorioso; arriscamos que seja, por fim, o soldado cujo êxito vê-se para além das bocas, tomando o planeta para si, aos seus gostos e caprichos, rendendo vidas para si como numa loteria de fim do mundo.

Padre Cristiano Quitério auxiliou Jairo à elevação de Beata à altura dos braços, erguendo-a. Os dois a carregavam, estirada pelo leito tencionado dos braços, avançando em romaria no além-praça sob a bênção da tempestade. Jairo chorando. O Padre comprimindo os lábios. Os irmãos na fé de Beata seguem seu corpo sendo cortejado, pois não houve outra opção à fatalidade das pedras, irradiando a prece pronunciada pelo Padre, Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.... Partem, despedaçados, em direção à saída da Vila Nova Jerusalém.

IGREJA DA VILA

A Augusto, meu amado

Engraçado escrever a ti de tão longe, afastado dos teus olhos, dos teus toques, temendo o desconhecido do qual protegeu-me tão bem. Por outro lado, preservo o costume das cartas pela felicidade de receber as tuas. Não imagina o quanto alegrou meu coração e meu dia receber uma lembrança tua.

Estar longe da Vila e do país deu-me impressões distintas sobre a vida, sobre os corredos, sobre você. Não, nada capaz de mudar o amor que sinto por ti, sobretudo agora ao peso da saudade. Porém, observar os acontecimentos de fora oferece novos olhos. Quero pedir desculpas, meu anjo, já que sou eu o arcanjo, por ignorar teus pedidos por conversas mais profundas, sobre assuntos inviáveis à minha estadia na Vila. As paredes do Seminário cercavam nossa privacidade, bem como as tentativas de reuniões mais íntimas... risos. Sabe perfeitamente sobre qual assunto falo.

E então a saudade apenas cresce. Assustou-me a informação escrita por ti, aqui certamente não foi notícia, predizendo a realidade da distância como uma faca no estômago. Lamento profundamente a perda de Joaquim, sei das proximidades nutridas por você, e por vocês do Seminário, pelo padre. Soube de sua fuga, mas saber que foi achado morto, como num suicídio, infelizmente me assusta, contudo a impressão encaixa-se na gravidade dos recentes acontecimentos revelados. Sabe, eu nunca pude aconselhar Padre Joaquim, ele a todo momento restituía a si pose de sabichão, mas teria feito o aviso ou a recomendação. Uma hora ou outra viria à tona.

Falei no início sobre as conversas limitadas pelas paredes, e tenho em mim uma justificativa à medida certa aos mistérios, apelidados por ti de “mistérios de estado”. E realmente eram, meu amor. Preferi deixá-lo à margem disso e economizar o perigo de ouvi-los algum sujeito qualquer oportunista. Era muita coisa em jogo. Resumirei a você na certeza de que estará seguro o meu relato. E não começarei outro parágrafo... me desculpe (risos de novo). Lembra aquele dia que estive ausente? Não estive com outro seminarista... (risos e mais risos). Conversava com Benedito Ronem, e isso à época me deixou assustado. Mas eu fui. O homem

estava assustado, com muito medo, do que a eleição poderia fazer. Não esclareceu por inteira a situação, contudo disse ter medo, principalmente porque (e agora vem o perigo) desconfiava de seu irmão, Armando. Você sabe do que estou falando, por isso causou tamanho susto às pessoas em geral a decisão de Eduardo prestar depoimento em troca de um acordo com a polícia para denunciar a verdadeira versão da morte de Benedito. Aquela noite, Benedito pediu meu apoio, sabendo, segundo o dito por ele próprio, para redigir um dossiê sobre os casos do irmão com a esposa de Eduardo. Benedito foi além: pediu para que, na madrugada pós-eleição, eu desse um jeito de entregar o material ao conhecimento de Eduardo. Isso explica por que fiquei ausente àquela semana? Sei que senti saudades de mim... (risos carinhosos). Coisa séria. Mas eu aceitei.

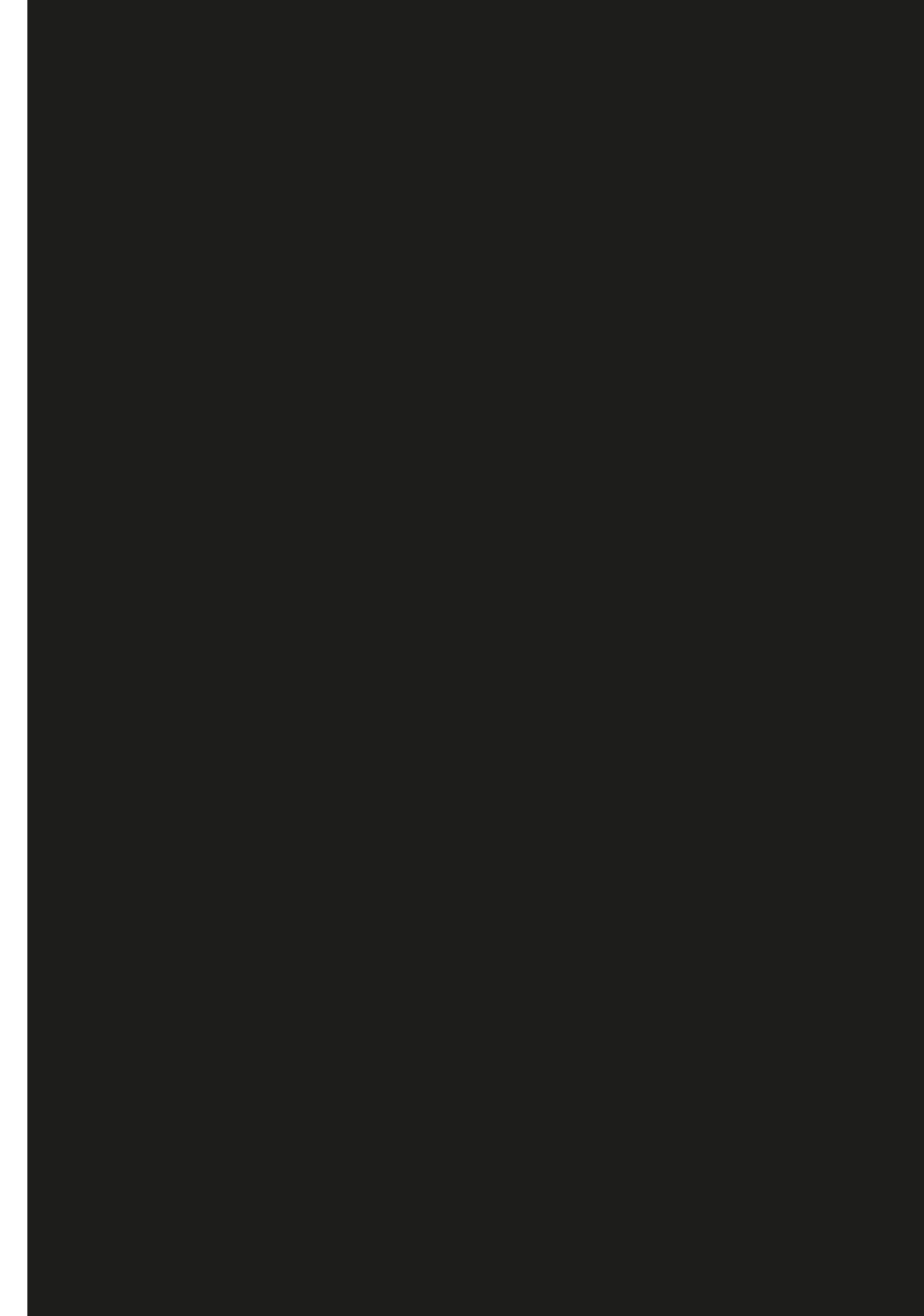
Desconheço o caminho que foi capaz de levar Benedito à desconfiança. Penso às vezes que tenha visto de perto, para sua infelicidade, o irmão tramar contra ele. O susto é saber que um ex-funcionário da gráfica dos Ronem foi o contratado para matar o falecido, até porque colocou-se um, ao considerado passado, homem comum na cena de um crime político, e Eduardo conhecer a cereja do bolo para as investigações é ainda mais surpreendente, porque demonstra o planejamento de Armando para executar o irmão, quando ele e o empresário nutriam relações de amor... (risos). Quebrei muitas peças na cabeça para entender todo o processo. O homem e a família fugiram para fora da Vila, bem antes de Armando, mas quem conseguirá se safar por considerável tempo é Armando, enfiando-se em algum buraco. Porém, agora vejo todo o desenrolar das coisas apenas como mero observador distante, após percorrer o caminho do perigo com os meus próprios pés.

Meu amor, essa história é longa. Mas hoje, conforme deixei a pista no começo da carta, consigo enxergar melhor a situação. Benedito sabia dos planos do irmão para assassiná-lo, o medo do irmão de perder espaço na política com a derrota. Assim, ele assumiria a liderança do nome da família no partido e na política. Porém, estamos certos agora, o tiro saiu como inesperado. Dediquei muito trabalho a essa “parceria” com Benedito, ele conseguiu me convencer à época do risco percebido. Por isso pediu para que, caso ele realmente fosse assassinado, eu desse um jeito de vaziar à imprensa o caso descrito no dossiê. E eu tive que cumprir. Não houve saída. Falar sobre o assunto faz acumular no meu cérebro uma cortina de nós e situações agonizantes, até hoje não sei se Padre Joaquim, que Deus o tenha!, desconfiou. Mas acho que não, ele não percebeu nada.

Por tais razões peço-lhe as desculpas devidas, sabendo que ainda me ama, pois o teor da carta fez-me chorar a noite inteira. Mas logo estaremos juntos de novo, quando você terminar o Seminário e vir fazer uma visita. Há em minha boca o gosto do teu café, o som da tua prece. As lágrimas são fartas e absolutas. Não há um dia sem sua saudade, meu anjo, espero que se encontre bem ao recebimento destas letras repletas de amor e cordialidade, além de uma pitada de poesia... Amo você.

Do seu arcanjo,

Gabriel



Este livro foi impresso em papel Polen Soft 80g/m³,
em junho de 2019, pela Gráfica Pigma,
na cidade de São Paulo.